U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

O património industrial do rio Nabão:

Contributo para a salvaguarda da antiga Fábrica de Fiação de Tomar

Miguel Francisco

M

2021

O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DO RIO NABÃO

CONTRIBUTO PARA A SALVAGUARDA DA ANTIGA FÁBRICA DE FIAÇÃO DE TOMAR

Miguel José Antunes Francisco

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientação: Professor Doutor Joaquim José Lopes Teixeira

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Porto, 2021

NOTA PRÉVIA:

A presente dissertação de mestrado foi redigida em língua Portuguesa, segundo o novo acordo ortográfico.

Todas as citações transcritas mantêm a sua forma original, de modo a preservar e manter a integridade da mensagem transcrita.

A referenciação de imagens e notas de rodapé por uma questão de simplificação de leitura do documento são iniciadas a cada capítulo.

AGRADECIMENTOS

De todos os que tornaram possível esta dissertação, agradeço particularmente:

Ao Professor Doutor Joaquim José Lopes Teixeira, orientador desta dissertação, pela disponibilidade, dedicação e rigor crítico ao longo de todo o trabalho.

À memória de todas as personalidades que informalmente despenderam o seu tempo a contar as histórias e momentos vividos na fábrica, possibilitando o entendimento de uma das últimas fases desta em laboração.

A todas as pessoas e amigos que de uma maneira ou de outra contribuíram na recolha e pesquisa de informação. Como a todas as entidades que possibilitaram a consulta de informação e respetiva análise e reprodução: das quais destaco o Arquivo Municipal de Tomar; Divisão de Gestão do Território; Departamento de museologia e Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Ao André e à Filipa, agradeço especialmente a sua amizade, motivação e apoio constante na elaboração deste trabalho, bem como ao longo de todo o curso.

Por último, e não menos importante, à minha família e amigos pela sua presença e motivação.

A todos os que contribuíram, direta ou indiretamente, para esta dissertação, o meu mais sincero obrigado.

RESUMO

A cidade de Tomar demonstra uma ocupação territorial muito dispersa ao longo do seu desenvolvimento, tendo, nos dias de hoje, um reconhecimento notório no panorama da história nacional e internacional, apresentando um conjunto de edifícios e monumentos reconhecidos como Monumento Nacional e, no caso do Convento de Cristo, inscrito na lista de Património mundial pela UNESCO.

O reconhecimento histórico da cidade é notório contudo, pretende-se com esta dissertação aprofundar um outro lado da história da cidade ainda com pouco reconhecimento a nível local, tratando-se do seu legado industrial ao longo do Rio Nabão enquanto elemento crucial no desenvolvimento da cidade e encontrando-se em risco devido ao seu estado de abandono.

Ao longo do percurso do Rio Nabão são várias as indústrias que se foram estabelecendo nas suas margens tirando proveito da força hidráulica que o rio proporcionava. Estas indústrias, vítimas como tantas outras da "terciarização" a nível global, encontram-se hoje em completo estado de abandono, deixando de lado todo o seu valor enquanto estruturas industriais e símbolos de história e memória, daquela que foi uma fase da evolução tanto do Homem como do concelho de Tomar.

De todas as unidades industriais existentes ao longo do rio, esta dissertação centra-se essencialmente na Fábrica de Fiação de Tomar, tendo esta sido uma das maiores unidades industriais têxteis do país, não só pelas suas dimensões como pela sua longevidade, tendo sido fundada em finais do séc. XVIII e resistindo ao longo de mais de dois séculos.

A sua localização privilegiada no centro da cidade, o seu forte valor histórico e social e o seu estado de ruína são elementos que contribuíram para a sua escolha enquanto caso de estudo. Pretende-se demonstrar o potencial e o valor destes espaços industriais enquanto novos núcleos dinamizadores do concelho, apresentando novas soluções de intervenção para o Património Industrial. Assim, pretende-se contribuir para uma intervenção e salvaguarda da Fábrica de Fiação de Tomar e motivar outras intervenções tanto no vale do Nabão como noutras áreas industriais.

PALAVRAS CHAVE:
arquitetura industrial; fábrica de fiação; reabilitação; rio Nabão; património industrial; Tomar

ABSTRACT

The city of Tomar shows a very dispersed territorial occupation throughout its development, having, nowadays, a notorious recognition in the national and internacional history panorama, presenting a set of buildings and monuments as National Heritage and, in the case of the Convent of Christ, a UNESCO World Heritage Site.

The city's historical recognition is notorious however, this dissertation intends to deepen another side of the city's history, less recognised at the local level, regarding to its industrial legacy along the Nabão River as a crucial element in the city's development, which finds itself at risk due to its neglect state.

Along the route of the Nabão River, there are several industries that have been established on its banks taking advantage of the hydraulic force that the river provided. These industries, killed like many others by the "tertiarization" at a global level, identify themselves today in a complete state of neglect, leaving aside all their value as industrial structures and symbols of history and memory, which was a phase of the evolution of both civilization and the municipality of Tomar.

Besides all the existing industrial units along the river, this dissertation focuses essentially on the Spinning Factory in Tomar, having been one of the largest textile industrial units in the country, not only for its dimensions but also for its longevity, having been founded at the end of the XVIII century and resisted for more than two centuries.

Its privileged location in the city center, its strong historical and social value and its state of ruin are elements that contributed to its choice as a case study. It is intended to demonstrate the potential and the value of these industrial spaces as new dynamic centers in the municipality, by presenting new intervention solutions for Industrial Heritage. Thus, it pretends to contribute to an intervention and to safeguard the Tomar Spinning Factory and to motivate other interventions both in the Nabão valley and in other industrial areas.

KEYWORDS:
industrial architecture; spinning factory; rehabilitation; Nabão river; industrial heritage; Tomar

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS | 05

RESUMO | 07

ABSTRACT | 09

SUMÁRIO | 11

ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS | 15

INTRODUÇÃO | 17

O IMPACTO DO RIO NABÃO EM TOMAR | CAPÍTULO 1

1.1_ TOMAR E A SUA OCUPAÇÃO TERRITORIAL AO LONGO DO VALE DO NABÃO | 27

1.2_ O RIO NABÃO | 36

1.3_ A INDUSTRIALIZAÇÃO AO LONGO DO RIO NABÃO | 39

O CONTEXTO HISTÓRICO DA FÁBRICA DE FIAÇÃO DE TOMAR | CAPÍTULO 2

2.1_ FUNDADORES, ADMINISTRAÇÕES E PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS | 47

2.1.1_ FUNDAÇÃO | 47

2.1.2_ CRONOLOGIA DAS VÁRIAS SOCIEDADES | 50

2.1.3_ EVOLUÇÃO DA FÁBRICA | 52

2.2_ EVOLUÇÃO DO EDIFICADO | 62

2.2.1_ EDIFÍCIO DA VÁRZEA GRANDE | 63

2.2.2_ "FÁBRICA GRANDE" | 66

2.2.2.1_ DA CONSTRUÇÃO AO INCÊNDIO DE 1883 | 69

2.2.2.2_ DO INCÊNDIO DE 1883 AO ENCERRAMENTO | 79

CAPÍTULO 3 | CONTEXTO EXISTENTE

87 | 3.1_ EVOLUÇÃO AEROFOTOGRAMÉTRICA DO ENCERRAMENTO À ATUALIDADE

89 | 3.2_ ESTADO DE CONSERVAÇÃO - EDIFÍCIOS A CONSERVAR

112 | 3.3_ VALORES PATRIMONIAIS

113 | 3.3.1_ ESPÓLIO DA FÁBRICA

115 | 3.3.2_ CLASSIFICAÇÃO DO AÇUDE

116 | 3.4_ ANTERIORES PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO NA FÁBRICA

117 | 3.4.1_ ANTE-PROJECTO DE URBANIZAÇÃO | 1993

119 | 3.4.2_ "TOMARPOLIS" - PLANO DE PORMENOR DO PARQUE DESPORTIVO AO AÇUDE DE PEDRA | 2003 - 2012

122 | 3.5_ ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO FACE AO PANORAMA ATUAL

CAPÍTULO 4 | PROBLEMÁTICAS E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

127 | 4.1_ CONCEITO DE PATRIMÓNIO

130 | 4.2_ PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

133 | 4.2.1_ PROBLEMÁTICA DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

135 | 4.2.2_ PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

CAPÍTULO 5 | INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL MODERNO - PRÁTICAS E EXEMPLOS

145 | 5.1_ ANÁLISE E DISCUSSÃO DE CASOS DE ESTUDO

155 | 5.1.1_ ESPAÇO ROBBINSON

161 | 5.1.2_ FÁBRICA DE SANTO THYRSO

167 | 5.1.3_ SESC POMPEIA

173 | 5.1.4_ FACTORY OF PORRE

178 | 5.2_ SINTESE CRÍTICA

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E VALORIZAÇÃO DA FÁBRICA DE FIAÇÃO | CAPÍTULO 6

6.1_ INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DO CONTEXTO ENVOLVENTE | 183

6.2_ CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO | 186

6.3_ PROPOSTA DE INTERVENÇÃO | 189

CONSIDERAÇÕES FINAIS | CAPÍTULO 7

| 205

REFERÊNCIAS

FONTES BIBLIOGRÁFICAS | 213

FONTES ELETRÓNICAS | 217

FONTES ICONOGRÁFICAS | 218

ANEXOS | 225

ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

APPI | Associação Portuguesa para o Património Industrial

CIAM | Congresso Internacional de Arquitectura Moderna

CIP | Conjunto de Interesse Público

CMT | Câmara Municipal de Tomar

ESAD | Escola Superior de Artes e Design

FAUP | Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

FFT | Fábrica de Fiação de Tomar

ICOMOS | Internacional Council on Monuments and Sites (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios)

IGESPAR | Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

IHUR | Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana

MIP | Monumento de Interesse Público

PDM | Plano Diretor Municipal

PP | Plano de Pormenor

SESC | Serviço Social do Comércio

TICCIH | The International Comittee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial

UE | Unidades de Execução

UNESCO | United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura)

WUK | Werkstaten Und Kulturhaus

ZEP | Zona Especial de Proteção

idem. | mesmo autor

idem, ibidem | mesmo livro e autor

op. cit. | citado anteriormente

p. | página

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos séculos, o processo de industrialização transformou a vida do Homem alterando os seus hábitos e demarcando a paisagem das cidades e territórios em que hoje habitamos. Contudo, este processo massivo de industrialização transformou não só os nossos hábitos como toda a atmosfera em que vivemos, tendo vindo, nos últimos anos, a ser desenvolvido com maior preocupação, a questão das alterações climáticas, provocada pelo período pós Revolução Industrial.

O consumismo e a "tercearização" vieram contribuir ainda em maior escala para este processo de desgaste dos recursos naturais, sendo constante e obsessiva a procura por melhores valores económicos, tanto dos seus fornecedores como dos compradores. Esta situação conduziu a uma massificação de novas industrias em locais de mão de obra de baixo custo e ao abandono de antigas unidades industriais.

Este processo contribuiu para a existência de um elevado número de industrias em processo de abandono, não só em Portugal como por todo o mundo. A revolução industrial, embora tenha sido penosa para o estado climático em que hoje vivemos, não deixa de ser tanto parte da memória e história da evolução da sociedade como dos novos processos de mecanização adotados. As estruturas industriais são assim uma herança e símbolo desta fase da evolução da sociedade, encontrando-se em risco para a memória das gerações futuras, sendo portanto essencial a sua preservação.

A presente dissertação centra-se sobre a problemática do património industrial, mais concretamente sobre a Fábrica de Fiação de Tomar e a industrialização ao longo do rio Nabão. Refletindo sobre novas maneiras de intervir, conservar e valorizar este tipo de património e contribuindo, em simultâneo, para uma construção mais sustentável, através da reutilização e da reabilitação de estruturas já existentes, minimizando recursos e contribuindo para a continuidade dos valores patrimoniais associados a estes edifícios industriais.

I _ Motivação

A escolha do tema para esta dissertação parte de um problema atual vivido na cidade de Tomar que consiste no abandono de complexos industriais localizados ao longo do Rio Nabão. Entre os vários casos o foco centrou-se sobre a Real Fábrica de Fiação de Tomar, localizada bem perto do centro da cidade, motivado pelo papel preponderante que esta teve para o desenvolvimento da cidade e pelo seu inegável valor patrimonial histórico e social que acaba por estar completamente esquecido nos dias de hoje e entrando cada vez em maior estado de ruína.

O meu contacto recorrente com a fábrica foi também uma das principais motivações para a escolha deste tema pois por se tratar da cidade onde nasci e pelas inúmeras memórias de infância relativas à fábrica, reconheço o seu enorme potencial para o futuro da cidade. Não só pela grandeza do complexo industrial, como pela sua proximidade ao centro da cidade, como por se situar numa transição com áreas mais periféricas, propondo uma continuidade urbana, resolvendo roturas e descontinuidades que nunca foram resolvidas.

Por outro lado, além da salvaguarda de um património que está associado à identidade da cidade e dos seus habitantes, parece-me também importante destacar o papel da intervenção nos edifícios existentes como principal critério para a prática de uma arquitetura ambientalmente sustentável, num momento em que se começa a despoletar uma preocupação coletiva para as preocupações ambientais, em Portugal.

A atualidade e pertinência da temática, levou-me simultaneamente a abordar questões que não tivessem sido tão aprofundadas ao longo do meu percurso académico tais como a intervenção em edifícios existentes e que constitui uma realidade importante na atualidade. Embora a intervenção em edifícios existentes partilhe muitos princípios comuns a outro tipo de intervenções arquitetónicas, quando se tratam de edifícios antigos, existem procedimentos muito próprios que exigem uma metodologia específica com capacidade para enfrentar a complexidade que estas edificações apresentam e que conduza a uma verdadeira salvaguarda dos valores patrimoniais.

O facto de estar a ser reformulado o atual plano de pormenor para esta área, foi também um dos motivos para o estudo deste tema, podendo dar assim uma visão arquitetónica sobre a área, tentando salvaguardar a memória deste espaço e regenerar toda esta área localizada bem perto do centro da cidade.

II _ Objeto de estudo

O objeto de estudo da investigação que se pretende efetuar, é a Fábrica da Fiação de Tomar, fundada em 1789, por Jácome Ratton e Thimótheo Lecussan Verdier. Esta é uma fábrica localizada muito perto do centro da cidade de Tomar, tendo sido durante muitas décadas o maior empregador do concelho, fechando portas em 1993 pela ameaça da concorrência estrangeira e tendo desde então ficado ao completo abandono entrando, cada vez, em maior estado de ruína.

Esta fábrica surgiu das políticas de industrialização de Marques de Pombal, tendo sido uma das primeiras unidades fabris da revolução industrial portuguesa. Estando nas suas origens duas antigas fábricas, a Real Fábrica das Sedas e o Estabelecimento Industrial de Noel le Maitre (1771 a 1789).

A real Fábrica das Sedas contém um requerimento de Noel Le Maitre para se estabelecer uma nova fábrica em Tomar, dirigida ao ilustríssimo Marques de Pombal, à qual foi cedida pela rainha um empréstimo, ficando Noel le Maitre por si e seus sucessores naquela fábrica, de satisfazer o conjunto total da divida num período de doze anos. Contudo a fábrica passado uns anos, prejudicado pela falta de fundos e pelas fraquezas naturais da incipiente industria setecentista, começa a entrar em queda e para evitar este desfecho para um estabelecimento tão importante, a rainha, através de um Alvará Régio, resolve não só a situação de Noel le Maitre em relação à fazenda real, como ainda consegue impedir a paralisação total da Fábrica de Tomar, entregando a mesma a Jácome Ratton e Thimotheo Lecussan Verdier.

A fábrica inicia assim a sua construção em 1790, com a construção da vala grande, do açude e procede-se à compra dos terrenos envolventes. Ao longo dos anos a fábrica foi tendo várias evoluções, sendo construídos novos edifícios mas foi alvo ao longo dos anos de alguns incêndios que a destruíram quase por completo do qual é exemplo o incêndio de 1883, embora mantendo alguns dos edifícios existentes, outros foram reerguidos novamente após os incêndios de que era alvo.

Ao longo dos anos a fábrica vai tendo várias sociedades, passando por ela inúmeros nomes de alto reconhecimento a nível local e nacional, terá sido o primeiro espaço fabril em Portugal a introduzir a iluminação elétrica e a proceder ao uso da eletricidade como força motriz.

Atualmente, o açude da fábrica está classificado como Património de Interesse Publico, pela relevância que assumiu no desenvolvimento económico da cidade, como do território português, fixando assim gente, em busca da segurança económica que proporcionava às famílias que nela trabalhavam.



Figura 1 | Vista aérea do complexo da Fábrica de Fiação de Tomar

III _ Objetivos

Como objetivos pretende-se dar um contributo para a intervenção na Fábrica, tendo em conta o seu estado atual e importância para a cidade. A intenção do projeto é de ligar o espaço da antiga fábrica ao centro da cidade, e abertamente percorrível pelo público, tornando-o num espaço de lazer, desporto, cultura, empreendedorismo e turismo, explorando as problemáticas inerentes ao património industrial e reconhecendo a sua importância e potencial para as cidades e população enquanto elementos fundamentais para o conhecimento das questões técnicas, arquitetónicas, históricas e sociais e enquanto pólos de dinamização urbana, devido à sua centralidade.

Pretende-se com este estudo, divulgar e apelar para o desaparecimento de um bem patrimonial pertencente à identidade dos cidadãos e da cidade de Tomar, apresentando, concomitantemente, uma proposta de intervenção no edificado ainda remanescente, que possibilite inverter o processo de degradação em que se encontra e, através da sua valorização, permita a resolução de algumas falhas urbanísticas que nunca chegaram a ser resolvidas.

IV _ Metodologia

O ponto de partida do trabalho inicia-se com uma abordagem sobre a evolução e história da fábrica, do passado para o presente, tentando compreender a sua importância para a cidade e para o país, compreendendo a presença fortemente marcada nas margens do rio nabão pela industrialização. A investigação abrange assim a principal bibliografia sobre o tema e a consulta a documentação existente em arquivos, designadamente: o arquivo municipal de Tomar; o arquivo nacional da Torre do Tombo; os arquivos da divisão de gestão do território e do departamento de museologia da câmara municipal de Tomar. A investigação, constituiu ainda da visita ao seu espólio, como da conversa e testemunho de antigos funcionários ou pessoal ligado à fábrica, no sentido de obter uma outra visão da sua evolução como dos seus métodos de produção.

Ainda na sequência da consulta a bibliografia sobre o âmbito do trabalho, foi efetuada uma leitura aos principais documentos internacionais relacionados com a intervenção no património em geral e com o património industrial em particular, bem como, com as problemáticas e metodologias de intervenção no património industrial.

Esta investigação não dispensou da seleção, análise e discussão de casos de estudo, correspondentes a exemplos com características históricas e condicionantes semelhantes, pegando em casos quer nacionais, como internacionais. Criando assim uma abordagem teórica e prática sobre a intervenção no património industrial e os problemas e benefícios que lhe estão inerentes.

Por último, e não menos importante, o trabalho centra-se na conceção de um contributo a uma proposta de intervenção na Fábrica da Fiação de Tomar, resultado das abordagens anteriores. Esta proposta deverá assumir que ao intervir num edifício pré-existente é necessário compreender que este irá fazer a ligação entre dois momentos distintos: a memória do que foi e a necessidade do presente, tendo em conta que se trata de um complexo industrial composto por diferentes edifícios, de variadas tipologias e diferentes épocas.

V _ Estrutura

Na sequência da metodologia exposta anteriormente, a estrutura do trabalho divide-se em seis partes distintas.

O primeiro capítulo pretende enquadrar e contextualizar o território onde a Fábrica de Fiação de Tomar está inserida, analisando a evolução da cidade ao longo do rio, como da forte industrialização desenvolvida nas suas margens.

Após esta fase inicial de enquadramento territorial, o segundo e terceiro capítulo focam-se sobre a fábrica de fiação, fazendo primeiramente uma abordagem histórica da fábrica e evolução do seu edificado, abordando as várias fases e "feitos" ao longo da sua existência, desde a fundação, ao seu encerramento. O terceiro capítulo, foca-se também ele sobre a fábrica mas no período após o seu encerramento, analisando a evolução do processo de deterioração ao longo dos anos, o seu estado de conservação atual como das propostas de intervenção existentes.

O quarto capítulo constitui uma abordagem às questões de Património e Património Industrial, analisando as suas problemáticas e métodos de intervenção, através das principais cartas e convenções de conservação do património. Já o quinto capítulo, o trabalho centra-se na análise e discussão de casos de estudo, tanto nacionais como internacionais, selecionados a partir de determinados critérios, considerados pertinentes para o âmbito do estudo, como enquanto "símbolos" de boas práticas de intervenção em património industrial.

O sexto capítulo, foca-se novamente no caso de estudo, trazendo ideias e conceitos para uma proposta de salvaguarda e valorização da Fábrica da Fiação de Tomar, articulada com as necessidades da cidade. Analisando as problemáticas e especificidades do território, os critérios de intervenção na fábrica e a proposta de programa a abordar.

As considerações finais incluem um conjunto de sugestões para futuras investigações, que poderão contemplar intervenções nas restantes fábricas abandonadas ao longo do rio Nabão, contribuindo para a valorização do património industrial como dos territórios envolventes.

1.

O IMPACTO DO RIO NABÃO EM TOMAR

1.1 _ TOMAR E A SUA OCUPAÇÃO TERRITORIAL AO LONGO DO VALE DO NABÃO

1.2 _ O RIO NABÃO

1.3 _ A IDUSTRIALIZAÇÃO AO LONGO DO RIO NABÃO

1.1 _ TOMAR E A SUA OCUPAÇÃO TERRITORIAL AO LONGO DO VALE DO NABÃO

"Tomar situa-se no Vale do Nabão, sendo aquela atravessada pelo Rio, ferindo-lhe uma imagem urbana inigualável e de inúmeras potencialidades turístico-culturais, vivenciais e entomologias. Digamos que Tomar e o rio Nabão são, por assim dizer, duas fases de uma mesma vivência, encenando a Mãe-Natureza a história de uma vida - a vida de um rio e de uma cidade - moldada pelo engenho do Homem."[1]

A cidade de Tomar, está localizada na região centro de Portugal, pertencendo ao distrito de Santarém. O município é atualmente dividido em 11 freguesias, ocupando uma área de 351,2km^2, com 40677 habitantes[2]. O concelho é delimitado por Ferreira do Zêzere a norte, Abrantes a leste, Vila Nova da Barquinha a sul, Torres Novas a oeste e por Ourém a noroeste. (ver figura 1.1)



Figura 1.1 | Mapa dos concelhos envolventes

A ocupação do território está diretamente ligada às condições geográficas do rio e das ribeiras existentes no concelho, sendo a região de Tomar rica em correntes de água e ribeiros. A sua rede hidrográfica é organizada segundo a bacia do Zêzere, afluente de primeira ordem do Rio Tejo e do Rio Nabão, afluente de segunda ordem. (ver figura 1.2)

"Neste processo, e como elemento constante e determinante do povoamento, encontra-se a rede hidrologia do concelho. Considerável na dimensão, esta terá motivado as formas de ocupação registadas. Um elemento decisivo seria o Rio Nabão: através de cheias anuais, originaria os aluviões mais férteis do concelho, colocando-o como um elemento decisivo para a formação de assentamentos humanos, desde o paleolítico até ao presente. Em apenas parte do curso deste rio é registável, na área em causa, a maior quantidade das cavidades subterrâneas que serviram de abrigo ao homem pré-histórico e, mais tarde, reconhecível importância nas épocas romanas e medieval."[3]



Figura 1.2 | Bacia hidrográfica do Rio Nabão

Ao longo do percurso do rio, podemos encontrar vestígios da presença do Homem, desde o Paleolítico até aos dias de hoje, sendo um processo de povoamento muito diversificado ao longo das épocas, que caracteriza e vem comprovar a relação direta entre o tipo de povoamento e as características naturais do território.

Nas grutas do Vale do Nabão foi possível encontrar uma presença mais dilatada do Homem, desde o Paleolítico até à Idade Média, enquanto que em certas zonas se verificaram presenças mais específicas de um certo tipo de povo, nas zonas mais mon-

1 Salete da Ponte, *O parque de Memórias Passadas - Tomar.* Em: O Arquipélago Português Museu Nacional da Arqueologia. Lisboa. Série IV. Volume 17. 1999, p.543.

2 http://www.cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/estatistica _ consultado em 03.06.2020

3 José Cabral Dias, *A evolução urbana de Tomar : de Sellium a Carlos Ramos. Porto* : Faup Publicações, 2017, p.40.



Figura 1.3 | Vestígios da ocupação romana em Tomar _séc.I / séc.VI

tanhosas do concelho ocorreu uma ocupação castrense e nas zonas de peneplanície e ribeirinhas, verificou-se uma ocupação mais tardia, pelos Romanos e povos de origem Celta.[4]

Foram várias as ocupações encontradas ao longo dos anos na região de Tomar, sendo descoberta no final do século XIX aquela que terá sido a primeira cidade existente, denominada pelos romanos de Sellium.

Esta presença romana, na região de Tomar, era um grande centro urbano e um ponto de ligação e passagem de diversas vias que ligavam importantes cidade da Hispânia[5].

Situada na margem esquerda do Rio Nabão, atendendo a uma estrutura ortogonal de quarteirões de dimensão regular, gerados com base nos dois eixos viários principais, O Cardo maximus, localizado com base nas normativas romanas, a poente do Fórum e o Decumanos maximus, localizado independentemente dessas regras, no enfiamento da ponte romana e ao longo da estrada de Conimbriga[6]. (ver figura 1.3/ 1.4)

Com a desagregação do império Romano no Ocidente, ocorrida nos séculos V-VI, a invasão dos povos germânicos na península Ibérica levou ao declínio de diversas cidades romanas, das quais faz parte Sellium.

Mais tarde, com a conversão dos visigodos ao cristianismo, no século VI, são fundados em Selio[7] os conventos de Sta. Maria de Soelho, de monges, e o de Sta. Iria, de freiras, este ainda existente nos dias de hoje. (ver figura 5) Apesar de Sellium manter assim a sua existência enquanto lugar, verificou uma perda significativa enquanto organismo urbano, pondo fim a uma cidade instituída social e formalmente como lugar de troca.

O fim da ocupação visigóticas dá-se com a chegada dos povos árabes, no século VIII, que veio intensificar a diminuição da presença humana na região. Os vestígios da presença árabe na região ficaram patentes na introdução de inovações técnicas de ordem hidráulica, bem como na toponímia. Os árabes, foram os responsáveis pelas inovações técnicas de ordem hidráulica como o açude de estacarias presente em



Figura 1.4 | Vestígios do Fórum Romano



Figura 1.5 | Ponte romana (designada atualmente por "Ponte Velha") e Convento de Sta. Iria à direita

4 Carlos Batata, *As origens de Tomar : carta arqueológica do concelho. Tomar : Centro de Estudos e Proteção do Património da Região de Tomar*, 1997

5 Em termos viários Sellium era um "caputviarium", daqui partiam várias estradas nas mais diversas direções. Para Braga pelo Porto, mas também para os atuais distritos de Leiria, Coimbra e Castelo Branco, como para Braga pelo Porto.

6 José Cabral Dias, op. cit, p.53

7 Evolução fonética da palavra Sellium para Selio



Figura 1.6 | Açude de estancarias e roda junto ao Parque do Mouchão



Figura 1.7 | Vista aérea sobre o Convento de Cristo



Figura 1.8 | Ocupação territorial da cidade nos primeiros anos da sua formação _ 1162 / 1195

quase todas as primitivas formas fabris de Tomar[8]. Ainda hoje podem ser vistos pela cidade algumas destas inovações, como a roda do Mouchão e o açude de estancarias. (ver figura 1.6)

Em 1159, assiste-se à ocupação do território pelas Ordem Religioso-Militares[9], que iniciarão, no ano seguinte, a construção do castelo no cimo da encosta, na margem direita do rio Nabão. A sua construção que decorrerá por vários anos, e terá várias edificações associadas, incluindo uma vila intramuros, denominada vila de Cima. Anos mais tarde, e ao longo de centenas de anos, procedeu-se à edificação do Convento de Cristo[10], que se prolongou até ao século XVII, de onde resultou um dos mais importantes conjuntos monumentais existentes no território português, uma das principais características da identificação da cidade, estando inscrito na lista do Património Mundial pela UNESCO, desde 1983. (ver figura 1.7)

Após a construção do Castelo, e com o normal desenvolvimento urbano, seguem-se as primeiras edificações extramuros, no arrabalde de S. Martinho e, consequentemente, a denominada vila de baixo, numa das zonas mais planas, adjacentes ao morro do Castelo, onde ocorrerá o maior desenvolvimento ao longo dos anos. (ver figura 1.8)

"A vila de baixo teve origem, a partir de dois pólos espacialmente separados: um localizado no sopé do Monte do Castelo; o outro implantado junto do rio - o Pé da Costa e a Ribeira, respectivamente."[11] (ver figura 1.9)

Um elemento estruturante da malha urbana, será a atual Rua Serpa Pinto, (mais conhecida nos dias de hoje por Corredora), perpendicular ao rio, sendo um elemento de ligação entre estes dois pólos do arrabalde da planície, assumindo-se como o eixo mais relevante da cidade. (ver figura 1.10)

"Se o Pé de Costa terá albergado as primeiras populações (ainda numa fase embrionária de expansão de Tomar sobre a zona plana), a corredora terá, por certo, servido de suporte ao inicio da vida urbana ou de "fisionomia urbana" desta Vila. As suas características estruturaes permitiram-lhe assumir-se como eixo mais importante desde



Figura 1.9 | Rua do Pé da Costa de Cima



Figura 1.10 | Corredoura de Tomar (atual Rua Serpa Pinto) com vista para o Castelo

8 Segundo Manuel Conde, em Tomar Medieval : O espaço e os Homens (1996)

9 A ordem do Templo e no ano seguinte a Ordem dos Templários, convertida anos mais tarde na Ordem de Cristo

10 Convento de Cristo é a denominação que geralmente identifica um importante conjunto arquitetónico que inclui o Castelo Templário de Tomar, a Charola templária e igreja manuelina adjacente, o convento renascentista da Ordem de Cristo, a cerca conventual ou Mata dos Sete Montes, a Ermida de Nossa Senhora da Conceição e o aqueduto dos Pegões.

11 José Cabral Dias, Op. cit, p.86



Figura 1.11 | Canal da Levada (atualmente)



Figura 1.12 | Canal da Levada (antigamente)



Figura 1.13 | Fábrica da Moagem a Nabantina (atualmente)



Figura 1.14 | Fábrica da Moagem a Nabantina (antigamente)



Figura 1.15 | Rio Nabão - Açude dos Frades (atualmente)



Figura 1.16 | Rio Nabão - Açude dos frades (antigamente)



Figura 1.17 | Lavadeiras no Rio Nabão (antigamente)

a antiga cidade de Sellium e, cumulativamente, de maior dinâmica e uso agora registáveis no espaço urbano: às funções como eixo principal - mantendo ainda por esta altura a importância como via de comunicação nacional e como eixo fundamental na articulação da Vila de Baixo com a alcáçova templária (…)"[12]

A relevância deste mesmo eixo, é ainda acentuada, mais tardiamente, quando se dá a abertura do canal da levada (ver figura 1.11), com o objetivo de aproveitar a curva do rio e a presença de um afloramento rochoso que permitiu a fixação de moinhos, servindo-se da forte corrente da água, enquanto que, todo o resto da área envolvente do Mouchão que pertencia à Ordem serviu de mercado público.

Do lado esquerdo da levada ficava o Lagar e a Tulha da Ordem e, também, já nesta época, o Lagar do Alcaide-mor, todos edificados pelos freires Templários. (ver figura 1.12)

Ainda que a influência árabe tenha sido uma realidade no domínio hidráulico (como admitem vários autores), teve natureza e fins completamente distintos dos que ocorrem sob a influência templária, surgindo em Tomar novos aproveitamentos hidráulicos, pensados de forma integrada e articulada de modo a criar energia a pequenas industrias.

Não foi só a Ordem de Cristo[13] que foi responsável pela apropriação dos recursos hídricos do Rio Nabão. Após a expulsão das ordens religiosas, em 1834, com a venda dos bens em leilão, foi possível ver o surgimento de novos edifícios industriais nos locais que antes eram destinados a lagares e moinhos, devido à sua localização estratégica no Rio Nabão por onde as águas formam rápidos e os edifícios já estão preparados para os mecanismos hidráulicos.

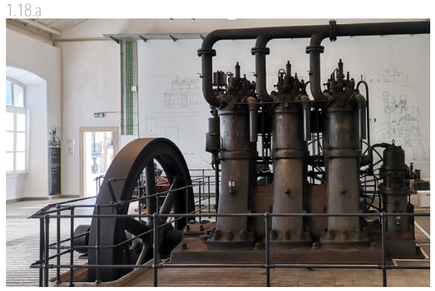
Os anos que antecederam a revolução industrial, e antes da expulsão das ordens religiosas, foram particularmente interessantes do ponto de vista "empresarial". Por um lado, já estava consolidada a ocupação da Levada com Lagares que futuramente dariam azo à implantação do grupo industrial Mendes Godinho. Por outro lado, novas "Companhias" estavam surgindo na região, como veremos posteriormente no capítulo 1.3. A fábrica de Papel do Prado, a Real Fábrica de Fiação, a Fábrica de Papel de Porto de Cavaleiros e a Fábrica de Papel de Matrena, todas elas idealizadas recorrendo à utilização da água para a movimentação de maquinarias.

Entre meados do século XVIII e princípios do século XX, o concelho de Tomar no

12 Amorim Rosa, *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar, 1971, p. 57.

13 Antiga ordem do Templo

1.18.a



1.18.b



Figura 1.18 | Museu da Central Termo Elétrica em Tomar



Figura 1.19 | Plano urbanístico de Tomar elaborado pelo Arq. Carlos Ramos



Figura 1.20 | Vista aérea da cidade de Tomar

vale do Rio Nabão, foi ocupado por inúmeras fábricas, sendo considerada uma das regiões mais industrializadas de Portugal, utilizando as águas do rio como força motriz para as suas maquinarias e mais tarde para geração de energia.

Em 1901, surge em Tomar a Central termo e hidroelétrica no Conjunto Industrial da Levada, assegurando a produção de energia em Tomar, tornando-a na terceira cidade do país a ter iluminação elétrica. (ver figura 1.18)

Em meados do século XX, surgem os primeiros estudos para a elaboração do plano geral de urbanização da cidade de Tomar[14], da autoria do arquiteto Carlos Ramos e do Engenheiro Emídio Abrantes.

Carlos Ramos, propõe uma cidade completamente nova na margem esquerda do rio, o que implicaria, inicialmente, a demolição de praticamente toda a estrutura urbana antiga aí existente. (ver figura 1.19)

"Face aos problemas, a expansão da cidade é proposta sobre a margem esquerda, no Bairro de Além da Ponte, onde - aqui sim - são reconhecidas "(…) ótimas condições de exposição ao sol e aos ventos predominantes e de salubridade""[15]

"A nova cidade é composta com base num losango implantado e determinado a partir dos seus eixos - de 24 metros de largura cada (…) O primeiro eixo, de direção Poente/Nascente, segue a direção da Ponte; o segundo, perpendicular ao primeiro, encontra o seu "pretexto" - ou fundamento - na Igreja de Sta. Maria do Olival, a que contrapõe um outro edifício de culto na extremidade oposta. O resultado é um sistema ortogonal alicerçado em importantes pré existências, que remete para a sistema de composição da cidade antiga; e é na cidade antiga que procura o modelo morfológico: o quarteirão."[16]

O novo plano manifestava a preocupação de interligar a nova cidade com o centro histórico, sendo a ponte velha o principal eixo estrutural, unindo os dois polos divididos pelo rio Nabão.

Até à atualidade, a ocupação da cidade foi muito marcada por este dois pólos, o centro histórico, a sul do rio, e o plano urbano de Carlos Ramos, a "zona nova", a Este do rio. Por seu turno, o sentido do rio, Norte/Sul, foi muito marcado pelas várias instalações fabris que foram sendo edificadas ao longo dos anos, algumas delas criando novas povoações, muito devido à oferta de trabalho que estes estabelecimentos proporcionaram. (ver figura 1.20)

14 Iniciado em 1938 e entregue quatro anos mais tarde, em 1942.
15 José Cabral Dias, Op. cit, p. 316
16 Idem, ibidem, p. 323

1.2 _ O RIO NABÃO

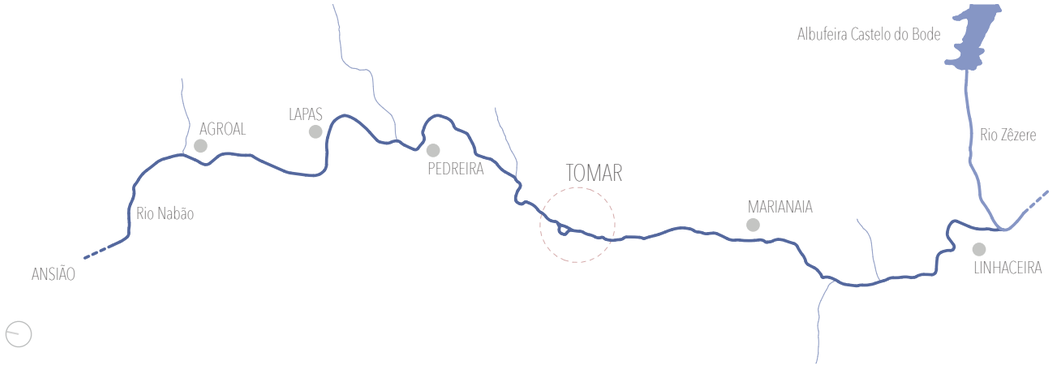


Figura 1.21 | Infografia do percurso do Rio Nabão

"No meio da cidadezinha, a afagá-la como namorado, o rio. O rio a dar-lhe frescura, o rio a dar-lhe pão, o rio a dar-lhe graça. O rio a envolvê-la de lirismos!

O rio era então verde. Verde de chorões, verde de salgueiros, verde de choupais, verde de amieiros… Verde de bunho.

Um rio que se cobria de encantos para tornar bonita e rica - rica de belezas naturais - «a menina simples do vestido de chita»… A menina dos seus olhos… A nossa terra!…

E o rio tinha voz. Falava, cantava. Voz para além do murmurar da brisa que agitava as águas claras; voz para além do cântico das pequeninas aves, dos rouxinóis, das milheirinhas, dos pintarroxos… voz para além do arrulhar das rolas, do assobio dos papa figos, da «gargalhada» dos melros… para além do coaxar das rãs ou do silvar das lontras chamando as companheiras." [17]

Estando o rio Nabão tão marcadamente associado ao desenvolvimento da cidade de Tomar e sendo o principal fator ao desenvolvimento industrial, faz sentido perceber quais as suas origens e características que marcaram a cidade ao longo dos seus vários séculos de existência.

O rio Nabão, nasce em Ansião, nos contrafortes da Serra de Sicó, entre as Serras da Lousã e de Aire e percorre um trajeto de 65,9km, atravessando vales férteis e ribeirinhos até à sua confluência com o Rio Zêzere, a jusante da Barragem de Castelo de Bode. (ver figura 1.21)

A sua bacia hidrográfica percorre praticamente a totalidade dos concelhos de Ourém e Tomar e parte dos de Ferreira do Zêzere, Alvaiázere e Ansião. Atravessando as freguesias do concelho de Tomar de Sabacheira, União de Freguesias de Além da Ribeira e Pedreira, União das Freguesias de Casais e Alviobeira, União de Freguesias de Tomar, União de Freguesias de Madalena e Beselga, S. Pedro e Asseiceira, onde desagua no Rio Zêzere.

17 Fernando Araújo Ferreira, 1976. in António Sousa; Fernando Araújo Ferreira; Sara Rodi - *Coisas simples da terra Tomarense : o rio, os açudes e as rodas*. Tomar : O livro da minha vida, 2012, p. 15

Ao longo do seu percurso, o rio ganha importância a partir da nascente do Agroal, situada a cerca de 10km a montante do centro da cidade[18], onde a partir dai recebe então parte significativa do seu caudal, "é ali, em boa verdade, que nasce o rio. Se não no sentido geográfico, pelo menos no sentido real, de volume de água nas quatro estações do ano."[19] (ver figura 1.22/ 1.23)

"Para montante do Agroal, o rio é Ribeiro. (…) Rio, mesmo rio, todo o ano, só depois do Agroal. Só depois de aí receber as águas que brotam em regular caudal, de Verão e Inverno, duma ressurgência calcária."[20]

Toda a sua bacia hidrográfica, possui características muito diversas no âmbito da geografia, orografia, hidrografia e clima, induzindo a criação e desenvolvimento de ambiente físico muito diversificado e rico, nomeadamente, da sua cobertura vegetal[21] que, por sua vez, origina condições propicias à criação e desenvolvimento de determinadas espécies animais[22].

A permanência de água abundante durante todo o ano, e a natureza relativamente plana e espraiada da sua bacia hidrográfica, induziu também a presença do Homem, que aproveita as condições naturais para aí se adaptar.

O Homem apropria-se do potencial do rio e dos seus rápidos, para beneficio agrícola e industrial, desenvolvendo e construindo sistemas hidráulicos, como açudes, rodas, e outros mecanismos, que foram aproveitados em regas e na utilização de energia inicialmente mecânica e, posteriormente, elétrica.

Estes mecanismos associados ao potencial do rio, permitiram a instalação de um grande número de estabelecimentos fabris ao longo de todo o seu percurso, desde o Agroal até à foz, aproveitando a força dos rápidos e a criação de açudes para controlo da água e geração de energia para a produção industrial, contribuindo desta forma para o desenvolvimento da cidade.

18 Nascente localizada no extremo do concelho de Ourém, na União de Freguesias de Freixianda, Ribeira do Fárrio e Formigais, com a freguesia da Sabacheira, do concelho de Tomar, em particular na margem esquerda e direita do rio respectivamente.

19 António Sousa; Fernando Araújo Ferreira; Sara Rodi. Op. cit, p. 21

20 Idem, ibidem, p. 21

21 "Composto principalmente por Freixos, Amieiros, Choupos Pretos, Salgueiros, Carrasco , Medronheiro, Carvalho Cerquinhos e Sobreiros" in Ferro Baptista, Manuel Bonet, *O maravilhoso rio Nabão*. Tomar : Rotary Clube de Tomar, 2007, p. 58

22 "Composto principalmente por bordalos, barbos, as garças nocturnas, as garças reais, os gansos bravos, os patos mudos, e os patos bravos ou reais" in Idem, ibidem, p. 58



Figura 1.22 | Praia Fluvial do Agroal (antigamente)



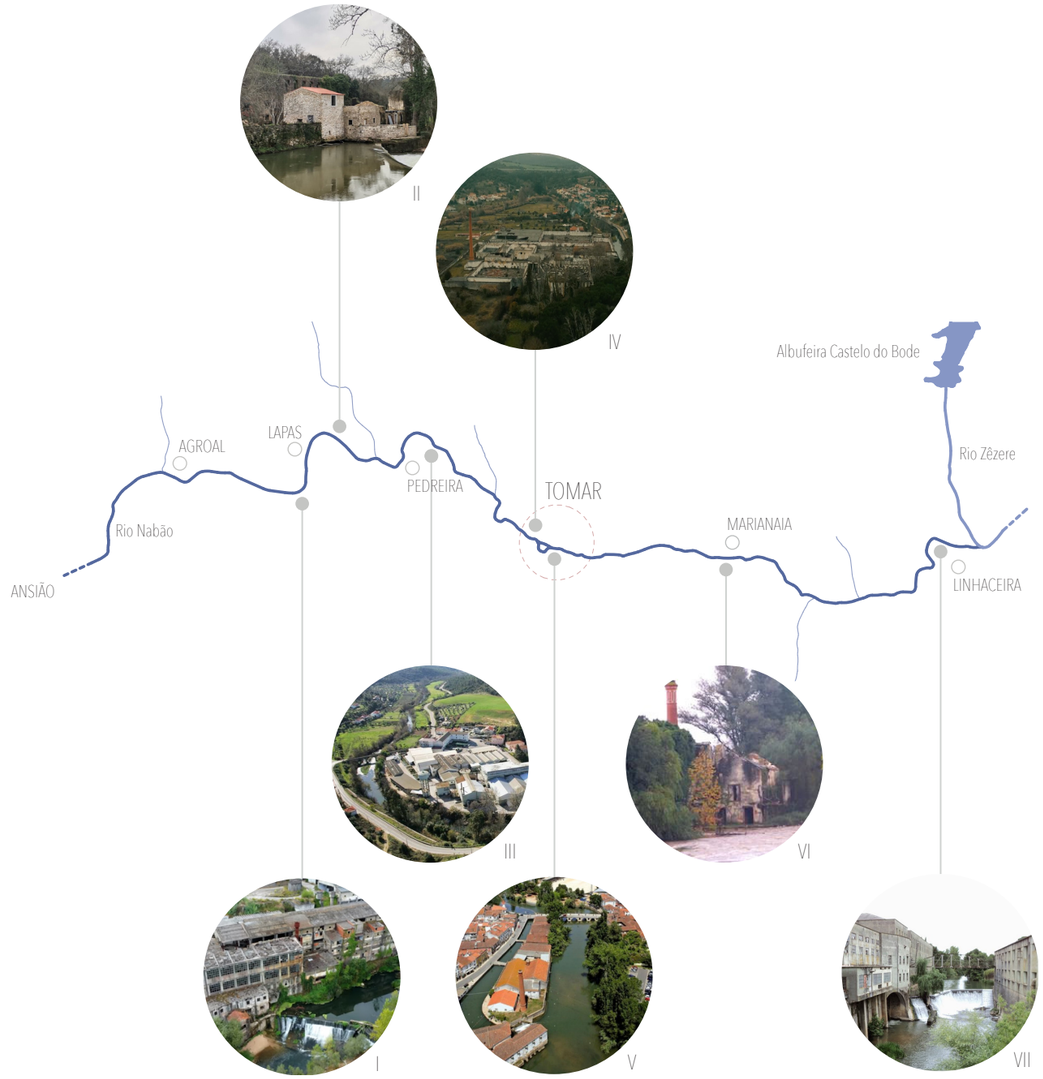
Figura 1.23 | Praia Fluvial do Agroal (atualmente)



Figura 1.24 | Um açude ao longo do rio (antigamente)



Figura 1.25 | Açude dos Frades (atualmente)



I _ Fábrica de Papel Porto de Cavaleiros
II _ Fábrica de Papel do Sobreirinho
III _ Fábrica de Papel do Prado
IV _ Fábrica de Fiação de Tomar
V _ Conjunto industrial da Levada
VI _ Fábrica de papel da Marianaia
VII _ Fábrica de papel da Matrena

Figura 1.26 | Infografia da ocupação fabril ao longo do Rio Nabão

1.3 _ A INDUSTRIALIZAÇÃO AO LONGO DO RIO NABÃO

O concelho de Tomar dadas as condições geográficas do rio Nabão e das ribeiras existentes, foi fortemente ocupado por industrias ao longo das margens do rio, tirando proveito da força dos seus rápidos para a produção de energia e movimento dos mecanismos necessários, adquirindo um papel de relevo na industria e economia nacional.

Ainda antes do processo de industrialização, a cidade já se ocupava com o aproveitamento das suas águas, através da construção de açudes, rodas, moinhos, lagares, contudo, estes eram praticamente dominados pela ordem de Cristo, que controlava toda a região, sendo "senhores" das terras, das águas e do ar.

O processo industrial e o aproveitamento das águas do rio ganhou um novo fulgor, com a extinção das ordens religiosas, em 1834. Sendo vendidos e transformados os antigos moinhos e lagares, pertencentes à Ordem de Cristo, em novas industrias e açudes de pedra. Tornando o concelho numa das regiões mais industrializadas do pais, até meados do séc.XX.

A decadência industrial nacional, vítima da "terciarização", e a inserção de novas energias motoras desligadas da força hidráulica, fizeram com que estas antigas unidades industriais presentes ao longo do rio Nabão fossem encerrando as suas portas, nos finais do séc.XX. e primórdios do séc.XXI. O contexto industrial ao longo do rio Nabão, não é o mesmo que nos séculos anteriores, encontrando, nos dias hoje estas fábricas ao completo abandono e em processo de ruína[23].

Ao percorrer o rio, são possíveis ainda encontrar, fortes vestígios desta presença industrial nas margens do rio. Começando pela Fábrica de Papel de Porto de Cavaleiros, poucos quilómetros depois da grande nascente de água do Agroal, atravessando de seguida pela fábrica de papel do Sobreirinho e pela do Prado, até chegar à cidade de Tomar, encontrando a Fábrica de Fiação de Tomar e o Conjunto Industrial da Levada[24], seguindo depois até à fábrica de Papel da Marianaia, e já perto da foz do rio passando ainda pela Fábrica de Papel da Matrena.

Para além dos vestígios industriais que nos chegam nos dias de hoje, vários autores indicam-nos ainda a existência de outras industrias ao longo do rio, tais como: a fábrica de cobertores da Covilhã, instalada na parte antiga do convento de Santa Iria (onde está atualmente o café Santa Iria); a Fábrica da Sola, junto à estrada de Marmelais de Baixo; as Ferrarias de S. Lourenço, esta originária do séc. XVI; e a Fábrica de Vidro, do final do séc.XVI localizada na quinta da Matrena, transformando-se anos

23 À excessão do Conjunto Industrial da Levada, atual Centro cultural da Levada, intervencionado em 2015 pelo arquiteto Candido Chuva Gomes.

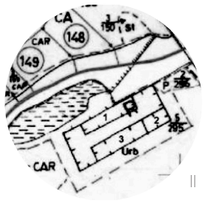
24 Antigos Lagares D'el Rei e Fábrica da Mendes Godinho



I



Figura 1.27 | Fábrica de Porto de Cavaleiros (implantação e vista)



II



Figura 1.28 | Fábrica de papel do Sobreirinho (implantação e vista)

mais tarde na Fábrica de Papel da Matrena; como da existência de outras pequenas industrias primitivas que se foram estabelecendo ao longo do rio.

A força da água, através dos rápidos existentes ao longo do rio, foram fundamentais para a inserção do número de industrias que se foram estabelecendo ao longo do rio Nabão. "Se hoje os rios, sejam quais forem as suas características, podem ser aproveitados para a produção de energia hidro-elétrica, em tempos, o seu aproveitamento na produção de energia era hidro-mecânica."[25]

O concelho de Tomar, através do recurso da energia hidráulica, desenvolveu uma série de industrias que transforamaram a sua paisagem, e o decorrer do rio através dos açudes necessários para o encaminhamento das águas à produção de energia. Destacando-se de todas as industrias o fabrico de papel como vimos anteriormente pelas fábricas que ainda se encontram ao longo do rio.

A **fábrica de Porto de Cavaleiros**, localizada no percurso inicial do rio dentro do concelho de Tomar, trata-se da primeira fábrica ligada ao ramo do papel no concelho, sendo fundada em 1836 por Henrique Roure Pietra, "*edificada no local dum antigo moinho, começou por ser uma modesta fabriqueta de papel*"[26], acabando por encerrar a sua laboração no ano de 2000. As suas grandes dimensões e imponência na paisagem, são notórias na sua passagem pelo local, demonstrando o grande valor histórico e social que esta representa para a localidade de Porto de Cavaleiros como para o concelho de Tomar, encontrando-se nos dias de hoje em completo abandono, estando a entrar num avançado estado de ruína.

"Os edifícios existentes contemplam uma estrutura de pilares e vigas de betão armado com alvenaria de tijolos, estruturas metálicas para suster as coberturas em abóbada com telha onduladas. A configuração dos edifícios é mais atual que as demais fábricas, com espaços mais amplos, grandes armazéns com lajes preparadas para receber maquinaria de grande porte, vão entre pisos para articulação dos equipamentos"[27]

A **fábrica de papel do Sobreirinho**, servida por uma pequena queda de água, onde ainda em 1845 havia uma moagem particular, está localizada na União de Freguesia de Álem da Ribeira e Pedreira. Tendo sido transformada depois numa Fábrica de papel, que havia de ser comprada em 1882 pela companhia de papel do Prado,

25 Ferro Baptista, Manuel Bonet, *op. cit*, p.88.

26 Fernando Ferreira, *Coisas Simples da Terra Tomarense : O rio, os açudes e as Rodas*. Santarém, Edição da Junta distrital de Santarém, 1976, p.102.

27 Renata Faria Barbosa, Soraya Genin, As Fábricas do Vale do Nabão: sistemas construtivos e sua relação com a água. in 3º Congresso Internacional de História da Construção Luso- Brasileira, Salvador, 2019, p.592

encerrando as usas portas pouco depois da sua compra, retirando os seus maquinismos rudimentares, evitando que se estabelecesse ali uma forte concorrente à sua produção.

"Do seu edifício, sem telhado, nem portas, nem janelas, restam apenas, desmanteladas as suas fortes e grandes paredes."[28]

A **fábrica de papel do Prado**, trata-se do último complexo industrial existente ao longo do rio a manter a sua laboração, tendo sido fundado sobre as antigas ferrarias existentes neste local, por Francisco Roure em 1823, montando ali aquela que viria a ser a Fábrica de papel do Prado. A fábrica encerrou as suas portas em 2017, encontrando-se assim ainda num bom estado de conservação, mas dadas as dificuldades económicas sentidas durante todo o séc.XXI alguns elementos encontram-se já num estado de degradação avançado.

Percorrendo o leito do rio, após a Fábrica do Prado, encontramos o açude e procedente edificado da **fábrica de fiação de Tomar**, sendo a mais antiga de todas as unidades industriais, esta foi fundada em 1790, por Jácome Ratton e Thimótheo Verdier, ainda antes da extinção das ordens religiosas, o que levantariam no início da sua laboração uma forte luta com o potente Convento de Cristo. A evolução do seu edificado passou por inúmeras fases assim como a sua história, tendo este estabelecimento encerrado em 1993. O complexo adquire atualmente uma enorme dimensão dentro da área da cidade, encontrando-se praticamente todo o complexo num avançado estado de ruína e em completo abandono. Sendo esta unidade industrial o foco da dissertação apresentada, toda a sua evolução e estado de conservação serão apresentadas nos capítulos seguintes, com maior detalhe.

O **conjunto industrial da levada**, também conhecido como Lagares D'el Rei, ou Fábrica da Mendes Godinho, dadas as funcionalidades que tiveram anteriormente, detém um conjunto de edifícios compostos pela Moagem "a nabantina" de 1883 um núcleo de lagares e moagens e a central elétrica, sendo todo o conjunto unificado pela levada. Dada a importância e localização central na cidade, o conjunto industrial foi reabilitado em 2015, pelo arquiteto Cândido Chuva Gomes,[29] transformando o antigo edificado, no Complexo Cultural da Levada de Tomar, contendo uma série de serviços e área museológica dedicada à industrialização de Tomar.

A **fábrica de papel da Marianaia**, localizada a sul da cidade de Tomar, iniciou a

28 Amorim Rosa, *História de Tomar II : livro II - O rio*. Tomar, Gabinete de Estudos Tomarense, 1988 p.147

29 Intervenção a mando da Câmara municipal de Tomar, inserida no Programa Polis.



III



Figura 1.29 | Fábrica de Papel do Prado (implantação e vista)



IV



Figura 1.30 | Fábrica de Fiação de Tomar (implantação e vista)



Figura 1.31 | Vista aérea do Conjunto Industrial da Levada (antes da intervenção)



Figura 1.32 | Vista do Conjunto Industrial da Levada

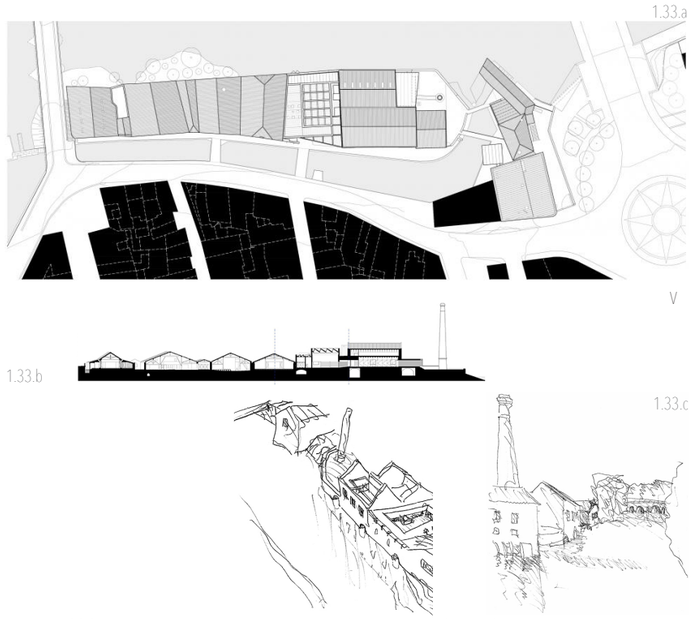


Figura 1.33 | Desenhos da proposta de intervenção; a) implantação b) corte c) esquiços do autor do projecto



Figura 1.34 | Conjunto Industrial da Levada (antigamente)



Figura 1.35 | Conjunto Industrial da Levada (atualmente)



Figura 1.36 | Interior da Moagem a Nabantina (antigamente)



Figura 1.37 | Interior da Moagem a Nabantina (atualmente)

sua história, à semelhança de outras, através da a reconversão de antigos moinhos e lagares pertencentes à Ordem de Cristo, transformando-os naquela que seria a Fábrica de papel após a extinção das ordens religiosas.

Anos mais tarde, em 1870, a mesma acabaria por ser vendida à companhia de papel do Prado à semelhança da Fábrica do Sobreirinho, mantendo-se em atividade até 1971.

O complexo fabril, é composto por oito edificações inseridas num terreno com 11,79 hectares, na margem esquerda do rio, encontrando-se em diferentes níveis de conservação, mas, maioritariamente num avançado estado de ruína, preservando apenas as suas paredes exteriores na generalidade dos edifícios.

A última industria com aproveitamento hidráulico no decorrer do rio Nabão trata-se da **fábrica de papel da Matrena**, tendo sido construída sobre uma antiga fábrica de vidro movida a energia hidráulica, existente neste local desde 1595 até 1706. Tendo sido posteriormente comprada em 1890, por João de Oliveira Casquilho, com a intenção de construir uma fábrica de fiação de tecidos de algodão, contudo, viria a ser executada uma fábrica de papel, resistindo e evoluindo ao longo de todo o séc.XX. Tendo laborado pela última vez em 2013.

Dada a proximidade do seu encerramento e às grandes obras realizadas ao longo do séc.XX o seu estado de conservação, encontra-se ainda em moderado estado de ruína. Adquirindo nos dias de hoje uma imponência na paisagem, elucidativa do envolvimento social e histórico que o edifício teve com o local.

Ao longo do percurso do rio, são vários os vestígios industriais que se vão encontrando ao descer o rio, tendo para além dos grandes complexos industriais abandonados, um conjunto de açudes ligadas às mesmas[30], como um conjunto de atividades e oficinas de menor vulto associadas ao rio[31].





Figura 1.38 | Fábrica de Papel da Marianaia (implantação e vista)

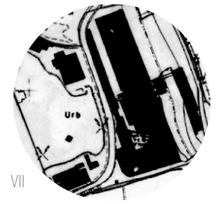




Figura 1.39a | Fábrica de Papel da Matrena (implantação e vista)

30 São eles o açude de porto de cavaleiros, açude do sobreirrinho, açude do prado, o açude de pedra (fábrica de fiação), o açude de pedra e de estancarias no mouchão, no centro da cidade o açude dos Frades (conjunto industrial da levada), o açude da marianaia e o da matrena.

31 "O rio, pelo simples facto da sua existência, e não só pelo aproveitamento das suas águas como fonte de energia, deu origem a um conjunto de atividades que, não podendo ser consideradas como de natureza fabril, podem e devem ser incluídas no âmbito das actividades artesanais: é o caso da construção de rodas e açudes para aproveitamento das suas águas, a construção de barcos, a recolha de areia do rio para a construção de outras atividades." in Ferro Baptista, Manuel Bonet, op. cit. p.91.

2.

O CONTEXTO HISTÓRICO DA FÁBRICA DE FIAÇÃO DE TOMAR

2.1_ FUNDADORES, ADMINISTRAÇÕES E PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

2.1.1_ FUNDAÇÃO

2.1.2_ CROOLOGIA DAS VÁRIAS SOCIEDADES

2.1.3_ EVOLUÇÃO DA FÁBRICA

2.2_ EVOLUÇÃO DO EDIFICADO

2.2.1_ EDÍFICIO DA VÁRZEA GRANDE

2.2.2_ "FÁBRICA GRANDE"

2.2.2.1_ DA CONSTRUÇÃO AO INCÊNDIO DE 1883

2.2.2.2 _ DO INCÊNDIO DE 1883 AO ENCERRAMENTO

2.1.1 _ FUNDAÇÃO

A fábrica de Fiação de Tomar foi um exemplo fabril de grande longevidade empresarial em Portugal, desenvolvendo ao longo dos anos um impacto fulcral no crescimento económico e social da cidade, tendo a sua constituição ocorrido através do Alvará Régio de D. Maria I, a 17 de Agosto de 1789[1].



Figura 2.1 | Edifício da Frontaria da Várzea Grande (atualmente)

O surgimento da fábrica de fiação deu-se através da decadência de uma antiga fábrica de meias de lã e algodão erigida por Noel Le Maitre[2] na, então, vila de Tomar.

Este antigo estabelecimento fabril localizava-se na casa da Frontaria da Várzea Grande[3] (ver figura 2.1), sendo arrendada à Casa da Misericórdia de Tomar a partir de 1772 a Noel Le Maitre[4] que a mandou consertar, para instalar os trinta teares acordados com o reino, e com o objetivo de neles produzir, meias, calções, luvas, barretes e manguitos de lã e algodão.

O consumo de meias era naquele tempo muito grande, mas a sua produção escasseava e os recursos fabris para a aumentar eram muito reduzidos. Contudo, por volta de 1789, a atividade de Noel Le Maitre demonstrava-se pouco rentável.

Sendo este estabelecimento uma fábrica erigida com dinheiro do reino e tendo a rainha D. Maria I conhecimento da grande decadência a que a Fábrica de Meias de Lã e Algodão havia chegado, emite em alvará[5] o conhecimento deste caso e apresenta a única solução viável a considerar: a entrega da referida fábrica, seus equipamentos e manufaturas capazes de cobrir a dívida e evitar a queda de um estabelecimento que se dava como tão importante.

A designação de estabelecimento importante dado em alvará régio pode demonstrar que, apesar das circunstâncias adversas e da sorte nem sempre ter estado do seu lado, Noel Le Maitre teria conseguido erguer por si só, um estabelecimento de considerável interesse, embora tenha ficado prejudicado pela falta de fundos e pelas fraquezas naturais da incipiente indústria setecentista.

1 Alvará e condições da fábrica (que era) de Noel le Maitre in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.169

2 Comerciante francês, mandado vir de França em 1760 com destino à Real fábrica de Sedas como mestre de manufactura de meias de seda, levando o fabrico ao ponto de perfeição que então se achava, acabando por ser o responsável de aumentos significativos ao longo dos anos sem que recebesse grande aumento salarial nem reconhecimento pelas suas tarefas. Inconformado com a situação, decide assim criar o seu próprio estabelecimento fabril na vila de Tomar.

3 Atualmente designado por Pálácio de Alvaiázere

4 Termo de Rectificação do arrendamento que vocalmente se havia feito das casas na frontaria da Varzea Grande a Noel le Maitre in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.163

5 Alvará de 17 de Agosto de 1789, disponivel em: Alvará e condições da fábrica (que era) de Noel le Maitre in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.169

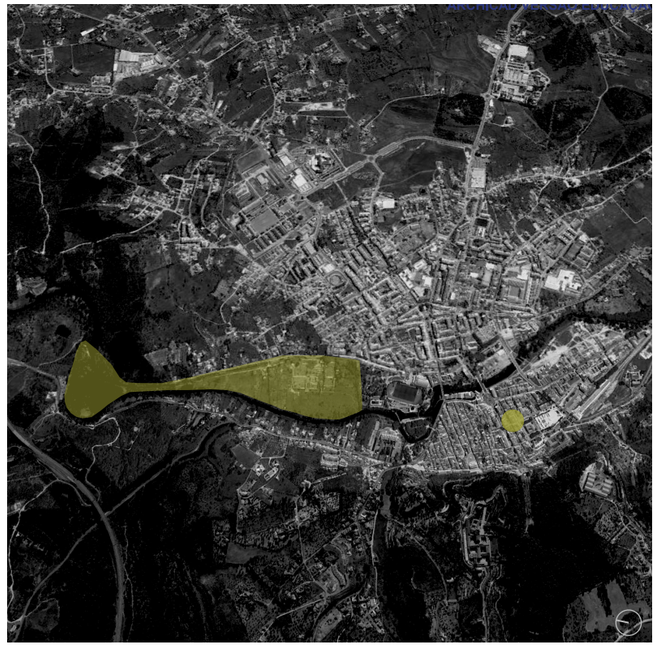


Figura 2.2 | Vista aerofotogramétrica da localização do Ed. da Fábrica Velha e os novos terrenos para a construção da fábrica Grande



Figura 2.3 | Vista aerofotogramétrica da localização do Açude (mais à esquerda) e da fábrica Grande (mais à direita)

O referido alvará resolve não só a situação de Le Maitre em relação à Fazenda Real como ainda consegue impedir a paralisação total da fábrica, uma vez que manda conferir e entregar a sua administração a Jácome Ratton[6] & Filhos e a Timótheo Lecussan Verdier[7] sob algumas condições. Deste modo, é lançada uma nova sociedade que daria início ao notável estabelecimento da fábrica de fiação de Tomar.

Ratton e Verdier ficam assim obrigados a estabelecer e sustentar a dita fábrica de Le Maitre, continuando com as manufaturas de meias, calções e barretes de lã e algodão, mas podendo iniciar a manufaturar com algodão, linho, seda ou lã estabelecendo, por meio de máquinas próprias, a cardagem e fiação de algodão de forma tal que pudessem abastecer com abundância de fiados as outras fábricas do reino.

Nos primeiros anos de atividade conjunta, os promotores da Fábrica de Fiação de Tomar desenvolveram um vasto plano de ação no campo legal, em simultâneo com o desenvolvimento de edificações, maquinaria e instrução de pessoal, desencadeado a partir do restauro da velha fábrica de Le Maitre, que rapidamente atingiu proporções consideráveis, ultrapassando mesmo as previsões dos sócios Ratton e Verdier.

Após a tomada de posse da respetiva fábrica de Noel le Maitre[8], Ratton e Verdier procedem posteriormente à compra dos terrenos destinados à nova fábrica, (ver figura 2.2) dando início às obras da vala grande do açude[9] (ver figura 2.3), ao mesmo tempo que tomavam as necessárias disposições para o ajustamento dos materiais necessários aos edifícios.

As obras de construção da Fábrica de Fiação de Tomar, a Fábrica Grande, como era chamada em relação à Fábrica da Frontaria da Várzea Grande, tiveram início a 16 de Janeiro de 1790. Antes, porém, já se trabalhava afincadamente em Tomar não só nos preparativos dessa construção, mas, sobretudo, no restauro e desenvolvimento da fábrica velha de Le Maitre.

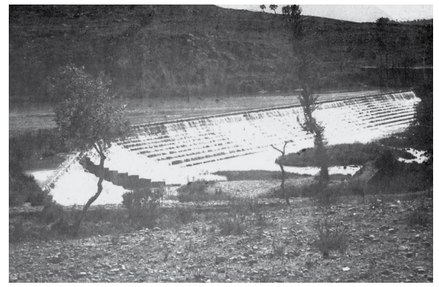


Figura 2.4 | Açude da Fábrica de Fiação (antigamente)

6 Industrial e comerciante luso-francês, nasceu em 1736, em Monestier de Briançon (França), veio ainda cedo para Portugal com os seus pais, onde completou a sua educação sempre dirigida ao comércio. Desde logo manifestou uma arrojada iniciativa, nas áreas do comércio, industria e agricultura, tendo formado várias empresas e unidades industriais, onde se destaca a Fábrica de Fiação de Tomar. Foi ainda deputado da Junta do Comércio em 1788 e posteriormente fidalgo cavaleiro da Casa Real.

7 Luso-francês reconhecido pela sua invulgar inteligência, é convidado por Jácome Ratton para fundar a então Fábrica de Fiação de Tomar. Foi sócio da Academia Real das ciências de Lisboa, e é ainda reconhecido como hábil arquitecto, tendo inúmeras obras tanto em Tomar como em Lisboa.

8 Em setembro de 1789

9 A 2 de janeiro de 1790

2.1.2 _ CRONOLOGIA DAS VÁRIAS SOCIEDADES


I


II

1789 1ª Sociedade

Jácome Ratton [I]
Thimótheo Lecussan Verdier [II]

1793 2ª Sociedade

Thimótheo Lecussan Verdier
António José Ferreira
Francisco Palyart
Miguel Lourenço Peres

1797 3ª Sociedade

Thimótheo Lecussan Verdier
Francisco Palyart
Jacinto José de Castro
Jacome Juvalta
D. Ana Isabel Verdier
Francisco Luis Pereira de Castro
Felix Clamousse Palyart

1810 4ª Sociedade

Jacome Juvalta
Thimótheo Lecussan Verdier
Juvalta Frizoni e Comp.ª
D. Ana Isabel Verdier
Francisco Luis Pereira de Castro e Sobrinhos

1816 Adminstração "Loureiros"

1874 Companhia da Real Fábrica de Fiação de Tomar

Sociedade Anónima de responsabilidade limitada


III

1874

Henrique Pereira Taveira [III]
António Marcollino Faco
Simão José Pereira

1879

José Joaquim da Silva Amado
Luis Eugénio Leitão
Delfim da Silva Guimarães

1920

José Rodrigues Simões [IV]
Henrique Pereira Taveira


IV

1954

João dos Santos Simões [V]


V

1957

António José Trindade dos Santos
Luis Simões Féria
Deocleciano Teodoro das Neves

1974

Comissão de Trabalhadores

1979

António José Trindade dos Santos
José Manuel Elvas

1993 Encerramento da Fábrica de Fiação

Devido à complexidade da evolução da fábrica ao longo dos anos e às inúmeras personalidades ligadas à mesma, insere-se um esquema síntese com a identificação dos principais sócios e administrações que marcaram o percurso da fábrica ao longo dos seus mais de dois séculos de existência.[10]

10 As personalidades identificadas ao longo do esquema não abrangem a totalidade dos sócios ou membros da direção de todo o seu percurso, tendo existido mais pessoas ligadas aos principais cargos da fábrica. Contudo devido à sua extensão, elaborou-se uma síntese das principais figuras associadas à unidade industrial, assim como se apresenta o ano em que passam a elaborar cargos na direção ou como sócios, tendo muitos deles já desempenhado outras funções em anos anteriores na fábrica.

Nota:
Cronologia completa em anexos - p.226

2.1.3 _ EVOLUÇÃO DA FÁBRICA

Nos mais de dois séculos de existência da fábrica de fiação passaram por ela inúmeros diretores, sócios e trabalhadores, uns com percursos mais dilatados, dedicando quase toda a sua vida à fábrica e outros com passagens mais curtas. A fábrica passou por inúmeras fases: umas mais conturbadas, como períodos de crises, guerras, incêndios e outras de grande sucesso, que permitiram ter grande visibilidade nacional e internacional, contribuindo para o desenvolvimento e destaque da cidade de Tomar.

Ao longo da primeira Sociedade da Fábrica, estabelecida entre Jácome Ratton e Timótheo Lecussan Verdier, em 1789, Ratton apercebe-se que teria sido inoportuno a inclusão de um sócio, dado que a despesa geral seria facilmente suportada apenas por si.

Os ânimos entre os sócios nos primeiros anos da Fábrica Grande[11] começaram a azedar-se, pois as expectativas iniciais não correspondiam ao previsto. Com efeito, por manifesta falta de experiência os dois sócios, exageraram nas possibilidades de produção inicial da fábrica, encontrando-se mal precavidos para a longa fase preparatória e de pouca rentabilidade, que constitui a fase de arranque de uma empresa.

A concórdia entre os dois associados nunca terá sido perfeita pelo que, a possibilidade de continuarem isoladamente a gerência da fábrica, separou-os primeiro, tornando-os inimigos em seguida.

Após várias tentativas pela posse da fábrica e várias trocas de documentos com a Rainha, a disputa acabaria por evoluir a favor da tese de Verdier, que não teve grandes dificuldades em juntar um grupo de homens de negócios com capital que lhe permitiram boicotar totalmente o plano do seu ex-sócio, e indemnizá-lo pelo seu afastamento da fábrica.

Com a separação dos fundadores da fábrica[12], no final do ano de 1793, dava-se assim o primeiro passo para a segunda sociedade, que viria a orientar a fábrica nos anos seguinte, surgindo logo o nome de António José Ferreira[13], Francisco Palyart e Miguel Lourenço Peres.

Aos novos sócios foi atribuída a obrigação de darem continuidade à Fábrica estabelecida em Tomar e, se possível, dotá-la de novos aparelhos que contribuíssem para a sua evolução e maior rentabilidade.

11 Designação dada na época para o novo edifício e terrenos da fábrica de fiação de Tomar, em relação ao antigo edifício da Várzea Grande.

12 Separação Ratton - Verdier, 24 de Dezembro de 1793 in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.202

13 Comerciante da praça de Lisboa, fiador de Verdier em diversas quantias

Esta sociedade, que se supunha de longa duração, não confirmou essas previsões. Com efeito, os sócios António José Ferreira e Miguel Lourenço Peres abandonaram-na por sua expressa vontade, em Março de 1797, limitando-a assim a três anos e dez meses de duração.[14]

Em sequência, permaneceram ligados à Fábrica apenas Thimótheo Lecussan Verdier e Francisco Palyart que não tardaram em formar uma terceira sociedade, desta vez com Jacinto José de Castro, Jácome Juvalta, D. Ana Isabel Verdier, Francisco Luís Pereira de Castro e Felix Clamouse Palyart. As condições de funcionamento da nova sociedade são aprovadas em Junho de 1798 e assinadas pelos novos sócios.[15]

No decurso desta terceira sociedade ocorrem em Portugal as Invasões Francesas (1807 a 1813), que provocaram no país grandes danos materiais causados pelos saques, bem como um ressentimento no plano económico, na agricultura, na criação de gado e uma diminuição na produção industrial nacional.

Durante este período Thimótheo Lecussan Verdier, por suspeitas de colaborar nas Invasões Francesas, é exilado do pais, ficado a sua mulher, D.Helena Verdier à frente do estabelecimento fabril[16], procurando defender os interesses do marido.

A diminuição da produção nacional durante este período foi severamente devastada, tendo vários estabelecimentos fabris sido atacados, destruindo a sua maquinaria, de modo a impedir a sua produção após os saques.

Esta diminuição na produção nacional também se fez sentir na Fábrica de Fiação e, em Janeiro de 1810, foi levantado o sequestro à fábrica, que se encontrava devastada pelas invasões Francesas. Ainda que muito danificada, a sua maquinaria manteve-se intacta, o que permite a D. Helena retomar imediatamente a laboração no edifício fabril.

Os contínuos desentendimentos entre sócios e a situação nacional em que o país se encontrava não beneficiavam o desenvolvimento da fábrica. Apesar da redução do preço da manufatura esta continuava sem saída devido à quantidade de fazendas

14 "Começou esta Fabrica a fiar por água a 26 de Outubro de 1796, e a 31 de Março de 1797, acabou a sociedade com A. J. Ferreira e com Miguel Lourenço Peres, que por condescendia ou por outros motivos que ignoro, tão bem se quiz retirar." in Memória sobre as fiações d'algodão actualmente estabelecidas em Portugal e sobre os obstáculos que impedem os seus progressos, e que provocão a sua ruina & c. in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.224

15 3ª Sociedade 1797 - 1810, Condições sociais de 20 de junho de 1798 in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.213

16 D. Helena Verdier, tornaria-se assim numa das primeiras mulheres a liderar uma industria em Portugal. (Não é possível determinar com claresa se foi a primeira mulher a liderar uma industria em Portugal, devido à abrangência do estudo, mas uma das primeiras terá sido seguramente.)

estrangeiras que se introduziam no reino. Finalizadas as contas, chegou a altura de estabelecer um novo contrato social, em Junho de 1810, dando inicio à 4ª sociedade, que a Real Fábrica de Fiação viria a conhecer no espaço de 20 anos.[17]

Esta nova sociedade não se pode dizer nascida sob o signo da esperança e da reabilitação pois a juntar às tradicionais lutas entre sócios, junta-se ainda a 3ª Invasão Francesa (1810), a insegurança política interna e o domínio inglês, a quem não interessava, de modo algum, uma indústria local próspera que pudesse auto abastecer o país ou/ e competir com a produção inglesa.[18]

Neste período conturbado, tudo indicava que algo considerável teria de ocorrer para que a mesma continuasse a sua laboração. Surge assim, em 1816, o nome de Domingues Gomes Loureiro[19], iniciando novo rumo na fábrica, com uma nova sociedade gerida pelo próprio.

Thimótheo Lecussan Verdier regressa a Portugal do exílio, em 1823, tendo abdicado de tomar parte em qualquer conferência respeitante à sociedade da fábrica, até à sua morte, em 1831. Quase todo o primeiro meio século de existência da fábrica ficou firmemente vinculado aos êxitos e fracassos da vida atribulada do controverso luso-francês, que de maneira alguma aceitou a entrada de Domingues Gomes Loureiro na administração da fábrica de Tomar, levando este conflito até aos últimos dias de sua vida.

Após a morte de Verdier, a sua esposa tenta vender a sua parte correspondente ao estabelecimento a Domingues Gomes Loureiro, que demonstrava na altura que mesmo na velhice mantinha as excelentes qualidades que fizeram dela uma das primeiras administradoras de uma fábrica portuguesa.

"Os produtos desta Fábrica forão por sua perfeição, geralmente aprovados. A comissão tem as melhores informações à cerca dos progressos deste estabelecimento, e dos esforços e inteligência, com que os seus proprietários o tem feito."[20]

Sob a administração dos Loureiros, a fábrica de Fiação continua a gozar de grande prestígio, constituindo lugar de visita obrigatória para quem se deslocava à então Vila de Tomar, como foi o caso da visita de D. Maria II, em 1843. Na sequência dessa visita, no ano seguinte, atribui foral a Tomar onde destaca os diversos estabelecimentos industriais existentes, tornando-a na primeira cidade do distrito de Santarém.[21]

"Este magnifico estabelecimento com motor hidráulico o mais útil de todos para o país nada deixa a desejar na perfeição dos seus productos, que não só é impossível exceder nem mesmo no país acham competidores. Os benefícios que pode trazer à nação esta rica fábrica são de um valor incalculável."[22]

Os herdeiros de Domingos Gomes Loureiro e de Timóteo Lecussan Verdier, tendo acordado entre si vender a Fábrica, em 1863, julgaram que o mais fácil seria a formação de uma sociedade anónima, uma vez que o custo dos melhoramentos indispensáveis que ela exigia seriam encargo muito pesado para um só indivíduo.

Com o objetivo de facilitar a venda da fábrica, convidaram o engenheiro mecânico e hidráulico, Bartolomeu Achiles Déjante a elaborar um minucioso estudo, avaliando a capacidade de produção da Fábrica e, a partir daí, determinar o valor da mesma.

O relatório desse estudo meticuloso[23] forneceu dados preciosos sobre o estado da fábrica, incluindo uma planta e perspetiva do edifício da Fábrica (ver figura 2.5), informando especialmente, acerca das modificações introduzidas durante a administração dos Loureiros, que durava há cerca de 50 anos, desde 1816.

O trabalho elaborado por Déjante refere ainda os êxitos que os produtos fabricados alcançaram em 1851, na Exposição de Londres e, em 1855, na exposição de Paris. Como a referência à presença do riquíssimo motor hidráulico da fábrica, que podia atingir a força de cem cavalos.

A inexperiência e incapacidade de gestão dos herdeiros dos seus antigos pro-

17 As escrituras de fundação foram assinadas por Jacome Juvalta representado por Daniel Frizoni, por Thimótheo Lecussan Verdier representado por D. Helena Frizoni Vrdier, por D. Ana Isabel Verdier e por Francisco Luis Pereira de Castro & Sobrinhos, além da firma Juvalta Frizoni e Com.ª.

18 "(…) A Invasão Francesa - a passagem da família Real para o Brasil - a abertura dos Portos deste estado aos estrangeiros, e a Asia - a inteira alteração do giro de V. S.ª da Costa do Malabar para o mercado de Lisboa - o Tratado de 1810 entre Portugal e a Inglaterra - e finalmente os receios de uma forçada emigração, são os pretextos com que V. S.ª achando alguma resistência à honrada, e patriótica vontade que teve de apossar-se deste estabelecimento, por preço que lhe conviesse (…) Paris, 26 de Janeiro de 1817" Carta de Thimotheo Lecussan Verdier a Domingues Gomes Loureiro, com a carta deste de 30 d'outubro de 1816 in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.262

19 Rico e acreditado comerciante da praça de Lisboa, que nesse mesmo ano adquiriu, em nome da Companhia de que era gerente, 8 ações da fábrica de fiação, cinco das quais pertenciam a Daniel Frizoni e as restantes três aos cinco filhos do casal Verdier.

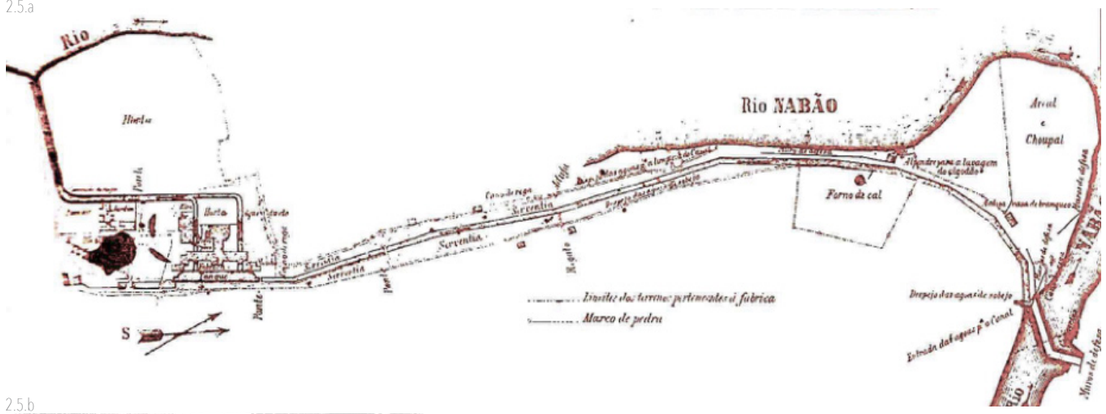
20 Relatório Geral da Exposição de Produtos de industria Portuguesa, 1838 in. Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.83

21 " (...) atendendo não só ao alegado mas a ser a mesma Vila uma das mais vastas e formosas deste Reino, enriquecida com várias fábricas e ornada com diversos e belo edifícios, entre os quais se distingue, por sua celebridade, o do extinto Convento da Ordem de Cristo, possuindo além destes todos os mais elementos para sustentar com dignidade a categoria de cidade(...)" in. Foral de cidade a Tomar, disponível em Arquivo Nacional Torre do Tombo

22 Exposição de 1844, Anais da Sociedade Promotora da Industria Nacional. in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.84

23 in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.86-92.

2.5.a



2.5.b



Figura 2.5 | Desenhos inseridos no relatório de Déjantes em 1865; a) planta b) perspetiva do edifício principal

prietários, acabou por levar à suspensão total da sua atividade no final do ano de 1868, dadas as dificuldades com que se vinham deparando.

A fábrica de Tomar, cobiçada na época por diversos empresários que se propunham a adquirir o estabelecimento para diversos fins, acabaria por ser adquirida, em 1874, por uma nova companhia, constituída por uma sociedade anónima, lançada por Henrique Pereira Taveira[24].

Esta nova companhia, iniciava a sua laboração em condições favoráveis, visto que 1873, existiam apenas três fábricas de fiação de algodão em Portugal. Uma das fábricas localizava-se em Vizela, a outra em Crestuma e a terceira no Porto, a única movida a vapor, referente à Companhia de Fiação Portuense.

Pelo facto das três únicas fábricas de fiação de algodão existentes em Portugal se localizarem no norte do país, fazia sentido e parecia largamente vantajoso modernizar e manter a Fábrica de Tomar.

Henrique Pereira Taveira, fundador desta nova companhia, impedido de se ausentar de Lisboa para residir em Tomar, utilizará nesta fase inicial como diretor colaborador seu pai, Simão José Pereira, residente em Tomar e primeiro responsável pela montagem e produção.

A primeira fase da nova companhia, iniciou-se com o relançamento da empresa e com a remodelação do velho edifício de Verdier e Ratton, abrindo-se assim uma

24 Natural de Lamego, Henrique Pereira Taveira, nasce em 1847, desde novo segue as pisadas do seu pai, Simão José Pereira, virando-se para a industria, através do fabrico de serigrafia e passemanaria nas oficinas do seu avô. Completou a sua instrução na Escola de Comércio. Tornando-se um empresário nato, servido de rara inteligência e de um invulgar espirito de organização, sendo figura representativa duma das épocas mais conturbadas da economia portuguesa. Henrique Pereira Taveira distingue-se ainda pela sua causa associativa na liderança da Associação Industrial Portuguesa, de 1893 a 1910.

nova época para o já centenário estabelecimento fabril, que voltava à juventude com as novas máquinas provenientes de Manchester, fornecidas por John Herigton & Sons, substituindo os maquinismos que tanto furor fizeram na época Pombalina.

O período entre 1875 e 1877, não correspondeu aos objetivos pretendidos, a ocupação com a implantação das novas máquinas de fiação e tecelagem, os prejuízos com uma turbina devido a defeitos de montagem, como a abertura de novas fábricas a partir de 1876, levando o embaratecimento do algodão em rama, levam a fábrica de Tomar a apuros a nível financeiro.

Estes primeiros anos ficam marcados por diversos erros cometidos pela administração Taveira. O seu sonho de administrar a companhia que ajudara a formar fica em 1878, sem que os resultados pudessem impressionar os acionistas. Contudo, o mesmo, voltará na primeira década do século XX, na companhia de José Rodrigues Simões.

Embora se reconheça que Henrique Pereira Taveira menosprezou uma tarefa que julgou compatível com apenas algumas horas livres, não podemos deixar de destacar o muito que foi feito durante este período quanto à remodelação dos edifícios e à renovação e montagem de maquinaria.

Com a saída de Henrique Taveira, surge uma nova administração, composta por Silva Amado, Eugénio Leitão e Delfim Guimarães, que encontram a fábrica numa situação económica bastante precária.

A crise interna da fábrica era agravada pela crise industrial de Inglaterra, originando uma crise de preços com proporções nunca vistas à época. No entanto, a direção continua a desenvolver a fábrica, propondo a eletrificação do edifício e a montagem de oficinas de serralharia mecânica e de tinturaria.

Em 1880, não só são montadas as oficinas propostas, como é ainda projetada a edificação de onze pequenas casas de rés-do-chão e andar, destinadas ao alojamento de operários e suas famílias. Sendo também aumentado o número de teares, de 125 para 220, alargando tanto a sua capacidade de produção, como o número de trabalhadores envolvidos.

Após um pequeno incêndio na Casa das Caldeiras, ocorrido em 1881, procedeu-se à criação de um Corpo de Bombeiros privativo da fábrica, composto por pessoal atestado e com bom equipamento. Contudo, quando tudo parecia tender à normalidade, uma nova tragédia ocorre no estabelecimento fabril o grande incêndio de 29 de Agosto de 1883 destruindo, quase por completo, o edifício principal. (ver figura 2.10)

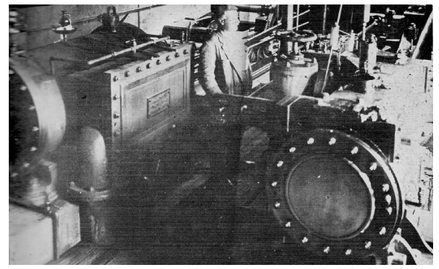


Figura 2.6 | Máquina a Vapor adquirida e montada durante a primeira direcção de Taveira (1873-1878).

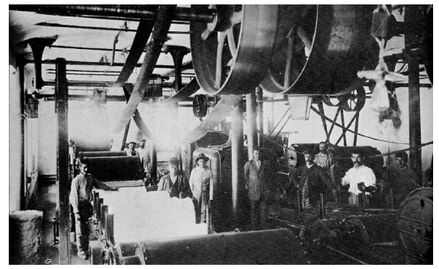


Figura 2.7 | Maquinaria da secção dos antigos abridores - batedores adquirida e montada durante a primeira direcção de Taveira (1873-1878).

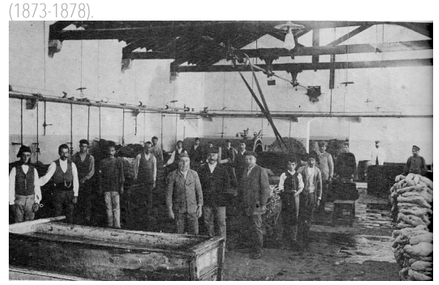


Figura 2.8 | Secção de Tinturaria

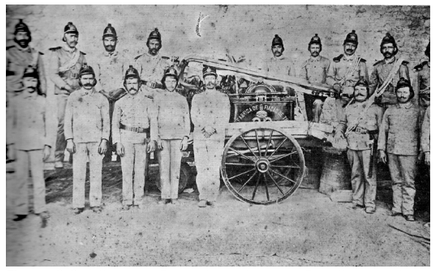


Figura 2.9 | Corpo de Bombeiros privado da Real Companhia de Fiação de Tomar

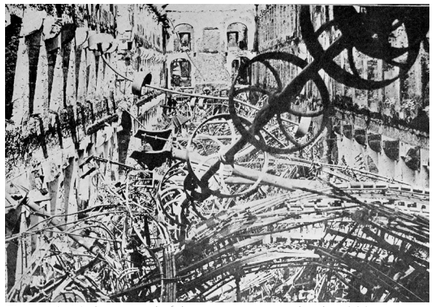


Figura 2.10 | Interior da fábrica após o incêndio de 1883

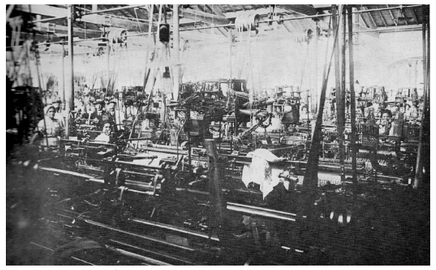


Figura 2.11 | Oficina de Tecelagem, tendo ainda alguns dos teares salvos do incêndio de 1883

O sinistro teve origem na oficina dos mules, no segundo pavimento do edifício principal, onde se localizavam também as oficinas de fiação e de serralharia, provocando o desabamento dos pavimentos e dando origem à derrocada dos pesados maquinismos, destruindo-se assim praticamente toda a maquinaria e inutilizando todo o algodão em laboração.

Felizmente, o estabelecimento estava coberto por diversas seguradoras, nacionais e internacionais, que suportaram a maioria dos prejuízos da fábrica.

Embora tenha ficado praticamente paralisada após o incêndio, em apenas oito meses de laboração a fábrica consegue sair com um saldo positivo no final desse ano, o que deixava prever melhorias em relação aos anos anteriores.

Imediatamente no ano seguinte são reabertas as oficinas de fiação, embora em condições muito precárias. Dos escombros e das cinzas, começa a surgir aquele que seria o novo edifício, uma ampla oficina com 2.235,5m^2, construída à prova de incêndios, com coberturas de ferro e vidro, assentes em 124 pilares metálicos. (ver figura 2.11)

Ainda no ano de 1884, ocorre a primeira experiência de iluminação elétrica com lâmpadas Swan, em focos de 15 a 20 velas. Experiências anteriores com outro material elétrico tinham já sido testados na Fábrica.[25]

Trata-se assim de uma das primeiras, senão a primeira, fábrica a laborar com luz elétrica no país, o que para a indústria da época trazia grandes vantagens, não só por se possibilitar laborar de noite com tecidos de cor, como por reduzir o risco de incêndio ao qual estavam sujeitos ao trabalharem com o sistema de iluminação a petróleo.

A inauguração da eletricidade, no início do ano de 1887, permitiu uma expansão enorme da produção, sobretudo de tecelagem, o que levou à compra de novas máquinas, Em junho de 1890, marca-se o início da laboração numa nova e ampla oficina seguindo-se, mais tarde, a ampliação das oficinas de tinturaria e branqueio em 1905.

Em agosto de 1892, dá-se a fusão da Companhia da Real Fábrica de Fiação de Tomar com a Companhia Fabril e Industrial de Soure (ver imagem 2.12). Já em laboração conjunta as fábricas não paravam de se expandir, mas, contrariamente ao que seria de prever, os resultados financeiros decrescem perigosamente, denunciando os

25 Como prova a ata do Conselho de Direção de 14 de Junho de 1881. Disponível em: Resposta da Companhia da Real Fábrica de Fiação de Thomar ao questionário do inquérito industrial in. Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.312.

primórdios de uma crise que entrará em fase acentuada no final do século.

A direção, que não explica devidamente os insucessos a que os acionistas estavam pouco habituados nos últimos anos, vê-se implacavelmente atacada no princípio do século XX por um grupo chefiado por Henrique Pereira Taveira, que não esqueceu de antigas ofensas e provocações de certos colaboradores.

Taveira trás consigo, José Rodrigues Simões[26], o homem do ressurgimento que mais uma vez fará renascer a fábrica e a governará até meados do século XX.

A nova direção inicia-se, instaurando uma série de medidas tendentes a desagravar a situação insustentável em que se encontrava, apesar da atividade fabril se processar com toda a normalidade.

Devido à insuficiência das restrições feitas anteriormente, em 1908, a direção é obrigada a maiores sacrifícios, devido à crise que atravessava, propondo assim a venda ou hipoteca da fábrica de Soure, que desde a sua aquisição nunca trouxe grandes benefícios à própria companhia.

Não obstante, a crise agrava-se cada vez mais, não só pelas dificuldades internas, mas também pelo difícil momento político que o país atravessava. Neste contexto, a sede da Companhia passa para Lisboa, onde permaneceu até Novembro de 1963.

Tal como se vinha prevendo, tornava-se indispensável afastar os velhos diretores e proceder a uma corajosa e radical reforma que, de novo, atualizasse a Fábrica de Fiação de Tomar. Assim, em 1920, a assembleia geral declara nova comissão administrativa sob orientação de Henrique Pereira Taveira e José Rodrigues Simões.

O êxito da gerência de José Rodrigues Simões é facilmente visível na homenagem realizada em 1945, pelo pessoal da fábrica, na comemoração das suas bodas de prata enquanto diretor do estabelecimento, como ficou demonstrado no artigo "25 anos de trabalho" presente no pequeno Jornal *A NOSSA FÁBRICA*, de 27 de Maio de 1945.[27]

"Passa hoje o vigéssimo quinto Aniversário da Assembleia Geral que nomeou a comissão administrativa da Companhia da Fábrica de Fiação de Tomar. Esta data marca

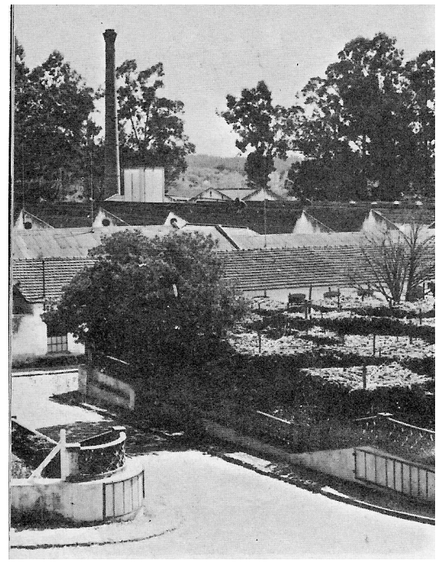


Figura 2.12 | Fábrica do Paleão- Soure, adquirida pela companhia de Tomar em 1892

26 Natural de Alcanena, José Rodrigues Simões, filho e neto de operários nasce em 1866, tornando-se desde a sua juventude um trabalhador incansável com inúmeras qualidades de inteligência e carácter, que fizeram dele o cidadão respeitável. Ligado à Fabrica de Fiaçao de Tomar, passou pela comissão admistrativa, tornando-se mais tarde seu director, sendo o grande responsável pela re-estruturação da empresa, e pela implementação de medidas pioneiras de apoio aos seus funcionários.

27 Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.137.

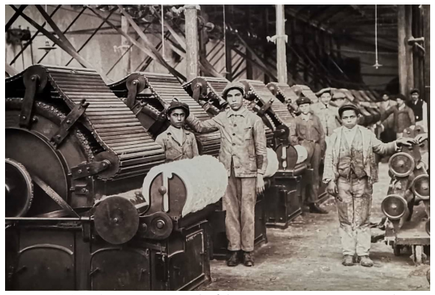


Figura 2.13 | Funcionários da fábrica junto ao seu posto de trabalho (1911)



Figura 2.14 | Funcionário da fábrica no fim do trabalho

o início de uma nova era na longa vida deste estabelecimento, e, simultaneamente, a entrada para a gerência da Empresa, do nosso atual Director-Delegado, o Ex.mo Sr. José Rodrigues Simões, a pessoa a quem, exclusivamente se deve a subsistência e progresso desta casa." [28]

Do seu trabalho é meritório de destaque o notável ressurgimento da fábrica de Tomar já habituada, como temos visto, ao êxito e ao fracasso; bem como as novas medidas implementadas durante a sua gerência que foram de extrema importância para o desenvolvimento social e operário da época.

Ao longo da sua liderança, foi orientada a intenção de erradicar na fábrica o chamado "pé descalço" e o analfabetismo dos seus operários, adotando uma política social notável, que garantia o pagamento regular de salários, a sua normalização, nivelamento e hierarquização de acordo com as categorias profissionais; bem como a regulamentação das novas admissões baseadas em condições de robustez e instrução, das quais são exemplo a instituição de subsídios por invalidez, incapacidade e velhice.

No que se refere ao edificado, foram reformuladas as condições de higiene e segurança da fábrica, procedendo ao regular arranjo e remodelação do refeitório do pessoal, a construção de novas instalações sanitárias, a criação de serviços de assistência médica e farmacêutica e do paradigmático posto de socorros, a instalação de uma creche e maternidade com berçário associado para os filhos de funcionários.

Muitas destas medidas instauradas no tempo de José Rodrigues Simões, foram na época pioneiras em Portugal, propiciando uma melhor qualidade de vida e o desenvolvimento dos seus operários, como permitiram enorme evolução nas qualidades de segurança e higiene dos estabelecimentos fabris (que eram foco de contágio de inúmeras doenças na época).

Estas medidas que, nos dias de hoje, damos como garantidas na sociedade atual, foram pioneiras nesta época em Portugal, sendo símbolo de mais um dos grandes contributos para a evolução operária instaurada por José Rodrigues Simões.

Os desenvolvimentos e medidas instauradas neste período, dadas muitas delas como garantidas e inquestionáveis na sociedade atual, propiciaram um enorme desenvolvimento da classe operária e do próprio crescimento da cidade de Tomar, tornando-a um símbolo de referência industrial e económica na época. Devido ao contributo para a evolução da indústria nacional, José Rodrigues Simões é, em 1951, agraciado com a comenda da ordem de mérito industrial, como reconhecimento de todos os processos que havia instaurado e implantado.

28 Idem,Ibidem, p.137

Com a morte de José Rodrigues Simões, em 1955, o seu filho, João dos Santos Simões, que já vinha a colaborar na fábrica desde 1929, toma o cargo de seu pai. Contudo, dois anos mais tarde, o mesmo não aguenta a dor e a saudade do seu pai, tornando-se insuportável para o próprio trabalhar na fábrica que ambos lideraram durante várias décadas.

Sai assim de Tomar rumo a Lisboa onde se dedica, de alma e coração, à cerâmica e à azulejaria cujo estudo, já nessa altura, beneficiava de extraordinário prestigio internacional. Mas ainda antes de sair da Fábrica, em 1957, obtém do governo a concessão do aproveitamento Hidroelétrico da energia das águas do Rio Nabão, que lhe permitirá compensar em cerca de 75% a quebra que se manifestará no balanço desse ano, com um rendimento que se manterá inalterado até 1974.

O seu sobrinho, António José Trindade dos Santos, torna-se o sucessor na direção da fábrica, ficando ao lado de Luís Simões Féria e Deocleciano Teodoro das Neves no governo da fábrica.

Após o 25 de abril de 1974, com o processo revolucionário em curso por todo o país também ele se fez sentir na fábrica de fiação de Tomar, levando ao bloqueio dos portões das instalações por parte dos seus funcionários.[29]

Após as desavenças, a fábrica passa a ser administrada por uma comissão de trabalhadores, iniciando uma série de problemas que acabaria por, anos mais tarde, trazer o regresso dos administradores, Trindade dos Santos e José Manuel Elvas, em 1979.

Apesar de tudo, a marca deste episódio terá sido trágica para os últimos anos da unidade industrial, que chegou mesmo a ser considerada a maior unidade têxtil de Portugal que sobreviveu por um período de mais de dois séculos de existência. O fim da fábrica de Fiação de Tomar chegaria assim em 1993, entrando em insolvência, por não conseguir competir contra a massiva concorrência estrangeira, que adquiria custos de produção muito reduzidos.

29 Em fevereiro de 1975, encerraram-se os seus proprietários, que viviam nas habitações destinadas à direção, no interior das mesmas, por um período de dois dias, sem qualquer comuniação com o exterior.

2.2 _ EVOLUÇÃO DO EDIFICADO




I


II


III

I _ Açude da Fábrica
II _ Fábrica Grande
III _ Ed. Várzea Grande (Palácio de Alvaiázere)

Fábrica Grande

Ed. Várzea Grande

Figura 2.15 | Localização e vistas do edificado da fábrica

Neste submeta procede-se à analise dos vários edifícios em torno da fábrica, elaborando uma análise inicial ao primeiro estabelecimento fabril associado à fábrica[30], passando depois para o "novo" estabelecimento fabril[31], analisando as várias evoluções do edificado, até ao seu encerramento em 1993.

30 Estabelecimento fabril erigido por Noel Le Maitre em 1782, na frontaria da Várzea Grande, enquanto se procedia à construção daquele que seria o novo estabelecimento fabril.

31 Designado por "Fábrica Grande".

2.2.1 _ EDIFÍCIO DA VÁRZEA GRANDE

O edifício da Várzea Grande[32], atualmente designado por Palácio de Alvaiázere, trata-se do primeiro estabelecimento associado à Fábrica de Fiação de Tomar. Localizado entre a antiga Várzea Grande[33] e a Rua dos Arcos, trata-se de um edifício de planta retangular, com rés do chão e primeiro piso, ocupando todo o quarteirão.

O mesmo foi arrendado por Noel Le Maitre, em 1772, à misericórdia de Tomar, para instalar a sua fábrica de meias, mandando consertar o estabelecimento para instalar trinta teares para a produção de meias, calções, luvas, barretes e manguitos de lã e algodão.

Com a posterior aquisição do estabelecimento fabril por parte de Jácome Ratton e Thimótheo Lecussan Verdier, em 1789, dava-se assim início, àquela que seria a Fábrica de Fiação de Tomar.

Estando este edifício nas mãos da empresa, desde 1789, este trata-se do seu ponto de partida para o grande complexo industrial que nos chegou até ao final do século XX.



Figura 2.16 | Edifício da Várzea grande (atualmente)



Figura 2.17 | Edifício da Várzea grande (antigamente)

No período correspondente à administração Ratton e Verdier (1789 a 1793), esta fábrica continua a sua atividade principal de tecelagem de malhas, enquanto se procede à construção de um novo estabelecimento fabril, designado como "Fábrica Grande", situado no atual local da antiga Fábrica de Fiação[34]. Servindo o antigo estabelecimento de apoio comercial e técnico para as novidades que estavam a nascer em relação à fundação da fábrica Grande.

"A sociedade Ratton & Verdier, onde sobressai uma componente comercial (Ratton & filhos) e uma componente fabril (Verdier), é ainda hoje difícil de entender, face ao nebuloso dos objetivos expressos no alvará de 1789. Na realidade, o que estes dois cidadãos de origem francesa fizeram foi adquirir, por um lado, uma manufactura de certa envergadura situada na então vila de Tomar, dirigida à tecelagem de roupa interior, a qual não tinha qualquer ligação direta com o rio Nabão; por outro, independentemente desta, quiseram montar de raiz uma moderna fábrica orientada para a fiação e cardação do algodão, situada junto ao Nabão e servindo-se dele para acionar os mecanismos que iriam mover as máquinas essenciais a este género de fabrico."[35]

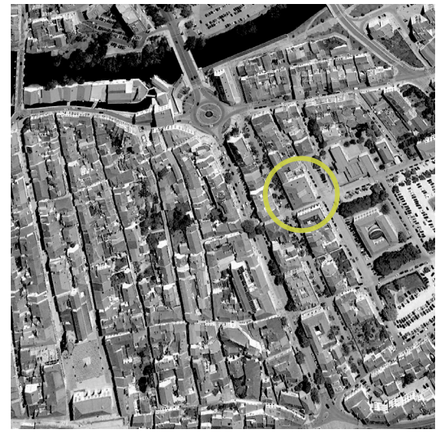


Figura 2.18 | Implantação do edifício da fábrica "velha" / Ed. da Várzea Grande

32 Designação dada no tempo de Ratton & Verdier

33 Com as edificações do edifício do Tribunal e o Jardim de infância à frente do edifício, durante o séc.XX o mesmo deixou de estar voltado para a Várzea Grande, criando um novo arruamento, designado por Rua da Saboaria.

34 Localizado entre o Rio Nabão e a atual Rua da Fábrica

35 Jorge Custódio, Luísa Santos, *A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas*. Coimbra: Coimbra Editora, 1990, p.18.

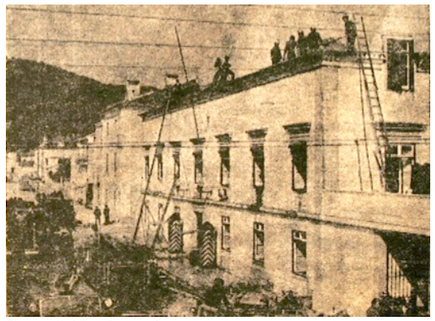


Figura 2.19 | Fotografia da corporação de bombeiros a combater o incêndio de 1975



Figura 2.20 | Edifício da Várzea Grande após o incêndio de 1975

O edifício da Várzea Grande passaria assim a chamar-se de "Fábrica Velha", continuando a albergar a atividade da manufatura até 1793, data a partir da qual é convertido em escritório da nova unidade fabril "Fábrica Grande", para onde tinha passado a manufatura[36].

A intervenção elaborada a cargo de Verdier, após a aquisição do edifício a Noel le Maitre, converteu a primitiva unidade industrial, num edifício que lembra um palácio setecentista, marcada por um estilo classicista, notório nas janelas do primeiro piso onde se desenvolvem cantarias de linguagem e linhas neo-clássicas.

Pretendia-se agrupar nos dois pisos os teares de madeira armados para o fabrico das meias e, para esse efeito, nada mais era preciso do que um espaço coberto com iluminação natural, conferida pelo ritmo simétrico das janelas. A cantaria dos cunhais e das janelas contribui para a identificação das referências clássicas presentes no edifício.

"É importante não esquecer que grande parte das manufacturas eram instaladas em palácios e em conventos, nos quais se enquadravam bem, visto que geralmente o necessário era apenas um espaço para a centralização das atividades manufacturarias e a divisão técnica do trabalho, a qual pressupunha apenas alguns instrumentos e algumas máquinas movidas manualmente."[37]

O edifício em apreço foi adaptado para albergar cerca de 50 teares, o que corresponde ao número de janelas dos seus 1º e 2º pisos. Com efeito, os teares eram geralmente colocados junto a largas janelas, para poderem receber bastante luz natural, de modo a permitir o controlo minucioso dos mecanismos de agulhas no fabrico das malhas.

O carácter nobre do edifício explica a sua adaptação ou reutilização, depois de desfeita a sociedade com Jácome Ratton, como escritório da nova unidade fabril "Fábrica Grande".

O edifício acabaria por ser vendido, em 1869, tornando-se propriedade do barão de Alvaiázere, ficando desde então reconhecido como "Palácio de Alvaiázere", designação que mantém até aos dias de hoje.

Mais tarde, em 1911, o edifício tornou-se no Quartel General da Região Militar, função que desempenhou até sofrer um grande incêndio, ocorrido em Abril de 1975,

36 Manuel Guimarães, partindo de um auto de 17 de Junho de 1793, afirma que nessa altura já a fábrica de meias se transferira para a Fábrica Grande.

37 Jorge Custódio, Luísa Santos, op. cit., p.30.

que destruiu todo o seu interior, e do qual sobreviveram apenas as fachadas, desenhadas por Verdier.

Atualmente, o mesmo, alberga os Serviços de Registo e Notariado do Ministério da Justiça, encontrando-se classificado como Património de Interesse Municipal, desde 1980. A reconstrução e restauro do seu interior, ocorreu em 2000/ 2001, sob projeto da responsabilidade do arquiteto José Barros Gomes, mantendo as fachadas originais do edifício, conservando assim o valor arquitetónico e memória do primeiro núcleo fabril da Fábrica de Fiação de Tomar.

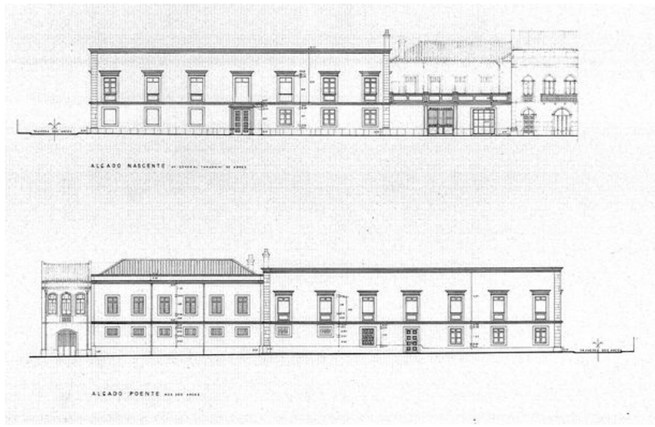
2.21.a



2.21.b



Figura 2.21 | Edifício da Várzea grande após a reabilitação



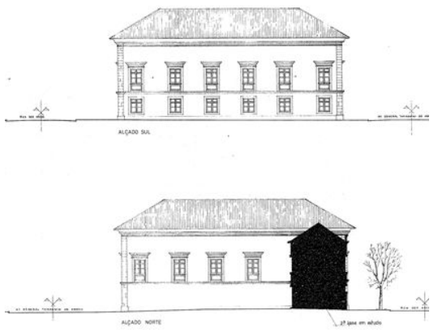
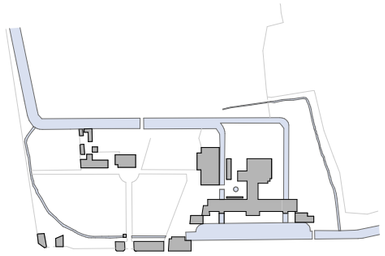


Figura 2.22 | Alçados do Edifício da Várzea Grande (atual Palácio de Alvaiázere)

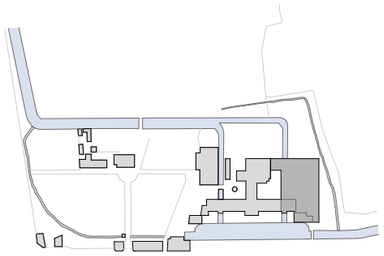
2.2.2 _ "FÁBRICA GRANDE"

Início da construção da "Fábrica Grande" 1790

1865 Fase 1

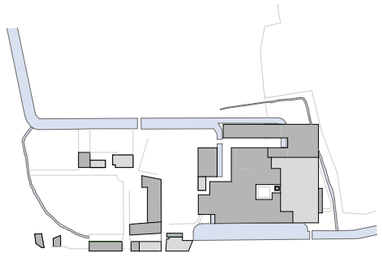


1875 Fase 2

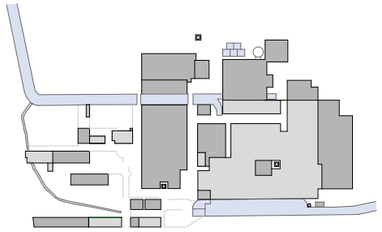


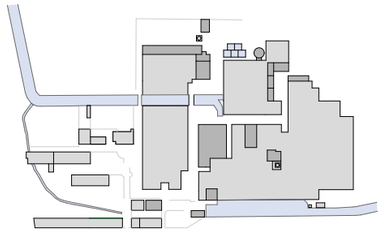
Grande incêndio no Edifício Principal 1883

1887 Fase 3

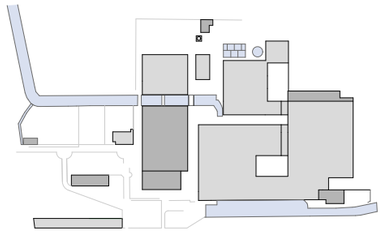


1904 Fase 4

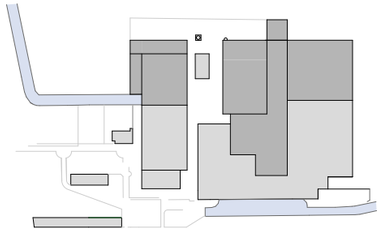




Fase 5 1935



Fase 6 1970



Fase 7 1993 Encerramento da Fábrica de Fiação

A Fábrica Grande localiza-se no terreno que nos chega até aos dias de hoje, como já referimos anteriormente, sofrendo diversas evoluções ao longo dos anos. Para uma fácil compreensão desta evolução apresentaremos neste capítulo uma divisão em 7 fases, com base na informação que foi encontrada, como pelas significativas alterações ao seu edificado, quer por catástrofes, ou significativos acrescentos consoante as necessidades e evoluções da época do próprio estabelecimento fabril.[38]

É de referir que se trata de um estabelecimento que resistiu durante mais de dois séculos, onde as condições de trabalho, o estilo de vida e mecanismos de produção foram também eles sendo atualizados.

38 As plantas que servem de base à compreensão da evolução do edificado, têm como fundo o estudo de Bartolomeu Déjantes (1865), o estudo de João dos Santos Simões (até 1935), e as mais recentes referentes às plantas existentes no arquivo municipal de Tomar.

Figura 2.23 | Cronologia da origem e evolução da Fábrica Grande (Fábrica de Fiação de Tomar) *

* As várias construções/ evoluções apresentados nas respetivas fases tratam-se do estado em a fábrica se encontrava nesse respetivo ano, sendo as construções elaboradas entre a fase anterior e a respectiva data apresentada.

Nota:
Cronologia completa em anexos - p.226



Figura 2.24 | Perspetiva do alçado nascente da fábrica



Figura 2.25 | Perspetiva do alçado poente da fábrica

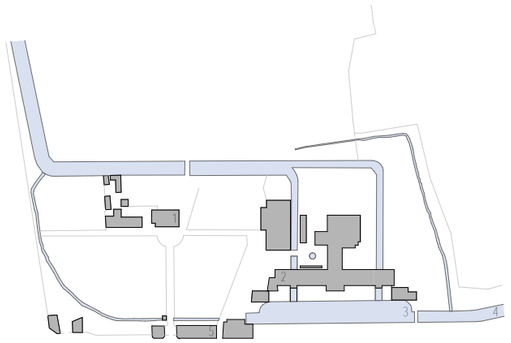


Figura 2.26 | Planta da Fábrica | Fase 1 _ 1865

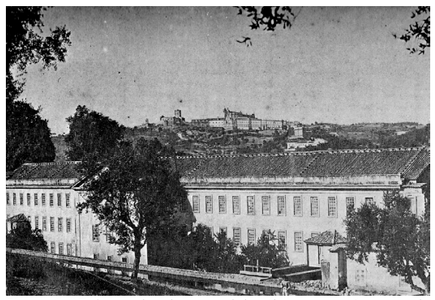


Figura 2.27 | Vista do Ed. Principal da Fábrica com o Convento de Cristo ao fundo (vista no sentido nascente/ poente)

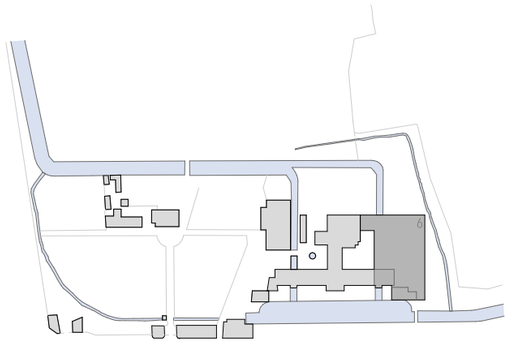


Figura 2.28 | Planta da Fábrica | Fase 2 _ 1875

Legenda:
1 _ Casa da direção I
2 _ Edifício Principal (Fáb. Grande)
3 _ Tanque
4 _ Canal
5 _ Casas de operários*
6 _ Tecelagem

2.2.2.1 _ DA CONSTRUÇÃO AO INCÊNDIO DE 1883

A moderna fábrica de fiação e cardação de algodão, montada pela firma Ratton & Verdier, entre 1790-1793, e continuada pelas sociedades que depois a administraram, demonstram o empenho dos fundadores na resolução das questões técnicas, logísticas e legislativas da nova unidade industrial, prova que, para eles, a esperança e a modernidade, eram o foco principal da nova fábrica.

Deste período inicial, apenas nos podemos orientar pela documentação, embora muito incompleta. Os projetos e os primitivos desenhos da fábrica, que todos os autores são unanimes em afirmar terem sido da autoria de Verdier, perderam-se infelizmente, restando apenas deste período inicial um desenho referente ao canal de esgoto da fábrica, que não nos permite tirar grandes conclusões nem afirmações sobre o edificado da fábrica. (ver figura 2.29)



Figura 2.29 | Desenho de um canal de esgoto da fábrica

Os primeiros documentos iconográficos e cartográficos que se conhecem da fábrica, são referentes ao ano de 1865. Produzidos por Bartolomeu Achile Déjante com a elaboração de um minucioso estudo da fábrica, que nos ajudam à reconstituição desta primitiva fiação hidráulica.

Neste relatório, Bartolomeu Déjante descreve o estado em que a fábrica se encontrava e a força exata do seu motor hidráulico, destacando as vantagens que um estabelecimento tão considerável poderia alcançar, inserindo no mesmo relatório a primeira planta a que temos acesso do estabelecimento fabril, como a duas perspetivas da fábrica (nascente e poente). (ver figura 2.24 / 2.25)

Segundo Bartolomeu Déjante[39], este edifício encontrava-se ainda por concluir em 1865, e o edifício principal, destinado à fiação e cardação, era composto por 340 janelas que iluminavam o seu interior, tendo o volume principal um comprimento de 80m por 11,20m de largura, sendo composto por três andares, interligados por uma escadaria no centro, que ocupava cerca de 80m^2, reduzindo a área útil de cada um dos seus pisos para cerca 820m^2.

O edifício era dividido em seis oficinas acanhadas e apetrechadas de maquinismos. No piso térreo, estavam colocadas as rodas hidráulicas em madeira, cada uma numa extremidade do edifício, ocupando cerca de 60m^2, sendo ainda colocados neste piso, os elementos indispensáveis para a montagem de cardas e maquinismos mais pesados que exigiam uma maior firmeza do solo.

Do corpo principal do volume da fábrica, nascia no meio um outro volume para as traseiras, na sequência transversal à fachada saliente no alçado principal.

39 in Manuel da Silva Magalhães, op.cit., p.88.

"A fachada saliente era encimada por um frontão com um óculo, onde poderá ter existido um relógio. As paredes do edifício eram muito espessas tendo, na generalidade, 1,05m de largura. A cobertura sobre asnas de madeira era com telha portuguesa, havendo, contudo, degraus nos diversos panos do telhado para facilitar o arranjo do mesmo. Entre o edifício e o telhado erguia-se uma platibanda a todo o comprimento das fachadas, rebocada e pintada. Tal como em edifícios similares de outros países, reconhecem-se junto ao telhado sinais de ventilação do interior e mansardas."[40]

A "Fábrica Grande" de Tomar, no que diz respeito ao seu carácter funcional e utilitário como ao estilo arquitetónico, seguiu o modelo industrial inglês. A saliência no centro da fachada principal, com um frontão simples, é a marca do estilo georgiano[41], que caracterizou a fábrica antes do incêndio de 1883, tornando-se este estilo uma referência no primeiro século da fábrica.

Acerca da construção do edifício, subsistem ainda dúvidas quanto ao tempo da sua duração e sobre o faseamento da sua execução. A consulta de vária documentação, permite afirmar que o edifício principal foi construído em diversas fases, evoluindo à medida que o número de máquinas/ fusos ia aumentando, os edifícios iam crescendo acompanhando o ritmo da construção de máquinas.

Assim numa primeira fase, e ainda antes da construção do edifício principal, construiu-se um edifício para trezentos e vinte fusos, que laborava a energia animal. Julga-se que este se encontrava do lado direito do edifício principal, quando de frente para o mesmo, numa instalação independente. O edifício principal, construído para conter os motores hidráulicos, foi construído em diversas fases.

"A sua construção surge numa segunda fase tal como se previa. Ratton, em 1795, refere-se a um edifício, já atualmente construído, que ainda não estava cheio dos mecanismos para que era destinado. O espaço reservava-se para a laboração em simultâneo de 4.800 fusos. E continua: se tiverem água, que lhes permita completar o plano dos edifícios principiados, chegarão a dobrar a quantidade dos fusos, e da obra."[42]

Outras razões impediram a continuação da obra ao ritmo que havia adquirido inicialmente, designadamente: os conflitos entre os sócios nas diferentes administrações; o afastamento temporário de Verdier, por razões pessoais, em 1805, como o seu exílio para França, em 1809.

As obras na fábrica continuaram depois no tempo dos Loureiros, de 1816 a 1873, estando referido no Relatório de Déjante, em 1865 que o edifício principal ainda se encontrava incompleto[43].

A fábrica acabaria por passar para uma sociedade anónima no ano de 1873, liderada por Henrique Pereira Taveira, que procederam a inúmeras e profundas obras de restauro dos edifícios.



Figura 2.30 | Interior do Edifício Principal da fábrica após o incêndio de 1883

"Desmontado o velho maquinismo, para ser vendido, ficou o edifício apenas com os travejamentos e paredes aproveitáveis, estas com um metro de espessura, solidamente construídas, que nos garantiam uma completa segurança, e aqueles também hábil e solidamente feitos de magnificas traves e de excelente madeira, e encruzadas e entalhadas com a maior segurança, e ainda ajustadas as juntas por fortes parafusos de ferro. Conservámos pois paredes e travejamentos e deitámos a baixo todo o restante, (...)

(...) A escadaria interior de madeira, e que, colocada no centro do edifício dividia este em dois, passou a fazer-se do exterior, de pedra e completamente livre do edifício, para poder ser aproveitada num caso de incêndio. A comunicação interior dos pavimentos, passou a ser feita por meio de um guindaste mecânico, que serve todos os andares, conduzindo assim de umas para as outras oficinas os respetivos produtos. O motor passou a ser também colocado exteriormente, entre a represa d'agua e a parede do edifício da fábrica."[44]

Anos mais tarde, ocorreu na fábrica o grande incêndio, de 29 de Agosto de 1883, que destruiu o edifício principal quase por completo, levando a uma grande reformulação do edificado da fábrica, que analisaremos na fase seguinte.

Deste incêndio chega-nos um desenho das ruínas da fábrica após o incêndio (ver figura 2.30), onde se podem observar, a existência de um amontoado de ferros que, provavelmente, correspondiam a pilares e vigas da estrutura do edifício, como à maquinaria utilizada na época (water frames, spinnig jenny, entre outras). Todavia, não é certo que este tenha sido o sistema construtivo inicial do edifício.

A questão do seu sistema construtivo, é levantada com a presença dos amontoa-

40 Jorge Custódio, Luísa Santos , op. cit., p.36.

41 Arquitetura georgiana é o nome dado na maioria dos países de língua inglesa ao conjunto de estilos arquitetónicos surgidos entre 1714 e 1830. O estilo georgiano é altamente variável, sendo caracterizado pela sua proporção e equilíbrio, é muito marcado pela simetria e proporção da arquitetura clássica da Grécia e de Roma, reavivada pela arquitetura renascentista. O ornamento provém também da tradição clássica, sendo normalmente restrito ou, às vezes, quase ausente no exterior.

42 Jorge Custódio, Luísa Santos, op. cit., p.36.

43 "O edifício não está concluído, tem atualmente 80 metros de comprido e 11m,20 de longo, compreendendo a grossura das paredes" in Relatório de Bartolomeu Déjantes in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.88.

44 Relatório da Companhia de Fiação, 1875. in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.98-99.

dos de ferro na ilustração existente após o incêndio, onde os autores Jorge Custódio e Luísa Santos[45], especulam sobre a época da inserção deste sistema construtivo:

"Sabemos que em Tomar os primeiros edifícios da Fábrica Grande são construídos entre 1790 e 1795. Qual o tipo de estrutura interior que foi implementado? Documentação ligada aos relatórios de contas do período Ratton & Verdier mostram-nos quantidades de ferro e aço provenientes de Inglaterra e França e enviadas por Joseph Sykes Son & C.ª e por Ben Rocbuck Junior & Franton, ambos de Sheffield. Mas nada nos indica que tenham embarcado para Portugal centenas de colunas de ferro fundido, como aquele que se vêem na fotografia de 1883.

Não dispomos também de informação suficiente que confirme que, durante a direção de Verdier, em qualquer dos períodos tenham sido colocadas colunas de ferro fundido. Tal acontecimento poderia ter ocorrido no tempo dos Loureiros, entre 1816 e 1873. Mas também não existem até agora documentos comprovativos. Manuel Guimarães refere-se à remodelação dos edifícios da fábrica dos Verdier e Loureiros para a montagem da nova maquinaria enviada de Manchester. Mas de que remodelação se tratou? Se consistiu na substituição do travejamento e estrutura de apoio de madeira por ferro foi obra rápida, quase que impossível de realizar em meses (28 de Março a 21 de Setembro de 1874) é interessante notar que o problema da engenharia civil do edifício não foi abordado por Déjante.

A fotografia do incêndio mostra ao longo do edifício uma cachorrada de pedra que resistiu ao fogo, onde provavelmente estariam as vigas de madeira, pois era normal na época essa solução. Há notícia de vigamentos de madeira vindos do Pinhal de Leiria para as primitivas construções. O soalho dos pisos superiores parece-nos, pois, ter sido de madeira. As colunas de ferro que aparecem na foto deveriam agarrar nas vigas de madeira, em virtude da garra de que dispõem na parte superior, depois das caneluras simples do seu capitel.

Sem querer, contudo, afirmar peremptoriamente que estamos na presença de uma fábrica que pela primeira vez utilizou na sua construção estruturas metálicas, em especial colunas de ferro fundido, não quisemos, no entanto, deixar de levantar esta hipótese."[46]

A investigação efetuada no âmbito do presente trabalho não permitiu também esclarecer a época exata em que são inseridos, os amontoados de ferro presentes na figura do edifício após o grande incêndio, contudo parece-nos mais provável e credível a inserção deste novo sistema estrutural ao longo das reformulações que foram executadas no período da administração "Loureiros", dadas as descrições presentes no relatório da companhia em 1875.[47]

Além do edifício principal da "Fábrica Grande", existiam ainda instalações independentes, ligadas à produção, que não estavam integradas no corpo fundamental da fábrica. É o caso da Casa de Lavagem do algodão, situada junto do tanque de água e perto dos dois acessos principais ao interior do recinto fabril.

A montante deste edifício, junto ao canal e perto do açude, no choupal e areal da fábrica, localizava-se a Casa de Branqueio e uma Fonte com alpendre, destinada à lavagem do algodão. O branqueamento e o tingimento foram previstos nos primeiros documentos oficiais desta fábrica. Contudo, a prática do branqueamento só foi estabelecida durante os primeiros anos da administração de Domingos Loureiro.

A residência do diretor (ver figura 2.31), projetada por Verdier, nos primeiros anos da Fábrica, para a sua habitação, é, atualmente, o único edifício do séc. XVIII de toda a unidade fabril.

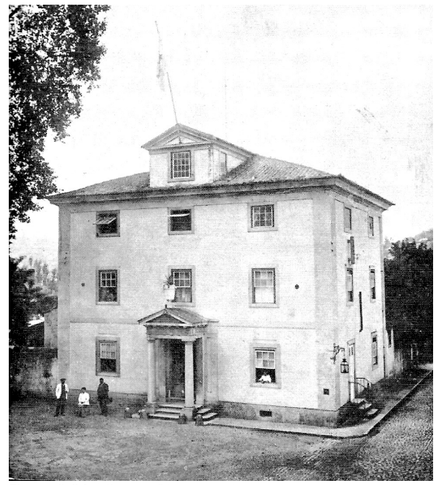


Figura 2.31 | Casa da Direção (antigamente)

O edifício apresenta uma influência do estilo inglês da época, com a maior parte das janelas de guilhotina, encimado por mansardas, com um pórtico em forma de frontão. As janelas do 3.º piso, bem como as das mansardas, eram do tipo "projetantes inferior", tal como deviam ser as da fábrica. A entrada para a casa fazia-se através de um pórtico que servia de alpendre, para o qual se subia por três degraus. A casa continha ainda uma cave.



Figura 2.32 | Casa da Direção (atualmente)

No que se refere aos espaços exteriores, para além do jardim e do pomar, anexos à casa, existiam ainda uma eira e duas hortas, junto à fábrica, o que prova as ligações entre a atividade industrial e a agrícola. A água de rega para as hortas era conduzida através de um canal até aos campos, por meio de um aqueduto.

O relatório de Bartolomeu Déjante, refere ainda existência de um conjunto de habitações de operários, contudo a sua localização dentro do complexo da fábrica é desconhecida.

Atualmente, é visível uma banda de habitações de operários, com dois pisos, situadas na Rua da Fábrica (ver figura 2.33). Tendo havido em tempos, ainda outras

45 Jorge Custódio, Luísa Santos , op. cit., 1990.

46 Idem, ibidem, p.39.

47 *"(...) ficou o edifício apenas com os travejamentos e paredes aproveitáveis, estas com um metro de espessura, solidamente construídas, que nos garantiam uma completa segurança, e aqueles também hábil e solidamente feitos de magníficas traves e de excelente madeira, e encruzadas e entalhadas com a maior segurança, e ainda ajustadas as juntas por fortes parafusos de ferro. Conservámos pois paredes e travejamentos e deitámos a baixo todo o restante, (...)"* Disponível em: Relatório da Companhia de Fiação, 1875. in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976, p.98-99.



Figura 2.33 | Casas de operários (atualmente)

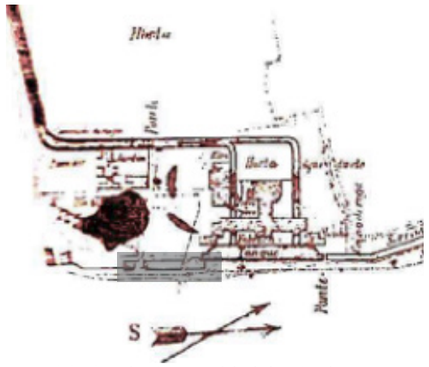


Figura 2.34 | Localização possível das habitações de operários

habitações de um só andar, ao lado destas, ambas construídas no tempo da Companhia da Fábrica.

Não se tratando das habitações existentes nos dias de hoje, as que se refere Bartolomeu Déjante no seu relatório, não conseguimos precisar que habitações de operários se tratavam, nem a sua localização exata. Contudo a planta que nos chega do seu relatório, apresenta uma ocupação no local onde se encontram as habitações de um só andar, referidas na época da Companhia da Fábrica, podendo se tratar da mesma localização, onde se nota um grande aumento do número de habitações, e estas, presentes na planta de Déjantes, terem sido refeitas ou reabilitadas, mantendo assim a mesma localização. (ver figura 2.34)

Há notícias da fábrica ter contido, nas suas origens, uma pequena Capela, facto do qual se conhecem outros exemplos no nosso país. Contudo, esta edificação foi demolida no tempo da administração dos Loureiros, com o objetivo de alargar a fábrica, não se conhecendo a sua localização, dentro do terreno da fábrica.

Junto à fábrica, existia ainda um conjunto de oficinas anexas, composto por uma serralharia, uma marcenaria e uma forja. A lógica das primitivas instalações fabris (tonando-se depois sistema universal) de construir edifícios que albergassem serviços de apoio à própria produção.

Além destes edifícios, deverá ainda referir-se a abegoaria, local onde estavam os animais para os carretos e, inicialmente, as juntas de bois que faziam mover os mecanismos. Por esta razão a abegoaria aparece desde os primeiros momentos. Junto à abegoaria existiam os palheiros de apoio. Desconhece-se o lugar onde se situava a primitiva abegoaria.

Na época da construção do edifício da "fábrica grande", procedeu-se ainda à edificação de um Forno de Cal, situado na margem esquerda do canal, destinado ao fornecimento de matéria prima para a execução das edificações.

É possível concluir que, dos mais de 15 hectares de terreno da fábrica, os edifícios da produção ocupavam uma superfície de 3.077m^2, constituindo um conjunto que se impunha na paisagem daquela margem do rio Nabão, sendo também um fator de estruturação urbana do lugar e um definidor da sua própria toponímia.

Açude e sistemas motores da Fábrica

Em simultâneo com a evolução do edificado da fábrica, os sistemas motores foram também acompanhando as evoluções da época. Até à introdução da máquina a vapor, ocorrida em 1874, conheceram-se dois sistemas motores para o funcionamento da Fábrica de Fiação de Tomar.

O primeiro, trata-se de um sistema de engenho movido por energia animal[48], tendo um carácter temporário, enquanto se procedia à construção do açude, para a produção de energia hidráulica.

Já com o açude totalmente construído, em 1796, dava-se início ao uso do motor hidráulico como método de produção do estabelecimento fabril[49]. Tendo a sua construção sido iniciada logo nos primórdios da sociedade Ratton & Verdier. Sendo a escolha da localização do açude, o principal motivo para a inserção da fábrica neste lugar, pois o mesmo necessitava de um local que pudesse conter água de sobejo durante todo o ano para mover toda a maquinaria necessária ao respetivo estabelecimento.[50]

A escolha do local do açude, recaiu na zona onde existia a ponte da Granja. Tornando a sua construção numa das mais importantes obras de engenharia hidráulica do séc. XVIII, merecendo ainda hoje destaque de relevo no itinerário industrial nacional, sendo ainda hoje visível.

Construído sobre a rocha do leito do rio, o açude é formado por uma muralha angular disposta entre as duas margens do rio, com dois lanços desiguais de 68m e 42m de comprimento, formando entre si um ângulo de aproximadamente 125 graus, perfazendo um comprimento total de 110m. A largura da sua parte superior é de 1,64m e adquire uma altura de 3,99m, o que permite o lançamento de onze degraus que lhe servem de barragem reforçada e amortecedor da queda da água. (ver figura 2.36)

Na margem esquerda do rio localiza-se o canal que conduz as águas a céu aberto desde o açude até ao tanque da fábrica. Este, construído na sua maioria a meia



Figura 2.35 | Açude da fábrica de fiação



Figura 2.36 | Açude da fábrica de fiação em processo de limpeza

48 "(...),idêntico ao utilizado nas minas inglesas do séc. XVIII e também usado em algumas manufacturas francesas do mesmo século." in Jorge Custódio, Luísa Santos - A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas. Coimbra: Coimbra Editora, 1990, p.45.

49 "Era um motor característico dos <moinhos de fiacção> ingleses na primeira etapa da industrialização britânica." in Jorge Custódio, Luísa Santos - A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas. Coimbra: Coimbra Editora, 1990, p.46.

50 Segundo Ratton, é a conselho de Francisco Welhouse, que se escolhe o terreno da fábrica, que se pretendia o mais favorável possível em relação ao imprescindível açude que faria mover as máquinas de fiação e cardagem, através das estruturas hidráulicas que haviam de ser montadas. in Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Jácome Ratton, *Recordações de Jacome Ratton sobre as ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*. 2.ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920. pág. 34.



Figura 2.37 | Canal da fábrica

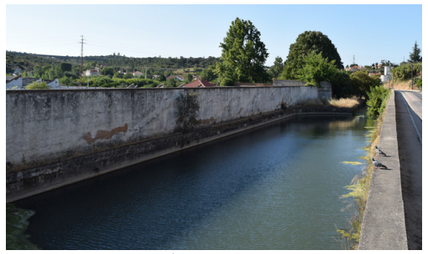


Figura 2.38 | Tanque da fábrica

encosta; o seu leito, em parte, é a própria rocha e, onde esta não existe, é coberto com seixo miúdo, sendo as paredes conformadas por alvenaria, sobretudo no seu lado direito.

O canal, percorre um caminho de 1.141km, tendo uma largura média de 6,18m, adquirindo ao longo do seu percurso, várias comportas, para permitir a sua limpeza, mas também para o vazamento das águas de sobejo em épocas de cheias, para proveito de rega agrícola. Sendo também possível navegar pequenos botes ao longo do seu canal.

A água do rio, encaminhada pelo canal para as duas rodas hidráulicas da fábrica, fornecia também água à lavagem do algodão, como para a movimentação dos rodízios do moinho primitivo ali existente.

Sobre o canal, é hoje visível a construção de duas pequenas pontes (uma pedonal e outra viária), para facilitar o acesso aos terrenos entre o canal e o rio.

No final do percurso do canal, a água chega a um grande reservatório com capacidade para 835.200 litros, designado por Tanque da Fábrica, sendo visível ainda atualmente, correspondendo a uma superfície de 1392m^2.

Com a sua adaptação ao funcionamento das novas turbinas, instaladas em 1874, e decorrente das modificações dos próprios edifícios fabris, após o grande incêndio, o tanque foi sofrendo ligeiras alterações nas suas dimensões.

Inicialmente, o tanque servia as rodas hidráulicas através de dois canais simétricos, colocados em ambos os lados da fachada principal do edifício, sobre o seu primeiro piso. Os dois canais simétricos, de cantaria e madeira, tinham 15,26m de comprimento, sendo divididos por duas adufas, uma colocada a 1,77m do tanque e outra a 8,80m da primeira. Antes de chegar à roda, as águas ainda percorriam a distância de 4,23m, o que constituía, segundo Déjante, um dos principais problemas deste quase perfeito sistema de motor da fábrica de fiação, pois, neste último momento, a água perdia um pouco a sua força.

Pelos factos expressos fica evidenciado que na fábrica de Fiação de Tomar algo de novo surgiu no campo da engenharia hidráulica em Portugal. Todos os referidos mecanismos, instalados nos finais do séc. XVIII, devem de ter constituído um acontecimento de grande relevo, se atendermos às incipientes tradições hidráulicas da época.

O motor hidráulico, só seria substituído pela energia a vapor, em 1874, com a necessidade de renovar os métodos de trabalho, maior uniformidade e maior potência

à produção. Altura em que se processa uma modificação radical do motor hidráulico, passando de rodas para turbinas, introduzindo-se a máquina a vapor, cuja justificação nasceu pela criação da nova oficina de tecelagem. Um registo de azulejos, situado na casa das turbinas, indica a data da substituição das rodas hidráulicas, que terá ocorrido em 15 de agosto de 1874 (ver figura 2.39).

Referente a este primeiro período da Fábrica de Fiação de Tomar, até ao grande incêndio de 1883, que veio destruir praticamente a totalidade do edifício principal da fábrica, obrigando a uma enorme reformulação de todo o conjunto fabril, chega-nos nos ainda nos dias de hoje, embora num avançado estado de ruína, a residência do diretor, como já vimos, assim como o açude, o canal, e o tanque da fábrica.

A importância do açude, no desenvolvimento da Fábrica de Fiação, foi algo fundamenta ao longo de toda a existência do estabelecimento, tendo possibilitado para além de todos os ganhos na produção, a introdução de energia elétrica nas instalações da fábrica, precedendo o futuro uso da eletricidade como força motriz, alguns anos após o incêndio de 1883.

Em 1981, o açude foi classificado como imóvel de Interesse Público e, em 2012, como Monumento de Interesse Público, sendo fixada a respetiva zona especial de proteção, com o objetivo de salvaguardar o seu valor estético, técnico e material intrínseco, como da sua conceção arquitetónica e paisagística, à sua extensão e ao que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva e à sua importância do ponto de vista da investigação histórica ou científica.



Figura 2.39 | Painél de azulejos presente na fábrica de fiação

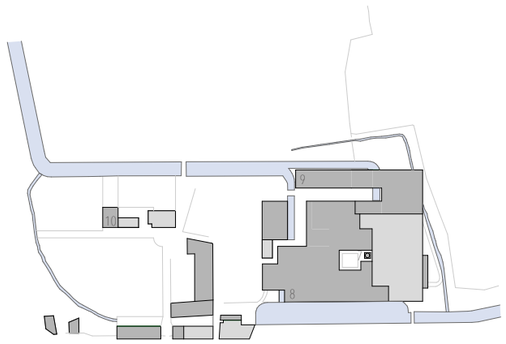


Figura 2.40 | Planta da Fábrica | Fase 3 _ 1887

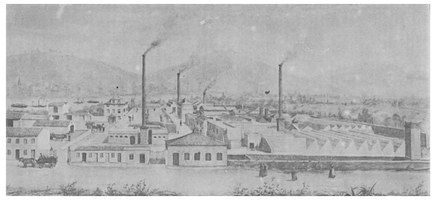


Figura 2.41 | Vista do complexo fabril no final do séc. XIX (vista no sentido nascente/ poente)

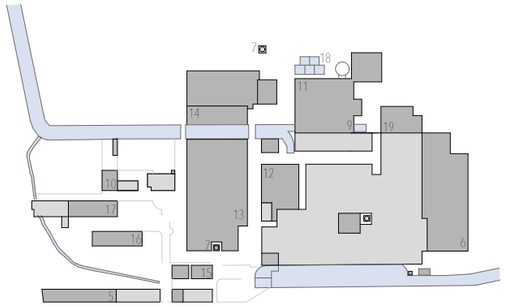


Figura 2.42 | Planta da Fábrica | Fase 4 _ 1904

Legenda:
5 _ Casas de operários
6 _ Tecelagem
8 _ Nova oficina (Fiação | Tecelagem)
9 _ Of. Tinturaria e Branqueio
10 _ Celeiro
11 _ Of. Serrelharia | Fundição
12 _ Escritórios | Posto Socorro
13 _ Of. Fiação
14 _ Of. costura e Linho
15 _ Depósito de Algodão
16 _ Depósito de Desperdícios
17 _ Palheiro | Abegoaria
18 _ Tanques
19 _ Dobragem | Urdideiras

2.2.2.2 _ DO INCÊNDIO DE 1883 ATÉ AO SEU ENCERRAMENTO

A destruição quase total do edifício principal da fábrica, no incêndio de 1883, obrigou a uma restruturação do edificado, sendo necessário proceder a novas construções, que viriam a dar nova imagem ao complexo da fábrica de fiação.

O edifício principal estabelecido por Verdier no início da fundação da fábrica, deixaria assim de existir. Dando início, à construção de nova e ampla oficina, com 2.235m^2, construída à prova de incêndio, com coberturas em estrutura metálica e vidro, assentes em 124 pilares metálicos.

Um dos pontos de referência da reconstrução do edificado nesta fase[51] é a presença de uma só chaminé, no centro desta nova e ampla oficina, como se pode ver na planta correspondeste a esta época (1887). (ver figura 2.40)

Numa quarta fase, compreendida entre 1887 e 1904 (ver figura), a fábrica aumentou o seu edificado, procedendo à construção de uma nova e ampla oficina de tecelagem (1890) e à ampliação das oficinas de tinturaria e branqueio (1890 a 1905).[52]

Segundo o esquema do estudo da fábrica elaborado por João dos Santos Simões, podemos notar que existiram mais alterações do que as referenciadas por Manuel Guimarães. Conseguindo pressupor que existiu uma ampliação no número de casas de operários como a construção de um depósito de algodão (1890).

Sobre o ano de 1895, o esquema de João dos Santos Simões diz-nos que já se tinha procedido ao aumento das oficinas de tinturaria; à construção de um palheiro com alguns telheiros, na zona Oeste da fábrica; bem como de um depósito de desperdícios que, anos mais tarde, se converterá numa das habitações dos diretores, da qual ainda existem alguns vestígios. (ver figura 2.43)

Nesta fase procede-se à construção de uma ampla oficina destinada à fiação, ainda apenas com um piso, e à construção de mais três chaminés, correspondendo a uma época de evolução da maquinaria adotada, encontrando a fábrica no final desta fase com quatro chaminés, como se pode ver na figura relativa à fábrica de fiação, durante este período (ver figura 2.42). Sendo uma delas de pequenas dimensões, acabando por deixar de existir na fase seguinte.

É de notar na figura apresentada, relativa à fase 4 (ver figura 2.41) a presença de uma das edificações na frente de rua, que segundo as plantas desta época já havia sido suprimida, contudo as relações entre figura e planta, são notoriamente referentes a esta fase, tanto na implantação das edificações como pelo número de chaminés já presentes. Enquadrando assim a figura num período próximo a 1904.



Figura 2.43 | Casa da direção II (atualmente)

51 Planta de 1887 (fase 3)

52 in Manuel da Silva Magalhães, *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar*. Santarém: Junta Distrital, 1976.

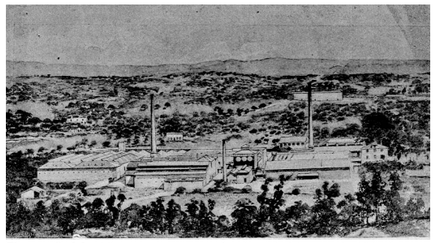


Figura 2.44 | Vista do complexo fabril no início do séc. XX (vista no sentido poente/ nascente)

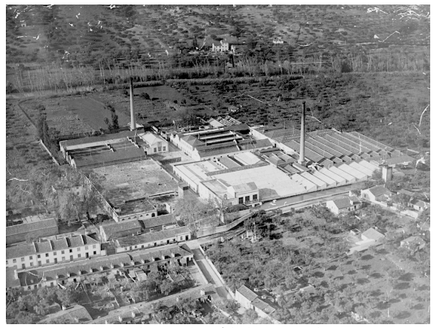


Figura 2.45 | Vista do complexo fabril no início do séc. XX (vista no sentido nascente/ poente)

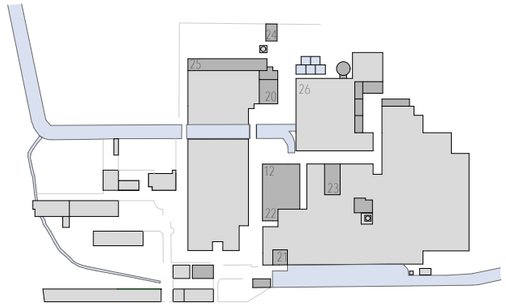


Figura 2.46 | Planta da Fábrica | Fase 5 _ 1935

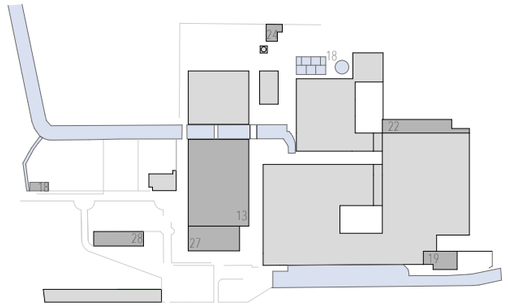


Figura 2.47 | Planta da Fábrica | Fase 6 _ 1970

Legenda:
12 _ Escritórios | Posto Socorro
13 _ Of. Fiação
18 _ Tanques
19 _ Dobragem | Urdideiras
20 _ Casa das Caldeiras | Central Termo Elétrica
21 _ Casa das Turbinas
22 _ Refeitório
23 _ Urdideiras
24 _ Cabine Elétrica
25 _ Lagar | Arrecadação
26 _ Armazém | Serrelharia | Of. eletricidade | Carpintaria
27 _ Ed. Principal
28 _ Casa da direção II

Referente ao período transitório entre a fase 4 (1904) e a fase seguinte (1935), dispomos ainda de uma planta relativa ao ano de 1910, (ver anexo 2 - p.228) e de outra imagem relativa à fábrica (ver figura 2.44)[53].

Nesta imagem relativa à fábrica (figura 2.44), conseguimos notar ainda a presença das três principais chaminés do complexo fabril, assim como o edifício da fiação que se mantinha com apenas um andar. Contudo, a composição geral da fábrica, é já semelhante à que nos chegou nos dias de hoje, sendo atualmente ainda visíveis alguns destes elementos aqui presentes. (ver figura 2.48)

A quinta fase apresentada, referente ao ano de 1935, demonstra a leitura do estado da fábrica nessa época, onde é possível notar a remoção da chaminé que se localizava em frente a uma das entradas do estabelecimento fabril, reduzindo assim para duas o número de chaminés no conjunto fabril.

As grandes alterações ao processo fabril e a implementação de medidas em prol dos seus funcionários, instauradas no tempo de José Rodrigues Simões, começam nesta fase a ser sentidas também na evolução do edificado da fábrica. Tendo ocorrido neste período, a construção do armazém de algodão, em 1925; a modificação da oficina de desperdícios a segunda casa da direção, em 1927; uma nova seção de branqueio; a construção do armazém do fio e arranjos na casa da direção em 1930; o arranjo do refeitório do pessoal, em 1931; e a construção da central termo elétrica, em 1934, permitindo a eletrificação de grande parte da fábrica.[54]

Nesta fase (1935), constata-se ainda uma melhoria significativa nas habitações de operários, decorrentes das preocupações de José Simões, com a qualidade de trabalho e vida dos seus operários, como já referido no capitulo anterior.

Estas habitações, ainda existentes nos dias de hoje, são compostas por edifícios unifamiliares de dois pisos, dispostos em banda, encontrando-se num estado de degradação acelerado. O conjunto edificado, apresenta um carácter bastante simples, constituído por catorze casas estreitas, composta por um rés do chão e andar, tendo um total de 3 janelas ambas de batente de duas folhas (com 6 vidraças cada folha) e uma porta, contornadas por uma cantaria em pedra, viradas para a rua da fábrica (designação atual da rua). (ver figura 2.49)

A fase seguinte à de 1935 que dispomos de elementos gráficos é referente ao



Figura 2.48 |Vista do complexo fabril atualmente (vista no sentido poente/ nascente)



Figura 2.49 | Conjunto de Habitações de operários (atualmente)

53 Relativamente à imagem que dispomos sobre a fábrica, não nos é possivel saber a sua data concreta, devido à falta de informação sobre a mesma. Contudo devido aos elementos visíveis na imagem é nos possivel enquadrar a mesma dentro deste periodo (1908-1924) Através da presença da Praça de Touros (inaugurada em 1908), como através da leitura da planta elaborada por João Simões, que demonstra que em 1924 a chaminé em frente à entrada principal já havia sido suprimida.

54 in Manuel da Silva Magalhães, op. cit..



Figura 2.50 | Vista do complexo fabril antes do seu encerramento (vista no sentido norte/ sul)



Figura 2.51 | Vista aerofotogramétrica do complexo fabril após o encerramento

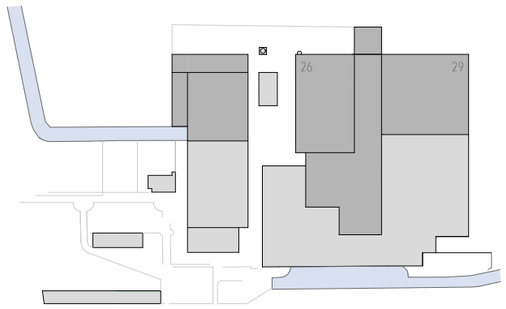


Figura 2.52 | Planta da Fábrica | Fase 7 _ 1993

Legenda:
26 _ Armazém | Serrelharia | Of. eletricidade | Museu
29 _ Armazém de matérias primas
30 _ Parque de estacionamento

ano de 1970, permitindo observar alterações essenciais para a composição final a que nos chegou nos dias de hoje. As mais significativas tratam-se do edifício destinado à fiação que contém novo piso e a frente do edifício principal é requalificada passando a ter dois andares como a parte de trás, adquirindo assim um novo desenho da sua fachada principal, tornando-se a "imagem" da fábrica de fiação de Tomar. (ver figura 2.53)

Os edifícios que se encontravam à frente deste, casas de operários de rés de chão e depósitos de algodão, foram demolidos, permitindo acentuar a entrada da fábrica, e realçar o alçado principal do novo edifício, transformando este espaço numa área de jardim. Destes dois edifícios restam-nos apenas a parede que fazia frente para a Rua da Fábrica, servindo atualmente de muro de separação entre o espaço público e o privado.

A casa das caldeiras na planta de 1970 torna-se num edifico isolado, apresentando as características pelo que hoje a conhecemos (ver figura 2.54). Apesar do edifício se encontrar em avançado estado de ruína, a sua fachada principal, de linhas retas e com um enorme painel azulejar contendo a data de 1934, remete para um estilo proto-modernista nacional.

Da fase anterior até ao ano de 1970, foi ainda ampliada a secção de manufatura, em 1936; e alterada a oficina de urdiduras e torcedura, em 1938 e 1940 respetivamente; e, em 1943, uma das habitações dos operários é adaptada a maternidade.

Desta última fase, até ao ano do seu encerramento, a fábrica começa a entrar em decadência, contudo foi reformulada ainda praticamente toda a zona mais a Oeste da fábrica, remodelando e ampliando a área de armazéns e serralharia, em 1985; como foi construído um novo armazém de matérias primas, *"com uma área coberta de 3 695m², distribuído em 3 naves com vãos de 20m, cobertura em fibrocimento, assente em estrutura metálica"*[55]. Com o desenvolvimento do carro como meio de transporte e a recorrência ao mesmo como meio de deslocação, foi ainda criado um parque de estacionamento, em frente ao acesso principal do complexo fabril, sendo visível ainda nos dias de hoje.

Em 1993 a fábrica entra em insolvência, como já foi referido anteriormente, encerrando as suas portas até aos dias de hoje, começando aquela que seria a fase de ruína do seu edificado.



Figura 2.53 | Edifício Principal (atualmente)



Figura 2.54 | Casa das caldeiras | Central Termo elétrica (atualmente)

55 Memória descritiva do projecto de execução de novos Armazéns de Matérias Primas da Fábrica de Fiação de Tomar, disponível em: Arquivo Municipal, Doc. nº.69.

3.

CONTEXTO EXISTENTE

3.1_ EVOLUÇÃO AEROFOTOGRAMÉTRICA DO ENCERRAMENTO À ATUALIDADE

3.2_ ESTADO DE CONSERVAÇÃO - EDIFÍCIOS A CONSERVAR

3.3_ VALORES PATRIMONIAIS

.3.1_ ESPÓLIO DA FÁBRICA

3.3.2_ CLASSIFICAÇÃO DO AÇUDE

3.4_ ANTERIORES PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO NA FÁBRICA

3.4.1_ PROPOSTA I _ 1993 | ANTE PROJECTO DE URBANIZAÇÃO

3.4.2_ PROPOSTA II _ 2003 -2012 | TOMARPOLIS - PLANO DE PORMENOR DO PARQUE DESPORTIVO AO AÇUDE DE PEDRA

3.5_ ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO FACE AO PANORAMA ATUAL

3.1.a_ 2006.10.30



3.1.b_ 2009.08.14



3.1.c_ 2011.10.11



3.1.d_ 2013.05.30



3.1.e_ 2017.07.25



3.1.f_ 2019.08.16



Figura 3.1 | Evolução aerofotogramétrica da Fábrica de Fiação após o seu encerramento

3.1 _ EVOLUÇÃO AEROFOTOGRAMÉTRICA DO ENCERRAMENTO À ATUALIDADE

Passados mais de dois séculos de funcionamento, a fábrica de fiação de Tomar encerra as suas instalações em 1993, não voltando a abrir as suas portas até à data.

Após o seu encerramento, a fábrica ficou ao abandono, passando por inúmeros detrimentos que contribuíram para o estado em que se encontra atualmente. O espaço passou a ser alvo de assaltos, de intempéries e catástrofes naturais que aceleraram o seu processo de degradação. (ver figura 3.1)

Observando a evolução aerofotogramétrica do estado de conservação da fábrica, podemos identificar os anos em que a sua destruição se fez sentir com maior intensidade, a nível de coberturas e das infraestruturas.

A primeira fotografia que dispomos é relativa a 2006, onde podemos constatar que a fábrica ainda se encontrava praticamente intacta relativamente às suas infraestruturas, sendo a sua perda maioritariamente a nível de bens presentes no seu interior, mantendo-se com todas as coberturas até 2008.

No ano seguinte (figura 3.1.b) a perda de coberturas do edificado torna-se bastante significativa, sendo o ponto fulcral para o avanço da sua degradação, ficando mais exposta às intempéries.

Em 2010, a cidade de Tomar foi atingida por um tornado que devastou parte da cidade, sendo a fábrica de fiação uma das áreas lesadas, destruindo grande parte das suas coberturas e provocando inúmeros estragos, contudo, devido ao seu estado de abandono, a mesma não foi reparada. A figura relativa a 2011 (figura 3.1.c), é significativa desta degradação, que contribuiu para um aumento de 50% da perda das coberturas do edificado da fábrica.

O aumento da perda de coberturas torna-se mais visível, com o passar dos anos, chegando a um estado muito próximo da perda total das coberturas do complexo, no ano de 2013 (figura 3.1.d), tornando-se num cenário muito próximo ao que se encontra atualmente (imagem 3.1.f). A perda das suas coberturas é o ponto fulcral para o aumento dos estragos no interior dos seus edifícios, que sem cobertura, ficam mais vulneráveis às intempéries, contribuíndo para um acelerado estado de degradação do complexo, que em nada beneficia um património como este.

3.2.a_ 2006.10.30



3.2.b_ 2019.08.16



Figura 3.2 | Evolução aerofotogramétrica da envolvente da Fábrica de Fiação após o seu encerramento



1_ CASA DAS TURBINAS
2_ EDIFÍCIO PRINCIPAL
3_ CASA DO DIRECTOR I
4_ CASA DO DIRECTOR II
5_ CASA DOS OPERÁRIOS
6_ CENTRAL TERMO ELÉTRICA
7_ CHAMINÉ

Figura 3.3 | Vista dos edifícios a conservar

3.2 _ ESTADO DE CONSERVAÇÃO - EDIFÍCIOS A CONSERVAR

Nos últimos anos de utilização, o espaço já começava a refletir alguns descuidos na conservação do edificado, muito influenciado pelas dificuldades financeiras que o sector tanto a nível nacional como internacional atravessava. Com a ação do sistema capitalista, observou-se uma recorrência pela procura de industrias em contextos geográficos com mão de obra de baixo custo, onde implementaram novas tecnologias. A produtividade em massa das novas industrias globalizadas, levou à criação de produtos de baixa qualidade e de pouca durabilidade, mas a preços muito reduzidos face às industrias tradicionais, levando à falência da mesma, deixando de conseguir vender os seus produtos e sustentar as próprias infraestruturas de produção.

A fábrica de fiação de Tomar não foi exceção ao panorama de crise atravessada no sector, fechando também portas e desencadeando um logo processo de deterioração, até aos dias de hoje.

Não obstante o estado de degradação em que se encontra, é inevitável não reconhecer o seu valor patrimonial, não só como estabelecimento de referência da arqueologia industrial portuguesa, mas também pelo seu contributo de mais de dois séculos para inúmeros progressos na produção industrial em Portugal.

Servindo de memória e símbolo da evolução industrial, a fábrica de fiação de Tomar contém ainda algumas estruturas que, por representarem este avanço tecnológico, considera-se relevante a sua conservação.

Salientam-se os edifícios que se encontram em melhor estado de conservação e que adquiriram uma maior relevância ao longo da história da fábrica, sendo já irreversível a perda de tantos outros que também retratariam a história deste estabelecimento fabril.

Por conseguinte, das atuais ruínas do complexo, destacam-se as seguintes edificações a conservar: **Casa das Turbinas** (1) e **Central Termo Elétrica** (6) de grande importância arqueológica; a **Casa dos directores** (3), construída no final do séc.XVIII, sendo o edifício mais antigo do complexo; a **chaminé** (7); o **edifício principal** do complexo (2); as **casas dos operários** (5) e a **segunda casa da direção** (4), ambos com um valor simbólico, que relatam a memória de um antigo complexo fabril. (ver figura) Ressalta-se ainda a importância da conservação tanto do açude da fábrica, classificado como Monumento de Interesse Público, bem como do canal e tanque que transportam a água até ao complexo fabril.

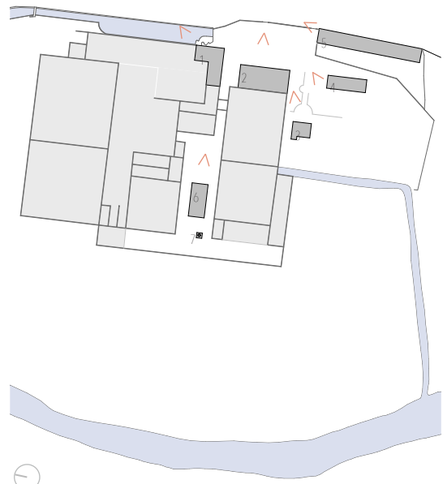


Figura 3.4 | Planta do estado atual do complexo fabril | Edifícios a conservar

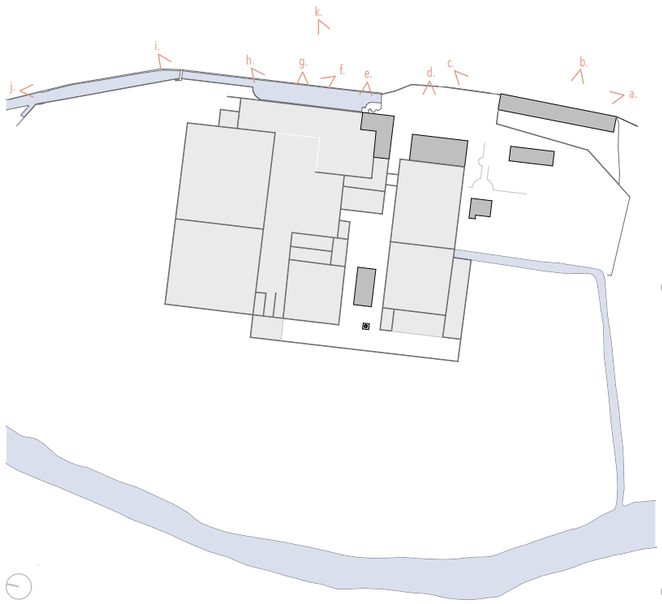


Figura 3.5 | Planta do estado atual do complexo fabril | Edifícios a conservar

a.



b.



c.



d.



Figura 3.6 | Vistas exteriores da Fábrica - Rua da Fábrica de Fiação / a.) - d.)

VISTA EXTERIOR DA FÁBRICA

Rua da Fábrica da Fiação/ Rua Ponte da Vala

e.



f.



g.



h.



i.



j.



k.



Figura 3.7 | Vistas exteriores da Fábrica - Rua Ponte da Vala / e.) - k.)

VISTA INTERIOR DA FÁBRICA

ZONA CENTRAL

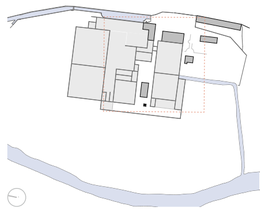




Figura 3.8 | Planta do estado atual do complexo fabril | Zona Central



a.



b.



c.



d.

Figura 3.9 | Vistas do estado atual da zona central da fábrica



e.



i.



m.



q.



u.



f.



j.



n.



r.



v.



g.



k.



o.



s.



x.



h.



l.



p.



t.



y.

VISTA INTERIOR DA FÁBRICA

ZONA NORTE

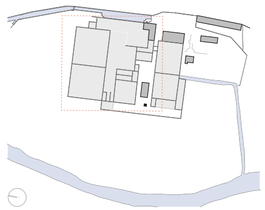




Figura 3.10 | Planta do estado atual do complexo fabril | Zona Norte



Figura 3.11 | Vistas do estado atual da zona norte da fábrica



VISTA INTERIOR DA FÁBRICA

ZONA SUL

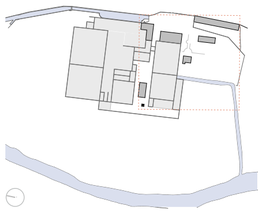




Figura 3.12 | Planta do estado atual do complexo fabril | Zona Sul


a.


b.


c.


d.

Figura 3.13 | Vistas do estado atual da zona sul da fábrica


e.


f.


g.


h.


i.


j.


k.


l.


m.


n.


o.


p.


q.


r.


s.


t.


u.


v.


x.


y.



Figura 3.14 | Vistas da Casa das Turbinas (atualmente)

A casa das Turbinas, tendo uma área total de construção de 926m² divididos em dois pisos, encontra-se em avançado estado de ruína. O mesmo adquire ainda nos dias de hoje praticamente a totalidade das suas paredes exteriores, tendo a laje do primeiro piso já colapsado na sua maioria e encontrando-se o sem a totalidade da cobertura.

O edifício dada à sua importância para a fábrica como para o desenvolvimento tecnológico industrial nacional, adquire um valor arqueológico associado, contendo em si ainda alguns elementos de valor, como vestígios dos motores hidráulicos e as entradas de água de encaminhamento até às turbinas, como o painel de azulejos indicativo da época da alteração das turbinas (datado de 1874).



CASA DAS TURBINAS

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO _ 463m2
ÁREA DE CONSTRUÇÃO _ 926m2
NÚMERO DE PISOS _ 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO _ Edifício em avançado estado de ruína

VALORES ASSOCIADOS _ Arqueológico

ELEMENTOS DE VALOR

1_ Painél de azulejos (datados de 1874 | alteração das turbinas)
2_ Entrada de água
3_ Motores hidráulicos



MATERIAIS

IMPLANTAÇÃO

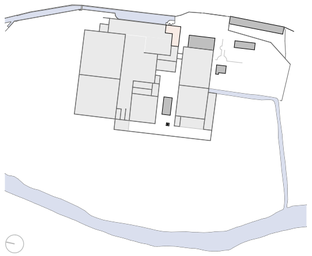


Figura 3.15 | Localização da Casa das Turbinas



Figura 3.16 | Vistas do Edifício Principal (atualmente)

O edifício principal do complexo fabril, tem uma área total de construção de 1400m^2 dividida em dois pisos e encontrando-se em avançado estado de ruína. O mesmo adquire ainda nos dias de hoje a totalidade das suas paredes exteriores, tendo a laje do primeiro piso já colapsado na ala esquerda do edifício, como todo o interior desta área. A sua cobertura é ainda existente, mas encontrando-se em processo de queda e consequente desaparecimento. A ala direita do edifício contém ainda a composição geral dos seus compartimentos interiores, estando todo a ala em mau estado de conservação, assim como os principais elementos de valor como a escadaria e alçado principal.

Dada a importância e a imponência do edifício dentro do complexo da fábrica o mesmo adquire um valor simbólico e de memória das últimas fases da fábrica, sendo fundamental a sua conservação.



EDIFÍCIO PRINCIPAL

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO _ 700m2
ÁREA DE CONSTRUÇÃO _ 1400m2
NÚMERO DE PISOS _ 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO _ Edifício em avançado estado de ruína

VALORES ASSOCIADOS _ Simbólico | Memória

ELEMENTOS DE VALOR

1_ Alçado principal
2_ Cantarias
3_ Escadas interiores



MATERIAIS

IMPLANTAÇÃO

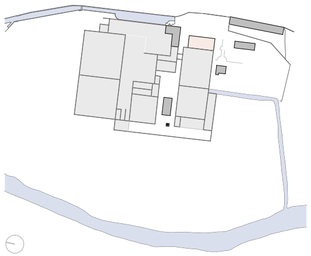


Figura 3.17 | Localização do Edifício Principal



Figura 3.18 | Vistas da Casa do Diretor (atualmente)

A casa do diretor I, adquire uma área total de implantação de 196m², sendo constituído por um total de três pisos uma cave e um sótão com mansardas, encontrando-se todo o edifício em avançado estado de ruína. O mesmo é ainda composto pelas suas paredes exteriores, tendo o seu interior, pavimentos e cobertura praticamente desparecido, sendo poucos os elementos que restam do seu interior, e o seu acesso ser praticamente impossível, dado o estado de ruína em que se encontra.

Embora o seu avançado estado de ruína, o valor dos elementos que o compõem, como os seus alçados, o pórtico de entrada, as mansardas, as cantarias e os azulejos interiores é inegável, contendo ainda um valor simbólico e de memória na história do complexo, tratando-se de um edifício com origens no séc.XVIII e o único ainda existente associado à fase da fundação do complexo fabril.



CASA DO DIRETOR I

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO _ 196m2
ÁREA DE CONSTRUÇÃO _ 882m2
NÚMERO DE PISOS _ 4+1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO _ Edifício em avançado estado de ruina

VALORES ASSOCIADOS _ Simbólico | Memória

ELEMENTOS DE VALOR

1_ Alçados
2_ Cantarias
3_ Pórtico entrada
4_ Mansardas
5_ Azulejos interior



MATERIAIS

IMPLANTAÇÃO

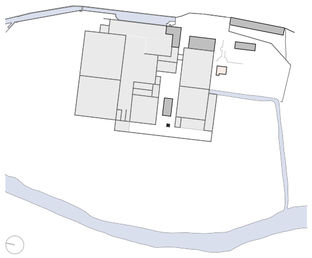


Figura 3.19 | Localização da Casa do Diretor



Figura 3.20 | Vistas da Casa do Diretor II (atualmente)

A casa do diretor II, tem uma área total de construção de 726m² dividida em dois pisos e encontrando-se em moderado estado de ruína. O mesmo adquire ainda nos dias de hoje a totalidade das suas paredes exteriores, como do seu pavimento e cobertura, mantendo assim resguardada a generalidade da sua composição interior que mantém num razoável estado de conservação, embora com alguns elementos já parcialmente degradados ou completamente destruídos.

O estado de conservação razoável em que este se encontra, e o inúmero de elementos de valor e simbolismo que detém, concede-lhe um realce em relação ao restante edificado do complexo, sendo essencial a sua preservação e manutenção.



CASA DO DIRETOR I

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO _ 363m2
ÁREA DE CONSTRUÇÃO _ 726m2
NÚMERO DE PISOS _ 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO _ Edifício em moderado estado de ruína

VALORES ASSOCIADOS _ Simbólico | Memória

ELEMENTOS DE VALOR

1_ Vãos de janelas
2_ Cantarias
3_ Lareira em pedra
4_ Arcos interiores
5_ Escadas interiores
6_ Azulejos

MATERIAIS



IMPLANTAÇÃO

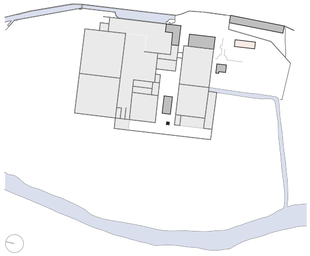


Figura 3.21 | Localização da Casa do Diretor II


a.


d.


b.


e.


c.


f.

Figura 3.22 | Vistas das Casas de Operários (atualmente)

A banda de casas de operários, contém uma área total de implantação de 925m^2 sendo dividida em catorze habitações unifamiliares de dois pisos, encontrando-se em moderado estado de ruína. Das catorze habitações existentes, apenas quatro se mantém ainda em uso, mantendo os seus antigos trabalhadores que adquiriram as mesmas através do seu contrato de trabalho com a fábrica, encontrando-se assim estas habitações em melhor estado de conservação em relação às restantes. A totalidade das habitações mantém assim as suas paredes exteriores, assim como a cobertura e a generalidade da sua composição interior, sendo esta variável de habitação para habitação. Encontrando algumas em situação maior de risco de desaparecimento dos seus interiores.

A utilidade que as mesmas ainda adquirem, e o seu moderado estado de conservação, fazem deste edificado um elemento acrescido de valor dentro do complexo da fábrica, sendo essencial a sua manutenção enquanto unidade habitacional e preservando a habitabilidade dos seus moradores.



CASA DOS OPERÁRIOS

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO _ 925m2
ÁREA DE CONSTRUÇÃO _ 1850m2
NÚMERO DE PISOS _ 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO _ Edifício em moderado estado de ruina

VALORES ASSOCIADOS _ Simbólico | Memória

ELEMENTOS DE VALOR

1_ Cantarias



MATERIAIS



IMPLANTAÇÃO

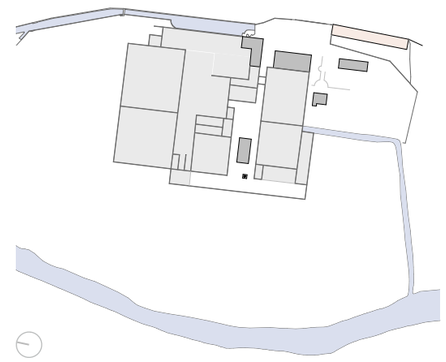


Figura 3.23 | Localização das Casas de Operários


a.


e.


b.


c.


f.


d.

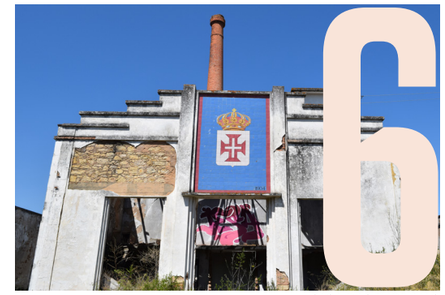

g.

Figura 3.21 | Vistas da Central Termo Elétrical (atualmente)

6_ CENTRAL TERMO ELÉTRICA

A central Termo Elétrica, contém uma área total de implantação de 328m^2, encontrando-se em avançado estado de ruína. Este é composto por um único piso, contendo um pé direito bastante alto. Atualmente o mesmo encontra-se ainda com a totalidade das suas paredes exteriores, estando a sua cobertura em risco de ruir completamente dado o estado de destruição em que se encontra. A composição interior mantém a sua generalidade, contudo sendo já difícel a sua análise e antiga organização interior.

A componenente arqueológica e evolutiva que este edifício adquiriu tanto a nível nacional como local, é um elemento fulcral para a sua conservação, contendo um enorme valor simbólico e de memória para além do arqueológico associado ao mesmo. Para além de todo o desenho e composição do alçado principal, o painel de azulejos instalado no centro da fachada, é também ele um enorme elemento de valor contido neste edifício, sendo um símbolo de uma época da fábrica.



CASA DAS TURBINAS

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO _ 328m2
ÁREA DE CONSTRUÇÃO _ 328m2
NÚMERO DE PISOS _ 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO _ Edifício em avançado estado de ruina

VALORES ASSOCIADOS _ Arqueológivo | Simbólico | Memória

ELEMENTOS DE VALOR

1_ Painél de azulejos (datados de 1934)









MATERIAIS

IMPLANTAÇÃO

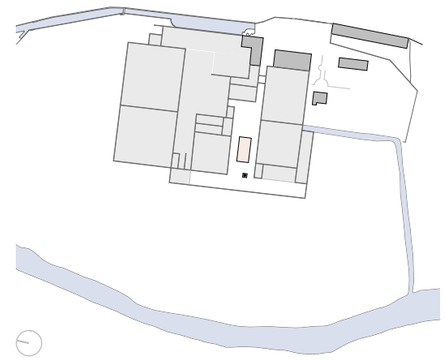


Figura 3.25 | Localização da Central Termo Elétrica


a.


c.


d.


b.


e.

Figura 3.26 | Vistas da Chaminé (atualmente)

A chaminé do complexo fabril, têm uma área de implantação de 17,75m^2 sendo um elemento imponente na paisagem da cidade, contendo uma altura de cerca de 50m, encontrando-se nos dias de hoje num estado muito degradado. A mesma é composta por uma base quadrangular, que sustenta toda a estrutura circular da chaminé, sendo constituída em blocos de tijolo maciço.

A presença de uma chaminé, retrata sempre um passado industrial ao seu local, adquirindo um simbolismo histórico e de memória inerente à sua existência, sendo fulcral a sua manutenção e conservação para a leitura do complexo fabril.



CHAMINÉ

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO _ 17,75m2
ÁREA DE CONSTRUÇÃO _ 17,75m2
ALTURA _ 35m

ESTADO DE CONSERVAÇÃO _ Muito degradado

VALORES ASSOCIADOS _ Simbólico | Memória

ELEMENTOS DE VALOR

1_ Chaminé



MATERIAIS



IMPLANTAÇÃO

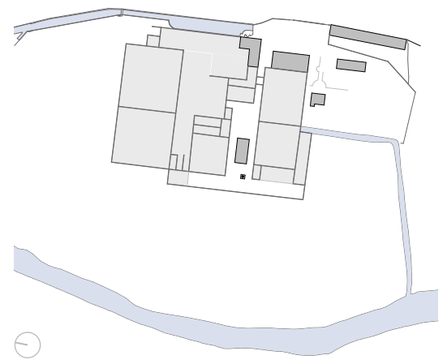


Figura 3.27 | Localização da Chaminé

3.25. a



3.25. b



3.25. c



3.25. d



3.25. e



Figura 3.28 | Algumas fotografias do dep. de museologia CMT relativas à fábrica de fiação

3.26. a



3.26. b



3.26. c



3.26. d



3.26. e



3.26. f



Figura 3.29 | Maquinaria relativa à fábrica de fiação

3.3.1 _ ESPÓLIO DA FÁBRICA

"A par da recolha e conservação do imenso manancial de documentação escrita, tinha surgido no espírito de Santos Simões a ideia de criação de um museu histórico da Fábrica de Fiação de Tomar, que juntasse ao arquivo amostras de fabrico e maquinaria. Já depois da morte de Santos Simões, Manuel Guimarães, Mario Prista e D. Júlia Maria Nunes Vieira recolheram dos recantos da fábrica exemplares únicos de velhos equipamentos. Foi o "Museu da Fábrica" entretanto falida, cujo espólio, disposto em dois pavilhões, foi barbaramente vandalizado ainda antes da Câmara o adquirir em 1999, com a intenção de lhe dar destino condigno. Em 1978 o acervo servira de base à «Primeira Exposição de Arqueologia Industrial» que Portugal havia de ver, na Central Elétrica da Mendes Godinho. Reuniram-se documentos e máquinas de várias proveniências (Fiação, Porto de Cavaleiros e Mendes Godinho) a par de estudos relativos à farinação que reforçavam a homenageavam a João dos Santos Simões, dinâmico fundador e primeiro presidente da Associação Internacional de Molinologia."[1]

O espólio da fábrica de fiação trata-se de uma agregação bastante vasta, albergando um conjunto de bens relativos à fábrica que passam desde a maquinaria à parte documental.

Atualmente, a Câmara Municipal de Tomar detém parte destes elementos, que foram adquiridos no leilão dos bens móveis da fábrica, realizado a 20 de julho de 1999, que compreendem o material e o equipamento selecionado pelo Eng. João dos Santos Simões para a criação do "Museu da Fábrica de Fiação".

Para além destes elementos, existe ainda um espólio com inúmeras amostras de tecidos, estampas e peças utilizadas no fabrico, assim como o arquivo documental e fotográfico da era de João dos Santos Simões (ver figura 3.28).

Alguma da maquinaria adquirida pela Câmara Municipal de Tomar encontra-se hoje exposta no recente museu da Central Termo Elétrica de Tomar, instalado no Complexo Cultural da Levada de Tomar, de entre a qual se destaca um Dínamo Maschinenfabrik Esslingen e um Dínamo de finais do século XIX da fábrica de fiação de Tomar (ver figura 3.31).

O espólio da fábrica de fiação detém um valor substancial face à evolução industrial em Portugal, sendo digno de ser exposto em museu próprio, servindo de memória deste estabelecimento fabril que contribui para a evolução local e nacional em diversos setores.

1 Ângela Ferraz, José Silva Faria, *Museus em Tomar no século das intenções,* in CMT, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar - nº24, (mar. 2005) , p.2.



Figura 3.30 | Cartaz do Leilão dos bens móveis da fábrica de fiação

3.31. a



3.31. b



Figura 3.31 | Dinamo Maschinenfabrik Esslingen. 105Volts, 45Ampéres (c.1887). | Dínamo de finais do século XIX

Classificação _ Monumento de Interesse Público (MIP)
Ano de classificação _ 2013

_____

Utilização inicial _ Hidráulica: açude
Propriedade _ pública: múnicipal
Época de construção _ séc. XVIII
Engenheiro _ Francisco Wellhouse (1790)
Materiais _ Estrutura em cantaria e alvenaria de pedra | comportas em ferro

3.32. a



3.32. b



Figura 3.32 | Vista do açude (antes do processo de desassoreamento do rio e limpeza da sua envolvente - 2019)

3.33. a



3.33. b



3.33. c



Figura 3.33 | Vista do açude (antigamente)

3.3.2 _ CLASSIFICAÇÃO DO AÇUDE

"Assente no leito fluvial rochoso, e detendo uma notável integração paisagística, o açude consiste numa muralha angular disposta entre as duas margens, formada por dois lanços desiguais, e completada pelo canal que conduzia a água para a fábrica, com abertura regulada por cinco adufas. No lanço menor da muralha ficavam as comportas de descarga do açude. (...)"[2]

De todo o conjunto fabril de que faz parte a Fábrica de Fiação de Tomar o açude, construido no século XVIII, distingue-se de todo o complexo sendo classificado como Património de Interesse Público.

De todo o complexo da fábrica de fiação de Tomar, o açude construido no século XVIII, trata-se do único elemento classificado, estando-lhe atribuido a distinção de Património de Interesse Público.

A classificação reflete os critérios relativos ao seu valor estético, técnico e material, pela sua conceção arquitetónica, a sua extensão e ao que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva e a sua importância do ponto de vista da investigação histórica e científica.

Nesta classificação, anunciada em Diário da República a 13 de maio de 2013, destaca-se a relevância que a fábrica teve no desenvolvimento económico da região, como sendo o primeiro filatório de algodão no país a utilizar inovações produzidas pela tecnologia britânica, tais como o water-frame. Também por ter sido a primeira fábrica em Portugal a utilizar a máquina a vapor, foi considerada uma singularidade do processo industrial português e um excelente exemplar da primeira geração de fábricas hidráulicas europeias e americanas.

Esta distinção ressalva ainda a importância que a estrutura do açude teve para com a fábrica e para o desenvolvimento da energia e engenharia hidráulica em Portugal. Sendo pioneiro em vários campos, o açude possibilitou a introdução da energia elétrica nas instalações fabris, precedendo o futuro uso da eletricidade como força motriz, tornando a fábrica de fiação de Tomar o primeiro espaço industrial a introduzir iluminação elétrica nas suas instalações.

A classificação deste monumento como MIP (Monumento de Interesse Público), visa estabelecer uma zona especial de proteção (ZEP) (ver figura) de modo a conservar e preservar a implantação do açude na paisagem rural do rio Nabão e, as relações que este estabelece entre os elementos arquitetónicos e funcionais com a natureza envolvente, conferindo-lhe uma grande importância ecológica e patrimonial.

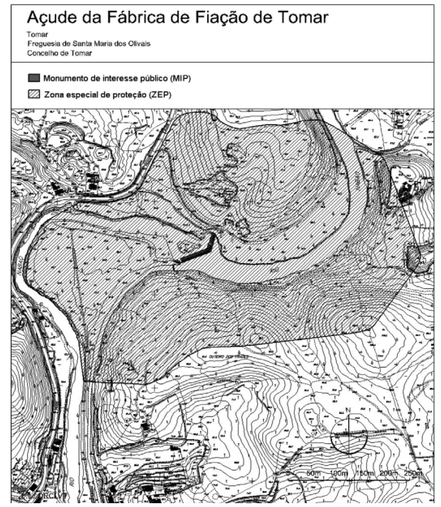


Figura 3.34 | Localização da (ZEP) em relação ao açude

3.35. a



3.35. b



Figura 3.35 | Vista do açude (atualmente)

2 in Diário da república, 2.ª série - N.º91 - 13 de maio de 2013

3.4 _ ANTERIORES PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO NA FÁBRICA

1. Ante-Projecto de Urbanização
Cliente _ Câmara Municipal de Tomawr
Ano _ 1993.11.16
Arquitecto _ Augusto Vasconcelos, Araujo, Quartin (e) CIA , Lda

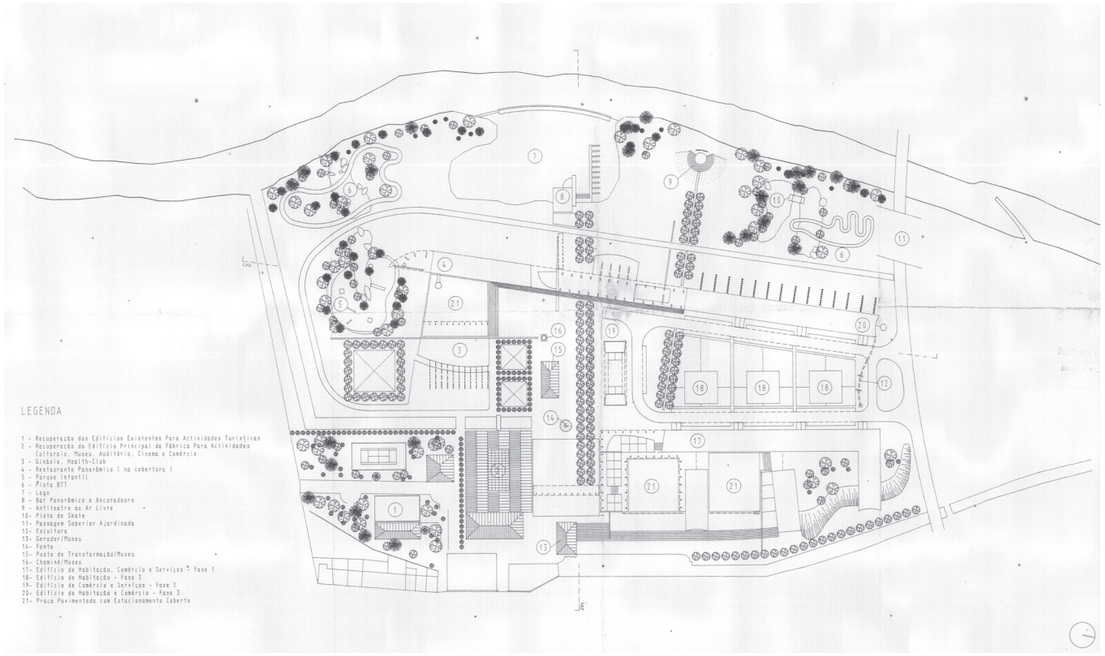


Figura 3.36 | Planta de implantação do Ante-Projecto de Urbanização - 1993

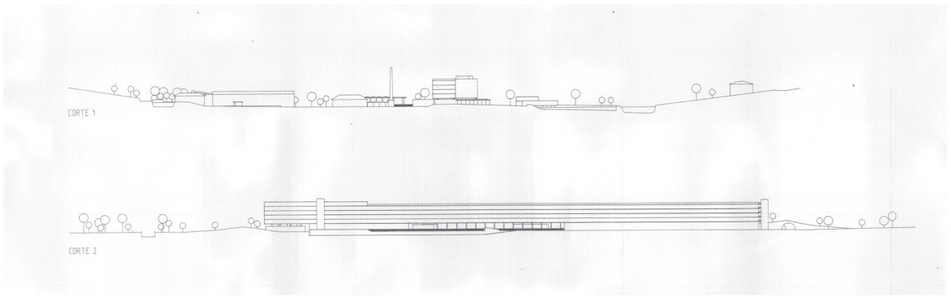


Figura 3.37 | Perfis da proposta do Ante-Projecto de Urbanização - 1993

3.4.1 _ ANTE-PROJECTO DE URBANIZAÇÃO | 1993

Após o encerramento da fábrica, em 1993, a Câmara Municipal de Tomar tomou a iniciativa de mandar elaborar um projeto de planeamento urbano para esta zona da cidade.

O projeto, da autoria do atelier do arquiteto Augusto Vasconcelos, contemplava a conservação de algumas instalações fabris e a demolição da zona mais a Norte da fábrica, destinando-a à construção de habitações plurifamiliares. Este novo programa previa ainda a articulação do antigo espaço fabril com um parque urbano localizado no terreno, entre a fábrica e o rio; assim como uma nova travessia sobre o rio, que ligava a estrada do Prado tanto à Rua da Ponte da Vala / Rua da Fábrica da Fiação como ao novo programa inserido nas antigas instalações da fábrica de fiação.

Dos antigos espaços fabris estava prevista a conservação e recuperação das duas casas da direção, do edifício principal da fábrica, da casa das turbinas, da central termo elétrica e da chaminé da fábrica, cuja adaptação seria destinada a espaços para atividades turísticas, culturais e comerciais.

O projeto foi dividido em três fases de construção (ver figura 3.38). Na primeira fase, estava prevista a conservação dos edifícios do antigo espaço fabril, a formação do parque urbano e a travessia sobre o rio. Posteriormente, numa segunda fase, previa-se o início das construções destinadas à habitação plurifamiliar e alguns serviços. Por último, a terceira fase destinar-se-ia à conclusão de todo o planeamento, com a finalização das construções destinadas à habitação ao comércio e aos serviços projetados para a zona.

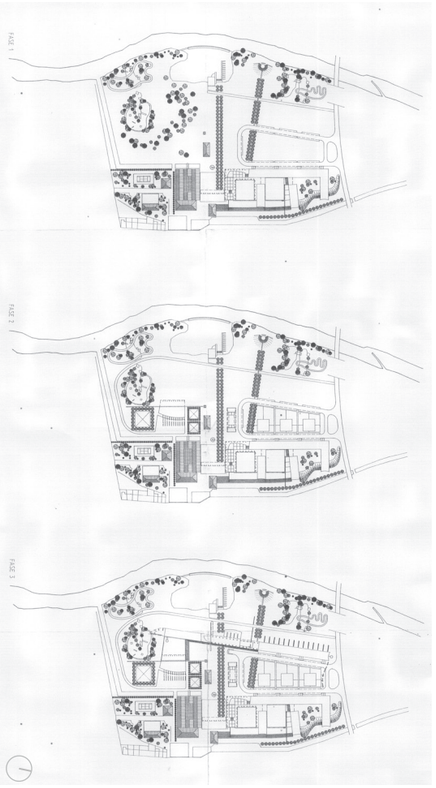


Figura 3.38 | Fases de execução do projecto

2. Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra
Cliente _ Câmara Municipal de Tomar
Ano _ 2003 - 2012
Elaborado por _ BioDesign | Arquitectura - Paisagista , Planeamento e Consultoria Ambiental Lda. _ Diametro - Estudos Projectos

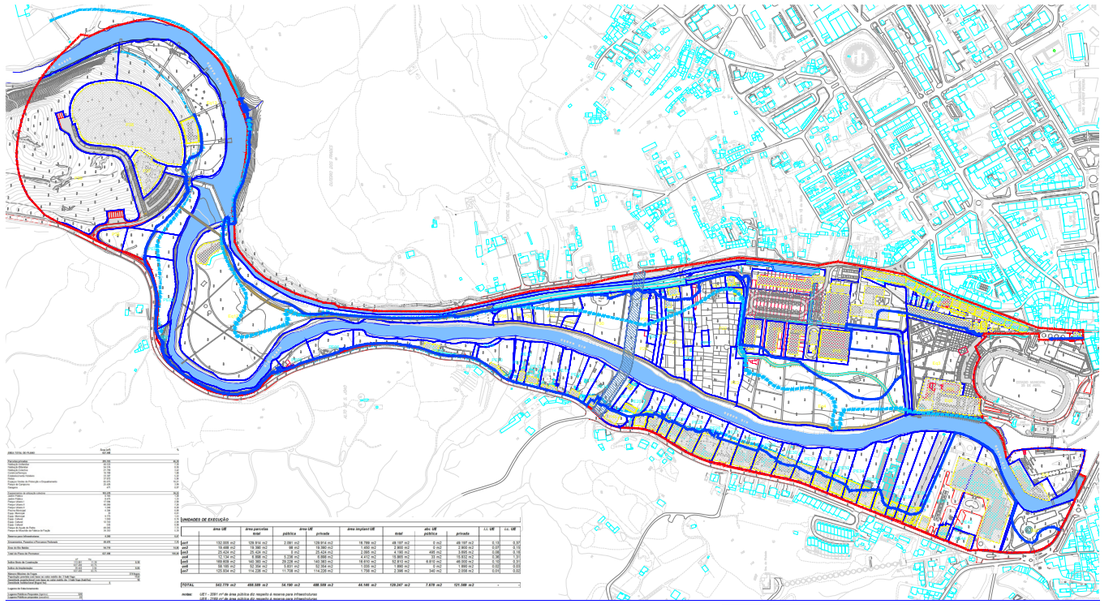
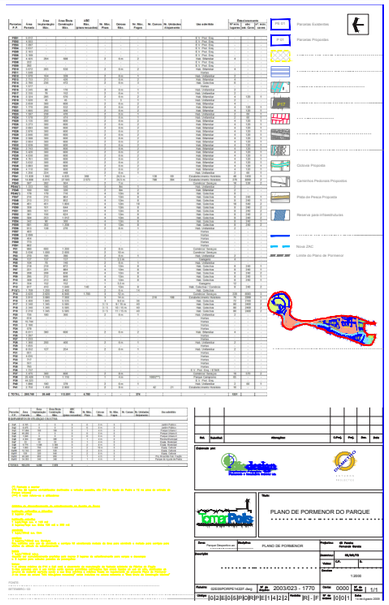


Figura 3.39 | Planta do Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra *



* Planta ampliada disponível em anexos - p.245

3.4.2 _ "TOMARPOLIS" - PLANO DE PORMENOR DO PARQUE DESPORTIVO AO AÇUDE DE PEDRA | 2003 - 2012

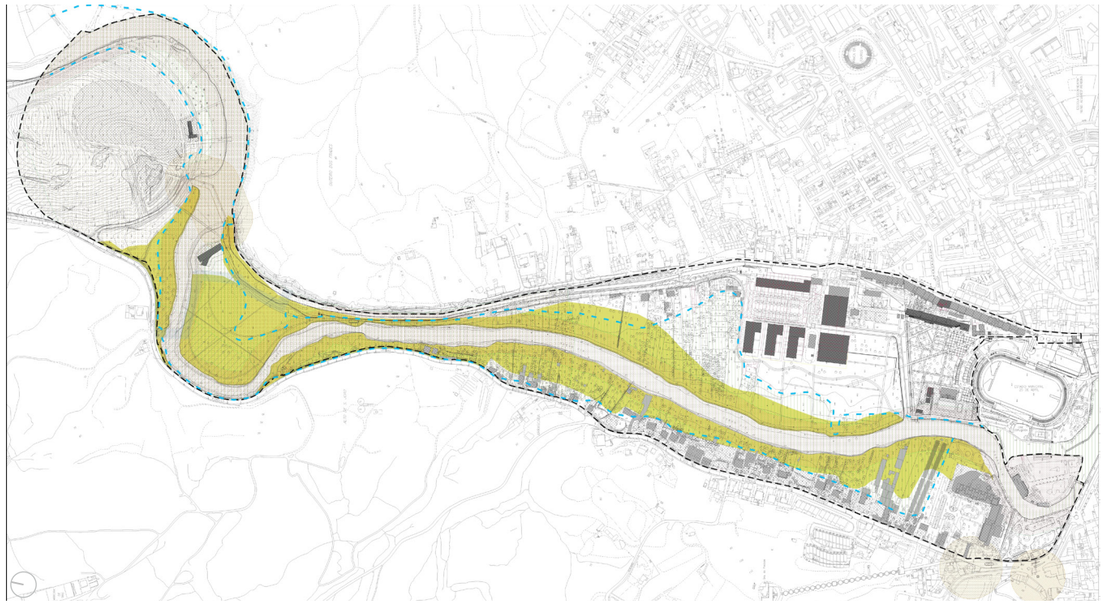


Figura 3.40 | Planta de condicionantes do Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra *



* Planta ampliada disponível em anexos - p.246

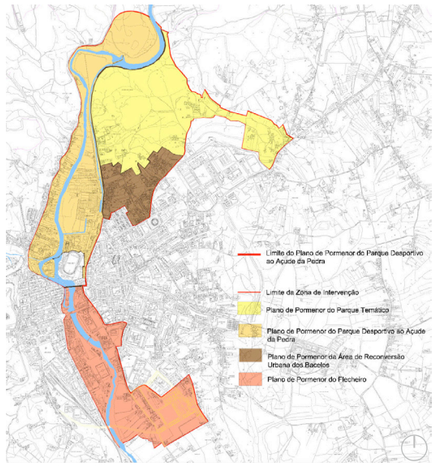


Figura 3.41 | Enquadramento do Plano de Pormenor no âmbito do Programa Polis para Tomar

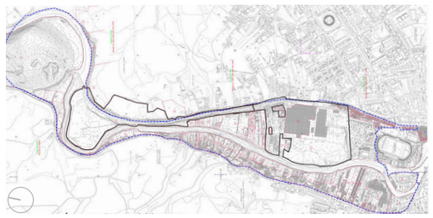


Figura 3.42 | Marcação do terreno da Companhia da FFT em relação ao Plano pormenor

Área do Plano _ 64ha
Área da Companhia da FFT _ 11ha + 5ha (25%)

O Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra (PPAP) foi aprovado pela Assembleia Municipal de Tomar a 24 de Fevereiro de 2012 e publicado em Diário da República, a 11 de Abril de 2012.[3]

O processo do plano de pormenor foi iniciado formalmente em 2003, inserido no âmbito do Programa Polis[4] que, para o caso concreto de Tomar, adotou a designação TomarPolis.

Este programa abrange uma área de cerca 208ha, compreendendo as margens do Rio Nabão, o Mouchão da Várzea Pequena e da Fábrica de Fiação, a zona do Açude de Pedra, a Mata do Outeiro dos Frades e, ainda, a zona envolvente ao Estádio, o Flecheiro e o Mercado. TomarPolis foi um programa que se dividiu em quatro planos de pormenor: Plano de Pormenor do Parque Temático; Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra; Plano de Pormenor do Flecheiro; Plano de Pormenor da Área de Reconversão Urbana dos Bacelos (ver figura 3.41).

O plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra, abrange quase a totalidade da área correspondente à Companhia da Fábrica de Fiação (ver figura 3.42). Tendo como objetivos principais a requalificação e valorização do rio Nabão, este plano constitui-se por uma estrutura verde contínua com percurso pedonal e ciclovia nas suas margens.

A incrementação das zonas verdes, com a constituição do Parque do Açude de Pedra, a criação do Parque Urbano a montante da zona desportiva e o tratamento paisagístico das margens do rio, permitiriam a criação de uma área verde contínua destinada a recreio e lazer.

A intervenção permitiria ainda contribuir para a valorização do património natural, histórico e arqueológico de toda esta área da cidade, numa perspetiva integrada na requalificação e extensão urbana.

Na área correspondente à antiga fábrica de fiação, o plano prevê a conservação dos mesmos edifícios que o projeto apresentado anteriormente, designadamente: as duas casas da direção; as casas dos operários; o edifício principal da fábrica; a casa das turbinas; a central termo elétrica; e a chaminé da fábrica.

Dos edifícios considerados para a preservação, as habitações de operários mantêm a sua génese de habitação coletiva, enquanto as duas habitações da direção e os

3 (através da Declaração nº67/2012)

4 O programa Polis provém de uma sociedade entre o estado e as autarquias locais, com o intuito de intervir nas vertentes urbanísticas e ambientais das cidades.

restantes edifícios passam a estar destinadas a equipamento municipal e a equipamentos culturais, respetivamente. (ver figura 3.43)

Nos terrenos do antigo complexo fabril, está ainda prevista a inserção de um estabelecimento hoteleiro e de uma zona de comércio e serviços, na área correspondente à antiga fiação.

Para além das principais alterações feitas no complexo da fábrica de fiação, o plano prevê a criação de um grande parque urbano para a cidade, ligando a zona desportiva ao açude de pedra, proporcionando uma enorme zona verde na cidade. Para tal, previu-se a demolição do parque de campismo existente, propondo-se a criação de um novo a montante do açude, assim como a criação de um edifício de comércio e serviços entre a fábrica e o estádio municipal. (ver figura 3.44)

O plano está dividido em várias zonas, sendo a zona a norte do rio, onde se encontra o complexo da fábrica de fiação, a que sofre as mais significativas alterações. Por sua vez, o sector a sul do rio Nabão é destacado pela presença do Hotel dos templários e, por uma área maioritariamente marcada por habitações unifamiliares que acompanham a estrada do prado, sendo as alterações propostas pouco significativas para esta zona do plano.

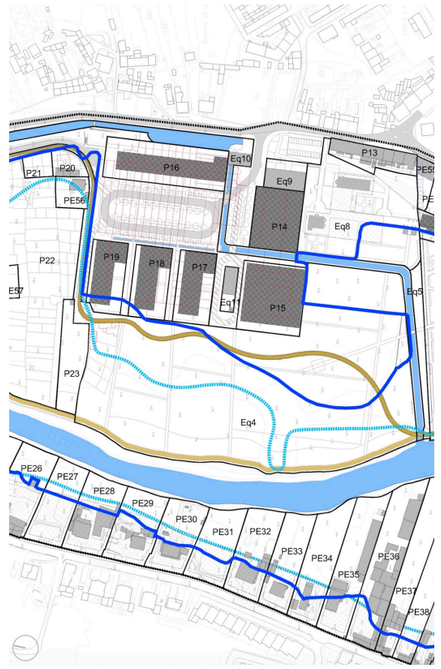


Figura 3.43 | Ampliação do plano de Pormenor PPAP _ com enfasê na área do Complexo da FFT

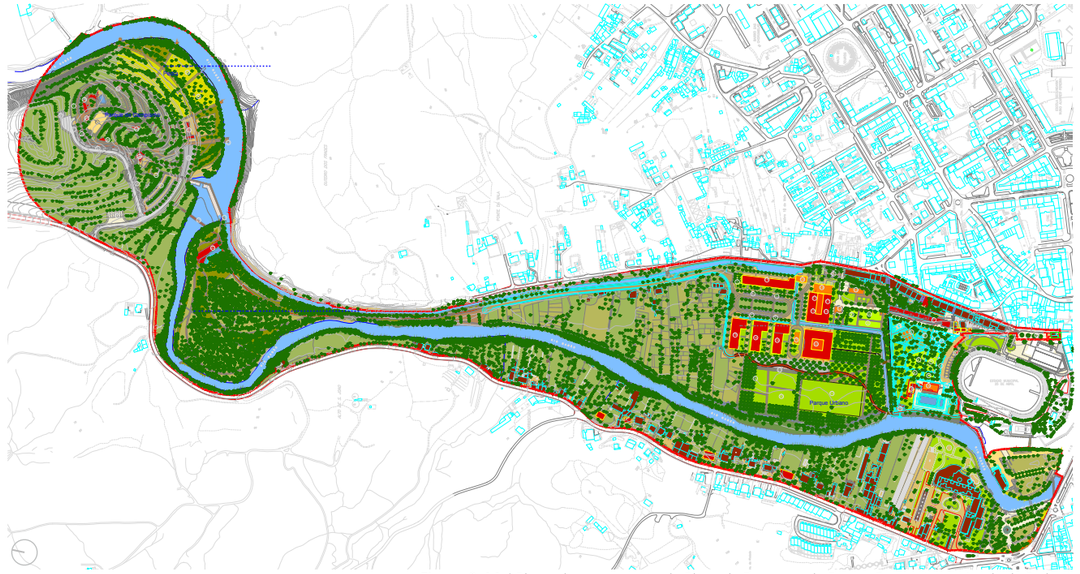


Figura 3.44 | Planta de apresentação do Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra *
* Planta ampliada disponível em anexos - p.247

3.5 _ ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO FACE AO PANORAMA ATUAL

As duas anteriores propostas de intervenção no espaço da antiga fábrica de fiação nunca chegaram a ser realizadas, deixando os seus espaços ao abandono e em degradação ao longo dos anos.

A primeira proposta, criada logo após o encerramento da fábrica, foca-se numa área mais aproximada da mesma. Já a segunda, é inserida no plano de pormenor em vigor para aquela zona, apresentando uma visão mais ampla do espaço em torno da fábrica e incluindo o açude na proposta, na altura ainda em vias de ser classificado como MIP.

Comparando as duas propostas numa escala mais aproximada ao espaço fabril, consegue-se perceber que o programa adotado para novo uso da fábrica é praticamente o mesmo, propondo uma percentagem muito ampla de habitação plurifamiliar em novas edifícações, destinando a maioria dos edifícios conservados à musealização e a serviços.

Ambas as propostas são unânimes em relação aos edifícios considerados a conservar, propondo tanto uma como a outra, a demolição da ala mais a Norte da fábrica para a introdução de habitação.

Na primeira proposta observa-se um maior número de edifícios destinados a comércio e serviços face à segunda, que destaca com menor relevância este tipo de programas. Nesta última valoriza-se a criação de um espaço destinado à Hotelaria o que, atualmente e tendo em conta todas as novas unidades hoteleiras surgidas na cidade, não parece ser o mais viável.

O foco e enfâse na habitação plurifamiliar para este espaço persiste em ambas as propostas há mais de duas décadas, o que parece nos dias de hoje, estar desajustado face às necessidades atuais do concelho.

A ligação com o parque urbano e o desenvolvimento de uma enorme área verde na cidade, prevê-se de enorme importância para os cidadãos que não encontram este tipo de espaços, sendo a área da antiga fábrica de fiação uma localização central e privilegiada para o efeito.

A Mata Nacional dos Sete Montes (ver figura 3.45), o maior espaço verde de Tomar, localiza-se numa ponta da cidade, ligeiramente afastada para os moradores que vivem nas áreas urbanas mais recentes. Tendo em conta toda a sua história e valor natural, o terreno deste espaço é bastante sinuoso, não permitindo a prática de diversos eventos e momentos de lazer, tal como um parque urbano viria a trazer à cidade.

Por outro lado, jardins públicos, como o Mouchão e a Várzea Pequena (ver figura 3.46/ 3.47), ambos incluídos dentro da área do plano, embora bastante centrais na cidade, são de pequena escala e de uso diferenciado face a um parque urbano. Contudo, dada pela sua proximidade, a sua interligação é fulcral para o potenciamento da cidade e do desenvolvimento das áreas verdes no centro urbano.

No plano atual, tal como já foi referido, está prevista a anulação do atual parque de campismo (ver figura 3.48), cuja área será integrada no novo parque urbano, que virá permitir o acesso à zona entre a fábrica e o rio, propondo-se um novo parque de campismo a montante do açude.

A necessidade de facilitar o acesso à zona entre a fábrica e o rio é essencial, tanto para o desenvolvimento deste futuro parque urbano, como do espaço da fábrica. Contudo, o encerramento do parque de campismo existente propondo-se a criação de um novo numa área mais afastada do centro da cidade e em zona especial de proteção, seria muito condicionado e prejudicaria o entorno natural do monumento classificado. Para além dos custos que uma alteração deste tipo acarreta, a perda de um serviço na zona central de uma cidade com um grande foco no turismo, em nada beneficiaria a mesma, pois este serviço atrai um mercado turístico diferente face às unidades hoteleiras.

Feita esta análise entende-se que esta solução também não nos parece favorável ao desenvolvimento da cidade e acredita-se numa perfeita compatibilidade entre a articulação deste espaço de campismo com a proposta do novo parque urbano.



Figura 3.45 | Vista da entrada da Mata Nacional dos Sete Montes



Figura 3.46 | Vista do Jardim do Mouchão



Figura 3.47 | Vista do Jardim da Várzea Grande



Figura 3.48 | Vista do Parque de Campismo de Tomar

4.

PROBLEMÁTICAS E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

4.1_ CONCEITO DE PATRIMÓNIO

4.2_ PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

4.2.1_ PROBLEMÁTICAS DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

4.2.2_ PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

Sendo intenção do objeto de estudo contribuir para a salvaguarda e preservação de um edifício industrial do séc. XVIII, procurando integrar o legado do património industrial do vale do Nabão, considera-se fundamental perceber o conceito de património e o seu significado, entendendo quais as problemáticas e recomendações às intervenções neste tipo de edifícios, muitas vezes ao abandono e em risco por falta de conhecimento, reconhecimento ou de proteção.

4.1 _ CONCEITO DE PATRIMÓNIO

Segundo Choay[1], a noção atual de património afastou-se definitivamente da matriz original do monumento histórico[2]. A ideia de património foi-se alterando ao longo do tempo e continua a alterar-se em conformidade com as diferenças culturais, políticas, sociais e económicas que separam épocas, países e regiões, estando dependente dos interesses das comunidades, nacionais ou locais, que dela se apropriam.

Se numa primeira denotação do termo, "património" está associado ao conjunto de bens de herança transmitidos, segundo as leis, dos progenitores para os filhos. A gênese da palavra, "*estava na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico…), que fizeram dela um conceito «nómada»*"[3], adquirindo nos dias de hoje um conceito e percurso diferentes, com um novo significado.

A noção de património passa assim a abranger uma diversidade de manifestações culturais, tangíveis e intangíveis, como de bens naturais inestimáveis e insubstituíveis. Reconhecendo a sua capacidade de representar valores de necessidades que estabelecem vínculos entre o passado e o presente, dando assim coerência a um mundo em constante transformação.

Passam a ser reconhecidas as formas de expressão, modos de criar, viver e fazer de grupos sociais, como as criações artísticas cientificas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edifícios, como os demais sítios de valor histórico, sejam eles centros urbanos, artísticos, paisagístico, paleontológico, científico ou ecológico.

"«Património» tornou-se, deste modo, uma categoria aberta, não só à assimilação de novos conteúdos, configurações e significados, mas também à restruturação dos consolidados pela tradição, sendo hoje atribuída a formas particulares de arquitectura (erudita, popular e corrente), artesanato, cidade, paisagem, linguagem, dança, música, teatro, traje, culinária, espiritualidade, tradição oral, práticas sociais, técnicas e instrumentos agrícolas, desporto, etc." [4]

1 in Françoise Choay, *Património e mundialização*, trad. Paula Seixas. Licorne, 2005, p.9

2 "(…) chamar-se-á monumento a qualquer artefacto por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade de monumento prende-se então, precisamente, com o seu modo de ação sobre a memória. (…) Mas este passado invocado e convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, directamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar." in Idem, *Alegoria do Património,* trad. Teresa Castro. Lisboa, Edições 70, 2010, p.16

3 Idem, *Alegoria do Património,* trad. Teresa Castro. Lisboa, Edições 70, 2010, p.11

4 Idem, *Património e mundialização*, trad. Paula Seixas. Licorne, 2005, p.10

O conceito de património encontra-se dividido entre o património Natural e o Cultural, assentando o foco principal da investigação sobre património industrial, e pertencendo este tipo de património ao legado cultural, importa ver como este se ramifica.

O património cultural é composto pelos bens **materiais móveis**, constituído pelas obras de arte, pinturas, esculturas, coleções arqueológicas, acervos museológicos, fotográficos, cinematográficos, arquivísticos, documentais e bibliográficos; por bens **materiais imóveis**, constituídos pelos monumentos, obras arquitetónicas, núcleos urbanos, sítios arqueológicos; e pelos bens **imateriais**, constituído por todos os elementos ou conhecimentos intangíveis, sejam formas de expressão, modos de viver, criar, ou fazer, sejam eles gastronómicos, rituais, musicais, religiosos, festas, danças, manifestações literárias, como os conhecimentos artísticos, científicos e técnicos.

A importância deste património pode ser classificada a vários níveis, tanto pela relevância que adquiriu ou detém em certa região ou localidade, como pela notoriedade que alcançou a nível nacional, ou mesmo mundialmente, adquirindo níveis de classificação diferentes consoante a sua importância.

Considerando que a degradação ou o desaparecimento de um bem do património cultural e natural constitui um empobrecimento efetivo a nível mundial, foi adotada pela UNESCO, em 1972, a convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. Esta tornou-se um instrumento fundamental para a proteção e conservação deste tipo de património a nível global. A responsabilidade de *"assegurar a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural"*[5], fica assim encarregue a cada estado membro, podendo este recorrer de ajuda internacional caso não seja capaz de sustentar tal conservação e manutenção.

Servem também de base para as abordagens e métodos de conservação e salvaguarda do património existente, vários documentos internacionais produzidos ao longo de todo o século XX, dos quais a Carta de Atenas de 1931, constitui uma referência, elaborada após as destruições devastadoras da primeira Guerra Mundial, onde são discutidas, pela primeira vez a nível internacional, os princípios e doutrinas gerais para a proteção de monumentos.

A Carta de Veneza, de 1964, é ainda na atualidade, um documento incontornável relativamente à conservação e restauro de monumentos e sítios. Elaborada na sequência das destruições perpetradas pela segunda Guerra Mundial, decorreu ainda do intuito de atualizar a carta de Atenas, procurando avultar o seu âmbito e definir os seus princípios.

"A noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquirem com o tempo um significado cultural."[6]

Deste congresso em Veneza, resultou a criação do International Council on Monuments and Sites (ICOMOS), organização não governamental mundial que tem vindo a produzir outras cartas e textos de referência ao tema do património, promovendo a teoria, a metodologia e a tecnologia aplicada à conservação e valorização dos monumentos. O ICOMOS em parceria com o The International Comittee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH) constituem os grandes contributos para a valorização e salvaguarda do património industrial.

Com a mudança do milénio, procedeu-se à atualização da Carta de Veneza, dando origem à Carta de Cracóvia, no ano de 2000, onde é reconhecida uma vivência num meio cada vez mais amplo, caracterizada *"pela diversidade cultural e, assim, pela pluralidade de valores fundamentais associados ao património móvel, imóvel e intelectual, o que implica diferentes significados que originam conflitos de interesses"*[7]. São estabelecidos assim os diferentes tipos de património: o construído, o património arqueológico, os monumentos e edifícios com valor histórico, a decoração arquitectónica, as esculturas e elementos artísticos, as cidades e aldeias históricas e as "paisagens"[8], contribuindo assim para um cuidado especifico no seu processo de conservação e restauro, com base no tipo de património em causa.

A definição de património[9] é clarificada e desassociada da definição de monumento[10] reconhecendo-se que o primeiro conceito incorpora o segundo, mas que vai muito para além dos monumentos históricos.

5 UNESCO, *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*, Paris, 1972. p.3

6 *Carta de Veneza, Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios*, Veneza, 1964, p.1.

7 *Carta de Cracóvia, Princípios para a conservação e o restauro do património construido,* Cracóvia, 2000, p.1.

8 "reconhecidas como património cultural são o resultado e o reflexo da interação prolongada nas diferentes sociedades entre o homem, a natureza e o meio ambiente físico." in Idem, ibidem, p.5.

9 "Património: é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a seleção de valores." in Idem, ibidem, p.5.

10 "Monumento: é uma entidade identificada como portadora de valor e que constitui um suporte da memória. Nele, a memória reconhece aspectos relevantes relacionados com atos e pensamentos humanos, associados ao curso da história e, todavia acessíveis a todos." in Idem, ibidem, p. 21 p.5

4.2 _ PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

A abrangência do estudo do património industrial é bastante extensa, envolvendo várias áreas produtivas e diversas soluções construtivas, incluindo um variado número de industrias (desde as têxteis, vidreira, cerâmica, metalúrgica ou de fundição, alimentar, química, entre outras); assim como uma diversidade de métodos de produção; de tipologias do edificado; e de tipos de energia e de maquinaria adotada em cada estabelecimento.

Toda a diversidade de estruturas, sítios, complexos, cidades e povoados, paisagens ou itinerários representam um testemunho da transformação e produção industrial ao longo dos últimos séculos, assim como da evolução e transformação do Homem em torno deste novo legado deixado com a Revolução Industrial, que alterou costumes e maneiras de viver na sociedade, tornando o património industrial símbolo de uma etapa da evolução da humanidade.

"A revolução Industrial constitui o início de um fenómeno histórico que marcou profundamente uma grande parte da Humanidade, assim como todas as outras formas de vida existente no nosso planeta, o qual se prolonga até aos nossos dias. Os vestígios materiais destas profundas mudanças apresentam um valor humano universal e a importância do seu estudo e da sua conservação deve ser reconhecida"[11]

A preocupação de proteger e salvaguardar o património industrial, foi-se desenvolvido ao longo dos últimos anos, tendo estado inicialmente associada ao conceito de arqueologia industrial, em meados do século XX, em Inglaterra, após a destruição de inúmeras fábricas durante a Segunda Guerra Mundial.

Nas últimas décadas, a crescente investigação de associações como o ICOMOS e o TICCIH, contribuíram para o desenvolvimento e maior valorização do património industrial. Contudo, somente em 2003, com a elaboração da carta de Nizhny Tagil, foi possível apresentar e distinguir, por parte do TICCIH, o conceito de património industrial e arqueologia industrial dos quais se referem os seguintes conceitos:

"O **património industrial** *compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou cientifico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a industria, tais como habitações, locais de culto ou de educação."* [12]

11 TICCIH, Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, Nizhny Tagil, 2003., p.2.

12 Idem, ibidem, p. 3.

"A **arqueologia industrial** *é um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefactos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou por processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial."*[13]

Os valores do património industrial são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus equipamentos e maquinaria, à sua paisagem industrial, à documentação e também aos registos intangíveis contidos na memória dos seus trabalhadores e das suas tradições.

Reconhecendo a evolução constante e a vulnerabilidade dos vestígios do património industrial, recorrentemente postas em risco, tanto por falta de conhecimento, de reconhecimento ou de proteção, como pelas ameaças causadas por uma economia em mutação, que vem contribuir, para o encerramento de inúmeras indústrias históricas ainda em atividade como pela especulação imobiliária causada em torno dos lugares privilegiados nas cidades onde se situam estas indústrias.

O ICOMOS e o TICCIH, estabelecem em 2011, novos princípios[14] para a conservação, proteção, valorização e conhecimento do património industrial, atualizando a sua definição com uma abrangência maior à importância que o legado do património imaterial terá no futuro da sociedade, como o manuseamento de máquinas, a organização e condições dos trabalhadores, como a própria evolução ao longo do tempo no comportamento e modo de viver na sociedade. Estabelecendo a seguinte definição:

"O património industrial abrange sítios, estruturas, complexos, territórios e paisagens, assim como os equipamentos, os objetos ou os documentos relacionados, que testemunhem os antigos ou atuais processos de produção industrial, a extração e a transformação de matérias-primas, e as infra-estruturas energéticas ou de transporte que lhes estão associadas. O património industrial revela uma conexão profunda entre o meio cultural e natural envolvente, enquanto que os processos industriais - quer sejam antigos ou modernos - dependem de recursos naturais, de energia e de redes de transporte, para poderem produzir e distribuir os produtos a amplos mercados. Este património compreende ativos fixos e variáveis, para além de dimensões imateriais, tais como os saber fazer técnicos, a organização do trabalho e dos trabalhadores, ou um complexo legado de práticas sociais e culturais resultantes da influência da industria na vida das comunidades, as quais provocaram decisivas mudanças organizacionais

13 Idem, ibidem, p.3.

14 Designada por "Os princípios de Dublin"

em sociedades inteiras e no mundo em geral."[15]

Entende-se assim que o conceito de património industrial abrange uma área inter e multidisciplinar, necessitando de especialistas de diferentes áreas de conhecimento (historiadores, arquitectos, engenheiros, arqueólogos) para a sua compreensão e categorizarão. Com estes apoios permite-se a valorização dos espaços industriais, partindo da interação do lugar com a história social a ele associada.

"De uma forma muito sintética, pode então dizer-se que o património industrial trata dos vestígios técnicos-industriais, dos equipamentos técnicos, dos edifícios, dos produtos, dos documentos de arquivo e da própria organização industrial"[16]

Citando as palavras de Jorge Custódio[17], aquando do lançamento da revista P&C62, em 2017, *"cada vez mais se considera o património industrial, como bens culturais do futuro, dado que se entende o seu significado na construção do presente e do papel que teve na transformação do Homem e do ambiente que herdámos, que é igualmente importante na educação patrimonial e na construção da sociedade universal do devir. Reconhecer-se-á o valor social intrínseco do património industrial e técnico se entendermos o seu carácter inclusivo, porque se trata de bens culturais que foram vivenciados por grandes grupos sociais e foram/ são pertença de "gente anónima", como trabalhadores, operários, maquinistas, mineiros, ferroviários, industriais, empresários, inventores/ inovadores, técnicos engenheiros, etc."*[18]

15 ICOMOS/ TICCIH, Princípios conjuntos do para a Conservação de Sítios, estruturas, áreas e paisagens de Património Industrial - "Os Princípios de Dublin". trad. APPI- Associação Portuguesa para o Património Industrial, Dublin, 2011, p. 2.

16 http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/ (consultado em 12.10.2020)

17 Presidente da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI), historiador e investigador com foco sobre o património e arqueologia industrial.

18 Jorge Custódio, Políticas públicas para a salvaguarda e conservação do Património Industrial, Omissão ou desconsideração?, P&C62, (jan./ jun. 2017), p.23.

4.2.1 _ PROBLEMÁTICAS DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

O grande processo de desindustrialização sentido na década de 80 pela Europa e um pouco por todo o mundo, com a deslocalização da produção para países com mão de obra de baixo custo, juntamente com a "terciarização" e o avanço da tecnologia de produção, contribuíram para o encerramento de inúmeras fábricas, deixando ao abandono grandes estruturas industriais.

Outras indústrias históricas que se mantiveram em laboração, passaram também por inúmeras dificuldades, não conseguindo competir contra os novos métodos de produção e os baixos custos exercidos noutros países, acabando muitas delas por encerrar.

Com base nos princípios estabelecidos pelo TICCIH[19], neste tipo de casos, o essencial é contribuir para o não encerramento destas indústrias.

"No caso das estruturas industriais ou de sítios de importância patrimonial que se encontram em atividade, deve reconhecer-se que o seu continuo uso e funcionamento pode retirar algum do seu significado patrimonial e, por conseguinte, devem-se proporcionar condições adequadas para a sua sustentabilidade física e económica, (…)"[20]

É necessário passar por processos criativos para contribuir para a continuidade desta produção histórica, dinamizando-a com novos métodos de rentabilização. Incidindo o foco deste estudo numa fábrica abandonada e a entrar num processo de ruína, este tipo de indústrias ainda em laboração, não serão tão aprofundadas. Contudo, deixamos como referência alguns exemplos que, para além dos processos burocráticos e políticos estabelecidos em prol da sua manutenção, dinamizaram outro tipo de atividades ligadas ao processo industrial, como visitas culturais ao espaço de produção, workshops e ateliers em torno do tipo de laboração industrial, mantendo assim a laboração existente, como a passagem do conhecimento de fabrico e produtivo a novas gerações. São exemplo destas novas estratégias a Burel Factory, em Manteigas; e a Fábrica da Vista Alegre, em Ílhavo.

As indústrias abandonadas passam por outros problemas distintos, pois correm o risco de desaparecerem na totalidade, de modo rápido. O encerramento destes estabelecimentos contribui para o aceleramento do seu estado de degradação, tornando-os mais suscetíveis à vandalização e a assaltos aos seus espólios, incrementando o seu processo de ruína.

A vulnerabilidade das infraestruturas abandonadas é também acentuada pelas

19 "Os princípios de Dublin"

20 ICOMOS/ TICCIH, op. cit, p. 3.

suas grandes dimensões, o que requer um maior investimento na sua conservação, assim como pela falta de conhecimento e reconhecimento por parte das entidades competentes e das cidades onde se inserem, acabando por serem vítimas de uma economia em mutação e tornando-se por isto alvo da especulação imobiliária em torno dos terrenos privilegiados que algumas ocupam.

Os princípios definidos pelo ICOMOS e TICCIH, pretendem assim demonstrar a importância de estudar e compreender as estruturas, sítios, áreas e paisagens industriais e o seu valor patrimonial, de modo a evitar que este legado seja posto em perigo por falta de consciencialização pública, assegurando que as suas intervenções garantam a sua eficaz proteção e conservação.

4.2.2 _ PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

"Na clarividência de que muito do edificado que ameaça ruína se irá arruinar, ou irá mesmo ruir, interessa, particularmente, repensar novos modos de intervir e de reativação, não apenas como evocação de um passado industrial, mas na presente condição pós-industrial."[21]

As obras arquitetónicas estão sempre sujeitas, em maior ou menor intensidade, às consequências das condições atmosféricas e dos usos que lhe são atribuídos, sendo inevitável a sua degradação ao longo do tempo.

A consciencialização em preservar um edifício arquitetónico de valor cultural para a conservação da sua memória, evitando que entre num estado de ruína e mantendo-o o mais fiel às suas origens, é essencial para a melhor inter-relação de gerações (entre o presente, passado e futuro), tornando-se ícones da diversidade das nossas comunidades.

Ao longo da história da conservação do património, foram surgindo diversas abordagens sobre a atuação no edificado, fomentando inúmeras discussões entre teóricos e profissionais sobre os métodos e princípios para as intervenções. É assim necessário, entender que este processo está em constante mudança ao longo da evolução humana e que não existe apenas uma teoria de intervenção no construído. São assim estabelecidos, pelo ICOMOS E TICCIH, princípios de intervenção no património industrial, que visam fomentar o respeito e a conservação ao legado de cada um.

Os passos primários para a conservação e intervenção no património Industrial, segundo a Carta de Niznhy Tagil, passa pelo reconhecimento do seu valor e consequente identificação e investigação.

Após o seu reconhecimento, devem ser estabelecidos os valores dos elementos mais significativos, preservando os sítios e estruturas de reconhecida importância, com medidas de proteção legal que assegurem a sua conservação. Evitando que estruturas e sítios ameaçados possam ser postos em risco, comprometendo a integridade histórica ou a autenticidade da construção.[22]

As medidas de proteção legal devem ainda ser articuladas com base nas características e natureza do património (estado de conservação, escala, grau de importância,...) articulando as mesmas com programas de conservação e politicas económicas

21 Inês Moreira, *Após a Fábrica. Novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais*. AROA. 1647-077X. nº112 (mar./ abr.2014), p.2.

22 "Os sitios mais importantes devem de ser integralmente protegidos e não deve de ser autorizada nenhuma intervenção que comprometa a sua integridade histórica ou a autenticidade da sua construção" in TICCIH, op. cit. p.8.

de desenvolvimento na planificação regional e nacional.

Estas medidas, devem visar a proteção e conservação das estruturas das fábricas, como das ruínas industriais, a sua maquinaria, os elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, como as paisagens industriais.

A manutenção e conservação de um sítio industrial deve, o mais possível, preservar a sua integridade. Requer-se, portanto, um conhecimento profundo dos objetivos para os quais foram construídos, adquirindo uma noção dos diferentes processos industriais que ali se foram desenvolvendo.

A autenticidade de um sítio deve ser respeitada e conservada, devendo a maquinaria e os componentes essenciais do espaço serem salvaguardados no seu local, evitando que sejam removidos ou danificados, pondo em causa a sua leitura e o respetivo uso.

"A conservação in situ deve considerar-se sempre como prioritária. O desmantelamento e a deslocação de um edifício ou de uma estrutura só serão aceitáveis se a sua destruição for exigida por imperiosas necessidades sociais ou económicas."[23]

O próximo passo trata-se da valorização do sítio industrial, podendo surgir adaptações como forma de assegurar a sua conservação[24], sendo recomendável uma adaptação que evoque a sua antiga atividade[25]. As intervenções realizadas devem ser reversíveis e provocar um impacto mínimo, registando todas as alterações inevitáveis e inventariando e armazenando em local seguro todos os elementos significativos que se eliminem.

"A reconstrução, ou o retorno a um estado anteriormente conhecido, deverá ser considerada como uma intervenção excecional que só será apropriada se contribuir para o reforço da integridade do sítio no seu conjunto, ou no caso da destruição violenta de um sítio importante."[26]

A carta elaborada pelo ICOMOS internacional, em 2011, designada por "Os princípios de Dublin"[27], salienta ainda a importância da documentação dos processos industriais, em processos de desmantelamento e/ou adaptação de sítios ou estruturas

23 Idem, ibidem, p.10.

24 Exceto em sítios com uma particular importância histórica.

25 "As novas utilizações devem respeitar o material especifico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização." in Idem, ibidem, p.10.

26 Idem, ibidem, p.11.

27 "Princípios conjuntos do ICOMOS-TICCIH para a conservação de sítios, estruturas, áreas e paisagens de Património Industrial"

industriais, destacando a relevância da recolha de testemunhos orais ou escritos de pessoas ligadas ao processo de trabalho.

"(…) particularmente quando os seus componentes, tiverem de ser demolidos e as máquinas removidas. A sua forma material, o seu funcionamento e localização, assim como a sua função no processo industrial, devem de ser exaustivamente documentadas."[28]

Os conhecimentos em torno do património industrial devem ser cuidadosamente registados e transmitidos às mais recentes gerações. A preservação deve também ser assegurada pela transmissão do valor do património industrial ao público e comunidades locais, envolvendo-os na proteção e conservação do seu património. Devem também ser promovidos programas e visitas que apresentem os métodos de produção do património industrial ativo.

"As autoridades públicas devem de explicar ativamente o significado e o valor dos sítios industriais através de publicações, exposições, programas de televisão, internet e outros meios de comunicação, proporcionando o acesso permanente aos sítios importantes e promovendo o turismo nas regiões industriais."[29]

Os princípios estabelecidos pelo ICOMOS e TICCIH, servem de base para intervenções a nível mundial no campo do Património Industrial, sendo, portanto, também estas as diretrizes utilizadas para a intervenção e conservação de sítios, estruturas, áreas e paisagens industriais em Portugal.

Os métodos de intervenção e conservação adotados para cada contexto e situação serão ainda assim muito distintos, variando consoante o seu grau de importância, estado de conservação e outros fatores associados aos seus responsáveis. A carta de Burra[30], apresenta-nos as definições das diferentes abordagens de processos de conservação, subdividindo-os nas seguintes categorias:

Conservação: "significa todos os processos de prestação de cuidados a um sitio por forma a que ele retenha o seu significado cultural."[31]

Manutenção: "significa os cuidados contínuos para a proteção do edificado e da envolvente de um sitio, e deve ser distinguida da reparação. A reparação envolve restauro

28 ICOMOS/ TICCIH, op. cit., p.4.

29 TICCIH, op. cit., p.13

30 ICOMOS Austrália, *Carta de Burra para a conservação dos Sitios com Significado Cultural*. Burra, 1999.

31 Idem, ibidem, p.5.

ou reconstrução."[32]

Preservação: "significa manter-se a fábrica de um sitio no seu estado existente e retardar-se a sua deterioração."[33]

Restauro: "significa a reversão da fábrica existente de um sitio a um estado anterior conhecido, pela remoção de acrescentos ou pela remontarem de componentes existentes sem a introdução de material novo na fábrica."[34]

Reconstrução: "significa a modificação de um sitio a um estado anterior conhecido e distingue-se do restauro pela introdução de material novo na fábrica."[35]

Adaptação: "significa a modificação de um sitio para cumprir com o uso existente ou com um uso proposto."[36]

Interpretação: "significa todos os modos de apresentação do significado cultural de um sitio."[37] [38]

As abordagens utilizadas deveriam estar sempre associadas a um sentimento de respeito pela fábrica existente, pelo uso, pelas associações e pelos significados. Exigindo uma abordagem cuidadosa, não devendo promover alterações a um sitio com base em conjeturas, nem distorcer as evidências físicas que a mesma proporciona.[39]

A possibilidade de associar novos usos aos edifícios industriais é também um processo de conservação possível. "A política deve identificar um uso, ou uma combinação de usos, que retenha o significado cultural do sitio. Um uso novo de um sitio deve envolver alterações mínimas da fábrica e do uso significativo; deve respeitar as associações e os significados; e, onde for apropriado, deve proporcionar a continuação das práticas que contribuem para o significado cultural desse sítio."[40]

A referência a obras novas é também colocada na Carta de Burra, referindo que as mesmas são aceitáveis, porém devem ser imediatamente identificáveis como tal,

32 Idem, ibidem, p.5.
33 Idem, ibidem, p.6.
34 Idem, ibidem, p.6.
35 Idem, ibidem, p.6.
36 Idem, ibidem, p.6.
37 "pode ser uma combinação do tratamento da fábrica (ou seja manutenção, o restauro, a reconstrução); o uso e as atividades no sitio; e o uso de material explicativo acrescentado." in Idem, ibidem, p.7.
38 Idem, ibidem, p.7.
39 "Os vestígios das adições, alterações e tratamentos anteriores da fábrica de um sitio são evidencias da sua história e dos seus usos que fazem parte do seu significado. A ação de conservação deve melhorar e não impedir a sua compreensão" in Idem, ibidem, p.8.
40 Idem, ibidem, p.9.

não distorcendo o significado cultural do sítio.[41] As alterações e demolições são também referenciadas como uma possibilidade, desde que as mesmas contribuam para a valorização do significado cultural do sítio. O processo de demolições em edifícios industriais não é, em geral aceitável, contudo, as mesmas podem surgir, em pequenas dimensões, como parte integrante da conservação, em alguns dos casos.

A conservação de sítios industriais, por vezes, pode passar por processos mais simples, consistindo em trabalhos mínimos sem necessidade de grandes financiamentos. Para o caso dos fragmentos industrias, a arquiteta e curadora Inês Moreira[42], defende um processo de conservação focado no presente das ruínas industriais, procurando novas estratégias de abordagem.

"Se as intervenções da arquitectura apontam para a renovação (futuro), as humanidades apontam para a documentação, fixação e interpretação (passado), descobrimos nos projetos referidos partilham com as interpretações artísticas visuais, o cinema e a fotografia uma preocupação com o presente."[43]

As abordagens efémeras, compostas pelos vestígios industriais como o entulho, os restos, as vozes, as matérias e os pequenos elementos que foram parte das estruturas maiores, são para a autora uma oportunidade de comunicação com o presente, convidando assim artistas e especialistas de diversas áreas, ao desenvolvimento de instalações temporárias, através da recolha de materiais, instigando o registo deste legado que ficaria esquecido.

"Conjugando passados, presentes e futuros numa única leitura encontrámos os espaços, suas histórias e narrativas, qual palimpsesto, revelando Histórias que coexistem, se atropelam e que implorem numa mesma estrutura. Descobrimos que o abandono, deterioração, desmantelamento e estados avançados de ruína são estados de incompletude, e devem ser entendidos como novos estados de especialidade e de materialidade. (…)"[44]

Dos projetos da autora resultou uma abordagem sobre a fábrica de fiação de Tomar[45], registando uma série de logotipos descobertos a partir dos destroços dos ma-

41 "A obra nova pode ser agradável se a sua implantação, volume, forma, escala, carácter, cor, textura e materiais forem semelhantes aos da fábrica existente, mas devem ser evitadas imitações" in Idem, ibidem, p.14.
42 Inês Moreira, *Edifícios & vestígios: projecto - ensaio sobre os espaços pós-industriais = Buildings & remnants : essay - project on post-industrial spaces*. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2013.
43 Inês Moreira, *Após a Fábrica. Novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais*. AROA. 1647-077X. nº112 (mar./ abr.2014), p.3.
44 Idem, ibidem, p.3.
45 Através do evento cultural *"Há trabalhos na Fábrica"*, realizado em 2014, no Complexo Cultural da Levada em Tomar. Disponível em: https://trabalhosnafabrica.wordpress.com/



Figura 4.1 | "O peso do ar" instalação de Os espacialistas sobre o Edifício da Fábrica de Fundição de Oeiras



Figura 4.2 | "Khōros Anima" vídeo/ documentário de Jonathan Uliel Saldanha sobre a Fábrica têxtil em Covas (Guimarães)





Figura 4.3 | "Todo o Homem é um Criativo" instalação elétrica Patrícia Azevedo Santos sobre a Fábrica ASA (Guimarães)



Figura 4.4 | "Industrias dentro de uma fábrica : Fragmentos da Fábrica da Fiação de Tomar"

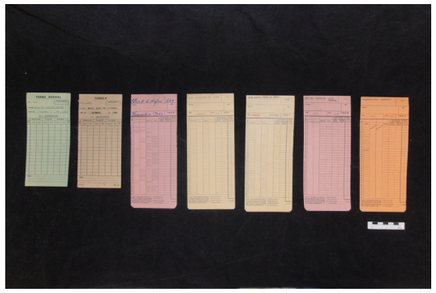


Figura 4.5 | "Cartão de ponto - evocação da memória coletiva da Fábrica da Fiação de Tomar"

teriais de construção da fábrica. Através do registo fotográfico de Micael Nussbaumer, permite-se encontrar as "fábricas" nacionais que forneceram materiais de construção à fábrica de fiação de Tomar.

Outras abordagens aos escombros e achados na fábrica de fiação de Tomar, foram também dinamizadoras da recuperação e memória da produção através dos elementos encontrados, registando as fichas de ponto de antigos funcionários, de etiquetas da marca FFT, como da instalação executada com antigos cones de fio perdidos entre os escombros da fábrica, "permitindo que estes mesmos objetos e espaços sirvam o propósito de fiar uma outra vez, não mais tendo como objetivo a produção de têxteis mas o entrelaçar de ideias e conceitos."[46]

A diferenciação presente neste projeto elaborado por Inês Moreira, assenta no entendimento da potencialidade dos vestígios pós-industriais tomados, muitas vezes, como elementos sem valor em situações de abandono e avançado estado de ruína. Permitindo a criação de novas abordagens de conservação dinamizadas através de diretivas "criativas", e em pequenas escalas, abrem-se assim, novas visões que transmitem estes elementos à comunidade atual, não ficando presa à esperança e promessas de grandes intervenções.

A diversidade de intervenções possíveis ao património industrial acaba por ser bastante vasta, passando por diversas áreas. É, contudo, necessário, que as intervenções ocorridas no património industrial considerem as especificidades e o valor cultural de cada situação e contexto, contando sempre com uma análise e interpretação das pré-existências do seu património, a fim de preservar e valorizar o seu legado.

46 Inês Moreira, op. cit..



Figura 4.6 | "O registador" instalação com cones de fiar da Fábrica de Fiação de Tomar.

5.

INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

PRÁTICAS E EXEMPLOS

5.1_ ANÁLISE E DISCUSSÃO DE CASOS DE ESTUDO

5.1.1_ ESPAÇO ROBBINSON

5.1.2_ FÁBRICA DE SANTO THYRSO

5.1.3_ SESC POMPEIA

5.1.4_ FACTORY OF PORRE

5.2_ SINTESE CRÍTICA

Ao longo deste capítulo da dissertação, pretende-se dar a conhecer o estado da arte, analisando uma série de projeto de intervenção em fábricas/ complexos industriais após o seu encerramento. Pretende-se assim numa primeira fase ficar a conhecer os novos usos e programas adotados para os antigos espaços fabris, consoante a sua tipologia construtiva e estado de conservação do edifício. Posteriormente procede-se a uma análise mais pormenorizada de alguns destes casos de estudo, comparando e relacionando com a Fábrica de Fiação de Tomar, destacando exemplos cujas ideias e opções de intervenção se manifestem úteis para a proposta de intervenção.

5.1 _ ANÁLISE E DISCUSSÃO DE CASOS DE ESTUDO

"O património industrial é extremamente vulnerável e frequentemente encontra-se em risco; muitas vezes perde-se por falta de consciência, de conhecimento, de reconhecimento ou de proteção, mas também pelo efeito de uma economia em mutação, de percepções negativas, de questões ambientais ou devido às suas grandes dimensões e complexidade. Contudo, ao prolongar o ciclo de vida das estruturas existentes, assim como do investimento energético que elas representam, constata-se que a conservação do património industrial construído pode auxiliar a alcançar metas de um desenvolvimento sustentável a nível local, nacional e internacional. Deste modo, a conservação do património industrial influência os aspectos sociais, físicos e ambientais do desenvolvimento, e como tal deveria de ser reconhecida."[1]

O movimento de defesa do legado industrial teve a sua génese em Inglaterra, na década de 50, devido à destruição de inúmeras fábricas durante a 2.ª Grande Guerra, despertando a sociedade para uma tomada de consciência acerca da importância da preservação e valorização dos bens industriais.

Em Portugal, a preocupação com este tema surgiu apenas uns anos mais tarde, devido ao processo de desindustrialização que muito marcou o país nas décadas de 70/80.

Atualmente, já existem, a nível nacional e internacional, uma série de exemplos de referências de boas práticas de intervenções em património industrial. Neste capitulo pretende-se demonstrar que, através da reabilitação, revitalização, regeneração e reutilização destes edifícios, preservando dentro do possível a sua materialidade e a estrutura dos vestígios industriais, será possível impedir a devastação do património industrial enraizado nos tecidos físicos das cidades atuais.

Numa primeira fase, foram selecionados alguns exemplos representativos de boas práticas de reabilitação de edifícios industriais, tanto em Portugal como no estrangeiro. A partir da identificação de diversas tipologias de uso recorrente em antigos espaços fabris, procura-se demonstrar a abrangência e variedade de intervenções possíveis.

Procurou-se ainda fazer uma análise de exemplos de intervenções de mérito reconhecido, com alguns anos de existência, de modo a poder avaliar o seu impacto no meio em que se inserem, articulados com uma série de projetos mais recentes identificados como de boas práticas de intervenção.

1 ICOMOS/ TICCIH, Princípios conjuntos do para a Conservação de Sítios, estruturas, áreas e paisagens de Património Industrial - "Os Princípios de Dublin". trad. APPI- Associação Portuguesa para o Património Industrial, Dublin, 2011, p. 2.

1. Lx Factory



arquitecto: Ana Duarte Pinto e João Manuel Alves
localização: Lisboa _ Portugal
área: 23000 m2
ano: 2007

Antiga função: Fábrica de fiação e tecido (1838)
Nova função: Centro cultural e artistico

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | (Privado)

2. Centro Cultural de Ermesinde



arquitecto: Celio Melo da Costa
localização: Ermesinde _ Portugal
área: 20000 m2 (1087 m2)
ano: 2001

Antiga função: Fábrica de fiação e tecidos (1838)
Nova função: Fórum cultural e Parque Urbano

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | (Sistema Naves industriais) | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | (Regeneração)

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | (Administrativo) | Comercial / Empresarial

Publico | Privado

3. Oliva Creative Factory



arquitecto: ??
localização: São João da Madeira _ Portugal
área: ??m2
ano: 20??

Antiga função: Industria Metalúrgica (1925)
Nova função: Espaço cultural e artístico | Incubadora de empresas

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

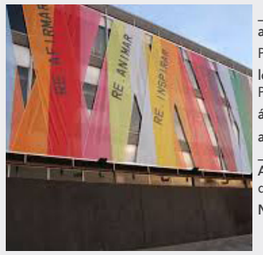
Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | (Privado)

4. Fábrica ASA



arquitecto: Gabriela Vaz Pinheiro
localização: Guimarães _ Portugal
área: ?? m2
ano: 2012

Antiga função: Fábrica Têxtil de Lençóis (1860)
Nova função: Espaço cultural

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | (Privado)

5. Espaço Robbinson

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | (Industrial) | (Administrativo) | Comercial / Empresarial

Publico | (Privado)

arquitecto: Souto Moura e Graça Correia
localização: Portalegre _ Portugal
área: 6500 m2
ano: 2008

Antiga função: Fábrica de cortiça (1848)
Nova função: Espaço cultural de formação | educação | conhecimento



6. Arquipélago Centro de Artes Contemporaneo

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | Privado

arquitecto: Menos é Mais e João Mendes Ribeiro
localização: Açores _ Portugal
área: 1214 m2
ano: 2014

Antiga função: Fábrica de álcool e tabaco (1860)
Nova função: Centro de Artes Visuais | Centro cultural



7. Carpintaria São Lázaro

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | Privado

arquitecto: Filipe Borges de Macedo
localização: Lisboa _ Portugal
área: 13000 m2
ano: 2019

Antiga função: Carpintaria Industrial (1930)
Nova função: Centro cultural



8. Fábrica de Santo Thyrso

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | (Conserva Totalmente)

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | (Privado)

arquitecto: Nuno Pinto
localização: Santo Tirso _ Portugal
área: 3000 m2 ??
ano: 2005

Antiga função: Fábrica de fiação e tecidos (1896)
Nova função: Incubadora Multifuncional na área da Moda e Design



1. St.Ann's Warehouse



arquitecto: Marvel Architects
localização: Broklyn _ Estados Unidos
área: 2400 m2
ano: 2015

Antiga função: Armazém de tabaco (1860)
Nova função: Teatro

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | **Renovação** | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | **Conserva Totalmente**

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | Privado

2. Tate Modern



arquitecto: Herzog & De Meuron
localização: Londres _ Inglaterra
área: 34000 m2
ano: 2000

Antiga função: Central elétrica (1940)
Nova função: Galeria de arte moderna

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | **Renovação** | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | **Conserva Totalmente**

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | **Museológico** | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | Privado

3. Landscape Park Duisburg Nord



arquitecto: Lats und Partner
localização: Ruhr _ Alemanha
área: 230000m2
ano: 1989-1999

Antiga função: Industrias Mineiras e siderúrgicas (1860)
Nova função: Parque urbano

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | **Complexo Industrial**

Grau de intervenção
Reabilitação | Renovação | Revitalização | **Regeneração**

Conservação de elementos industriais
Não conserva | **Conserva Parcialmente** | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | **(Residencial)** | Industrial | Administrativo | **Comercial / Empresarial**

Publico | Privado

4. SESC Pompeia



arquitecto: Lina Bo Bardi
localização: São Paulo _ Brasil
área: 16500 m2
ano: 1986

Antiga função: Armazém de tambores (embalagens metálicas) (1938)
Nova função: Espaço cultural e desportivo

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | **Sistema Naves industriais** | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | **Renovação** | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | **Conserva Parcialmente** | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | **Museológico** | **Educacional** | Residencial | Industrial | **Administrativo** | Comercial / Empresarial

Publico | Privado

5. LocHall Library

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | **Sistema Naves industriais** | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | **Renovação** | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | **Conserva Totalmente**

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | **Educacional** | Residencial | Industrial | Administrativo | **Comercial / Empresarial**

Publico | Privado

arquitecto: Civic architects
localização: Tuilburg _ Holanda
área: 11200 m2 (7000 m2)
ano: 2019

Antiga função: Galpões de locomotivas (1932)
Nova função: Biblioteca



6. Factory of Porre

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | **Complexo Industrial**

Grau de intervenção
Reabilitação | **Renovação** | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | **Conserva Parcialmente** | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | **Educacional** | ~~**Residencial**~~ | Industrial | **Administrativo** | Comercial / Empresarial

Publico | Privado

arquitecto: Vandriessche Architecten
localização: Ghent _ Bélgica
área: 11357 m2
ano: 2009 - 2014

Antiga função: Fábrica têxtil de Porre (1907)
Nova função: Parque urbano de Ghent



7. Frosilo

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | Sistema Naves industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | **Renovação** | Revitalização | Regeneração

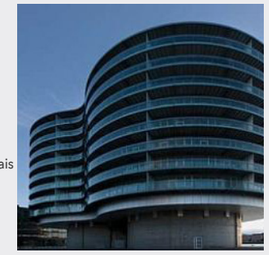
Conservação de elementos industriais
Não conserva | **Conserva Parcialmente** | Conserva Totalmente

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | **Residencial** | Industrial | Administrativo | Comercial / Empresarial

Publico | **Privado**

arquitecto: MVRDV
localização: Copenhaga _ Dinamarca
área: ?? m2
ano: 2005

Antiga função: Silos de cereais (1963)
Nova função: Habitação Plurifamiliar



8. Fábrica de Ca L'Alier

Tipologia construtiva
Ed. Industrial | Nave industrial | "Sheed" | **Sistema Naves industriais** | Complexo Industrial

Grau de intervenção
Reabilitação | **Renovação** | Revitalização | Regeneração

Conservação de elementos industriais
Não conserva | Conserva Parcialmente | **Conserva Totalmente**

Uso do Edificio
Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Administrativo | **Comercial / Empresarial**

Publico | **Privado**

arquitecto: Jaume Arderiu, Tomàs Morató | A+M
localização: Barcelona _ Espanha (Poblenou)
área: 3000 m2
ano: 2018

Antiga função: Fábrica têxtil (1835)
Nova função: Centro de inovação urbana



A escolha de casos de estudo tanto nacionais como internacionais, permitiu dar a conhecer o tipo de programas adotadas aos novos espaços fabris, havendo uma abrangência muito grande às novas funcionalidades dos antigos espaços industriais.

Dentro das várias tipologias construtivas dos espaços fabris, percebe-se que as particularidades e complexidades a uma intervenção são distintas. Os complexos fabris, sendo os espaços de maiores dimensões e com um número variado de edifícios, acabam ambos geralmente por conter programas mistos, abrangendo vários usos dentro do complexo fabril, distribuídos pelos vários edifícios que o compõem.

Os restantes espaços fabris (ed. industrial, nave industrial, "sheed", sistema de naves industriais), sendo por norma de dimensões menores e circunscritos a um único edifício, adquirem por norma um uso ou programa singular, sendo depois complementados com pequenos serviços de apoio.

Nos casos nacionais apresentados, denota-se uma grande recorrência na adaptação dos espaços fabris a programas multifuncionais, recaindo sobretudo em usos culturais e museológicos. A vertente empresarial e comercial também adquire enorme relevância dentro das intervenções analisadas, sendo maioritariamente através de industrias criativas, como é o caso do Lx Factory, do Olive Creative Factory, ou da Fábrica ASA.

A adaptação dos antigos espaços fabris, em programas ligados à educação, ao desporto, a serviços administrativos ou a espaços residências, estão também presentes nas intervenções realizadas em Portugal, embora sempre integradas em programas multifuncionais.

No âmbito internacional, a adaptação de antigas fábricas em espaços multifuncionais também é recorrente. Contudo, consoante a dimensão do edifício, podemos observar uma variação no grau de incidência da multifuncionalidade das intervenções. Tal como em Portugal, a nível internacional a recorrência da conversão de edifícios fabris em novos centros culturais e empresariais é bastante significativa. Dos diversos exemplos analisados, o caso de Frosilo, em Copenhaga, representa a única intervenção destinada exclusivamente a habitação.

A análise conjunta permite perceber a recorrência à utilização destes espaços como uso público, promovidos e financiados por organismos públicos, comprando os edifícios a entidades privadas detentoras dos mesmos e convertendo-os em programas de domínio público. Em alguns casos, embora menos recorrente, a intervenção parte de iniciativas privadas, detentoras dos espaços fabris, como é o caso da Lx Factory.

Mantendo o edifício industrial a empresa detentora do complexo industrial promoveu a sua reabilitação faseadamente, sem o uso de financiamento público. Numa fase inicial, a integração de novos usos culturais, comerciais e de serviço em alguns dos edifícios que compunham o complexo, permitiu dinamizar todo o complexo industrial como a sua área envolvente, atraindo novas empresas interessadas em se estabelecer no antigo complexo fabril, promovendo assim a reabilitação dos restantes edifícios para a instalação de novos serviços.

Em alguns exemplos internacionais, embora fora dos casos de estudo, é possível encontrar intervenções iniciadas por grupos não organizados de jovens, ativistas e artistas, que se apropriaram dos espaços abandonados, um pouco à revelia, como forma de impedir a sua demolição, pois consideravam que estes faziam parte da sua identidade e da história do seu povo. Este tipo de ocupação, embora pouco recorrente em Portugal, teve início na década de 60, um pouco por toda a Europa, envolvendo maioritariamente edifícios abandonados nos centros urbanos, predominantemente residenciais, contudo, é também visível exemplos de ocupações em antigos espaços fabris como é o caso do Werkstaten Und Kulturhaus (WUK) em Viena, uma antiga fábrica de locomotivas, sendo hoje um grande atrativo turístico e cultural da cidade.



Figura 5.1 | WUK em Viena, no início da sua ocupação

No entanto, esta tomada de posses nem sempre é pacifica, originando desacatos entre as autoridades e os seus novos usuários, que podem inclusive contribuir para a destruição de algumas partes do edifício. Todavia, a maioria destes casos demonstrou um enorme sucesso dentro das atividades desenvolvidas e na própria interação com os habitantes, tornando-se pontos de referência nas cidades, suscitando o interesse dos organismos públicos locais em apoiar e promover este tipo de projetos, investindo e dando incentivos à promoção cultural.

As particularidades e estado de conservação de cada edifício fabril, são muito variáveis, estando dispostas a uma abrangência de intervenções e usos muito distintos. O seu estado de conservação, a sua história e local onde estão inseridos, ditam muito daquela que pode ser a sua nova função, devendo sempre ser articulados com as necessidades atuais das regiões onde estão inseridos, de modo a interagirem com a cidade e se tornarem investimentos viáveis.

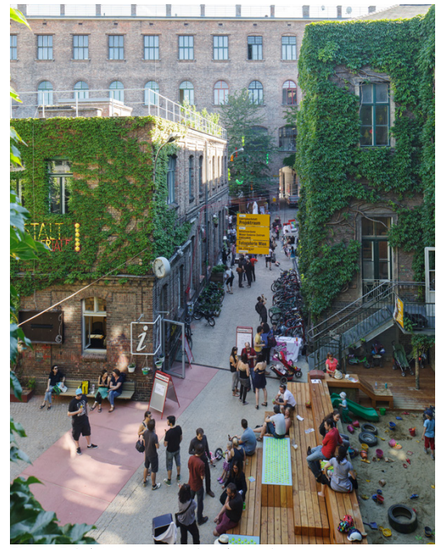


Figura 5.2 | WUK em Viena (atualmente)

Numa primeira fase, procedeu-se à seleção de diversos exemplos caraterizados pela sua abrangência e diversidade, o que possibilitou entender qual o panorama do estado da arte sobre a reabilitação de edifícios industriais. No entanto, foi necessário restringir os exemplos a estudar, de modo a aproximá-los das características da Fábrica de Fiação de Tomar e do que se pretende da sua reabilitação, o que correspondeu a uma segunda fase da análise.

A seleção dos exemplos seguiu os seguintes critérios: i) estado de conservação idêntico à fábrica de fiação de Tomar; ii) edifícios fabris que se encontravam em avançado estado de ruína antes da intervenção e; iii) com uma longevidade do edificado bastante extensa; iv) complexos industriais com áreas de intervenção próximas da e com tipos de produção associados à fiação.

Outros pontos de analogia com a fábrica de fiação de Tomar foram tidos em conta, tais como: i) características orográficas de implantação em vales; ii) localização em regiões muito marcadas pela industrialização, como é o caso do vale do Nabão; iii) proximidade com centros urbanos e linhas de água.

Privilegiaram-se ainda exemplos que na sua intervenção desenvolvam uma vocação maioritariamente de serviço público, associado a programas multifuncionais.

Por último, e não menos importante, procuraram-se exemplos cujas intervenções tenham extravasado o edificado, passando a abranger o contexto urbano envolvente.

Com base nestes pontos e analogias criadas entre os casos de estudo anteriormente apresentados e a fábrica de fiação de Tomar, são assim restritos a quatro casos de estudo (dois nacionais e dois internacionais), sendo eles: i) Espaço Robbinson; ii) Fábrica de Santo Thyrso; iii) Sesc Pompeia e; iv) Factory of Porre. Permitindo analisar os métodos de intervenção e programas em cada caso mais pormenorizadamente, estabelecendo princípios e relações para a proposta de intervenção na fábrica de fiação de Tomar.

I. Espaço Robbbinson

Complexo industrial
Proximidade ao centro da cidade
Reconversão programa Cultutal/ multifuncional
Intervenção no contexto urbano
Longevidade do edifício original
Componente social



II. Fábrica de Santo Thyrso

Complexo industrial
Proximidade ao centro da cidade
Proximidade a linhas de água
Reconversão programa Cultural/ multifuncional
Longevidade do edifício original
Tipo de produção idêntica (fiação)
Inserido em zona de vale (ave) marcado pela industrialização



III. SESC Pompeia

Proximidade ao centro da cidade
Proximidade a linhas de água
Reconversão programa Cultutal/ multifuncional
Componente social



IV. Factory of Porre

Complexo industrial
Proximidade ao centro da cidade
Tipo de produção idêntica (fiação)
Reconversão programa Cultutal/ multifuncional
Parque urbano
Ruína



Figura 5.3 | Esquema sintese de analogias entre a Fábrica de Fiação de Tomar e cada caso de estudo

I. Espaço Robbbinson

Complexo industrial
Proximidade ao centro da cidade
Reconversão programa Cultutal/ multifuncional
Intervenção no contexto urbano
Longevidade do edifício original
Componente social

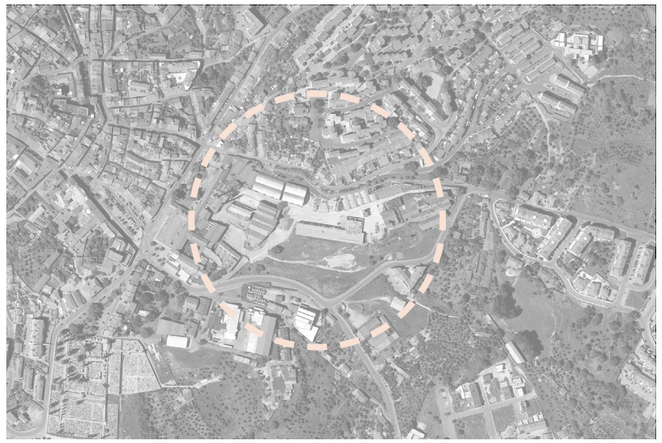


Figura 5.4 | Vista aerofotogramétrica do Espaço Robbinson

arquitecto: Souto Moura e Graça Correia
localização: Portalegre _ Portugal
área: 65.000m²
ano: 2008

Antiga função: Fábrica de cortiça (1848)
Nova função: Espaço cultural de formação, educação e conhecimento

---

Tipologia construtiva: Complexo Industrial

Uso do Edifício: Cultural | Museológico | Educacional | Residencial | Industrial | Empresarial / Comercial



Figura 5.5 | Espaço Robbinson (antigamente)



Figura 5.6 | Espaço Robbinson (atualmente)

Breve contexto histórico

A fábrica Robinson, situada na zona histórica de Portalegre, foi fundada em 1848 pela família inglesa Robinson, marcando profundamente a história desta cidade, dado o papel preponderante que assumiu no seu desenvolvimento social e cultural.

Esta antiga fábrica de cortiça, também conhecida por alguns como a "fábrica da rolha", tornou-se cedo num importante centro corticeiro, devido ao caracter e postura dos seus proprietários, preocupados com o desenvolvimento da região e das condições de vida dos seus trabalhadores, chegando mesmo a ser uma das maiores empresas do sector corticeiro a nível mundial.

Devido à instabilidade causada pela II guerra mundial e à conjuntura política e económica nacional, a fábrica esteve fechada durante cerca de três anos. Após este encerramento, os herdeiros da família Robinson, vendem-na a um grupo português que recuperou a sua vitalidade produtiva e comercial. Anos mais tarde, na década de 80, o complexo fabril, começa a acusar o desgaste das suas infraestruturas, da sua maquinaria e força de trabalho, resistindo assim até 2009, ano em que acabou por encerrar, atingindo mais de 160 anos de existência.

Ainda antes do seu encerramento começa a ser olhada como um marco histórico da arqueologia industrial europeia, não só pela sua longa duração, como pelo espaço, pelo simbolismo e memória que contém para a população portalegrense.

Após o fecho da fábrica, foi concebido um plano de desenvolvimento para esta zona da cidade prevendo a sua integração com o "Plano de Requalificação Urbana". Situada numa importante área de desenvolvimento, o estabelecimento ocupava uma vasta área de 65000 m2 de terreno, contendo algumas construções abandonadas, constituídas por hangares, armazéns e oficinas, limitadas pela cidade que no seu crescimento urbano, acabou por a envolver.

Intervenção e análise crítica

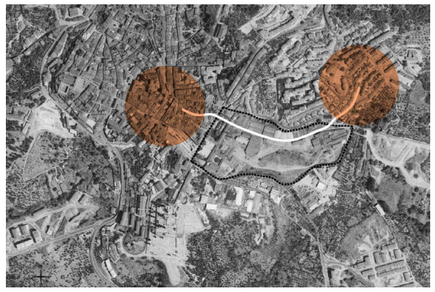


Figura 5.7 | Esquema de implantação dos dois pólos da cidade de Portalegre

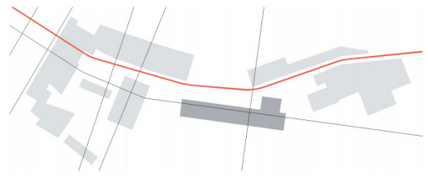


Figura 5.8 | Esquema do novo arruamento do Espaço Robbinson

"O projecto pretendia contribuir para a conservação deste património industrial, com base num ponto de vista programático, entedendo os edifícios como uma parte da memória coletiva e pretende dotá-los de novos usos respeitando o conjunto original para reduzir o esforço construtivo e conservar o seu carácter singular"[2]

Numa primeira abordagem, são destacadas várias semelhanças e pontos de ligação entre o estado original e as intenções de intervenção do Espaço Robbinson com a Fábrica de Fiação de Tomar. Analisando assim mais detalhadamente as estratégias e propostas executadas para o Espaço Robbinson, destacando os principais pontos para uma intervenção na Fábrica de Fiação de Tomar.

A estratégia base do projeto pretende estabelecer a continuidade e a abertura físicas entre a cidade tradicional, a cidade contemporânea e o património industrial, tentando conferir-lhe um carácter urbano numa atitude procedente à instalação dos novos usos para os edifícios abandonados, abrindo o espaço a todo o tipo de iniciativas culturais e artísticas.

Através da criação de unidades de carácter urbano, protagonizadas pelo novo arruamento e pela introdução de elementos como praças, passeios e equipamentos, promoveu-se a articulação dos edifícios da fábrica com o tecido urbano existente. Este edifício fabril tornou-se, num lugar de uso público multidisciplinar com vertentes históricas, sociais, culturais, científicas e de lazer.

Os autores do projeto pretenderam criar um modelo de ocupação que garantisse a sobrevivência da implantação original. Assim, elevou-se ao mínimo possível as ampliações, alterações e demolições a fazer, acabando por se concretizar apenas em momentos pontuais e com vista à clarificação do desenho de requalificação do espaço público.

Estes pontos são elementos fundamentais para a intervenção pretendida na fábrica de fiação de Tomar, dadas as características semelhantes em que ambas estão inseridas. A necessidade de criar novos acessos que dinamizem e atraiam a população para o complexo da fábrica de fiação, a conversão do espaço num programa de uso público com forte ligação cultural, histórica e social tanto da fábrica como com o envolvimento da malha urbana da cidade e, a conservação praticamente de todo o complexo existente com o desenvolvimento de novos espaços urbanos de lazer e convívio dentro do complexo, são princípios que se pretendem transpor e adaptar para a proposta de intervenção da fábrica de fiação.

A criação do novo arruamento e o desenho do espaço público tornam-se um elemento estruturante na articulação com a cidade. Protagonizado por uma espécie de caminho pré-existente, o novo arruamento será agora fisicamente marcado pelo rompimento na fachada da abertura da rua, transformando-o num túnel. Partindo de um princípio aditivo que ordena todo o conjunto industrial formado pelos edifícios dispostos ao longo de um caminho, configura-se agora uma nova relação com a envolvente, mediante a implantação estratégica do novo edifício da Escola de Hotelaria, que contribui para a definição clara desta nova rua na forma urbana.

A partir desta nova rua é possível observar, nos intervalos dos edifícios, a bela paisagem distante a sul. Criando num primeiro plano um edifício e num segundo um maciço de árvores (jardim botânico), nos limites do terreno, impedem-se as vistas menos interessantes e mais próxima da envolvente nascente/ sul. Este lado da envolvente vem-se apresentando, nos últimos anos, como a pior face do desenvolvimento, descaracterizado a cidade. Cada uma das peças adquirirá a urbanidade graças aos novos elementos urbanos implementados, tais como rampas, passeios e praças, conjugando volumetricamente o novo com o existente, expondo manifestamente a sua materialização atual.

Como forma de reforçar a unidade e continuidade da intervenção, é desenhado um embasamento de reboco em tom azul nas fachadas dos edifícios, libertando a cal branca dos restantes pisos alternando com o amarelo ocre alternando-a à semelhança das cores já existentes no local.

O espaço Robinson, em parceria com a Fundação Robinson e o Município de Portalegre, pretendiam que o complexo fabril fosse devolvido à cidade, apresentando-se como um lugar inovador de partilha de ideias, conhecimento, formação, inovação e, consequentemente, de desenvolvimento económico, com capacidade para se tornar num polo de atração complementar ao centro histórico e com grande impacto na qualidade de vida de Portalegre.

Partindo do conceito de fábrica que ultrapassa os conteúdos económicos, empresariais e laborais, focando o fator humano, a vida quotidiana operária, os hábitos e as rotinas, pretendeu-se ordenar o espaço em torno das necessidades quotidianas contemporâneas, delineando um programa de reabilitação das instalações que interligasse a sua relação histórica com a cidade e, ao mesmo tempo, redefinisse as funções dos diversos edifícios que constituíam as suas instalações, aproveitando assim

5.9. a



5.9. b



Figura 5.9 | Vistas exteriores do Espaço Robbinson

5.10. a



5.10. b



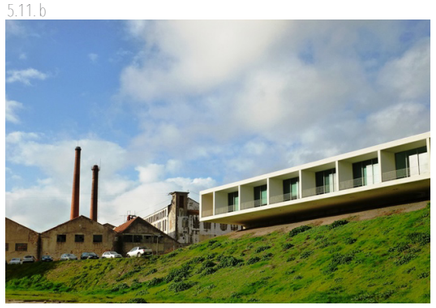
Figura 5.10 | Fotomontagens do Espaço Robbinson

2 Eduardo Souto Moura e Graça Correia "Memória descritiva" in Fundação Robinson disponível em: http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/14_projecto_arquitectura/arquitectura_memoria_descritiva.pdf

5.11. a



5.11. b



5.11. c



5.11. d



Figura 5.11 | Vistas exteriores do Espaço Robbinson

esta grande superfície de construção existente para receber os equipamentos que a cidade necessita.

Este principio e articulação do programa em função das necessidades da cidade, preservando a história e memória do antigo espaço fabril, pretende ser também o método para a abordagem a realizar na fábrica de fiação, atraindo serviços e atividades que fortaleçam a oferta cultural e económica da cidade de Tomar, devolvendo o antigo complexo fabril de novo à população, assim como aconteceu com o espaço Robbinson.

O programa proposto para a antiga Fábrica Robbinson, incluía uma série de serviços, tais como: museus, espaços comerciais, oficinas de expressão artística, auditórios, parque de estacionamento, uma residência académica, a escola de hotelaria de Portalegre, entre outros. Embora nem todo o projeto esteja todo executado a abrangência e polivalência dos serviços integrados nos antigos hangares e estruturas existentes é bastante extensa demonstrando mais uma vez a versatilidade dos espaços fabris como dinamizadores de novas áreas de interesse para a população local e consequente atração turística.

Os novos serviços, à exceção da escola de hotelaria e do auditório de audiovisuais, são integrados nas estruturas existentes da antiga fábrica de cortiça. Por sua vez, estes mesmos edifícios foram reabilitados, dotando-os das condições necessárias a albergarem as novas funções.

As novas construções, sendo os novos elementos dentro do complexo fabril, adquirem um carater de unificação do projeto, situando-se em locais estratégicos para compor e estruturar o novo arruamento criado.

O auditório de audiovisuais adquire ainda a particularidade e simbolismo industrial, sendo construído de modo a retratar as antigas máquinas industriais, tendo uma composição exterior idêntica às máquinas utilizadas anteriormente.

Em suma, esta intervenção de carácter complexo, engloba várias escalas e campos de ação: por um lado, a questão da conservação deste património industrial, entendendo os edifícios existentes e respeitando a geometria original do conjunto; por outro lado, a questão dos novos usos muito relacionados com um programa cultural e social, de acordo com as ideologias da antiga fábrica. Por último, a uma escala mais abrangente, a questão de requalificação urbana, envolvendo uma exaustiva análise para delimitar formas de resolver problemas da cidade com esta intervenção no Espaço Robinson.

A conservação e salvaguarda deste património industrial, reconhecido como Imóvel de interesse Municipal e classificado ainda como Conjunto de Interesse Público (CIP), beneficiou do facto de ter deixado de laborar recentemente (2009), facilitando o processo de conservação. É de salientar que, mesmo ainda antes do seu encerramento, já havia a consciencialização do valor e potencial patrimonial da antiga fábrica de cortiça, possibilitando a constituição de um repositório, a expor no futuro museu.

O estado de conservação em que o mesmo se encontrava antes da intervenção, é totalmente distinto da fábrica de fiação de Tomar, contudo, as intenções e conceitos adotados na intervenção da antiga Fábrica Robbinson e a sua relação com a cidade, são muito bem intencionados, permitindo um envolvimento da população com o antigo espaço fabril, algo que também se pretende com a intervenção na Fábrica de Fiação de Tomar.

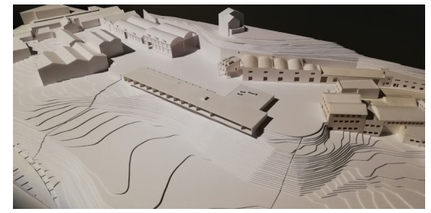


Figura 5.12 | Maquete do Espaço Robbinson

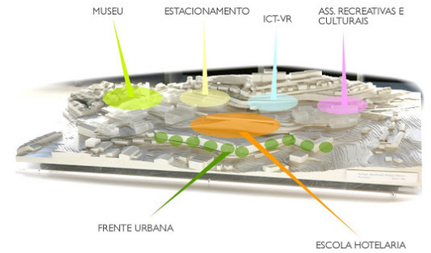


Figura 5.13 | Esquema da nova ocupação do Espaço Robbinson

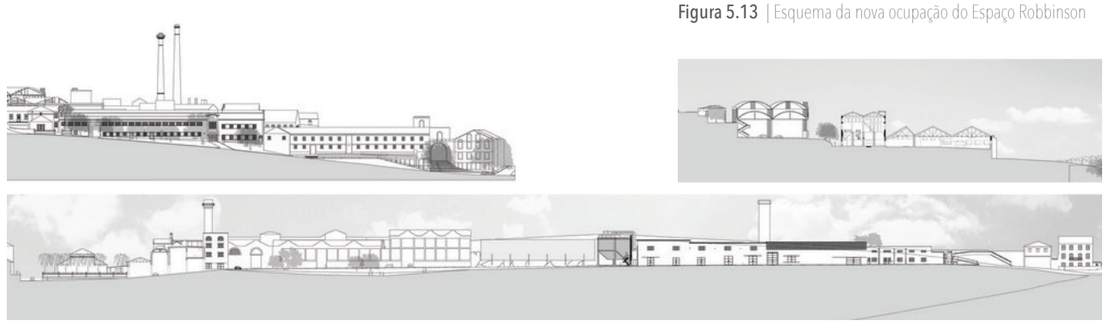


Figura 5.14 | Perfis do Espaço Robbinson

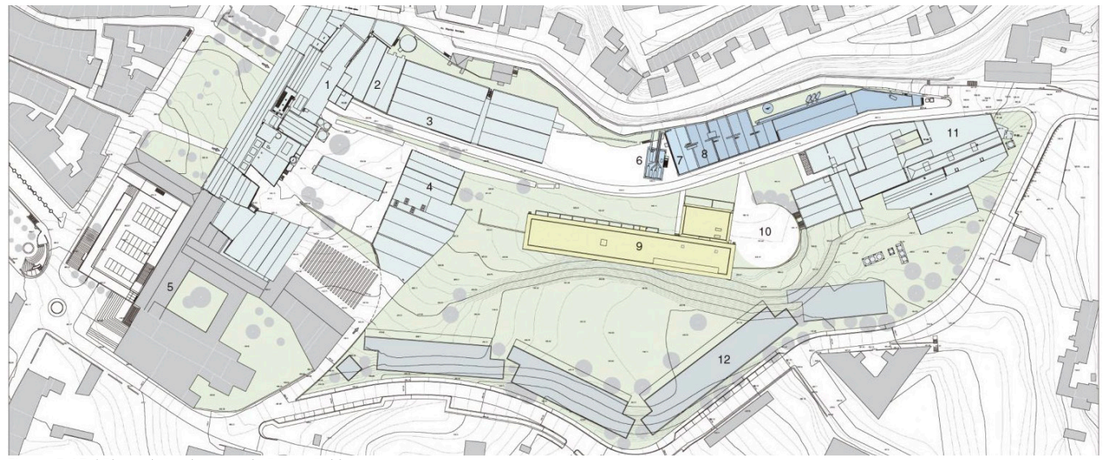


Figura 5.15 | Planta de implantação do Espaço Robbinson

II. Fábrica de Santo Thyrso

Complexo industrial
Proximidade ao centro da cidade
Proximidade a linhas de água
Reconversão programa Cultural/ multifuncional
Longevidade do edifício original
Tipo de produção idêntica (fiação)
Inserido em zona de vale (ave) marcado pela industrialização

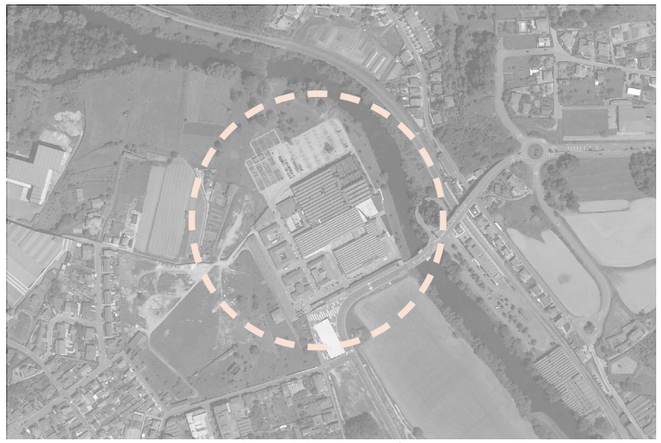


Figura 5.16 | Vista aerofotogramétrica da Fábrica de Santo Thyrso

arquitecto: Nuno Pinto
localização: Santo Tirso _ Portugal
área: 3.000m^2
ano: 2005

Antiga função: Fábrica de Fiação e Tecidos (1896)
Nova função: Incubadora Multifuncional na área da Moda e Design

---

Tipologia construtiva: Complexo Industrial

Uso do Edifício: Cultural | Museológico | Educacional | Industrial | Administrativo | Empresarial / Comercial

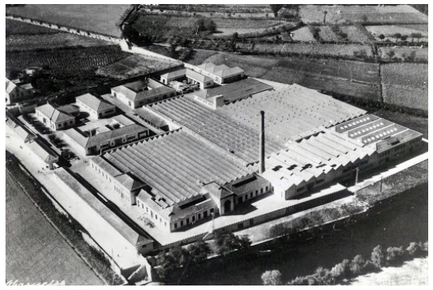


Figura 5.17 | Fábrica de Santo Thyrso (antigamente)



Figura 5.18 | Fábrica de Santo Thyrso (atualmente)

5.1.2 _ FÁBRICA DE SANTO THYRSO

Breve contexto histórico

A fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, também conhecida como "fábrica Teles", foi uma referência da industria têxtil e do vestuário português, situando-se junto às margens do rio Ave, no centro da cidade de Santo Tirso. Esta faz parte da memória coletiva e cultural dos munícipes e concelhos vizinhos, tendo sido mandada construir em 1896 pelo conde de S. Bento, segundo o projeto do seu sobrinho, José Luís de Andrade.

A atividade industrial manteve-se assim sempre no mesmo ramo de laboração, até ao seu encerramento em 1990, ano em que a fábrica encerra por não conseguir resistir à crise que se fez sentir no sector têxtil. Com uma longa vida de 94 anos, terminou a sua laboração deixando 800 operários desempregados, o que trouxe um impacto económico e social muito forte numa pequena cidade como a de Santo Tirso. Traduzindo-se no empobrecimento económico e social local, deixando a sua memória de outros tempos na cultura e nos seus vestígios arquitetónicos.

Desocupada, tornou-se um emblema de decadência, apesar de permanecer como um símbolo do património industrial da região. Consciente da importância que o mesmo tinha para o município e querendo criar uma nova centralidade urbana vocacionada para atividades económicas, e culturais viradas para a experimentação e para a inovação, a câmara adquire o edifício inserindo o mesmo no Plano de Urbanização das margens do Ave, preservando a memória da fábrica, assim como uma realidade socioeconómica, tecnológica e cultural profundamente relacionada com a identidade coletiva da comunidade tirsense, que, em grande medida, reflete a história da indústria têxtil da região.

Neste seguimento foi elaborado um concurso público que apontava para a reconversão cultural, tendo como princípio a musealização do complexo, pelo que, a estrutura e caráter do mesmo deveriam ser respeitados. Contudo foram vários os aspetos que levaram ao esquecimento desta intervenção, desde falta de verbas ao reconhecimento de fragilidades programáticas. Posteriormente, em 2005, a oportunidade de criar uma incubadora de negócios no antigo edifício administrativo, visto inicialmente como uma intervenção isolada, foi o mote para o primeiro passo da requalificação total do espaço.

Intervenção e análise critica

5.19. a



5.19. b



5.19. c



5.19. d



Figura 5.19 | Vistas exteriores da Fabrica de Santo Thyrso

As ligações e pontos de aproximação entre a fábrica de fiação de Tomar e a fábrica de Santo Thyrso, são inúmeros, começando pela semelhança no tipo de produção, a proximidade com o rio e a inserção num vale fortemente marcado pela industrialização (Ave e Nabão). As características e locais onde estão inseridos são bastante semelhantes, recaindo assim a escolha sobre este caso de estudo dadas as semelhanças originais entre ambos.

Embora o estado de conservação antes da intervenção não seja próximo ao da fábrica de Tomar, ambas encerraram portas na mesma época, sendo este caso de estudo apresentado um demonstrativo do potencial espacial e patrimonial já perdido no caso da Fábrica de Fiação de Tomar, e servindo ainda assim de exemplo para alguns aspetos a uma boa intervenção e de interligação com as restantes industrias do vale do Nabão.

O primeiro projeto desenvolvido na antiga Fábrica de Fiação e tecidos de Santo Tirso, foi a Incubadora de Base Tecnológica, que não se restringe apenas a uma incubadora, mas a um centro de empresas de base tecnológica onde se desenvolvem ideias de negócio apoiadas e acompanhadas nos parâmetros de sustentabilidade empresarial pela Fundação de Santo Thyrso, que gere o espaço e projeto.

Com a instalação da incubadora de negócios, num novo volume anexado ao antigo edifício administrativo, não se previa que o programa iria ser alargado e que a parte mais antiga da fábrica iria ser reabilitada. Esta oportunidade surgiu mais tarde como aproveitamento de uma potencialidade, mas é visível a tentativa de seguimento de uma linguagem comum entre as duas intervenções.

Nesta proposta existe quase que um seguimento das ideias de Viollet Le-Duc, no sentido de respeitar a integridade do edifício, recuperando o que merece ser recuperado e destruindo o que impede a sua leitura original3. Formalmente, a intervenção visou a destruição de uma parte mais recente da fábrica, na proximidade da chaminé e núcleo inicial e com a criação de um corredor constituído por duas partes, uma coberta e paralela ao edifico inicial e outra, ao ar livre, perpendicular ao mesmo. Este segundo desenvolvimento por limitações regulamentares devido às vastas áreas das naves. Apesar da obrigatoriedade da destruição, o projeto tenta perpetuar a memória desta nave através de uma pérgola ritmada e marcações dos pilares no pavimento.

Esta ideia adotadas na Fábrica de Santo Thyrso, pretende também ela servir de exemplo para a fábrica de Tomar, clarificando a composição volumétrica do complexo,

3 Françoise Choay, *Alegoria do Património,* trad. Teresa Castro. Lisboa, Edições 70, 2010, p.129

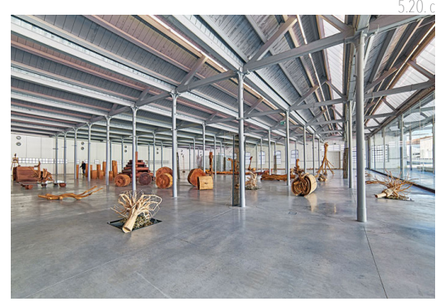
5.20. a



5.20. b



5.20. c



5.20. d



Figura 5.20 | Vistas interiores da Fábrica de Santo Thyrso

através da demolição de pequenas paredes ou anexos com pouca relevância histórica que foram sendo acrescentados ao longo das várias fases da fábrica. Clarificando a composição e volumes de maior relevo dentro do complexo e, permitir uma adaptação mais facilitada às novas necessidades, sem comprometer a ambiência do antigo espaço fabril.

No interior das naves, a sua leitura e linguagem foram tratados de forma a modificar o menos possível. Os programas e sistemas necessários à habitabilidade e segurança dos espaços foram inseridos em módulos "leves", que fazem lembrar contentores, simultaneamente tornam-se orientadores e definidores da circulação do espaço. Desta forma o espaço configura uma feliz convivência entre o velho e o novo, o passado e o presente.

As reparações construtivas, às naves antigas, passaram essencialmente por melhorias de conforto térmico, conseguidas através do aperfeiçoamento no isolamento das coberturas de ferro e telha, e da substituição dos vãos envidraçados. Para manter o carácter deste espaço, estilo sala hipostila, as colunas de ferro foram alvo de restauro de modo a garantir a estabilidade da estrutura, mas também a sua dupla função como tubo de queda de águas pluviais, o que acontece alternadamente entre colunas. Tratando-se de um objeto de forte identidade e marco visual do espaço, assim como a chaminé da fábrica, que se encontrava num avançado estado de degradação, foram alvo de um meticuloso restauro.

Esta intervenção adquire assim um duplo estatuto. Tratando não só da reconversão de um espaço industrial obsoleto, mas também da cristalização ou musealização de um elemento que já não tem um papel operativo no funcionamento do conjunto.

A incubadora de negócios compreende uma área de 570m^2 e capacidade para receber catorze micro e pequenas empresas. Em contraste, as naves mais antigas são reservadas a lojas e à permanência da memória.

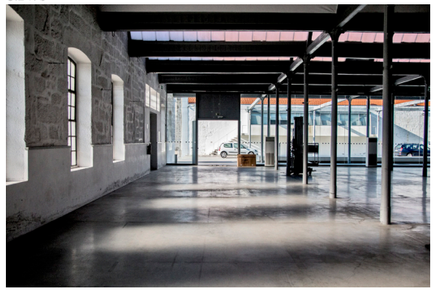
Junto à entrada principal, encontra-se um centro interpretativo, onde está exposta a história da industrialização do Vale do Ave e da fábrica, assim como uma livraria. A antiga casa das máquinas, é convertida num espaço simbólico e de passagem, caracterizando a relação entre a fábrica e o rio.

A nave principal, com uma área de 2200m^2, compreende um espaço polivalente para exposições e outros eventos culturais, com um pequeno bar que pode funcionar independentemente. Frente a esta, fica a incubadora de moda, criada através de uma parceria com um curso de moda da ESAD, que conta com pequenos atelier e zonas de

5.21.a



5.21.b



5.21.c



5.21.d



Figura 5.21 | Vistas da Fábrica de Santo Thyrso

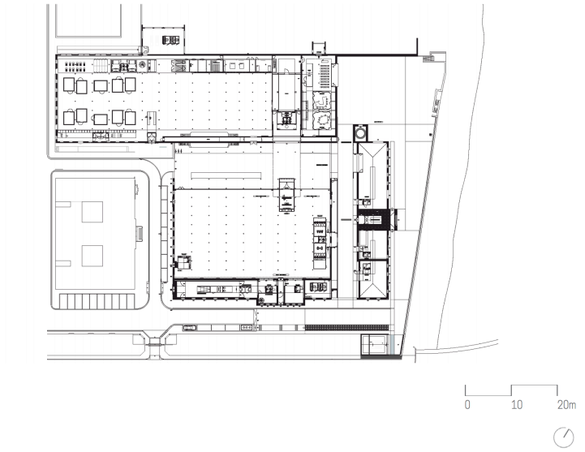
produção de tecidos e vestuário.

Apesar de algumas alterações necessárias, os esquemas de circulação e espacial mantêm-se quase inalterados, com exceção da nave que foi encurtada para formar um corredor/ saída de emergência. Esta alteração é igualmente mencionada, e de forma a evitar grandes transformações físicas nos espaços ou na forma. O método como são colocados os módulos/ contentores, que aparecem ao longo do espaço interior, deixam a ideia de estarem soltos da estrutura arquitetónica original, não comprometendo assim a leitura plástica do espaço outrora industrial.

O espaço é assim bastante multifuncional de acordo com as valências e projetos que pretende receber, sendo mais um dos aspetos que se pretende transpor para a proposta de intervenção na fábrica de fiação, conciliando um programa que se interligue com a história do espaço ao mesmo tempo que adquire uma nova utilidade e necessidade local.

O programa multifuncional revela, assim, uma maior interatividade. A parte museu e chaminé garantem a perpetuação da memória, e as incubadoras e parte expositiva servem de atração a novos utentes. Os valores rememorativos e históricos foram garantidos pelas poucas mudanças formais e estruturais e pela permanência das naves e edifícios ainda abandonados.

A Fabrica de Santo Thyrso surge, num ato de revitalização intermunicipal, numa tentativa de reabilitação social e económica do Vale do Ave. Revitalizando as consequências negativas que a desindustrialização provocou no mesmo, desenvolveu-se uma rota do património industrial do Vale do Ave, à semelhança de outras rotas europeias semelhantes. A intervenção proporciona assim, a conservação e valorização do património industrial, promovendo o desenvolvimento económico e cultural da região, mantendo ao mesmo tempo a memória fabril do espaço, permitindo que as gerações mais antigas continuem a ter uma visão do seu antigo posto de trabalho, mas identificando um catalisador de mudança. Este aspeto torna-se também ele um símbolo de referência para o caso do vale do Nabão, dadas as proximidades e semelhanças entre ambos os casos, sendo assim, uma possibilidade de intervir não só na Fábrica de Fiação de Tomar como de potenciar a revitalização dos vários estabelecimentos fabris abandonados ao longo do rio Nabão.



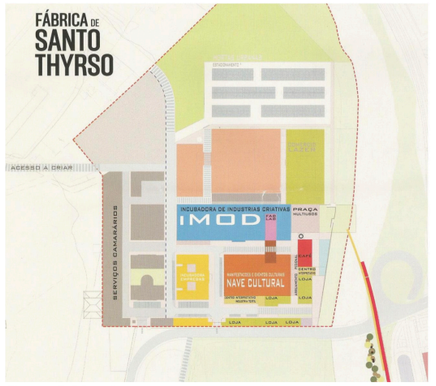


Figura 5.22 | Esquema das novas valências da Fábrica de Santo Thyrso

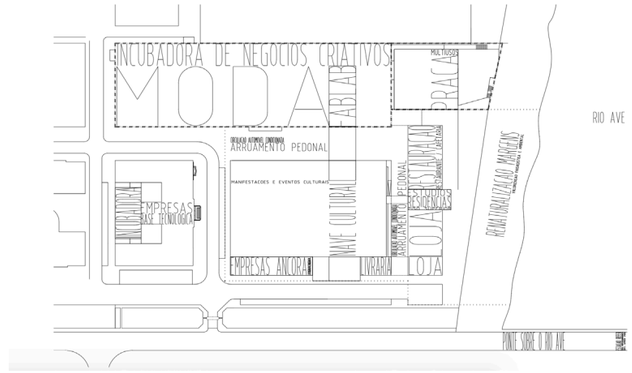


Figura 5.23 | Plantas da Fábrica de Santo Thyrso

III. SESC Pompeia

Proximidade ao centro da cidade
Proximidade a linhas de água
Reconversão programa Cultutal/ multifuncional
Componente social

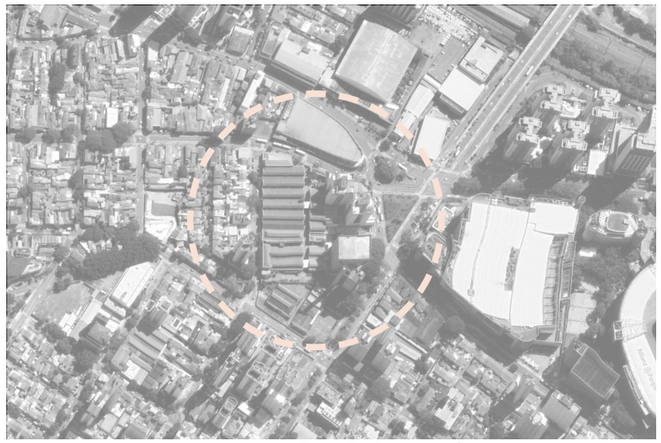


Figura 5.24 | Vista aerofotogramétrica do Sesc Pompeia

arquitecto: Lina Bo Bardi
localização: São Paulo _ Brasil
área: 16.500m²
ano: 1986

Antiga função: Fábrica de tambores (embalagens metálicas) (1938)
Nova função: Centro cultural e desportivo

Tipologia construtiva: Sistema de Naves Industriais

Uso do Edifício: Cultural | Desportivo | Museológico | Educacional | Administrativo

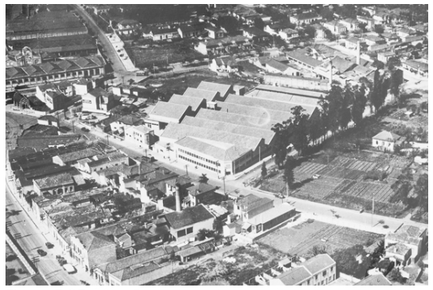


Figura 5.25 | Sesc Pompeia (antigamente)



Figura 5.26 | Sesc Pompeia (atualmente)

Breve contexto histórico

O complexo da fábrica de tambores de Pompeia, também conhecido como fábrica da Pompeia, foi construída pelos irmãos alemães Mauser, em 1938, numa zona industrial, do noroeste de São Paulo, num terreno com cerca de 16.500 m2. A sua construção utilizou uma estrutura em betão armado, sistema inovador no Brasil para a época. No ano seguinte, o complexo é vendido à Fábrica Nacional de Tambores, L.da, para a produção de barris metálicos.

Com o fim da produção de barris metálicos, provocado pela instabilidade da 2.ª Grande Guerra, o complexo foi leiloado à indústria de embalagens Ibesa, que o reocupou e transformou para a montagem de frigoríficos. Esta adaptação foi fácil, devido à abertura espacial do complexo.

Durante a década de 60 e 70 do século passado, fez-se sentir uma forte desindustrialização da zona, a qual também afetou este estabelecimento fabril, que acabou por encerrar em 1967, menos de 30 anos após a sua construção.

Três anos mais tarde, em 1971 o Sesc[4] adquiriu o complexo fabril, com o objetivo de o demolir e criar um novo espaço de cultura e lazer. Contudo, a arquiteta Lina Bo Bardi ao visitar o lugar pela primeira vez, deparou-se com um conjunto sóbrio e de tradição Hennebiquiana, pioneiro na utilização do betão armado, optando assim por preservar e manter a estrutura original do complexo.

Num período em que a arqueologia industrial estava ainda em surgimento e aceitação, não espanta que o projeto inicial não previsse a recuperação do edifício existente, sendo preponderante o papel da arquiteta Lina Bo Bardi ao visitar a obra, evitando a perda de um elemento da identidade local. O projeto de reconversão, aprovado em 1977, passou assim a ter como premissa, o respeito pela memória e entendimento do conjunto como sendo um documento histórico, e de importância para o povo.

4 O Servico Social do Comércio (SESC) é uma instituição pública de direito privado, com a iniciativa de proporcionar à sociedade brasileira ações de educação, saúde, cultura e lazer, contribuindo para o bem estar e a melhoria da qualidade de vida.

Intervenção e análise critica

5.27.a



5.27.b



5.27.c



Figura 5.27 | Vistas do Sesc Pompeia; a) exterior b) sala principal c) sala de atelier e oficinas

"o centro da fábrica da pompeia é uma tentativa de criar um ponto de reunião que não seja uma imposição cultural ou um facto artístico, mas algo que fosse um reencontro daquilo que hoje está totalmente perdido, não somente no Brasil, que é uma solidão acompanhada pelos outros. O facto de a fabrica de pompeia ser uma fábrica, é importante, porque em geral a ideia de lazer, é uma ideia de esquecimento do trabalho, ao passo que aqui foi procurado um sentido dialético, trabalho lazer, isto é a fábrica lembra o trabalho, mas não o trabalho escravo o trabalho livre, que poderia ser, o lazer."[5]

A reabilitação de um estabelecimento fabril (local de trabalho duro, testemunho do trabalho humano) e a sua consequente transformação num centro de lazer cultural e desportivo, mantendo sempre o cuidado de não extinguir essa memória, fazem do Sesc Pompeia um espaço especial. Devolvendo o espaço que pertencera ao povo durante o processo fabril de novo ao povo, mas com uma vertente cultural e de lazer.

O cuidado que Lina Bo Bardi teve em conseguir uma recuperação em que pudesse deixar impregnados os vestígios da antiga fábrica evidentes aos olhos dos seus utilizadores, assim como o carácter social da mesma. Por tão afirmada que se tornou, esta determinou-se como a principal estratégia de intervenção neste projecto.

Os aspetos e princípios impregnados na intervenção da arquiteta Lina Bo Bardi, e a consequente interação social que o projeto desenvolveu ao longo dos anos com as comunidades envolventes são características que se pretendem para o "novo" espaço da Fábrica de Fiação de Tomar, sendo assim essencial a escolha e análise deste projeto, entendendo com maior detalhe o sucesso por detrás desta obra, sendo hoje um ícone da arquitetura brasileira e da intervenção arquitetónica no Património Industrial.

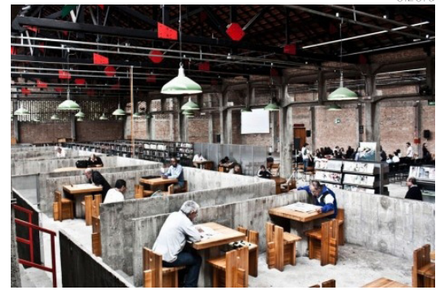
"Preservar a fábrica é preservar um pedaço da história da cidade, mas um pedaço da história com ela é mesmo, sem disfarces. Nada daquele conceito de que só deve permanecer o que é belo. O que é típico deve ser valorizado. Mesmo que seja simples, como seria obrigatoriamente uma fábrica de tambores"[6]

O projeto de reconversão da antiga fábrica de tambores, foi dividido em duas fases. Na primeira, inaugurada em 1982, a estrutura original do complexo foi preservada e foram mantidas as preexistências da antiga fábrica adaptando os armazéns ao novo programa. A segunda etapa, foi marcada pela construção dos novos volumes, destinados a completar e melhorar a adaptação deste espaço a novos usos, ficando a totalidade do projeto concluída em 1986.

5 Lina Bo Bardi, in Documentário "Segundo Tempo | Sesc pompeia 30 anos." Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/628228/documentario-sesc-pompeia-30-anos-lina-bo-bardi

6 Idem, ibidem.

5.28.a



5.28.b



Figura 5.28 | Vistas interiores da sala principal

Grande parte do projeto do Sesc Pompeia foi definido no terreno, pois a arquiteta Lina Bo Bardi transferiu o seu escritório para a fábrica durante o processo de reabilitação.[7] Neste projeto a arquiteta decidiu assim manter grande parte do complexo como era, para preservar as características do local.

As obras de conversão, começaram com o picar do estuque exterior das paredes deixando o aparelhamento de tijolo e a estrutura em betão à vista. As divisórias interiores, que antes formavam diferentes zonas de trabalho, foram demolidas para obter um único espaço amplo de convivência.

No maior armazém, que mede cerca de 50x70m, a fim de manter as qualidades espaciais existentes no local, propôs-se colocar objetos livremente no espaço, como uma estrutura de betão que divide assim a sala principal em uma zona de leitura e um espaço expositivo, com uma lareira e um espelho de água que corre e articula o espaço.

Esta mesma técnica foi utilizada no edifício dos atelieres e oficinas, desta vez com alvenaria de blocos de betão aparente, criando várias zonas de trabalho, de dimensões e formas variadas, fazendo uma homenagem ao arquiteto Holandês, Aldo Van Eyck, utilizando as mesmas soluções de fechamento que o próprio utilizou no pavilhão de escultura na Holanda. (ver figura 5.29)

As intervenções realizadas nos antigos galpões, deveriam reafirmar a ideia de fábrica. É nesta base que surge também o mobiliário utilizado. A arquiteta recriou assim alguns vestígios da memória da produção de tambores, através do uso dos mesmos como caixotes do lixo do Sesc, trazendo para os dias de hoje e para a nossa rotina, essa memória da época fabril.

A conciliação destas duas abordagens, pretende ser transposta para a intervenção da fábrica de fiação de Tomar, através do uso do tecido, representando a antiga produção têxtil e utilizando o mesmo como "cortinas" organizadores do espaço, permitindo uma versatilidades e multifuncionalidades dos espaços consoante a ocasião, tal como acontece no projeto da LocHall Library do atelier Civic Architects. (ver figura 5.31)

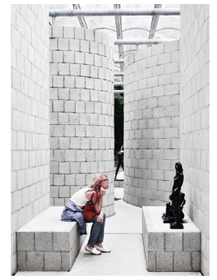


Figura 5.29 | Pavilhão da escultura _ Holanda



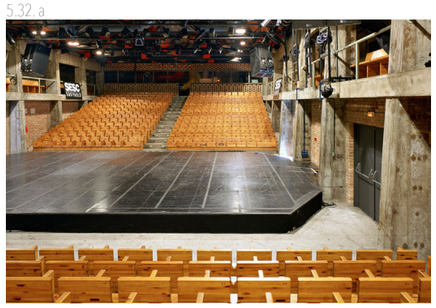
Figura 5.30 | Sala de atelier e oficinas do Sesc Pompeia



Figura 5.31 | LocHall Library _ Holanda

7 "na segunda vez que lá estive (Lina Bo Bardi), um sábado, o ambiente era outro: não mais a elegante e solitária estrutura Henebiqueana, mas um público alegre de crianças, mães, pais, anciões passava de um pavilhão a outro. Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo da chuva que caía dos telhados rachados, rindo com os chutes da bola na água. As mães preparavam churrasquinhos e sanduíches na entrada da rua Célia; um teatrinho de bonecos funcionava perto da mesma, cheio de crianças. Pensei: isto tudo deve continuar assim, com toda esta alegria. Voltei muitas vezes, aos sábados e domingos, até fixar claramente aquelas alegres cenas populares" Lina Bo Bardi, *Lina por escrito : textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo : Cosac Naify, 2009, p.148.

5.32. a



5.32. b



5.32. c



Figura 5.32 | Vistas Sesc Pompeia; a) teatro b) aérea c) janela

O teatro do SESC, inserido nos antigos galpões da fábrica, com capacidade para 800 pessoas, pretendia que aqui fossem apresentados espetáculos teatrais ou performances que permitissem o contato direto do público com os artistas e vice-versa, formulando uma grande experiência coletiva. A solução de ter duas plateias e um palco central, faz parte dessa proposta, ao contrário do que acontece num teatro tradicional. A própria construção do teatro pretende também ela fazer parte dessa diferença teatral, mantendo à vista o funcionamento e maquinismos do teatro, permitindo uma grande experiência coletiva, tanto para o público como para os artistas.

A segunda fase do projeto, que se prolongou até 1986, foi marcada pela construção de três novos volumes prismáticos, em betão à vista, que vieram marcar e reformular o skyline do bairro, contrastando com a presença da antiga fábrica, marcando uma nova edificação, e afastando-se da ideia de continuidade que já não faria sentido no contexto atual.

Aos dois blocos principais foi destinado albergar um centro de atividades desportivas. No volume mais largo, situam-se as áreas desportivas, com os campos de jogos e piscina, distribuídos por cinco pisos com pé direito de 8,60m. No outro volume prismático, mais estreito, situam-se os balneários e os acessos verticais, nos seus 12 pisos com pé direito de 4,30m. Os dois volumes comunicam através de quatro galerias em betão armado, que sobrevoam a galeria de águas pluviais, agora recuperada e transformada num espaço de solário, preenchido com cadeiras de praia, chuveiros e guarda sóis, para usufruto da comunidade.

O terceiro volume, um cilíndrico com 70m de altura, diz respeito a um depósito de água, que pretende ser uma referência à chaminé da antiga fábrica, que terá sido o primeiro elemento demolido da intervenção inicial (correspondente ao primeiro projeto), antes da visita de Lina à obra.

As fachadas destes novos edifícios podem ser consideradas peculiares, dado que no volume de maiores dimensões foram criadas, a leste e a oeste, quatro aberturas irregulares de cada lado, por andar, as quais foram executadas através de moldes irregulares embutidos durante a cofragem. Por oposição, o outro volume apresenta aberturas quadrangulares, de menor dimensão, distribuídas "aleatoriamente" pela fachada.

Deste modo, o programa do conjunto ficou dividido entre a antiga zona de galpões industriais, com as atividades literárias e artísticas, num ambiente calmo e amplo; e as novas construções, associadas as atividades desportivas. O acesso é feito através de um eixo longitudinal que faz a distribuição entre os vários espaços.

Percorrendo a rua interna do SESC, inserido nos galpões industriais do lado esquerdo, junto à entrada, encontra-se a área administrativa e, posteriormente, a cozinha industrial e restaurante self-service de serviço à comunidade. Por fim, o último galpão deste lado da rua é reservado a oficinas de manutenção. Já do lado oposto, encontramos os diversos espaços já referidos, como o espaço expositivo e biblioteca/ zona de leitura, o teatro e o galpão dos ateliers e oficinas. No final do percurso desta rua em declive, entre o programa cultural e de serviços, conduz-se o visitante a uma área reservada de acesso ao novo complexo desportivo, e ao deck/ solário colocado sobre a linha de água existente no complexo.

Ao encerrar a fábrica, a comunidade adaptou o seu ambiente às novas necessidades. Os espaços exteriores transformaram-se em espaços de lazer e de manifestações culturais. A componente popular, e formulação de uma programação abrangente e inclusiva, somada às soluções espaciais de acessibilidade que contemplasse e criasse interesse às diversas faixas etárias e às diversas classes sociais, sem descriminação, é a chave principal para o sucesso do projeto.

Percebe-se, que apesar da intenção de agir de acordo com a natureza dos edifícios as suas ações modificaram-no. Pode contudo, argumentar-se que se respeitou o que se considerou mais significativo, ou seja, a base industrial. Os novos elementos surgem para cumprir uma função, obedecendo a uma natureza meramente utilitária, apresentando-se num aspeto cru e em betão, seguindo a mesma génese da fábrica. Assim, apesar da adição de elementos novos que alteram a circulação espacial, lê-se uma só linguagem material, identificando os novos elementos dos antigos.



Figura 5.33 | Vista Sesc Pompeia

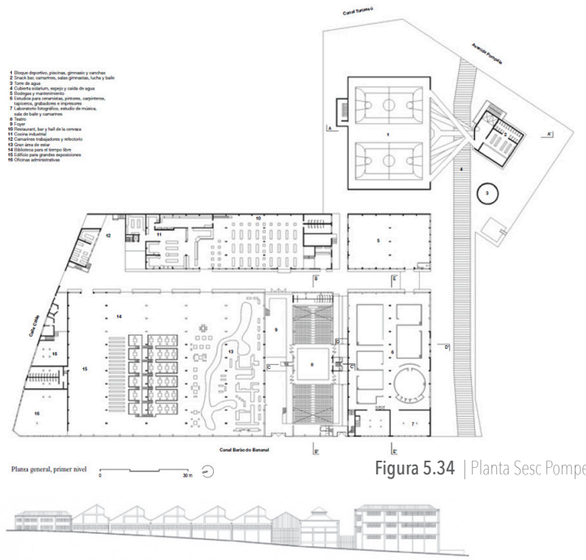


Figura 5.34 | Planta Sesc Pompeia

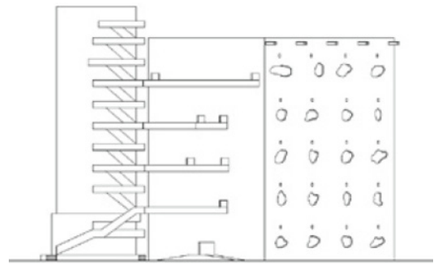


Figura 5.35 | Perfil blocos desportivos Sesc Pompeia

Figura 5.36 | Perfil parte fabril do Sesc Pompeia (à esquerda)

IV. Factory of Porre

Complexo industrial
Proximidade ao centro da cidade
Tipo de produção idêntica (fiação)
Reconversão programa Cultutal/ multifuncional
Parque urbano
Ruína

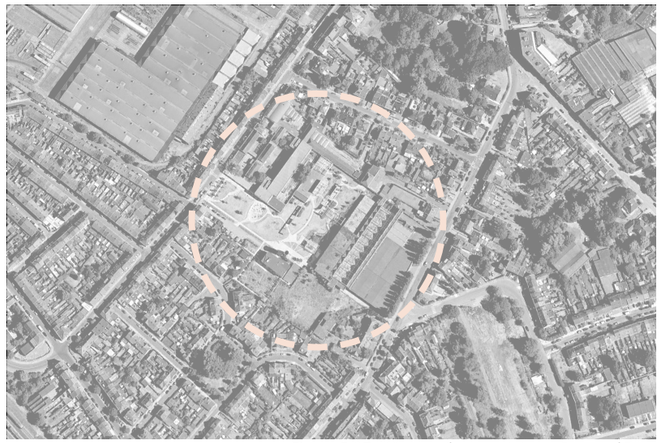


Figura 5.37 | Vista aerofotogramétrica da Factory of Porre

arquitecto: Vandriessche Architecten
localização: Ghent _ Bélgica
área: 11.357m2
ano: 2009 - 2014

Antiga função: Fábrica Têxtil de Porre (1907)
Nova função: Parque urbano de Ghent

Tipologia construtiva: Complexo Industrial

Uso do Edifício: Cultural | Desportivo | Educacional | ~~Residencial~~ | Administrativo



Figura 5.38 | Factory of Porre (antigamente)



Figura 5.39 | Factory of Porre (atualmente)

Breve contexto histórico

A fábrica de Porre, foi fundada em 1907, por Ernest de Porre no distrito de Gentbrugge, em Ghent. Inicialmente inaugurada apenas como fábrica de tecelagem e algodão, só posteriormente, cerca de 20 anos depois, foi ampliada para a instalação de uma fiação.

A fábrica foi um centro de grande empregabilidade desta zona durante várias épocas, atingindo o seu pico em 1937, empregando nessa época cerca de 476 pessoas. De Porre era conhecido pela qualidade dos seus produtos, principalmente as suas folhas de flanela, exportando a sua mercadoria para inúmeros países.

Durante a II guerra mundial, a fábrica foi bombardeada deixando o complexo industrial em ruínas. Embora, devido à sua importância, tenha sido reconstruída passado pouco tempo, em 1980 abre falência e vê-se obrigada a encerrar.

Dois anos após o encerramento da fábrica, o município de Ghent comprou o complexo, cedendo os terrenos e edifícios a diversos grupos e instituições como a Casa da Juventude, a Cruz Vermelha, o MIAT, o Reitorado, associações de carnaval, corpo de bombeiros e um clube de idosos. Ao longo dos anos de 2008 e 2009 a maior parte dos grupos deslocou-se, deixando os espaços novamente vazios e os edifícios foram sendo demolidos de forma sistemática e seletiva.

Em função da futura requalificação do local, o complexo foi inserido no projeto de renovação urbana da zona, constituindo o seu principal objetivo de reconversão num parque urbano diversificado que pudesse vir a estimular a vida comunitária do lugar, fornecendo espaços de lazer, habitação e algumas funções públicas.

Intervenção e análise critica

5.40. a



5.40. b



5.40. c



5.40. d



Figura 5.40 | Vistas da Factory of Porre

O abandono e degradação que se vinha a verificar anos antes da intervenção na fábrica de fiação de Porre, tronou-a alvo de vandalismo e foco de insegurança no complexo e arredores, tornando-se num lugar sem interesse para os residentes locais, acelerando o seu estado de deterioração.

O seu estado de conservação antes da intervenção e o tipo de produção é idêntico ao da Fábrica de Fiação de Tomar. Para além da suas ligações antes da intervenção, as intenções e programas adotados são idênticos ao que se pretende da zona mais a Norte da Fábrica de fiação de Tomar. Interligando a área do parque urbano com a fábrica e com um foco numa área mais desportiva, é assim útil a sua compreensão e análise deste caso de estudo, compreendendo as características e principais princípios de intervenção.

O município de Ghent, decidiu recuperar a antiga fábrica, reconvertendo o espaço num parque da cidade. O projeto de renovação urbana de desenvolvimento de uso misto, foi encomendada pela Sogent, empresa responsável pelo desenvolvimento urbano de Ghent, em 2008 e 2009, dando início a um movimento de limpeza e relocação das associações e grupos aqui instalados.

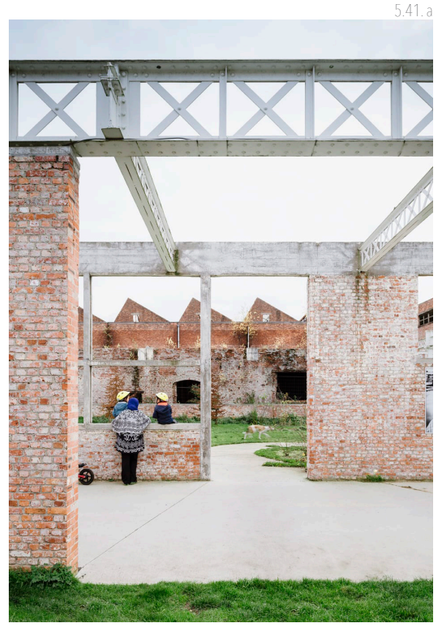
Foi assim decidido recuperar, restaurar e integrar partes valiosas do antigo complexo fabril no novo parque. Para isso, alguns dos galpões foram demolidos coordenadamente e em diferentes fases. As paredes da velha fábrica foram restauradas como muros do jardim e a torre de resfriamento, a turbina a vapor e a estrada de paralelepípedos foram preservadas como um marco da antiga industria.

O projeto de reabilitação urbana contemplou a conversão da antiga fábrica de Porre num parque de bairro com zonas residenciais, duas escolas e um centro comunitário, inseridos no antigo terreno da fábrica. Aliando a criação de um lugar onde são possíveis muitos fluxos à preservação das estruturas das construções preexistentes, cria assim uma lógica de zoneamento e organização de um parque urbano.

Numa primeira fase, foram realizadas as obras de construção do parque (Vandriessche architecten e Buro Voor Vrije Ruimte), a ampliação do Ginásio com uma nova parte (Nero architecten) e a renovação de parte da antiga fiação em um centro comunitário (aNNo architecten).

Numa segunda fase, esta ainda não tendo sido desenvolvida, a zona residencial, será construída juntamente com a continuação da construção do espaço público. O novo parque de bairro está rodeado e carregado por várias atividades, estrutura-as ao mesmo tempo e melhora a acessibilidade com o seu entorno imediato.

5.41. a



Das várias intervenções executadas no antigo complexo, a de maior relevância trata-se da construção do parque executado pelo atelier Vandriessche architecten e Buro Voor Vrije Ruimte, interligando e preservando a memória fabril muito acentuada e com relevância para o caso da fábrica de Tomar, sendo assim analisado com maior destaque o projeto do parque da fábrica de Porre.

A transformação do local num parque de bairro garante uma maior integração com a vizinhança do complexo. Ao reter uma série de elementos característicos e históricos na organização do novo parque, a memória do lugar permanece visível e percetível. Exemplo disto, é a preservação da antiga Torre de Poeira, que serve como marco da presença industrial, assinalando a transição da zona residencial para a área do parque.

A torre de resfriamento em betão, localizada no centro do parque, é o resquício mais marcante do passado industrial e foi preservada e restaurada como uma espécie de escultura estática e iluminada por fora. Continua assim sendo um marco do passado, ligando o parque aos arredores mais amplos.

Em frente à construção pesada e sólida da torre de resfriamento, foi inserida uma estrutura leve e frágil de vidro branco, protegendo uma das cinco turbinas a vapor existentes em todo o mundo, agora finalmente desacelerada, tornando-se um artefacto da natureza e elemento de destaque no parque.

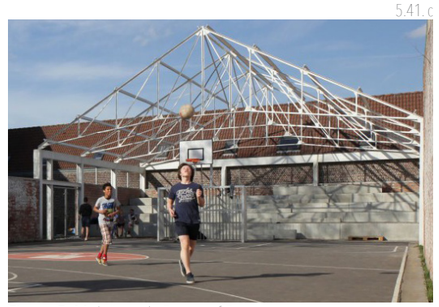
5.41. b



A antiga bacia de água para arrefecimento, próxima da turbina, foi redesenhada como uma lagoa de purificação, integrando no conceito e desenho do parque, tornando-se um perfeito recurso de brincadeiras para crianças. A partir daqui a água transborda para uma lagoa rasa, que se derrama num wadi quando existe excesso de água.

Além da turbina a vapor e da torre de resfriamento, também foram preservadas diversas paredes da antiga fábrica e as velhas vigas de metal foram pintadas de branco contrastando fortemente com a imagem das paredes desgastadas.

5.41. c



As paredes restauradas da fábrica, dão estrutura ao espaço do parque, articulando novas atividades de lazer e convívio para as crianças, jovens e idosos. Os muros altos são interrompidos de forma direcionada para permitir o controle social em todos os lugares. Destes espaços surge um novo campo de jogos e duas áreas de desportos de aventura que são amplamente utilizados pelo bairro. Assim como o pomar de frutas, são alguns elementos que completam este novo parque de bairro.

Em contraste com as paredes restauradas da fábrica em tijolo, são criados novos espaços verdes, cujos caminhos pedonais contrastam com a verticalidade das estrutu-

Figura 5.41 | Vistas da Factory of Porre

5.42. a



5.42. b



Figura 5.42 | Vistas da Factory of Porre

ras existentes, proporcionando uma articulação adorável entre árvores nativas, de fruto e campos de flores, que trazem cor e um espaço verde de alta qualidade durante todo o ano.

Ao preservar alguns elementos históricos, o parque torna-se uma "paisagem arquitetónica". Mas, num outro nível, foram integrados retratos de ex-funcionários na fábrica, instalados nas paredes da antiga fábrica, acrescentando uma dimensão social à histórica já presente no projeto do parque, alcançando a união do passado e do presente.

A integração do parque com a ruína, e a preservação de elementos identitários da era industrial ao longo do mesmo, são princípios que, dadas as características semelhantes se pretendem transpor para a fábrica de Tomar. Tornando o espaço numa nova área de lazer, mas assumindo a presença histórica e industrial do espaço.

Além da criação do novo parque urbano nas instalações da antiga fábrica, o antigo armazém da fiação foi reformado e ampliado para um centro comunitário multifuncional, com uma área útil de 350m2. Projetado pelo atelier aNNo architecten, este espaço inclui instalações sanitárias públicas para o parque, uma sala polivalente com campos de petanca móveis, uma sala de bilhar e salas técnicas e depósitos necessários.

O projeto de ampliação do ginásio, também incluído nas instalações da fábrica, elaborado pelo atelier Nero architecten, resultou num edifício lúdico adjacente à rua "Jules de Saint-Genoisstraat" e ao novo parque, dando à escola um novo refeitório e áreas de apoio, salas de aula adicionais e uma área administrativa acessível.

Neste momento, a segunda fase do projeto, destinada à criação de uma área residencial e ampliação do parque, ainda se encontra por concluir. Contudo, desde que o parque foi construído, houve um ressurgimento da atividade no bairro. Graças às sessões de participação públicas, os habitantes locais sentiram-se muito envolvidos com o projeto. A antiga fábrica de fiação de Porre, passou a ser intensamente utilizada por diversas gerações, tornando-se, como costumava ser, o ponto de encontro da vizinhança.



Figura 5.43 | Planta do parque urbano da Factory of Porre



Figura 5.44 | Corte AA' | Corte BB´ pelo parque urbano da Factory of Porre

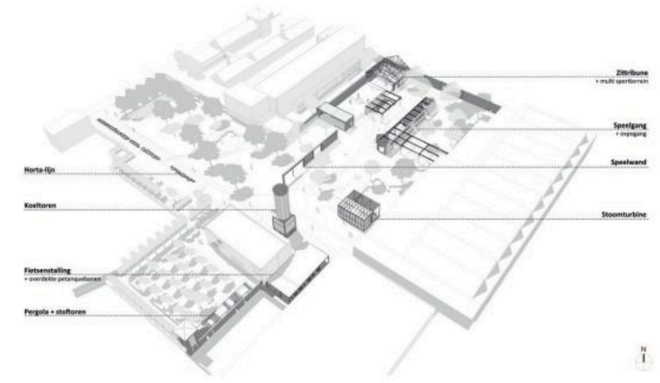


Figura 5.45 | Axonometria da Factory of Porre







Figura 5.46 | Fotomontagens do parque urbano da Factory of Porre

5.2 _ SINTESE CRÍTICA

Nos vários projetos analisadas, as características e princípios de intervenção são bastante distintos, permitindo ter uma compreensão das várias polivalências existentes. Contudo são retiradas algumas estratégias muito presentes em ambos os casos, e que parecem essenciais para a intervenção na fábrica de fiação de Tomar.

Alguns dos pontos essenciais em todas as intervenções analisadas, trata-se do cuidado com a memória e história do antigo espaço industrial, preservando sempre o maior número de elementos identitários do espaço. Assim como, a integração da sociedade no projeto demonstrou ser o grande fator de sucesso nas intervenções analisadas, "re-habitando" o espaço através do envolvimento da comunidade local com o antigo espaço fabril.

A escolha dos casos de estudo, permitiu desenvolver uma proximidade maior com o caso de estudo, e que embora as características sejam distintas, são retirados pontos de aproximação com a fábrica de fiação de Tomar.

O caso da fábrica Robbinson, permitiu compreender o envolvimento e a extensão da fábrica com a malha urbana, alargando o campo de intervenção para a reconversão da cidade, entendendo assim o potencial da fábrica de tomar enquanto novo dinamizador de uma área esquecida na malha urbana da cidade, sendo um ótimo revitalizador do espaço e expandindo o mesmo para a cidade, através da criação de novos acessos e arruamentos.

A fábrica de Santo Thyrso, dadas as proximidades históricas e produtivas com a fábrica de Tomar, fez mais uma vez entender a necessidade de intervir na fábrica de Tomar, de modo a evitar que a perda patrimonial deste símbolo identitário da população Tomarense continue em degradação, como pela escolha programática e multifuncionalidade do espaço e do seu envolvimento a uma escala mais alargada e de integração das várias industrias ao longo do rio.

O SESC Pompeia, de todos os casos analisadas, é o que adquire maior proximidade programática com as intenções para a fábrica de fiação de Tomar. O Sesc demonstrou a importância e a abrangência mais uma vez dos antigos espaços fabris, alertando para a sua forte relação e envolvimento com a população local. A preservação dos antigos hangares e as estruturas criadas para a organização e divisão do espaço adotados são elementos que através da sua simplicidade, permitiram uma multifuncionalidade e perceção do ambiente fabril.

Por último o projeto da Factory of Porre, dada as suas ligações com a fábrica de Tomar e intenções programáticas muito próximas com as pretendidas para uma das áreas do complexo da fábrica de fiação de Tomar, permitiram compreender o envolvimento e articulação da ruína no novo uso do espaço, sendo representativo da antiga funcionalidade do espaço, e atraindo de novo a população para dentro do antigo complexo fabril.

Os projetos analisados pretendem assim, servir de referência às intervenções realizadas no espaço fabril, adotando princípios e estratégias executadas ao longo destes casos de estudo, de modo a conseguir uma solução que preserve a memória e histórica daquilo que foi a Fábrica de Fiação de Tomar, atraindo de novo o interesse por esta zona agora esquecida da cidade Tomar, mas com enorme destaque em outras épocas da evolução da cidade.

6.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E VALORIZAÇÃO DA FÁBRICA DE FIAÇÃO

6.1_ INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DO CONTEXTO ENVOLVENTE
6.2._ CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO
6.3._ PROPOSTA DE INTERVENÇÃO



Figura 6.1 | Vista aerofotogramétrica da cidade de Tomar

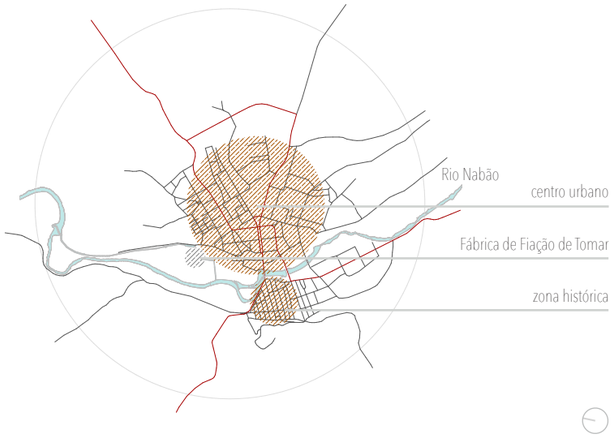


Figura 6.2 | Infografia da malha urbana da cidade - principais vias de circulação

O contributo para uma nova abordagem de intervenção e valorização da Fábrica de Fiação de Tomar, está atualmente interligada com a sua envolvente próxima e consequente envolvimento na cidade. Sendo necessário reformular o atual plano de pormenor em vigor para esta área e estabelecer novas linhas de intervenção na perspetiva de uma futura requalificação da zona, valorizando o património industrial da fábrica de fiação.

A fábrica, adquirindo uma percentagem bastante extensa dentro do plano de pormenor em vigor, exige assim uma análise mais pormenorizada do seu contexto atual e o desenvolvimento de uma nova abordagem para este plano.

6.1 _ INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DO CONTEXTO ENVOLVENTE

Atualmente, a fábrica de fiação está inserida no Plano de Pormenor do Açude de Pedra ao Parque desportivo, o qual encontra-se desatualizado e com problemas face ao panorama atual da cidade (como foi abordado no capítulo 3).

O plano não chegou a ser concretizado e o contexto atual transformou de forma diferente do que estava projetado, pelo que se torna necessário compreender a sua envolvente e os principais problemas e potencialidades da zona, contribuindo desta forma para uma melhor intervenção e valorização da fábrica.

A fábrica de fiação possui uma localização privilegiada na cidade, ficando inserida na sua área central, entre a zona histórica e o centro urbano (ver figura 6.1/ 6.2), o que constitui um fator que potencia a sua intervenção, ao que acresce a possibilidade de desenvolvimento da cidade a Norte.

O facto do seu acesso ser bastante limitado, por estar circunscrito a um único ponto de entrada, através da Rua da Fábrica de Fiação, reduz a potencial aproximação com a zona histórica da cidade, encurtando ainda a aproximação com o próprio centro urbano.

O terreno da fábrica, embora próximo do centro da cidade, encontra-se restrito em termos de acessos, por estar limitado a Oeste pelo rio e a Sul pelo Parque de Campismo e Piscinas Municipais, que impedem o seu acesso pedonal e viário, o que torna esta dificuldade de acessos um dos principais temas de uma futura intervenção.

Um novo acesso ao terreno da fábrica através da zona sul parece assim essencial ao futuro desenvolvimento desta área da cidade. Permitindo uma aproximação da fábrica e plano de pormenor com o centro histórico e urbano da cidade.

Os terrenos pertencentes ao plano de pormenor, de que a fábrica de fiação faz parte, são de características bastante distintas, podendo analisar e distinguir os mesmos para um melhor entendimento, através das "Unidades de execução do Plano". (ver imagem 6.5).

A zona a Oeste do rio, corresponde a áreas já praticamente consolidadas, marcada por habitações unifamiliares e o Hotel dos Templários (UE1), bem como pelos jardins públicos da ilha do Mouchão e da Várzea pequena (UE2).

A Este do rio, as características locais são bastante diferentes, marcadas essencialmente por áreas verdes e vazios urbanos. As principais zonas consolidadas do plano da localização em apreço dizem respeito a áreas de habitações plurifamiliares (UE4), à área do Parque de Campismo e às piscinas municipais Vasco Jacob (UE3). Contudo,



Figura 6.3 | Vista entrada Piscina Municipal



Figura 6.4 | Vista entrada Parque de Campismo

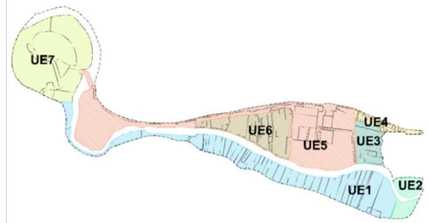


Figura 6.5 | Unidades de execução do P.P. do Parque desportivo ao Açude Pedra

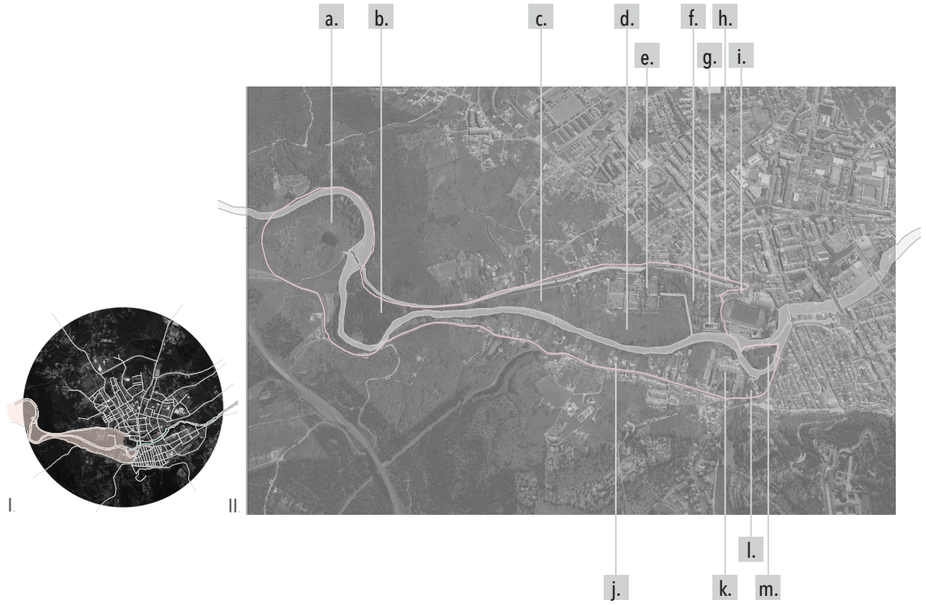


Figura 6.6 | Contexto existente no plano pormenor; **I.** - enquadramento; **II.** - vista aerofogramétrica; **III.** - vista aérea (sentido sul/ norte); **IV.** - vistas a.) - m.)

a ligação entre estas duas zonas encontra algumas dificuldades, ainda na atualidade, devido à sua diferença de cotas, e ao facto de o sector das habitações plurifamiliares não conter um encerramento do seu quarteirão, marcando de forma negativa a área desportiva e parque de campismo pelas traseiras destas habitações.

O terreno da fábrica (UE5) corresponde a cerca de metade da área desta zona do plano, sendo as restantes zonas maioritariamente áreas verdes, contendo uma zona de hortas com algumas habitações unifamiliares, a Norte da fábrica (UE6), e na envolvente do açude um setor de vegetação arbórea densa, tanto a montante (UE7), como a jusante.

A área do terreno da fábrica, entre o complexo fabril e o rio, é caracterizada por um grande vazio urbano, que resulta do facto de esta zona estar condicionada pela elevada cota de linha máxima de cheia do rio, impedindo assim a construção de edificações na maior parte da sua extensão, o que, em certa medida, contribui para a preservação dos terrenos da envolvente da fábrica.

Se, no sentido Oeste e Norte, a sua envolvente próxima foi sendo preservada, dadas as condicionantes do território, na zona Sul e Este da fábrica, encontramos uma malha urbana já consolidada, com o centro histórico e o centro urbano da cidade.

O crescimento urbano, para além do plano na região a Oeste, é marcado essencialmente pelo monte de Nossa Senhora da Piedade, contendo algumas habitações em torno do mesmo mas, dada a sua topografia, impede um crescimento neste sentido. A Norte do plano, a cidade começa a afastar-se do seu centro urbano e o percurso do rio vai ao encontro uma zona mais natural e de biodiversidade mais alargada, pontuada pelas várias indústrias abandonadas ao longo do seu curso. Já a Noroeste da fábrica, fora do plano de Pormenor, encontramos uma zona ainda em formação, sem uma malha urbana consolidada, mas com grande potencialidade de crescimento e necessitando de uma restruturação.

A interligação do plano de pormenor com esta zona e consequente ligação à urbanização "cidade nova", que tem vindo a crescer nos últimos anos atrás do quartel militar, irá ser um grande dinamizador da área do plano, como da própria cidade, conseguindo manter um crescimento radial em torno da mesma e recuperando o crescimento desta área Norte da cidade, face ao crescimento urbanístico tendente a Sul e a Este do centro da cidade.

6.2 _ CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO

O estado de conservação atual do edificado da fábrica (analisado no capítulo3) condiciona uma futura intervenção, devido ao seu nível de deterioração e avançado estado de ruína presente na maioria do complexo. Contudo, com este estudo, foi possível identificar diversos valores patrimoniais existentes, tais como: interesse histórico, social, industrial, arquitetónico e documental, conectados com a memória da população ainda hoje existente e com a singularidade do edificado, que constituem motivos suficientes para a necessidade de salvaguardar e valorizar este património industrial.

Uma intervenção no complexo da fábrica deve preservar essencialmente a sua memória de conjunto, ressalvando todas as edificações e ruínas de maior relevância. Associando um programa que interaja com a população local, atraindo de novo uma vivência grande do espaço e potenciando o desenvolvimento da cidade através deste edificado como foi outrora, preservando assim a memória e identidade da fábrica de fiação de Tomar no panorama industrial nacional e local para as gerações futuras.

Os critérios gerais de intervenção na fábrica devem de ser determinados com base nos princípios estabelecidos pelas cartas e convenções do património e património industrial internacionais (abordadas no capítulo 4), bem como pela legislação nacional em vigor para a intervenção neste tipo de património.

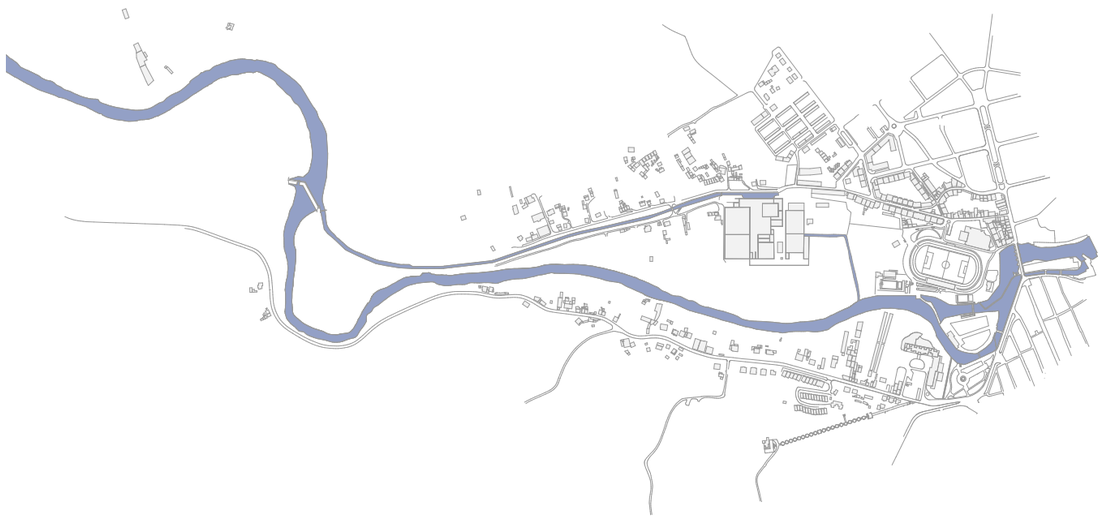


Figura 6.7 | Planta do contexto existente Plano Pormenor

Dada a extensão da área de intervenção correspondente ao complexo da fábrica, é fundamental compreender a evolução urbana da cidade, interligando o antigo espaço fabril com a sua envolvente e relacionando-a com o contexto existente e passado da fábrica, de modo a promover a melhor intervenção possível para a população local. Conciliando as necessidades atuais e futuras da cidade, integrando no programa proposto os interesses momentâneos, com o potencial e as necessidades dos espaços existentes.

Por conseguinte, pretende-se promover um programa com interesse municipal, que induza todo o desenvolvimento desta região da cidade e que inclua toda a comunidade no projeto, não ficando a mesma refém de investidores privados para uma rápida intervenção como o espaço necessita e que, dada a sua complexidade, evitarão um investimento desta envergadura.

Promove-se assim a proximidade a uma intervenção mais breve através da conciliação de dois interesses comuns, a preservação e valorização do complexo fabril, com a inserção de um uso compatível[1] e em falta na cidade. Acelerando o interesse a uma rápida intervenção e conservação do espaço da antiga fábrica de fiação de Tomar.

Para além das estruturas existentes, a importância de certos elementos deve ficar evidente na intervenção, demonstrando a importância e o significado histórico que esta indústria teve a nível local como nacional.

Deve assim ser notória a importância da água, tendo sido o principal motivo da escolha deste local e que durante longos anos foi a sua força motriz, dotando a fábrica de um grande potencial. Como a vinculação ao seu tipo de produção deve também estar presente numa futura intervenção, incorporando material têxtil na sua execução, como forma de evocação da memória da sua antiga produção[2].

A recolha de memórias e testemunhos de antigos trabalhadores, é algo que será benéfico para um melhor entendimento do seu antigo funcionamento, podendo ser usufruídos como elementos expositivos e memoriais ao longo da fábrica, retratando a vivência de antigos trabalhadores no espaço fabril.

O ESPAÇO

A CIDADE

A ÁGUA

O TÊXTIL

A MEMÓRIA

Figura 6.8 | Palavras chave a uma intervenção na Fábrica de Fiação de Tomar

1 Significa um uso que respeita o significado cultural de um sítio. Esse uso implica nenhum impacto, ou um impacto mínimo sobre o significado cultural. in ICOMOS Austrália, *Carta de Burra para a conservação dos Sítios com Significado Cultural*. Burra, 1999.

2 Usufruindo preferencialmente padrões existentes em arquivo municipal relativo à fábrica de fiação de Tomar, ou outros que se conheçam que também tenham sido fabricados neste estabelecimento.

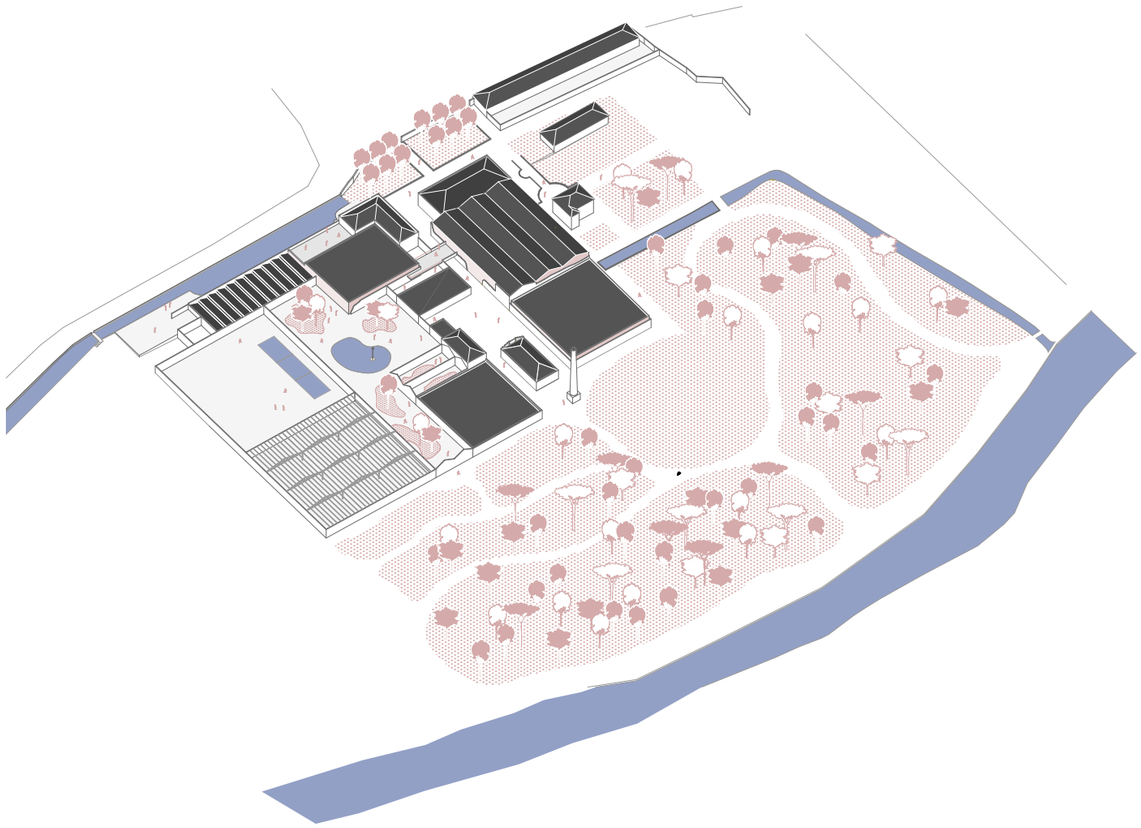


Figura 6.9 | Axonometria da proposta de interveção na Fábrica de fiação de Tomar

6.3 _ PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Acreditando que a melhor solução para uma boa e rápida intervenção no complexo da fábrica de fiação, parte da integração da fábrica com um uso compatível que se relacione com as necessidades da cidade, o programa adotado pretende assim conciliar as necessidades locais, com os valores da fábrica (histórico, arquitetónico, documental, industrial e social), conservando a globalidade da estrutura do complexo, integrando um novo uso no espaço.

O programa proposto pretende tornar a antiga fábrica de fiação novamente atrativa para a comunidade local, atraindo de novo a população a um espaço que foi durante vários anos o principal centro empregador da cidade e, como tal, gerador de um grande fluxo populacional no seu seio.

Tendo em conta as dimensões e o local em que está inserida, foi elaborada uma análise territorial e arquitetónica, de modo a articular um programa chave que fizesse sentido, tanto para o antigo complexo da fábrica, como para a cidade e a área territorial em que estão inseridas, beneficiando a população local e regional. Sendo complementados por uma análise aos programas executados em outros exemplos industriais já intervencionados (como foi demonstrado no capítulo 5) servindo de exemplo e demonstrativos do potencial que os mesmo podem ter nas comunidades envolvidas.

Com base nas análises feitas, optou-se por articular um programa multifuncional e dinâmico do espaço, abrangendo programas muito distintos, atraindo uma diversidade populacional e de interesses, interligando áreas de lazer com zonas de trabalho, de modo a potenciar os pontos fortes do espaço e a viabilizar a intervenção na fábrica, bem como a harmonização dos fluxos e do espaço envolvente. São ainda instigadas algumas alterações ao plano de pormenor em vigor.

A elaboração da proposta de intervenção desenvolveu, simultaneamente, as escalas urbana e do espaço fabril, sendo fulcral proceder à melhoria dos acessos urbanos à fábrica, de modo a harmonizar os fluxos entre esta e o centro da cidade, conciliando uma articulação entre os ambientes naturais da área de intervenção e os urbanos.

A nova proposta para o plano de pormenor estabelece novos acessos ao terreno da fábrica de fiação, repensando o meio de chegada e os locais de estacionamento em torno da área de intervenção, servindo a mesma no que toca ao meio viário e desenvolvendo novos percursos de chegada específicos para pedestres e ciclistas, contribuindo para a harmonia e interação do próprio parque urbano a desenvolver nesta área do terreno.

Pretende-se assim propor uma redução do Parque de Campismo existente,

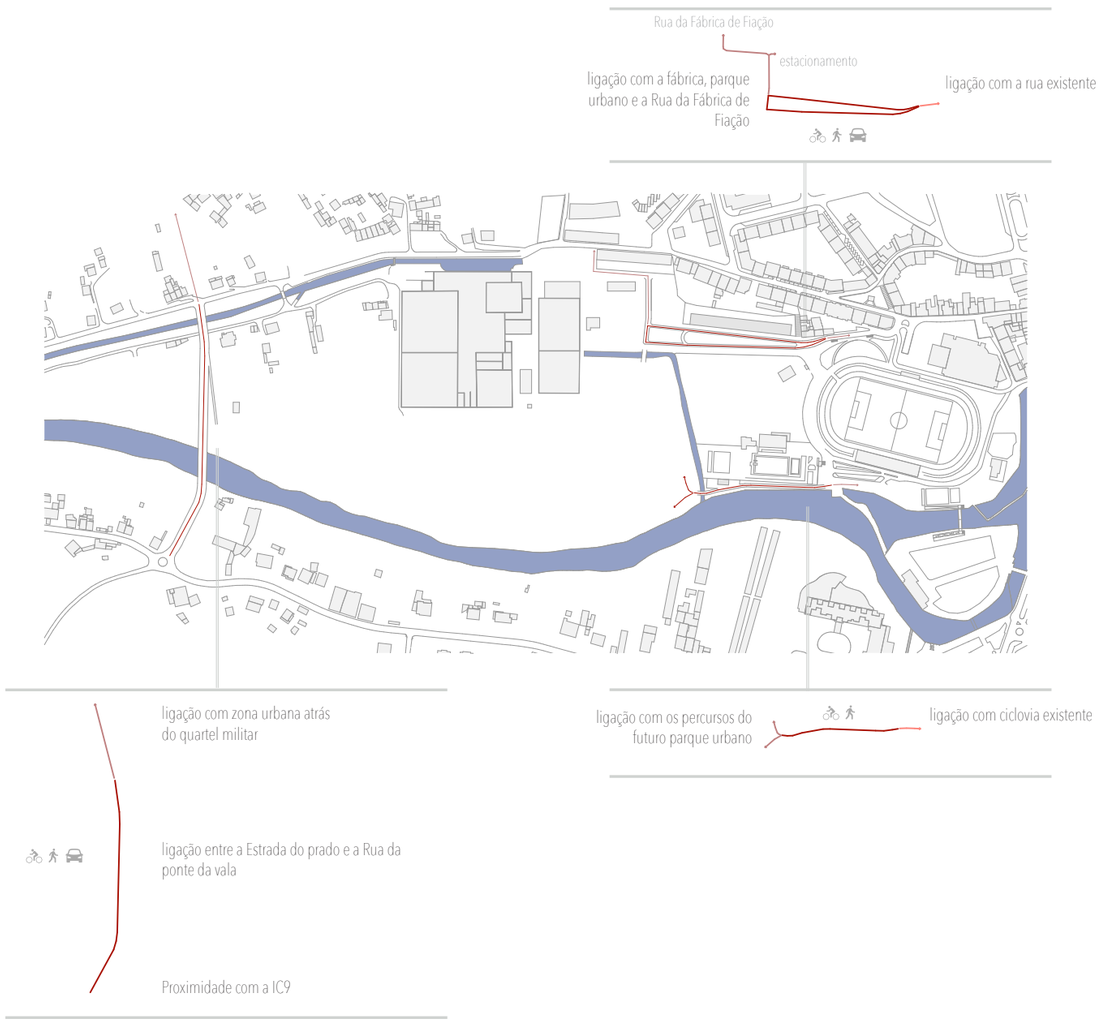


Figura 6.10 | Novos acessos ao terreno da fábrica

atualmente ao serviço de apenas autocaravanas, permitindo que o mesmo mantenha as suas funções numa área mais reduzida. A área remanescente será destinada à construção de habitação plurifamiliar, com 3 a 4 andares (com garagem), que permita fechar o quarteirão das habitações existentes a Este, estabelecendo entre os mesmos um novo acesso viário, pedonal e ciclável, à fábrica. Esta nova via deverá aproximar a fábrica do centro da cidade.

A proposta de habitação plurifamiliar nesta zona do plano pretende continuar a contribuir para o desenvolvimento de habitação no centro da cidade, zelando pela segurança desta área, à qual se pretende atrair de novo população e, caso fique apenas destinada a uso público, poderá levantar mais suscetibilidades e perigos, devido à ausência de fluxos constantes. Bem como pelo potencial e privilégio da localização de habitação plurifamiliar numa zona central da cidade, com vista sobre a zona histórica e tão próxima a áreas de lazer ao mesmo tempo.

Um novo acesso ao futuro parque urbano, entre o rio e as piscinas municipais é também projetado, dando continuidade ao pequeno troço de ciclovia já existente nesta zona e interligando o centro histórico, área desportiva e jardim do Mouchão com ao parque urbano e a fábrica de fiação. Este acesso trata-se de um passadiço junto ao rio Nabão, com um circuito pedonal e ciclável, ligando assim as duas zonas que se encontram obstruídas pela presença das piscinas municipais e parque de campismo, facilitando mais uma vez o acesso entre ambos os espaços, permitindo o aumento de usuários e beneficiando da beleza natural que um percurso em contacto tão próximo ao rio pode trazer aos utilizadores do espaço. Este acesso é como um caminho contínuo ao longo do rio, atravessando o parque urbano até à chegada ao açude da fábrica.

Este circuito prevê uma futura continuidade podendo, posteriormente, ser desenvolvido ao longo do rio um percurso pedestre e ciclável que atravesse as várias industriais abandonadas presentes nas suas margens, desenvolvendo-se um percurso em contacto com a natureza do vale do Nabão e a história industrial desta zona do país.

A montante da fábrica de fiação propõe-se uma nova ponte rodoviária, sobre o rio Nabão, interligando as duas margens dentro do plano de pormenor (Rua da Ponte da Vala / Estrada do Prado) reduzindo o número de veículos a circular no centro da cidade, criando uma via de circulação em torno da cidade e potenciando uma eventual ligação com a zona habitacional em ascensão a Noroeste, designada por "cidade nova", como a estruturação e desenvolvimento da área intermédia entre ambas estas zonas. No sentido Oeste, a ligação viária permitiria ainda facilitar o acesso da via rápida



Figura 6.11 | Infografia do desenvolvimento e articulação da malha urbana com os novos acessos criados



Figura 6.12 | Planta da proposta de intervenção ao Plano Pormenor

IC9 com o centro da cidade.

A articulação da fábrica com o contexto urbano existente e a inserção de um programa chave tanto dentro do seu complexo como na sua envolvente próxima é fundamental para a dinamização desta área da cidade. É assim estabelecido conjuntamente com a intervenção na fábrica a criação de um parque urbano. Este trata-se de um programa inexistente na cidade que permite a ampliação da zona desportiva e de lazer em Tomar, atraindo de novo a população a esta área da cidade.

O programa adotado para uma intervenção na fábrica de fiação pretende ser uma articulação entre o parque urbano proposto e a cidade, contendo serviços tanto de apoio ao futuro parque, como relacionados com as necessidades da cidade, passando assim a permitir a permeabilidade entre este terreno e a fábrica, deixando de ser uma área tão extensa, circunscrita a apenas uma entrada.

A relação e envolvência entre a malha urbana já consolidada a Sul e a passagem para uma região mais natural a Norte do complexo fabril, torna o espaço da fábrica um elemento de transição, do panorama urbano para o meio natural, integrando o mesmo na ruína da fábrica e acompanhando a transição da paisagem humanizada do parque para uma paisagem natural ao longo do rio.

O espaço da fábrica com as novas aberturas e novo programa pode ser assim dividido em 3 setores, para uma melhor compreensão. O primeiro corresponde a uma área relacionada com o trabalho e a museologia, contendo um carácter multifuncional em alguns dos seus espaços; o segundo sector situa-se do lado oposto e diz respeito a uma área desportiva relacionada com atividades náuticas e uma série de campos desportivos públicos de suporte ao parque urbano; e, por último, o terceiro sector diz respeito a uma zona intermédia, correspondente a áreas comuns com diversos serviços de apoio aos espaços do complexo e à sua envolvente próxima, contemplando áreas de lazer que surgem na continuidade com o parque urbano para dentro do complexo fabril.

Passa-se a apresentar uma análise mais detalhada dos programas propostos e da sua relação com os espaços do complexo, tendo em conta os edifícios e as estruturas consideradas a conservar (definidas no capitulo 3).

Nos edifícios da central termo elétrica e da casa das turbinas, propõe-se a instalação de um centro museológico da fábrica, dada a sua importância na evolução do processo industrial a nível local e nacional, como no edifício principal, ficando neste último inseridos serviços de receção, salas expositivas, instalações sanitárias, loja e



Figura 6.13 | Infografia dos espaços e circulação do Plano de pormenor

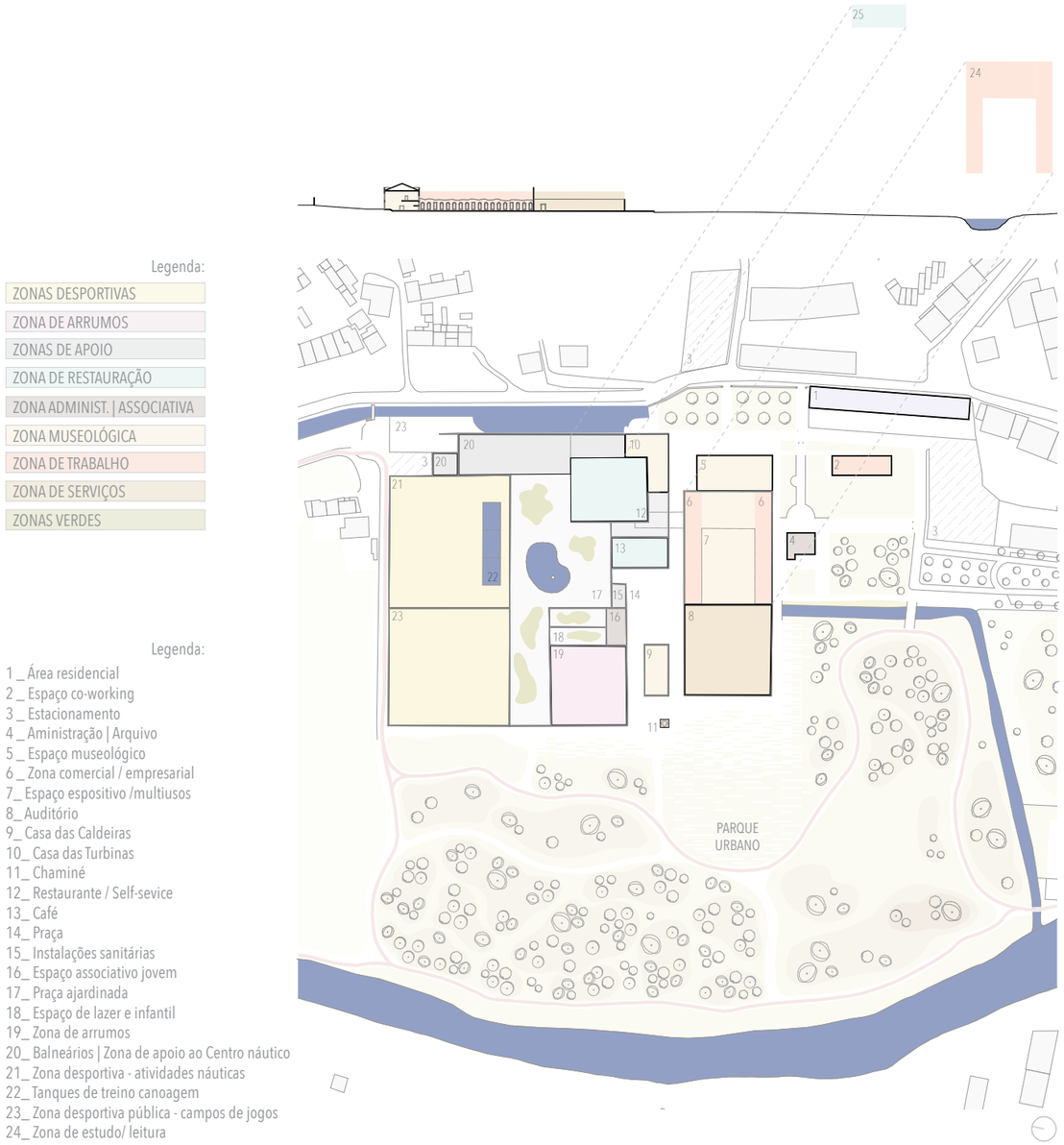


Figura 6.14 | Planta de zonas do complexo fabril _ 1.3000

uma pequena sala de conferências.

Na casa dos diretores I, propõe-se acomodar os serviços administrativos de todo o complexo, bem como o arquivo e o espólio da fábrica, podendo o mesmo ser visitável, caso se ache oportuno. Isto significa que esta área do programa poderá funcionar como uma extensão da parte museológica ou em regime ocasional, permitindo visitas ao espólio e a esta antiga casa do sec. XVIII, um dos poucos exemplares ainda existentes relativo aos primórdios da fábrica.



Figura 6.15 | Lochall Library - uso de cortinas | Civic architects

Na antiga zona da fiação, atualmente reduzida apenas a vestígios das suas paredes exteriores, é planeado o desenvolvimento de um espaço multiusos no seu amplo espaço. Propõe-se que na sua área sejam criadas estruturas independentes e modulares, junto das paredes em ruína, que consigam albergar serviços comerciais e empresariais no seu piso térreo, podendo ser entregues ou arrendados a associações e empresas locais. Já no piso superior, pretende-se que as mesmas estruturas tenham capacidade para albergarem locais de estudo e trabalho individual ou em grupo, ficando disponíveis para o usufruto de toda a comunidade. Pretende-se assim que este espaço adquira novamente uma componente de trabalho como tivera outrora, contudo, com uma nova conceção, interligando o trabalho com espaços de lazer e contribuindo para as condições da formação e educação local.

Estas estruturas pretendem ser autónomas ao nível do rés do chão, permitindo que as mesmas tenham um acesso direto ao exterior, através dos arcos existentes, assim como um acesso através da área coletiva no interior, que se pretende versátil e polivalente, adquirindo capacidade tanto para áreas de lazer e estar, como para a receção de exposições temporárias e complementares ao espaço museológico da fábrica. Este espaço também poderá albergar outras atividades complementares como concertos, congressos, workshops, entre outras.

A importância do tecido deverá fazer parte da intervenção nesta área da fábrica, devendo estar bastante presente, na conceção dos novos espaços. Por exemplo, poderá recorrer-se ao uso de cortinas como elementos divisores dos espaços, com padrões produzidos na antiga fábrica de fiação, como símbolo de memória da antiga produção fabril (ver figura 6.16/ 6.18).

Na parte posterior da antiga zona de fiação, prevê-se a criação de um espaço destinado a receber espetáculos, congressos, concertos, entre outras atividades. Esta área deverá contemplar um grande auditório e salas mais pequenas em anfiteatro. Através desta valência pretende-se dotar a cidade e a região do médio tejo de capacidade para receber eventos e congressos de maiores dimensões. A proximidade com o

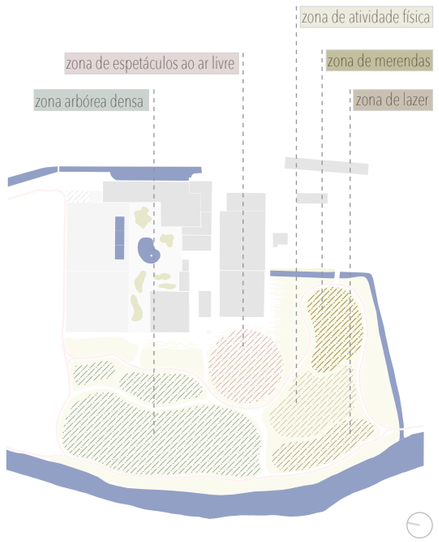


Figura 6.16 | Esquema zoneamento do parque urbano

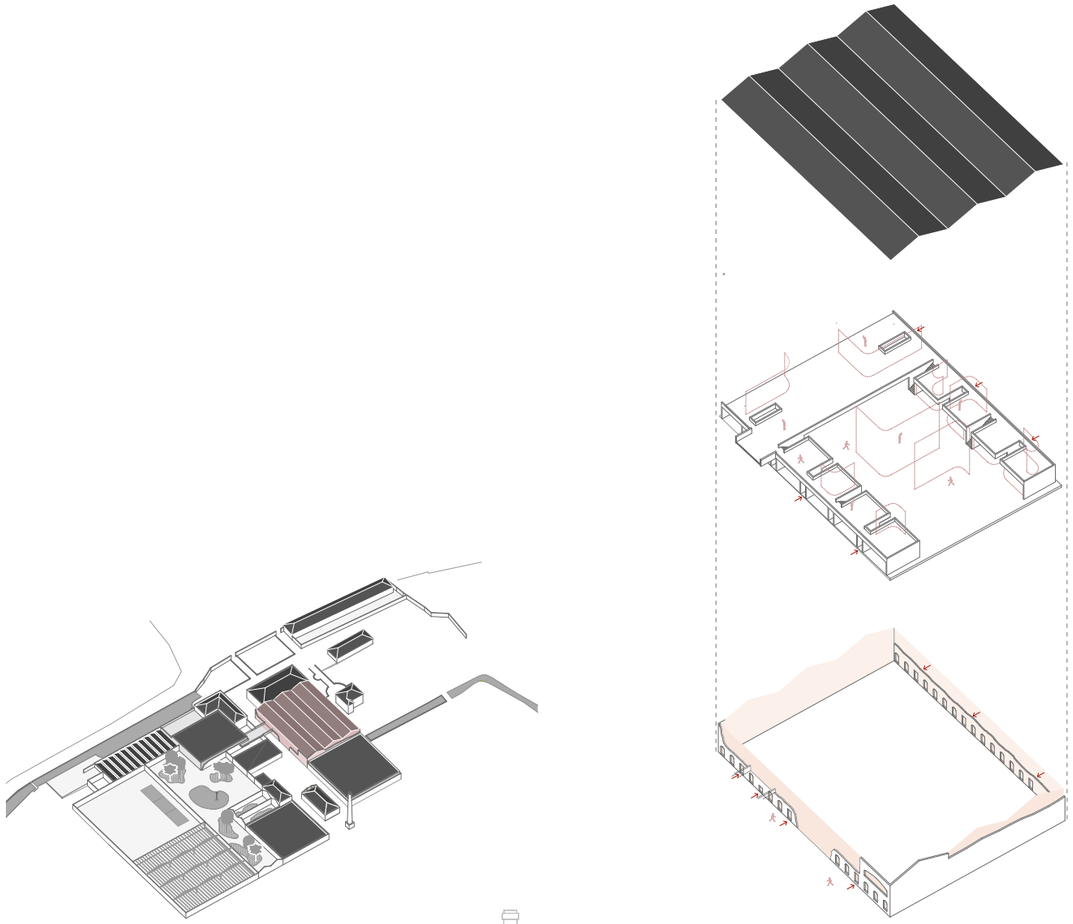


Figura 6.17 | Localização e axonometria explodida da antiga zona da fiação

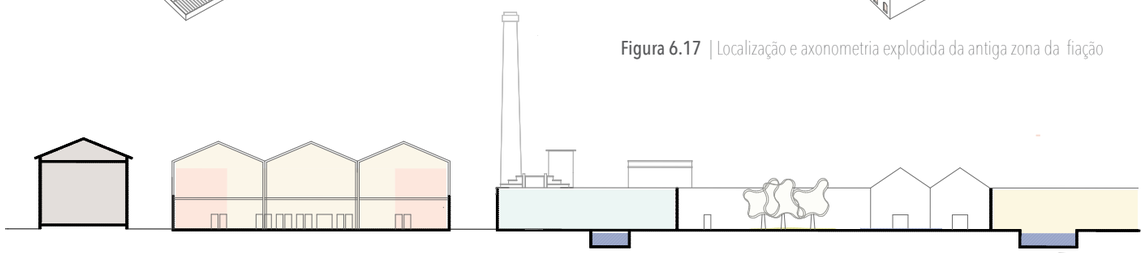


Figura 6.18 | Perfil _ 1.1000

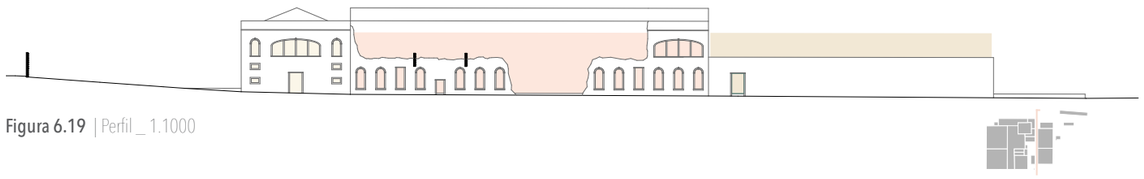


Figura 6.19 | Perfil _ 1.1000

espaço multiusos, localizado na antiga zona de fiação, permite que ambos os serviços se relacionem, servindo de apoio e de extensão de grandes eventos.

O palco principal do auditório deverá ficar localizado junto à parede adjacente ao parque urbano, permitindo a sua utilização em duas frentes, uma para o interior e a outra para o exterior, possibilitando a realização de espetáculos ao ar livre, no futuro parque urbano (ver figura 6.20).

Na zona mais a Sul da fábrica, encontra-se a casa do diretor II, atualmente, o edifício em melhor estado de conservação de todo o complexo. As condições e especialidade que este edifício oferece, parecem ser propícias à instalação de espaços co-working, podendo ficar apto a receber várias empresas com apenas algumas intervenções de reabilitação. A proposta de intervenção neste edifício também fica associada à memória do grande centro empregador que foi a fábrica de fiação, potenciando o desenvolvimento de novas empresas e indústrias criativas na cidade de Tomar.

No centro do complexo, entre este sector e a área desportiva, deverá localizar-se um café e um restaurante self-service, entre as ruínas desta parte da fábrica. A inserção deste tipo de infraestruturas no centro do complexo, prende-se com a facilidade de acessos entre ambos os serviços, servindo assim tanto a zona de trabalho e multiusos, como a zona desportiva. A proximidade aos principais caminhos de circulação e às "praças" do complexo, são algo essencial, permitindo a utilização destes espaços para uso de esplanadas e zonas de convívio ao ar livre.

Na secção Norte do complexo, é ambicionado promover uma ampliação da zona desportiva da cidade e uma extensão e continuidade do parque urbano para dentro da ruína do antigo estabelecimento industrial, passando a albergar serviços desportivos complementares ao parque.

A localização da fábrica entre a área urbana da cidade e o verde do parque, permite que este tipo de serviços sejam um dinamizador entre estas duas realidades. Dadas também as conjeturas do terreno destinado ao parque urbano, os espaços da fábrica, adquirem uma ótima localização para a inserção de campos desportivos de uso público, ficando inseridos entre as ruínas desta área do complexo, à semelhança do observado na Factory of Porre. (ver figura 6.21)

A localização dos campos desportivos entre a estrutura metálica da cobertura existente nessa zona do complexo, dinamiza uma espacialidade e integração do novo com o antigo, preservando a identidade espacial fabril. (ver figura 6.23)

Para além da criação destes campos desportivos de uso público, é ainda ambi-



Figura 6.20 | Parque Ibirapuera - auditório Ibirapuera | Arq. Oscar Niemeyer



Figura 6.21 | Factoy of Porre - campos desportivos

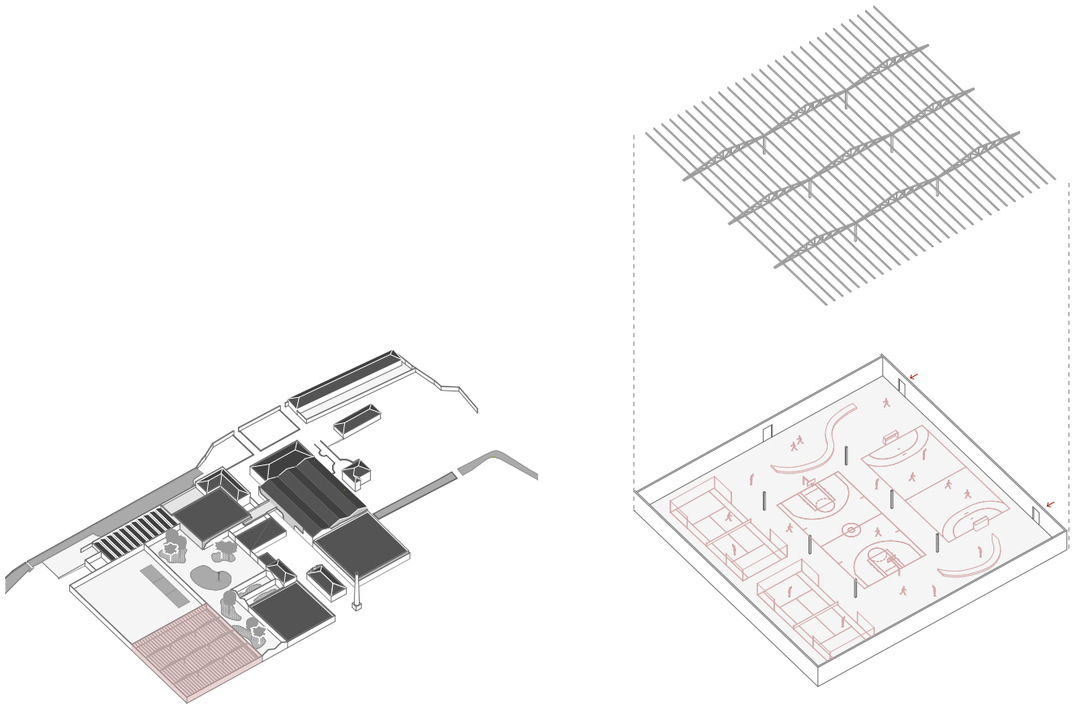


Figura 6.22 | Localização e axonometria explodida da zona de campos de jogos

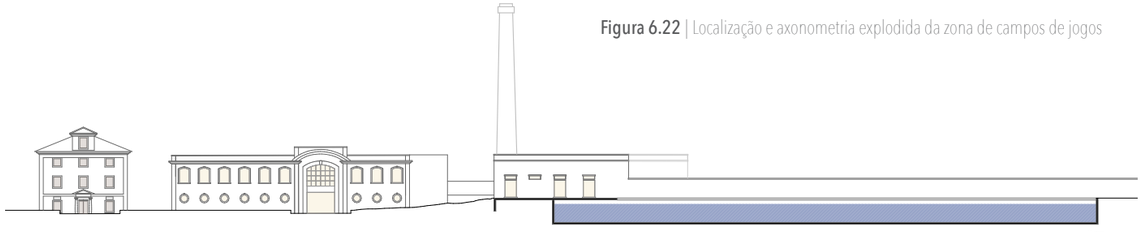


Figura 6.23 | Perfil _ 1.1000

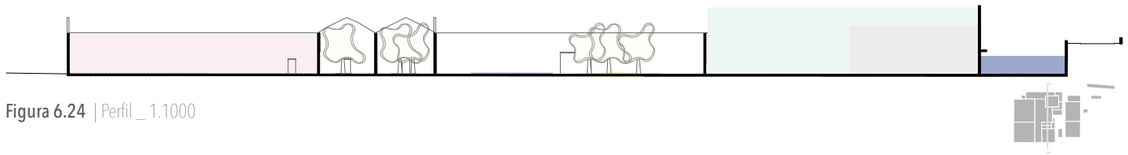


Figura 6.24 | Perfil _ 1.1000

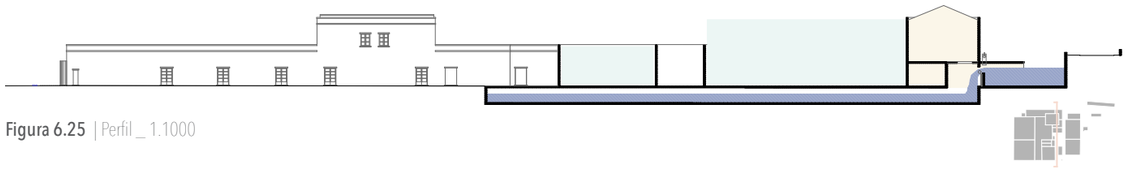


Figura 6.25 | Perfil _ 1.1000

cionado o desenvolvimento de um centro de treinos de desportos náuticos no complexo da fábrica.

A importância que a água teve no desenvolvimento da fábrica motivou o aproveitamento dos tanques ainda existentes, associando-os à prática de atividades contemporâneas adequadas às suas características.

A cidade, que é tão marcada pelo rio, viu as várias indústrias desenvolverem-se ao longo do seu leito, alterando a sua forma original através da criação de açudes para produção de energia. Atualmente, a presença destas estruturas, símbolo de uma fase da evolução da cidade e controlo das grandes enchentes do leito do rio, dificultam a prática desportiva, devido à constante mudança de cota do nível da água que os açudes impõem.

Foi assim pensado, integrar nesta área da fábrica um centro de desportos náuticos ligado à canoagem, dada a prática recorrente ao longo do rio Nabão, bem como o aproveitamento dos tanques para atividades de treino e o desenvolvimento de novos tanques em conformidade com os antigos percursos de água existentes em outros tempos da fábrica.

A relação de proximidade com o centro da cidade e o acesso a duas cotas de nível da água, a cota alta através do canal da fábrica e a proximidade com o rio a uma cota baixa, permitirão potenciar o desenvolvimento de atividades como da prática de desporto náuticos na região.

Os espaços ajardinados na área central pretendem ser uma extensão do parque urbano para o interior da fábrica, integrando-se nas suas ruínas. Prevê-se que este ambiente seja um local calmo e de lazer dentro do complexo da fábrica, sendo um espaço distinto do parque urbano e próximo dos serviços de cafeteria e restaurante. Mais uma vez, nesta parte do projeto recorre-se ao uso da água, dada a importância que esta teve na fábrica, mas também pelo potencial que este elemento tem na harmonia e dinamização de espaços de lazer.

É ainda pretendido dar destaque à localização de uma das antigas chaminés do complexo, no centro do espelho de água, contribuindo para o destaque contemporâneo de uma das antigas fases da fábrica, podendo este elemento ser enaltecido de várias formas e contribuir para o embelezamento do espaço.

O tema do estacionamento destinado ao novo programa da fábrica, não deverá ficar resumido a um único parque, obstruindo grande parte do complexo, mas antes desenvolver-se em três áreas distintas mais próximas dos vários serviços do complexo


a.


a.


c.


d.

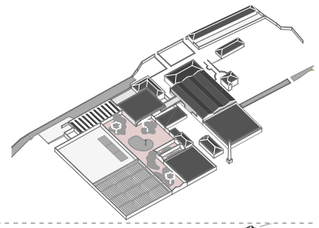
ESPAÇO EXTERIOR | LIGAÇÃO COM A RUÍNA

a. St. Ann's Warehouse_ Marvel Architects

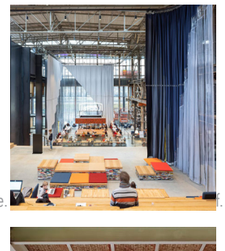
b. Lx Factory _ Arq. Ana Duarte Pinto e João Manuel Alves

c. Landcape Park Duisburg Nord _ Arq. Lats und Partner

d. Factory of Porre _ Vandriessche Architecten



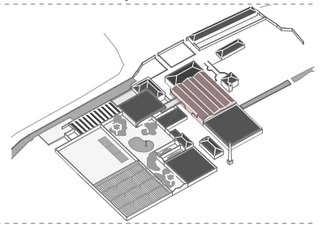

e.


f.

ANTIGA ZONA DE FIAÇÃO

e. SESC Pompeia _ Arq. Lina Bo Bardi

f. Lochall Library _ Civic Architects



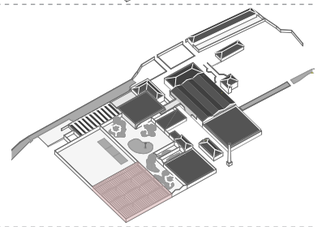

g.


h.

ZONA DESPORTIVA

g. Fábrica ASA _ Arq. Gabriela Vaz Pinheiro

h. Factory of Porre _ Vandriessche Architecten





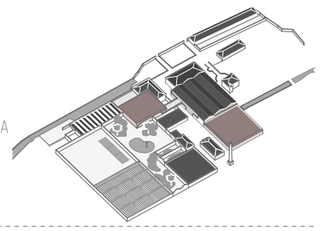
i.


j.

RELAÇÃO DO EDIFÍCIO EXISTENTE COM O NOVO PROGRAMA

i. St. Ann's Warehouse_ Marvel Architects

j. Tate Modern _ Herzog & De Meuron




k.


l.

EDIFÍCIOS A CONSERVAR | LIGAÇÃO COM A ENVOLVENTE

k. Espaço Robbinson _ Arq. Souto Moura e Graça Correia

l. Fabrica de Santo Thyrso _ Nuno Pinto

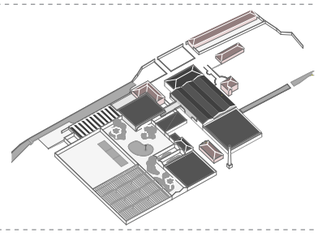


Figura 6.26 | Esquema de referências à proposta de intervenção

e do parque urbano. O número de lugares de estacionamento deverá garantir capacidades superiores à sua utilização diária, compensando ainda alguma falta de estacionamento nesta parte da cidade, sendo ainda capaz de atender às necessidades impostas com a realização de eventos de média escala. Contudo, para a realização de grandes eventos, a proximidade ao parque de estacionamento coberto em frente ao estádio municipal, permitirá garantir as necessidades impostas, não sendo necessário o desenvolvimento de uma segunda área de estacionamento tão extensa.

A intervenção no espaço da fábrica e na área do plano de pormenor em que está inserida, adquire assim um programa diversificado e inexistente na cidade, possibilitando uma atração populacional com interesses e idades distintas para esta área da cidade, dotando a mesma de serviços que potenciem não só a localidade como de toda a região do Médio Tejo.

A ampliação da zona verde e desportiva da cidade, as potencialidades de emprego e a dinamização cultural, são algo que se pretende para esta área, atraindo de novo a comunidade e o interesse turístico pela história da industrialização nacional e local.

As opções projetuais adotadas são tidas em conta com estado atual em que o complexo fabril se encontra, usufruindo dos exemplos de casos de estudo (apresentados no capítulo 5) como elucidativos da proposta apresentada e de referência a uma futura intervenção. (ver figura 6.26)

A intervenção proposta tenciona contribuir para a dinamização e continuidade de um espaço que foi outrora tão importante para a comunidade, adquirindo assim um novo uso contemporâneo do espaço, permitindo que a história do mesmo possa ser retomada, não ficando refém da memória temporária dos seus últimos trabalhadores e habitantes da cidade antes do seu encerramento, que mais dia menos dia nos deixarão. Assim como os bens materiais ainda hoje presentes, cada vez mais a entrar num avançado estado de ruína, descaracterizando a sua antiga função.

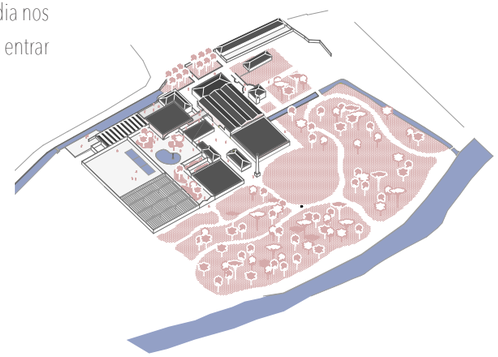


Figura 6.27 | Axonometria da proposta de intervenção

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise executada ao longo da dissertação demonstrou um enorme potencial histórico e social intrínseco às indústrias do vale do Nabão estando, nos dias de hoje, a maioria a entrar num avançado estado de ruína.

A falta de reconhecimento e de preservação destas estruturas são o principal motivo para a sua constante degradação ao longo do tempo, adicionado às dificuldades burocráticas em torno dos processos de insolvência da maioria destas indústrias.

O abandono e impedimento de utilização dos espaços em prol da comunidade de uma forma organizada, origina um vandalismo e apropriação clandestina dos espaços que em nada beneficia a sua conservação e manutenção.

Estes estabelecimentos industriais, símbolo da pertença dos cidadãos tomarenses, representam verdadeiros marcos da evolução do Homem e da revolução industrial em Portugal, estando a sua perda em causa através do seu abandono e falta de reconhecimento pela sociedade.

O reconhecimento da cidade enquanto entidade histórica, está perfeitamente assente e integrado na comunidade dados os vestígios ainda hoje existentes da presença alargada do Homem, como através do reconhecimento do Convento de Cristo e outras edificações religiosas. Contudo, a história da cidade foi tendo continuidade após a extinção das ordens religiosas, ficando o Convento de Cristo "parado" no tempo e iniciando aquela que foi a revolução industrial na cidade de Tomar. Despoletando uma série de indústrias ao longo do rio.

A par deste paradigma ocorrido na cidade de Tomar, o mesmo ocorreu tanto a nível nacional e internacinoal, passando a existir uma nova preocupação e interesse na construção de grandes infraestruturas industriais, sendo os seus vestígios nos dias de hoje o símbolo e marca dessa época.

Se o reconhecimento das grandes estruturas militares e religiosas estão hoje, na sua maioria, já assentes como símbolos patrimoniais dada a sua existência mais alargada no tempo, os estabelecimentos industriais têm sido reconhecidos apenas mais recentemente, encontrando-se muitos ainda em perigo de perda por falta de reconhecimento ou especulação imobiliária devido aos lugares privilegiados que ocupam na cidade.

É assim fundamental, para a memória da cidade e das gerações futuras, compreender e preservar o melhor possível estas estruturas identitárias dos nossos antepassados.

"O património arquitectónico deixou de ser apenas os castelos, os palácios, as casas senhoriais e os edifícios do poder nacional. Hoje, envolve cada vez mais as arquitecturas dos séculos XIX e XX, as arquitecturas vernáculas e rurais, e a arquitectura industrial."[1]

A consciência para a preservação das estruturas industriais tem vindo a aumentar, felizmente, nos últimos anos em Portugal, embora ainda com algum atraso em relação aos restantes países europeus. É necessário entender e preservar o melhor possível a memória destas indústrias, não deixando perder a sua identidade com as novas intervenções ou, em detrimento das mesmas, através da falta de reconhecimento e consequente estado de abandono.

Esta dissertação propõe um método de intervenção na antiga Fábrica de Fiação de Tomar, para a sua reabilitação e valorização, indagando ao longo do seu desenvolvimento sobre critérios e metodologias, nos documentos internacionais e em exemplos de boas práticas que apresentam afinidades com o caso de estudo, com o objectivo de avançar com uma proposta genérica de intervenção, que visa, principalmente, os pontos essenciais do que poderá constituir a sua futura reabilitação.

A compreensão territorial envolvente ao espaço da fábrica de fiação, o seu estado atual e a evolução da estrutura fabril ao longo dos anos, demonstraram-se elementos fundamentais, para a intervenção e reutilização dos espaços remanescentes.

No caso do vale do Nabão, a região foi fortemente industrializada devido à força que a água do rio fornecia durante todo o ano, tendo sido este o grande factor decisivo para o desenvolvimento da industrialização na cidade de Tomar.

Os vestígios destas indústrias, são hoje marco da identidade desta fase da evolução da cidade sendo, ainda hoje, visíveis um conjunto de açudes e de ruínas industriais ao longo do percurso do rio.

O complexo da antiga fábrica de fiação de Tomar é exemplo significativo e meritório de destaque tanto no panorama industrial local como nacional, tendo sido uma das primeiras indústrias a laborar com a energia elétrica em Portugal e um dos estabelecimentos industriais mais antigos no país, tendo existido por mais de dois séculos.

As grandes dimensões do complexo demonstram também a importância e imponência que o mesmo detinha na localidade tendo sido, durante vários anos, o grande centro empregador do concelho.

1 Jorge Custódio, Políticas públicas para a salvaguarda e conservação do Património Industrial, Omissão ou desconsideração?, P&C62, (jan./ jun. 2017), p.24.

Dada a existência alargada no tempo deste estabelecimento e as suas grandes dimensões, a análise do caso de estudo demonstrou ser mais complexa e surpreendente do que se esperava inicialmente, existindo um valor histórico e social muito mais alargado.

A dificuldade no acesso ao complexo fabril, assim como a inexistência de um levantamento rigoroso e de elementos gráficos (cortes, plantas, alçados) das várias fases da evolução da fábrica, dificultaram a sua compreensão, bem como o desenvolvimento da dissertação.

A extensa dimensão do terreno da fábrica, exigiu uma compreensão mais alargada da sua envolvente, pretendendo através da intervenção contribuir para o desenvolvimento simultâneo da cidade, redefinindo e corrigindo descontinuidades na malha urbana existente.

Dada a necessidade de redefinir o plano de pormenor em vigor para esta área, o projeto foi principalmente direcionado à Câmara Municipal, a grande responsável pelo planeamento urbano e territorial da cidade. O interesse pela preservação do património local, e a integração da sociedade com o mesmo, competem também a esta entidade, permitindo assim atribuir um novo uso público e variado ao espaço fabril.

Ao atribuir um novo uso, público e variado, ao espaço fabril, esta entidade impulsiona a integração da sociedade com o mesmo e cativa na população o interesse pelo património e pela sua preservação.

O programa proposto está baseado nas necessidades da cidade atual e, simultaneamente, nas capacidades e potencialidades espaciais dos espaços existentes, pretendendo-se desta forma aportar um contributo a uma futura intervenção neste espaço fabril.

O envolvimento da comunidade e a aproximação ao centro urbano e à periferia da cidade, são algumas das preocupações da proposta apresentada, tendo as questões culturais, a prática da atividade física e o desenvolvimento educacional, empresarial e comercial da cidade como os principais programas a inserir no espaço.

A correção de problemas na malha urbana existente conciliado com os novos acessos propostos, permitem potenciar o espaço da antiga fábrica de fiação como de toda a zona a Norte da cidade, alargando o centro da cidade e aproximando a população de uma área com um contacto mais próximo da natureza.

Deste modo, os espaços da fábrica pretendem ser, de novo, um atrativo da co-

munidade, embora agora com uma nova potencialidade e utilidade, decorrentes da necessidades atuais, contendo zonas de trabalho e lazer em simultâneo, contrapondo-se assim aos trabalhos penosos de outros tempos.

A fábrica de fiação de Tomar, representa um dos grandes exemplos da história industrial desta cidade, contudo, o abandono das várias estruturas ao longo de todo o percurso do rio Nabão demonstram o muito que ainda existe por fazer no concelho em prol do património industrial.

A tomada de consciência em relação ao bem patrimonial destas estruturas industriais é ainda pouco reconhecida na comunidade, sendo necessário apoiar e contribuir para o desenvolvimento de mais investigações, para o levantamento dos edifícios e materiais construtivos que os compõem, recolha de testemunhos de antigos trabalhadores, entre outras atividades que contribuam para a memória intangível ou imaterial do espaço.

Das várias indústrias ao longo do rio, apenas o complexo cultural da Levada foi intervencionado, encontrando-se as restantes industrias ao longo do rio ainda por conservar e investigar. O desenvolvimento de outros estudos em torno destes estabelecimentos seria algo oportuno e de enorme relevância para a sua conservação.

A elaboração de estudos sobre a produção de energia e de mecanismos hidráulicos no concelho, embora detenha alguns elementos já investigados, ainda se revela como um tema com muita matéria de investigação.

Numa visão mais alargada, a ligação das várias fábricas ao longo do rio através de um percurso pedestre devidamente sinalizado (eco-trilha) sempre junto ao rio, desde o centro da cidade até chegar à praia fluvial do Agroal, levaria a uma aproximação da comunidade local e turística pelo valor industrial e natural do vale do Nabão.

A sua ligação passaria assim, tanto pelo parque urbano desenvolvido nos terrenos da fábrica de fiação de Tomar, como pelas unidades industriais localizadas a montante do rio, potenciando a sua intervenção e reconhecimento como símbolos de valor para a comunidade local.

Fica-se na expetativa de com este estudo ter cumprido um desígnio de cidadania, estreitando a relação da Universidade com os cidadãos; colocado o conhecimento ao serviço do bem comum e; por último mas não menos importante, que a proposta de projeto subjacente possa aportar um contributo relevante para a futura intervenção de salvaguarda e valorização da antiga Fábrica de Fiação de Tomar.

REFERÊNCIAS

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, José - *Cor e cidade histórica : estudos cromáticos e conservação do património*. 1.ª ed. Porto : Faup publicações, 2002.

ALARCÃO, Pedro - *Construir na ruína : entre a reconstituição e a reabilitação*. Porto : Faup, 2018.

BARBOSA, Renata Faria, **GENIN**, Soraya M. - *As Fábricas do Vale do Nabão: sistemas construtivos e sua relação com a água*. in Anais 3º CIHCLB. (p.583-597), Salvador, 2019.

BATATA, Carlos - *As origens de Tomar : carta arqueológica do concelho*. Tomar : Centro de Estudos e Proteção do Património da Região de Tomar, 1997.

BLANCO, Javier Riviera - *De Varia Restauratione. Teoría e História de la Restauración Arquitectónica*. Madrid: Abada Editores S.L, 2008.

BO BARDI, Lina - *Lina por escrito : textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo : Cosac Naify, 2009.

BO BARDI, Lina - *Centro de lazer - SESC - Fábrica da Pompeia = Leisure Center - SESC - Pompéia Factory. Lisboa* : Blau, 1996.

BRITO, Renato Jorge - *Fábrica do Teles em Santo Tirso : a oportunidade de um legado*. Prova final para licenciatura em Arquitectura. Porto : Faup, 2001.

CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de - *Recordações de Jacome Ratton sobre as ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*. 2.ª ed. rev. cuidadosamente. Coimbra : Impr. da Universidade, 1920.

CIAM - *Carta de Atenas*. Atenas, 1933. Disponível em: https://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim1/CartadeAtenas1933.pdf

CIATMH - *Carta de Veneza sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios*. Veneza, 1964. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf

CHOAY, Françoise - *Património e mundialização*, trad. Paula Seixas. Licorne, 2005.

CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*, trad. Teresa Castro. Lisboa : Edições 70, 2010.

CUSTÓDIO, Jorge, **SANTOS**, Luísa - *A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas, I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e comunicações*. Coimbra: Coimbra Editora, 1990.

CUSTÓDIO, Jorge - *Políticas públicas para a salvaguarda e conservação do Património Industrial, Omissão ou desconsideração?*, P&C62, (jan./ jun. 2017), p.22-28; Disponível em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/4279323/Pol_ticas_p_blicas_para_a.pdf

CONDE, Manuel Sílvio Alves - *Tomar Medieval : O espaço e os homens*. Cascais : Patrimonia Historica, 1996.

DAUPIÁS, Nuno - *Alguns documentos relativos à erecção da Real Fábrica de Fiação de Tomar. Anais da união dos amigos dos monumentos da Ordem de Cristo.* Tomar.

DIAS, José Cabral - *A evolução urbana de Tomar : de Sellium a Carlos Ramos*. Porto : Faup Publicações, 2017.

FARIA, José - *Jornal da Exposição João dos Santos Simões - Tomarense pelo Coração*. Tomar : Comissão Central da Festa dos Tabuleiros, 2007.

FERRAZ, Ângela, FARIA, José Silva - *Museus em Tomar no século das intenções*, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar - nº24, 2005.

FERRAZ, Marcelo - *Sesc Pompéia : conferencia dictada el 31 de mayo de 2013*. Montevideo : Universidad de la República, 2013.

FERRZ, Marcelo; VAINER, André - *Cidadela da liberdade : Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia*. São Paulo : Edições Sesc, 2013.

FERREIRA, Fernando - *Coisas Simples da Terra Tomarense : O rio, os Açudes e as Rodas*. Santarém, Edição da Junta distrital de Santarém, 1976.

FERREIRA, José Jorge Couto - *Tomar perspectivas. Festa dos Tabuleiros*. Tomar, 1991.

FERRO, Baptista, BONET, Manuel - *O maravilhoso rio Nabão. Tomar : Rotary Clube de Tomar*, 2007.

FRANÇA, José Augusto - *Tomar - Thomar revisited*. Lisboa : Presença. 1994.

FREITAS, André - *A envolvente do Convento de Cristo em Tomar : Uma leitura sobre o lugar no tempo para uma proposta de regeneração urbana*. Dissertação de mestrado em Arquitetura. Porto : Faup, 2018

GRACIA, Francisco de - *Construir en lo construido : la arquitectura como modificación*. 3ª ed. rev. . Madrid: Nerea, 2001.

ICOMOS - *Carta de Burra : Carta do ICOMOS da Austrália para a Conservação dos Sítios com Significado Cultural.* Burra, 1999. Disponível em: https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf

ICOMOS - *Carta de Cracóvia : Princípios para a conservação e o restauro do Património Construído.* Cracóvia, 2000. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf

ICOMOS/ TICCIH - *Princípios conjuntos do para a Conservação de Sítios, estruturas, áreas e paisagens de Património Industrial - "Os Princípios de Dublin"*. trad. APPI, Dublin, 2011. Disponível em: https://ticcih.org/wp-content/uploads/2017/12/Princi%cc%81pios-de-Dublin.pdf

IHRU/ IGESPAR - *KITS - Património, nº3*, versão 1.0, Lisboa, 2010. Disponível em: http://patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/inventario/kit03.pdf

GUIMARÃES, Manuel da silva - *História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar.* Santarém: Junta Distrital, 1976.

JACK, R. Ian - Water-Power in Portugal: *The town of Tomar and its Industrial Area*. Australian Historical Archaeology, 1989.

LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel Brito - *Património Arquitectónico e Arqueológico – Cartas Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte.

MOREIRA, Inês - Após a Fábrica. *Novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais*. ARQA. 1647-077X. nº112 (mar./ abr.2014), p. 118-121

MOREIRA, Inês - *Edifícios & vestígios: projecto - ensaio sobre os espaços pós-industriais = Buildings & remnants : essay - project on post-industrial spaces*. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2013.

PONTE, Salete da - *Tomar : História e Geografia Humanas no tempo e no espaço, Arqueologia na região de Tomar*. Tomar, 1985.

PONTE, Salete da - *A cidade : memórias e sobrevivência históricas*. Boletim cultural da Camara Municipal de Tomar. Tomar, 1993.

PONTE, Salete da - *Interfaces culturais em Tomar cidade*. Tomar: TCEL - Tipografia central do Entroncamento, 2012.

PONTE, Salete da - *O parque de Memórias Passadas - Tomar*. 1999 in O Arquipélago Português Museu Nacional da Arqueologia. Lisboa. Série IV. Volume 17. p.539-552; Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_17/parque_memorias_passadas.pdf

ROMÃO, Patricia - *Central Elétrica de Tomar Núcleo Museológico : Complexo Cultural da Levada de Tomar, Inauguração da exposição de longa duração*. Tomar : CMT, 2020.

ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar, 1971.

ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar : crónica dos acontecimentos ocorridos no Termo de Tomar desde 1137 ate 1925*. 1.ª ed.. Tomar : Camara Municipal.

ROSA, Amorim - *História de Tomar*. Tomar : Gabinete de Estudos Tomarense, 1965.

ROSA, Amorim - *História de Tomar II*. Tomar : Gabinete de Estudos Tomarense, 1988.

ROSA, Amorim - *História de Tomar II - Livro II - O Rio*. Tomar, Gabinete de Estudos Tomarense, 1988.

SANTOS, José - *Arquitectura Industrial : da obsolescência à reconversão*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto : Faup, 2013.

SOUSA, António; **FERREIRA**, Fernando Araújo; **RODI**, Sara - *Coisas simples da terra Tomarense : o rio, os açudes e as rodas*. Tomar : O livro da minha vida, 2012

TC Cuadernos - *Correia / Ragazzi : Arquitectura 2005 - 2018*. Valência : General de Ediciones de Arquitectura, 2018

TC Cuadernos - *Eduardo Souto Moura : Tomo II. Equipamientos y Proyectos Urbanos 2004 - 2019*. Valência : General de Ediciones de Arquitectura, 2018

TICCIH - *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*, Nizhny Tagil, 2003. Disponível em: https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf

UNESCO - *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Paris, 1972. Disponível em: https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf

FONTES ELETRÓNICAS

Camara Municipal de Tomar
http://www.cm-tomar.pt/

Tomar na rede
https://tomarnarede.pt/

Jornal Cidade de Tomar
http://www.cidadetomar.pt/

Médio Tejo
https://www.mediotejo.net/

O Mirante - semanário regional
https://omirante.pt/

Direção geral do património cultural
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/

Sistema de informação para o Património Arquitectónico
http://www.monumentos.gov.pt/

UNESCO
https://en.unesco.org/

Associação Industrial Portuguesa
http://www.aip.pt/

Edifícios & Vestígios | Buildings & Remnants
http://buildingsremnants.com/

Arquivos RTP
https://arquivos.rtp.pt/

CCG Arquitecto
https://www.ccg-arquitectos.pt/

Vandriessche architecten
http://www.vandriesschearchitecten.be/

Fundação Robbinson
http://www.fundacaorobinson.org/default.aspx

Archidaily
https://www.archdaily.com.br/br

Divisare
https://divisare.com/

Afasia archzine
https://afasiaarchzine.com/

Documentários:

"Broken Windows : Test for a film in Portugal" - Documentário de Victor Erice, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ZGR5s-4ZuQ

"Do património Industrial à Arqueologia Industrial" - Documentátio da RTP de Jorge Custódio, Rui Romeira, Manuel Alves da Cunha, 1988. Disponível em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/do-patrimonio-industrial-a-arqueologia-industrial?fbclid=IwAR3h-WUn9kmq-ZMp0eB8LR3Q8_IaJCtGE5JygOXTD5a1p0jd0V9IuvdS-0cjM

"Documentário: Sesc Pompeia 30 anos - Lina Bo Bardi" - Documentário de Victor Delaqua, 2014. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/628228/documentario-sesc-pompeia-30-anos-lina-bo-bardi

FONTES ICONOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Figura 1| Vista aérea do Complexo da Fábrica de Fiação de Tomar _ Fotografia de Orlando Oliveira

CAPÍTULO I _ O IMPATO DO RIO NABÃO EM TOMAR

Figura 1.1 | Mapa dos concelhos envolventes _ Autoria própria

Figura 1.2 | Bacia Hidrográfica do Rio Nabão _ Autoria própria

Figura 1.3 | Vestígios da ocupação Romana em Tomar _ séc. I / séc. VI _ DIAS, José Cabral - A evolução urbana de Tomar : de Sellium a Carlos Ramos. Porto : Faup Publicações, 2017

Figura 1.4 | Vestígios do Fórum Romano _ http://www.ttt.ipt.pt/image.php?id=70&img=01a.jpg

Figura 1.5 | Ponte Romana (designada atualmente por "Ponte Velha") e Convento de Sta. Iria à direita _ Autoria própria

Figura 1.6 | Açude de estancarias e roda junto ao Parque do Mouchão _ Autoria própria

Figura 1.7 | Vista aérea sobre o Convento de Cristo _ https://covadairia.com/en/2019/07/23/convento-de-cristo-tomar-3/

Figura 1.8 | Ocupação territorial da cidade nos primeiros anos da sua formação _ 1162 / 1195 _ DIAS, José Cabral - A evolução urbana de Tomar : de Sellium a Carlos Ramos. Porto : Faup Publicações, 2017

Figura 1.9 | Rua do pé da Costa de Cima _ Autoria própria

Figura 1.10 | Corredoura de Tomar (atual Rua Serpa Pinto) com vista para o Castelo _ https://www.travel-in-portugal.com/photos/rua-serpa-pinto-tomar.htm

Figura 1.11 | Canal da Levada (atualmente) _ Autoria própria

Figura 1.12 | Canal da Levada (antigamente) _ Fotografia do autor da Exposição: Tomar Industrial - Contributos para uma visão contemporânea

Figura 1.13 | Fábrica da Moagem a Nabantina (atualmente) _ Autoria própria

Figura 1.14 | Fábrica da Moagem a Nabantina (antigamente) _ Fotografia do autor da Exposição: Tomar Industrial - Contributos para uma visão contemporânea

Figura 1.15 | Rio Nabão - Açude dos Frades (atualmente) _ Autoria própria

Figura 1.16 | Rio Nabão - Açude dos Frades (antigamente) _ Coleção Postais Antigos de Tomar _Disponível em: http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais4/TomarPtbr08.htm

Figura 1.17 | Lavadeiras no Rio Nabão (antigamente) _ Departamento de Museologia de Tomar

Figura 1.18 | Museu da Central Termo Elétrica em Tomar _ Autoria própria

Figura 1.19 | Plano urbanístico de Tomar elaborado pelo Arq. Carlos Ramos _ Arquivo municipal de Tomar

Figura 1.20 | Vista aérea da cidade de Tomar _ Google Earth Pro

Figura 1.21 | Infografia do percurso do Rio Nabão _ Autoria própria

Figura 1.22 | Praia Fluvial do Agroal (antigamente) _ http://websig.cm-ourem.pt/turismo/index.php?page=locais_natureza&uid=44

Figura 1.23 | Praia Fluvial do Agroal (atualmente) _ https://radiohertz.pt/ourem-praia-fluvial-do-agroal/

Figura 1.24 | Um açude ao longo do rio (antigamente) _ https://www.postais-antigos.com/tomar-margens-do-rio-nabao-tomar6.html

Figura 1.25 | Açude dos Frades (atualmente) _ Autoria própria

Figura 1.26 | Infografia da ocupação fabril ao longo do Rio Nabão _ Autoria própria

Figura 1.27 | Fábrica de Porto de Cavaleiros (implantação e vista) _ Fotografia de Pedro Costa / Implantação _ BARBOSA, Renata Faria, GENIN, Soraya M. - As Fábricas do Vale do Nabão: sistemas construtivos e sua relação com a água. in Anais 3º CIHCLB. (p.583-597), Salvador, 2019

Figura 1.28 | Fábrica de papel do Sobreirinho (implantação e vista) _ Autoria própria / Implantação _ BARBOSA, Renata Faria, GENIN, Soraya M. - As Fábricas do Vale do Nabão: sistemas construtivos e sua relação com a água. in Anais 3º CIHCLB. (p.583-597), Salvador, 2019

Figura 1.29 | Fábrica de papel do Prado (implantação e vista) _ https://www.mediotejo.net/tomar-fabrica-prado-karton-vai-a-leilao-em-dezembro/ | implantação _ BARBOSA, Renata Faria, GENIN, Soraya M. - As Fábricas do Vale do Nabão: sistemas construtivos e sua relação com a água. in Anais 3º CIHCLB. (p.583-597), Salvador, 2019

Figura 1.30 | Fábrica de Fiação de Tomar (implantação e vista) _ Fotografia de Orlando Oliveira / Implantação _ BARBOSA, Renata Faria, GENIN, Soraya M. - As Fábricas do Vale do Nabão: sistemas construtivos e sua relação com a água. in Anais 3º CIHCLB. (p.583-597), Salvador, 2019

Figura 1.31 | Vista aérea do Conjunto Industrial da levada (antes da intervenção) _ http://www.ccg-arquitectos.pt/index.php/selecciona-dos/equipamentos-e-servicos/complexoemuseutomar

Figura 1.32 | Vista do Conjunto Industrial da levada _ http://www.ccg-arquitectos.pt/index.php/seleccionados/equipamentos-e-servicos/complexoemuseutomar

Figura 1.33 | Desenhos da proposta de intervenção _ http://www.ccg-arquitectos.pt/index.php/seleccionados/equipamentos-e-servicos/complexoemuseutomar

Figura 1.34 | Conjunto industrial da levada (antigamente) _ Departamento de museulogia de Tomar

Figura 1.35 | Conjunto industrial da levada (atualmente) _ Autoria própria

Figura 1.36 | Interior da moagem a Nabantina (antigamente) _ Departamento de museulogia de Tomar

Figura 1.37 | Interior da moagem a Nabantina (atualmente) _ Autoria própria

Figura 1.38 | Fábrica de Papel da Marianaia (implantação e vista) _ BARBOSA, Renata Faria, GENIN, Soraya M. - As Fábricas do Vale do Nabão: sistemas construtivos e sua relação com a água. in Anais 3º CIHCLB. (p.583-597), Salvador, 2019

Figura 1.39 | Fábrica de Papel da Matrena (implantação e vista) _ https://historiadetomar.weebly.com/14-a-induacutestria.html / Implantação _ BARBOSA, Renata Faria, GENIN, Soraya M. - As Fábricas do Vale do Nabão: sistemas construtivos e sua relação com a água. in Anais 3º CIHCLB. (p.583-597), Salvador, 2019

CAPÍTULO II _ O CONTEXTO HISTÓRICO DA FÁBRICA DE FIAÇÃO DE TOMAR

Figura 2.1 | Edifício da Frontaria da Várzea Grande (atualmente) _ Autoria própria

Figura 2.2 | Vista aerofotogramétrica da localização do Ed. da Fábrica Velha e os novos terrenos para a construção da Fábrica Grande _ Autoria própria

Figura 2.3 |Vista aerofotogramétrica da localização do Açude (mais à esquerfa) e da fábrica Grande (mais à direita) _ Autoria própria

Figura 2.4 | Açude da Fábrica de Fiação (antigamente) _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.5 | Desenhos inseridos no relatório de Déjantes em 1865 _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.6 | Máquina a Vapor adquirida e montada durante a primeira direção de Taveira (1873-1878) _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.7 | Maquinaria da secção dos antigos abridores - batedores adquirida e montada durante a primeira direção de Taveira (1873-1878) _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.8 | Secção de Tinturaria _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.9 | Corpo de Bombeiros privado da Real Companhia de Fiação de Tomar _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.10 | Interior da fábrica após o incêndio de 1883 _ Interior da fábrica após o incêndio de 1883 _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.11 |Oficina de Tecelagem, tendo ainda alguns dos teares salvos do incêndio de 1883 _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.12 | Fábrica do Paleão- Soure, adquirida pela companhia de Tomar em 1892 _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.13 | Funcionários da fábrica junto ao seu posto de trabalho (1911) _ Fotografia do autor da Exposição: Tomar Industrial - Contributos para uma visão contemporânea

Figura 2.14 | Funcionário da fábrica no fim do trabalho _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.15 | Localização e vistas do edificado da fábrica _ Autoria própria

Figura 2.16 | Edifício da Várzea grande (atualmente) _ Autoria própria

Figura 2.17 |Edifício da Várzea grande (antigamente) GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.18 | Implantação do edifício da fábrica "velha" / Ed. da Várzea Grande _ Autoria própria

Figura 2.19 | Fotografia da corporação de bombeiros a combater o incêndio de 1975 _ https://tomarnarede.pt/wp-content/uploads/2020/04/3-de-maio-1975-jornal-Cidade-de-Tomar.jpg

Figura 2.20 | Edifício da Várzea Grande após o incêndio de 1975 _ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3360

Figura 2.21 | Edifício da Várzea grande após a reabilitação _ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3360

Figura 2.22 |Alçados do Edifício da Várzea Grande (atual Palácio de Alvaiázere) _ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3360

Figura 2.23 | Cronologia da origem e evolução da Fábrica Grande (Fábrica de Fiação de Tomar) _ Autoria própria

Figura 2.24 | Perspetiva do alçado nascente da fábrica _ CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa - A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas, I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e comunicações. Coimbra: Coimbra Editora, 1990

Figura 2.25 | Perspetiva do alçado poente da fábrica _ CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa - A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas, I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e comunicações. Coimbra: Coimbra Editora, 1990

Figura 2.26 | Planta da Fábrica | Fase 1 _ 1865 _ Autoria própria

Figura 2.27 | Vista do Ed. Principal da Fábrica com o Convento de Cristo ao fundo (vista no sentido nascente/ poente) _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.28 | Planta da Fábrica | Fase 2 _ 1875 _ Autoria própria

Figura 2.29 | Desenho de um canal de esgoto da fábrica _ CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa - A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas, I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e comunicações. Coimbra: Coimbra Editora, 1990

Figura 2.30 | _ Interior do Edifício Principal da fábrica após o incêndio de 1883 _ CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa - A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas, I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas

e comunicações. Coimbra: Coimbra Editora, 1990

Figura 2.31 | Casa da Direção (antigamente) _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.32 | Casa da Direção (atualmente) _ Autoria própria

Figura 2.33 | Casa de operários (atualmente) _ Autoria própria

Figura 2.34 | Localização possível das habitações de operários _ Autoria própria

Figura 2.35 | Açude da fábrica de fiação _ Autoria própria

Figura 2.36 | Açude da fábrica de fiação em processo de limpeza _ Fotografia de Jesus Baptista

Figura 2.37 | Canal da fábrica _ Autoria própria

Figura 2.38| Tanque da fábrica _ Autoria própria

Figura 2.39 | Painél de azulejos presente na fábrica de fiação _ Autoria própria

Figura 2.40 | Planta da Fábrica | Fase 3 _ 1887 _ Autoria própria

Figura 2.41 | Vista do complexo fabril no final do séc. XIX (vista no sentido nascente/ poente) _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.42 | Planta da Fábrica | Fase 4 _ 1904 _ Autoria própria

Figura 2.43 | Casa da direção II (atualmente) _ Autoria própria

Figura 2.44 | Vista do complexo fabril no início do séc. XX (vista no sentido poente/ nascente) _ GUIMARÃES, Manuel da silva - História de uma fábrica: a Real Fábrica de Fiação de Thomar. Santarém: Junta Distrital, 1976

Figura 2.45 | Vista do complexo fabril no final do séc. XIX (vista no sentido nascente/ poente) _ Departamento de museologia de Tomar

Figura 2.46 | Planta da Fábrica | Fase 5 _ 1935 _ Autoria própria

Figura 2.47 | Planta da Fábrica | Fase 6 _ 1970 _ Autoria própria

Figura 2.48 | Vista do complexo fabril atualmente (vista no sentido poente/ nascente) _ Autoria própria

Figura 2.49 | Conjunto de Habitações de operários (atualmente) _ Autoria própria

Figura 2.50 | Vista do complexo fabril antes do seu encerramento (vista no sentido norte/ sul) _ Fotografia de João Elvas

Figura 2.51 | Vista aerofotogramétrica do complexo fabril após o encerramento _ Divisão de gestão do território CMT

Figura 2.52 | Planta da Fábrica | Fase 7 _ 1993 _ Autoria própria

Figura 2.53 | Edifício Principal (atualmente) _ Autoria própria

Figura 2.54 | Casa das caldeiras | Central Termo elétrica (atualmente) _ Autoria própria

CAPÍTULO III _ O CONTEXTO EXISTENTE

Figura 3.1 | Evolução aerofotogramétrica da Fábrica de Fiação após o seu encerramento _ Google Earth Pro

Figura 3.2 | Evolução aerofotogramétrica da envolvente da Fábrica de Fiação após o seu encerramento _ Google Earth Pro

Figura 3.3 | Vista dos edifícios a conservar _ Autoria própria

Figura 3.4 | Planta do estado atual do complexo fabril | Edifícios a conservar _ Autoria própria

Figura 3.5 | Planta do estado atual do complexo fabril | Edifícios a conservar _ Autoria própria

Figura 3.6 | Vistas exteriores da Fábrica - Rua da Fábrica de Fiação _ Autoria própria

Figura 3.7 | Vistas exteriores da Fábrica - Rua Ponte da Vala _ Autoria própria

Figura 3.8 | Planta do estado atual do complexo fabril | Zona Central _ Autoria própria

Figura 3.9 | Vistas do estado atual da zona central da fábrica _ Autoria própria

Figura 3.10 | Planta do estado atual do complexo fabril | Zona Norte _ Autoria própria

Figura 3.11 | Vistas do estado atual da zona norte da fábrica _ Autoria própria

Figura 3.12 | Planta do estado atual do complexo fabril | Zona Sul _ Autoria própria

Figura 3.13 | Vistas do estado atual da zona sul da fábrica _ Autoria própria

Figura 3.14 | Vistas da Casa das Turbinas (atualmente) _ Autoria própria

Figura 3.15 | Localização da Casa das Turbinas _ Autoria própria

Figura 3.16 | Vistas do Edifício Principal (atualmente) _ Autoria própria

Figura 3.17 | Localização do Edifício Principal _ Autoria própria

Figura 3.18 | Vistas da Casa do Diretor (atualmente) _ Autoria própria

Figura 3.19 | Localização da Casa do Diretor _ Autoria própria

Figura 3.20 | Vistas da Casa do Diretor II (atualmente) _ Autoria própria

Figura 3.21 | Localização da Casa do Diretor II _ Autoria própria

Figura 3.22 | Vistas das Casas de Operários (atualmente) _ Autoria própria

Figura 3.23 | Localização das Casas de Operários _ Autoria própria

Figura 3.24 | Vistas da Central Termo Elétrical (atualmente) _ Autoria própria

Figura 3.25 | Localização da Central Termo Elétrica _ Autoria própria

Figura 3.26 | Vistas da Chaminé (atualmente) _ Autoria própria

Figura 3.27 | Localização da Chaminé _ Autoria própria

Figura 3.28 | Algumas fotografias do dep. de museologia CMT relativas à fábrica de fiação _ Departamento de museologia CMT

Figura 3.29 | Maquinaria relativa à fábrica de fiação _ Autoria própria

Figura 3.30 | Cartaz do Leilão dos bens móveis da fábrica de fiação _ Arquivo municipal de Tomar

Figura 3.31 | Dinamo Maschinenfabrik Esslingen. 105Volts, 45Ampéres (c.1887). | Dínamo de finais do século XIX _ Autoria própria

Figura 3.32 | Vista do açude (antes do processo de desassoreamento do rio e limpeza da sua envolvente - 2019) _ Autoria própria

Figura 3.33 | Vista do açude (antigamente) _ Departamento de museologia de Tomar

Figura 3.34 | Localização da (ZEP) em relação ao açude _ Diário da república, 2.ª série - N.º91 - 13 de maio de 2013

Figura 3.35 | Vista do açude (atualmente) _ Autoria própria

Figura 3.36 | Planta de implantação do Ante-Projecto de Urbanização - 1993 _ Arquivo municipal de Tomar

Figura 3.37 | Perfis da proposta do Ante-Projecto de Urbanização - 1993 _ Arquivo municipal de Tomar

Figura 3.38 | Fases de execução do projecto _ Arquivo municipal de Tomar

Figura 3.39 | Planta do Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra _ Divisão de gestão do território CMT

Figura 3.40 | Planta de condicionantes do Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra _ Divisão de gestão do território CMT

Figura 3.41 | Enquadramento do Plano de Pormenor no âmbito do Programa Polis para Tomar _ Divisão de gestão do território CMT

Figura 3.42 | Marcação do terreno da Companhia da FFT em relação ao Plano pormenor _ Divisão de gestão do território CMT

Figura 3.43 | Ampliação do plano de Pormenor PPAP _ com enfasê na área do Complexo da FFT _ Divisão de gestão do território CMT

Figura 3.44 | Planta de apresentação do Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra _ Divisão de gestão do território CMT

Figura 3.45 | Vista da entrada da Mata Nacional dos Sete Montes _ Autoria própria

Figura 3.46 | Vista do Jardim do Mouchão _ Autoria própria

Figura 3.47 | Vista do Jardim da Várzea Grande _ Autoria própria

Figura 3.48 | Vista do Parque de Campismo de Tomar _ https://portugalvia.com/vp/parque-de-campismo-municipal-de-tomar/

CAPÍTULO IV _ PROBLEMÁTICAS E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

Figura 4.1 | "O peso do ar" instalação de Os espacialistas sobre o Edifício da Fábrica de Fundição de Oeiras _ https://trabalhosnafabrica.wordpress.com/projectos/

Figura 4.2 | "Khõros Anima" vídeo/ documentário de Jonathan Uliel Saldanha sobre a Fábrica têxtil em Covas (Guimarães) _ MOREIRA, Inês - Edifícios & vestígios: projecto - ensaio sobre os espaços pós-industriais = Buildings & remnants : essay - project on post-industrial spaces. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2013

Figura 4.3 | "Todo o Homem é um Criativo" instalação elétrica Patrícia Azevedo Santos sobre a Fábrica ASA (Guimarães) _ MOREIRA, Inês - Edifícios & vestígios: projecto - ensaio sobre os espaços pós-industriais = Buildings & remnants : essay - project on post-industrial spaces. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2013

Figura 4.4 | "Industrias dentro de uma fábrica : Fragmentos da Fábrica da Fiação de Tomar" _ https://trabalhosnafabrica.wordpress.com/projectos/

Figura 4.5 | "Cartão de ponto - evocação da memória coletiva da Fábrica da Fiação de Tomar" _ https://trabalhosnafabrica.wordpress.com/projectos/

Figura 4.6 | "O registador" instalação com cones de fiar da Fábrica de Fiação de Tomar. _ MOREIRA, Inês - Edifícios & vestígios: projecto - ensaio sobre os espaços pós-industriais = Buildings & remnants : essay - project on post-industrial spaces. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2013

CAPÍTULO V _ INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA NO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL - PRÁTICAS E EXEMPLOS

Figura 5.1 | WUK em Viena, no início da sua ocupação _ https://www.wuk.at/en/history/

Figura 5.2 | WUK em Viena (atualmente) _ https://iwan.com/local-library-draws-on-the-industrial-identity-of-the-city-of-tilburg/

Figura 5.3 | Esquema sintese de analogias entre a Fábrica de Fiação de Tomar e cada caso de estudo _ autoria própria

Figura 5.4 | Vista aerofotogramétrica do Espaço Robbinson _ Autoria própria

Figura 5.5 | Espaço Robbinson (antigamente) _ https://restosdecoleccao.blogspot.com/2011/05/fabrica-robinson-de-cortica.html

Figura 5.6 | Espaço Robbinson (atualmente) _ https://arquitecturaviva.com/works/reconversion-de-la-fabrica-robinson-7

Figura 5.7 | Esquema de implantação dos dois pólos da cidade de Portalegre _ http://www.fundacaorobinson.org/multimedia/ficheiros/14_projecto_arquitectura/arquitectura_memoria_descritiva.pdf

Figura 5.8 | Esquema do novo arruamento do Espaço Robbinson _ https://arquitecturaviva.com/works/reconversion-de-la-fabrica-robinson-7

Figura 5.9 | Vistas exteriores do Espaço Robbinson _ http://www.fundacaorobinson.org/multimedia/ficheiros/14_projecto_arquitectura/arquitectura_memoria_descritiva.pdf

Figura 5.10 | Fotomontagens do Espaço Robbinson _ http://www.fundacaorobinson.org/multimedia/ficheiros/14_projecto_arquitectura/arquitectura_memoria_descritiva.pdf

Figura 5.11 | Vistas exteriores do Espaço Robbinson _ http://www.fundacaorobinson.org/multimedia/ficheiros/14_projecto_arquitectura/arquitectura_memoria_descritiva.pdf

Figura 5.12 | Maquete do Espaço Robbinson _ Autoria própria

Figura 5.13 | Esquema da nova ocupação do Espaço Robbinson _ https://issuu.com/fundacaorobinson/docs/brochura_regeneracao_urbana

Figura 5.14 | Perfis do Espaço Robbinson _ TC Cuadernos - Eduardo Souto Moura : Tomo II. Equipamientos y Proyectos Urbanos 2004 - 2019. Valência : General de Ediciones de Arquitectura, 2018

Figura 5.15 | Planta de implantação do Espaço Robbinson _ https://arquitecturaviva.com/works/reconversion-de-la-fabrica-robinson-7

Figura 5.16 | Vista aerofotogramétrica da Fábrica de Santo Thyrso _ Autoria própria

Figura 5.17 | Fábrica de Santo Thyrso (antigamente) _ http://mmap.cm-stirso.pt/fabrica-fiacoes-texteis-santo-tirso/

Figura 5.18 | Fábrica de Santo Thyrso (atualmente) _ http://lazer.publico.pt/outros/319859_fabrica-de-santo-thyrso

Figura 5.19 | Vistas exteriores da Fabrica de Santo Thyrso _ https://www.arzichdagamaphotography.com/fabrica-santo-thyrso

Figura 5.20 | Vistas interiores da Fábrica de Santo Thyrso _ https://www.arzichdagamaphotography.com/fabrica-santo-thyrso

Figura 5.21 | Vistas da Fábrica de Santo Thyrso _ https://www.arzichdagamaphotography.com/fabrica-santo-thyrso

Figura 5.22 | Esquema das novas valências da Fábrica de Santo Thyrso _ SANTOS, José - Arquitectura Industrial : da obsolescência à reconversão. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto : Faup, 2013

Figura 5.23 | Plantas da Fábrica de Santo Thyrso _ SANTOS, José - Arquitectura Industrial : da obsolescência à reconversão. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto : Faup, 2013

Figura 5.24 | Vista aerofotogramétrica do Sesc Pompeia _ Autoria própria

Figura 5.25 | Sesc Pompeia (antigamente) _ https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13419_a+historia+do+bairro+da+pompeia+em+Sao+Paulo

Figura 5.26 | Sesc Pompeia (atualmente) _ http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/

Figura 5.27 | Vistas do Sesc Pompeia; a) exterior b) sala principal c) sala de atelier e oficinas _ http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/

Figura 5.28 | Vistas interiores da sala principal _ http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/

Figura 5.29 | Pavilhão da escultura _ Holanda _ https://www.flickr.com/photos/pausf/4826621148/

Figura 5.30 | Sala de atelier e oficinas do Sesc Pompeia _ http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/

Figura 5.31 | LocHall Library _ Holanda _ https://www.civicarchitects.eu/projects/lochal-tilburg

Figura 5.32 | Vistas Sesc Pompeia; a) teatro b) aérea c) janela _ http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/

Figura 5.33 | Vista Sesc Pompeia _ http://www.nelsonkon.com.br/sesc-pompeia/

Figura 5.34 | Planta Sesc Pompeia _ https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi

Figura 5.35 | Perfil blocos desportivos Sesc Pompeia _ https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi

Figura 5.36 | Perfil parte fabril do Sesc Pompeia (à esquerda) _https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi

Figura 5.37 | Vista aerofotogramétrica da Factory of Porre _ Autoria própria

Figura 5.38 | Factory of Porre (antigamente) _ http://www.vandriesschearchitecten.be/index.html

Figura 5.39 | Factory of Porre (atualmente) _ https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent

Figura 5.40 | Vistas da Factory of Porre _ https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent

Figura 5.41 | Vistas da Factory of Porre _ https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent

Figura 5.42 | Vistas da Factory of Porre _ https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent

Figura 5.43 | Planta do parque urbano da Factory of Porre _ https://afasiaarchzine.com/2016/04/vandriessche/

Figura 5.44 | Corte AA' | Corte BB´ pelo parque urbano da Factory of Porre _ https://afasiaarchzine.com/2016/04/vandriessche/

Figura 5.45 | Axonometria da Factory of Porre _ http://www.vandriesschearchitecten.be/index.html

Figura 5.46 | Fotomontagens do parque urbano da Factory of Porre _ http://www.vandriesschearchitecten.be/index.html

CAPÍTULO VI _ PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E VALORIZAÇÃO DA FÁBRICA DE FIAÇÃO

Figura 6.1 | Vista aerofotogramétrica da cidade de Tomar _ Autoria própria

Figura 6.2 | Infografia da malha urbana da cidade - principais vias de circulação _ Autoria própria

Figura 6.3 | Vista entrada Piscina Municipal _ Autoria própria

Figura 6.4 | Vista entrada Parque de Campismo _

Figura 6.5 | Unidades de execução do P.P. do Parque desportivo ao Açude Pedra _ Divisão de Gestão do Território CMT

Figura 6.6 | Contexto existente no plano pormenor; I. - enquadramento; II. - vista aerofogramétrica; III. - vista aérea (sentido sul/norte); IV. - vistas a.) - m.) _ Autoria própria

Figura 6.7 | Planta do contexto existente Plano Pormenor _ Autoria própria

Figura 6.8 | Palavras chave a uma intervenção na Fábrica de Fiação de Tomar _ Autoria própria

Figura 6.9 | Axonometria da proposta de interveção na Fábrica de fiação de Tomar _ Autoria própria

Figura 6.10 | Novos acessos ao terreno da fábrica _ Autoria própria

Figura 6.11 | Infografia do desenvolvimento e articulação da malha urbana com os novos acessos criados _ Autoria própria

Figura 6.12 | Planta da proposta de intervenção ao Plano Pormenor _ Autoria própria

Figura 6.13 | Infografia dos espaços e circulação do Plano de pormenor _ Autoria própria

Figura 6.14 | Planta de zonas do complexo fabril _ 1.3000 _ Autoria própria

Figura 6.15 | Lochall Library - uso de cortinas | Civic architects _ https://www.civicarchitects.eu/projects/lochal-tilburg

Figura 6.16 | Esquema zoneamento do parque urbano _ Autoria própria

Figura 6.17 | Localização e axonometria explodida da antiga zona da fiação _ Autoria própria

Figura 6.18 | Perfil _ 1.1000 _ Autoria própria

Figura 6.19 | Perfil _ 1.1000 _ Autoria própria

Figura 6.20 | Parque Ibirapuera - auditório Ibirapuera | Arq. Oscar Niemeyer

Figura 6.21 | Factoy of Porre - campos desportivos _ https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent

Figura 6.22 | Localização e axonometria explodida da zona de campos de jogos _ Autoria própria

Figura 6.23 | Perfil _ 1.1000 _ Autoria própria

Figura 6.24 | Perfil _ 1.1000 _ Autoria própria

Figura 6.25 |Perfil _ 1.1000 _ Autoria própria

Figura 6.26 | Esquema de referências à proposta de intervenção _ Autoria própria

Figura 6.27 | Axonometria da proposta de intervenção _ Autoria própria

ANEXOS

CRONOLOGIA

ANEXO 1 | Cronologia

Fonte: Autoria própria



1ª Sociedade | 2ª Sociedade | 3ª Sociedade | 4ª Sociedade | Administração "Loureiros" | Companhia da Real Fábrica de Fiação de Thomar | Com. Trab.

1771 — 15 Nov. 1771 _ Surge o Req. de Noel Le Maitre, dirigido ao excelentíssimo Sr. Marques de Pombal, para se estabelecer nova fábrica em Tomar

1772 — 7 Fev. 1772 _ Autorizada e legalizada a criação de novo estabelecimento fabril em Tomar

1 Abr. 1772 _ Noel Le Maitre inicia a sua laboração de meias no edif. da Frontaria da Várzea Grande

1789 — 17 Ago. 1789 _ É emitido alvará Régio de D. Maria I, que confere a entrega da respectiva fábrica de Le Maitre a Jácome Ratton e Thimotheo Lecussan Verdier

Set. 1789 _ Ratton e Verdier tomam posse da Fábrica de Meias de Le Maitre | Compram-se os terrenos da nova Fábrica

1790 — 2 Jan. 1790 _ Iniciam-se as construções da Vala Grande do Açude e preparam-se os materiais para o novo edifício

16 Jan. 1790 _ Iniciam-se as construções da nova Fábrica | Continuam as melhorias na antiga Fábrica de Le Maitre

1793 — 24 Dez. 1793 _ Termo de Separação da 1ª Sociedade

1794 — 26 Out. 1796 _ A Fábrica começou a fiar por água | Conclusão do sistema hidráulico

10 Fev. 1794 _ Aprovação Régia da 2ª Sociedade (composta por: Thimotheo Verdier; António José Ferreira; Francisco Palyart; Miguel Lourenço Peres)

1796 — 31 Mar. 1797 _ Fim da 2ª Sociedade (os sócios António José Ferreira e Miguel Lourenço Peres decidem abandonar a fábrica por sua expressa vontade)

1797 — 1 Abr. 1997 _ Início da 3ª Sociedade (composta por: Thimotheo Verdier; Francisco Palyart; José Jacinto Castro; Jacome Juvalta; D. Ana Isabel Verdier; Francisco Luis Pereira)

1807 — Nov. 1807 _ Início das Invasões Francesas

1809 — Mar. 1809 _ Exílio de Thimotheo Verdier | 2ªInvasão Francesa

1810 — 25 Jun. 1810 _ Início da 4ª Sociedade (composta por: Jácome Juvalta; Thimotheo Verdier, Juvalta Frizoni & Comp., D. Ana Isabel Verdier | Francisco Luis Pereira de Castro & Sobr.)

1816 — 1816 _ Início de nova sociedade administrada por Domingues Gomes Loureiro (conhecida por adm. Loureiros)

1823 — 1823 _ Regresso a Portugal de Thimótheo Verdier

1831 — 1831 _ Morte de Thimótheo Verdier

1843 — 26 Out. 1843 _ Visita da Rainha D. Maria II à entrada vila de Tomar e à Fábrica

1844 — 26 Out. 1796 _ Atribuição de Foral de cidade a Tomar pela Rainha D. Maria II, tomando a mesma na primeira cidade no distrito de Santarém

1865 — 1865 _ Bartolomeu Dejante elaborou minucioso estudo sobre a fábrica, a mando da direção para que se possa vender este estabelecimento fabril

1868 — 31 Dez. 1868 _ A fábrica é obrigada a suspender a sua atividade

1873 — 1874 _ A fábrica é adquirida por nova sociedade, lançada por Henrique Pereira Taveira (criando assim a Companhia da Real Fábrica de Fiação de Thomar)

Requalificação do edifício da fábrica

Introdução da Máquina a Vapor na fábrica

Substituição do motor hidráulico

1874 — 1874 _ A fábrica é adquirida por nova sociedade, lançada por Henrique Pereira Taveira (criando assim a Companhia da Real Fábrica de Fiação de Thomar)

Requalificação do edifício da fábrica

Introdução da Máquina a Vapor na fábrica

Substituição do motor hidráulico

1875 — 18 Ago. 1878 _ Fim da adm. lidserada por Taveira | Início de nova sociedade (composta por: Silva Amado; Eugénio Leitão; Dellem Guimarães)

1878 — 1880 _ Proposta de eletrificação do edifício

Montagem de oficina de serralharia mecânica e de tinturaria

Construção de 11 pequenas casas para operários de r/chão e andar

1880 — Criação de um corpo de bombeiros

1881 — 1881_ Pequeno incêndio na casa das Caldeiras

14 Jun. 1881 _ Início de obras para o assentamento da máquina elétrica e colocação da resp. lâmpadas

1883 — 29 Ago. 1883 _ Grande incêndio no Ed. Principal da fábrica

1884 — 1884 _ Início das construções do novo edifício (ampla oficina, construída à prova de incêndio)

Primeira experiência com lâmpadas Saun (experiência com outros materiais elétricos já tinham ocorrido)

26 Jan. 1887 _ Início de laboração com eletricidade

1887 —

1890 — Jun. 1890 _ Construção de nova e ampla oficina destinada à tecelagem

1892 — 29 Ago. 1883 _ Fusão da companhia da Fábrica com a Companhia industrial de Soure

1900 — 1990 _ Fim da sociedade (composta por: Silva Amado; Eugénio Leitão; Dellim Guimarães)

Entrada de José Rodrigues Simões e Henrique Taveira regressa para a fábrica

1904 — 1905 _ Ampliação das oficinas de tinturaria e branqueio (estas ampliações vêem desde 1890)

1905 —

1908 — 1908 _ Venda/ Hipoteca da fábrica de Soure

1920 — 27 Mai. 1920 _ José Rodrigues Simões é eleito director da fábrica

Alargamento da oficina de fiação e instalação nesta oficina de máquinas dispersas

1923 — 1923 _ Instalação de novas turbinas hidráulicas

1925 — 1925 _ Grandes reparações em edifícios (vãos se sabe ao certo quais)

Construção do armazém para algodão

1926 — 1926 _ Alteração e ampliação da oficina de tecelagem, gomadeiras, urdideiras, torcedores, etc.

1927 — 1927 _ Modificação da oficina de despedíços

1928 — 1928 _ Obras nas casas de habitação

1929 _ João dos Santos Simões (filho de José Rodrigues Simões) começa a colaborar na fábrica

1929 —

1930 — 1930 _ Nova secção de branqueio

Construção do armazém de fio

1931 — 1931 _ Arranjo do refeitório do pessoal

1932 — 1932 _ Transformação dos escritórios e armazém de acessórios de drogas

1933 — 1933 _ Novas instalações sanitárias

1934 — 1934 _ Central termo elétrica (eletrificação de grande parte da fábrica)

1935 —

1936 — 1936 _ Alargamento da secção de manufacturado

1938 — 1938 _ Alteração das oficinas de urdideiras

1940 — 1940 _ Alteração das oficinas de urdideiras

1943 — 1943 _ Alteração às oficinas de tecedeira

1945 — 1945 _ Novos balneários

1951 — 1951 _ José Rodrigues Simões é agraciado com a comenda da ordem de mérito industrial

1954 — 1954 _ José Rodrigues Simões pede a demissão ficando no seu lugar o seu filho, João dos Santos Simões

1955 — 1955 _ Morte de José Rodrigues Simões

1956 — 1956 _ Saída de João dos Santos Simões

1957 — 1923 _ Nova direção (composta por: Fernado Luis Simões Féria; Deocleciano Teodoro das Neves; António Simões Trindade dos Santos)

1970 —

1975 — 15 Fev. 1975 _ Cerco das instalações da fábrica por parte dos seus funcionários

Início de uma administração composta por uma comissão de trabalhadores

1979 — 1979 _ Fim da administração composta pela comissão de trabalhadores

Regresso de fundador dos Santos e de José Manuel Elvas

1993 — 1993 _ Encerramento da Fábrica, entrando em processo de insolvência

Evolução do edificado

Evolução administrativa

Linha cronológica

Descrição de acontecimentos

Legenda:

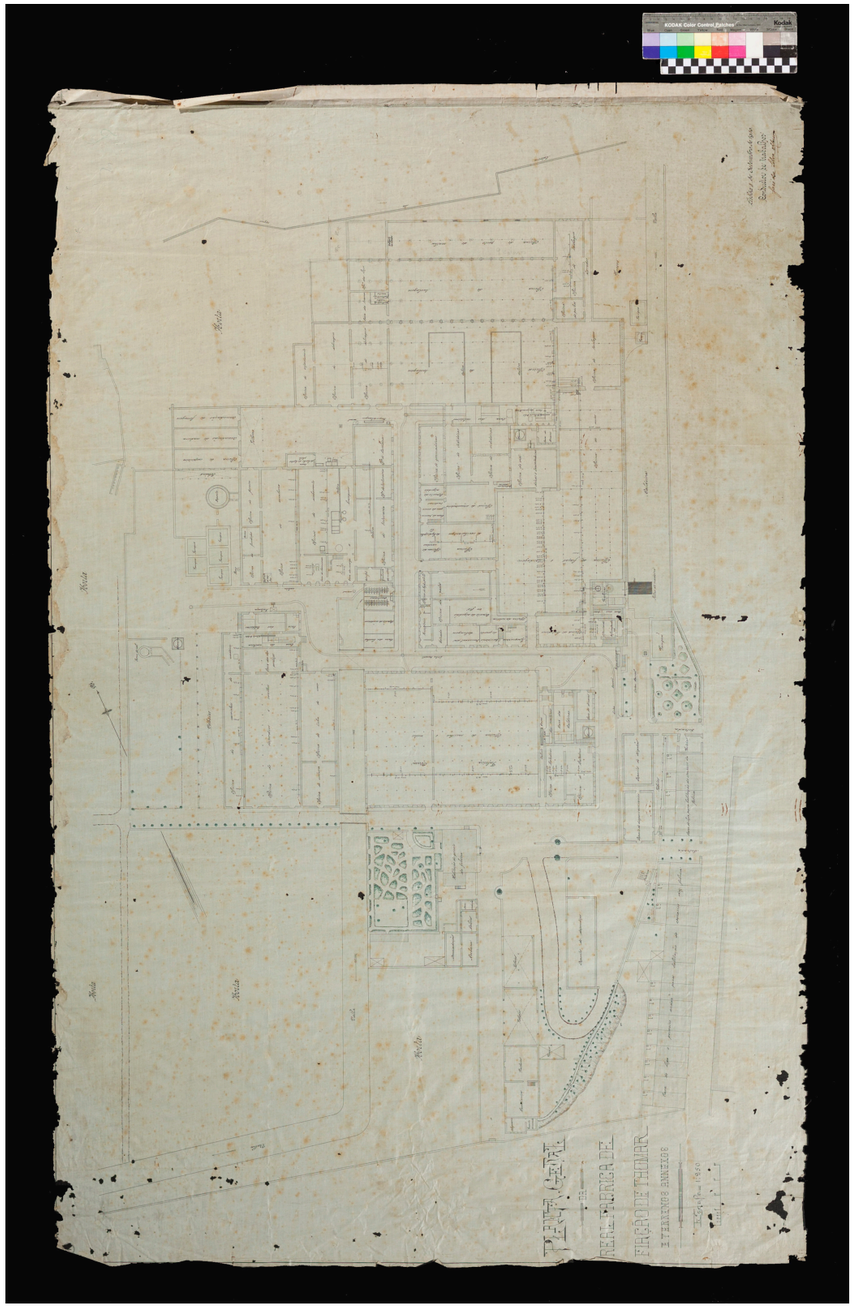
Acontecimentos históricos na fábrica

Construções ou alterações ao edifício

Anotações complementares

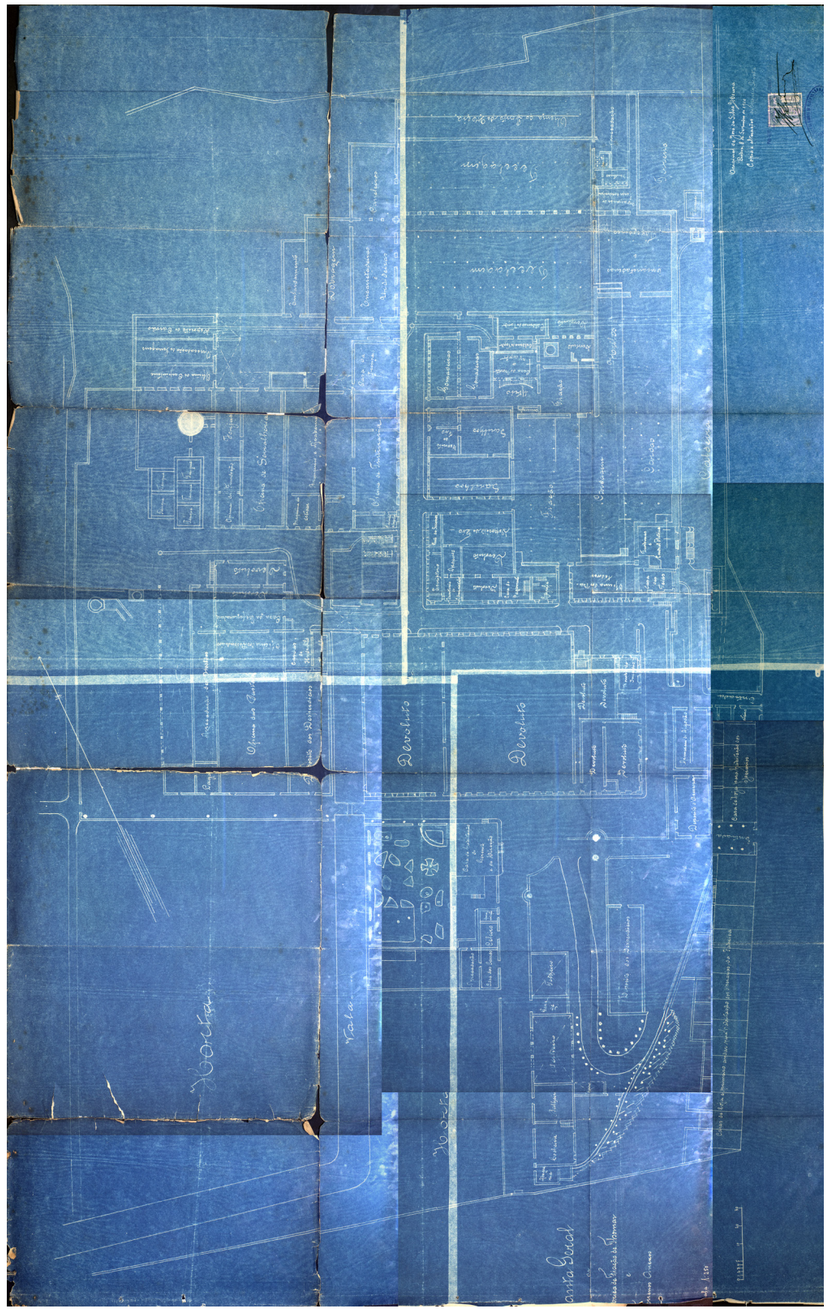
ANEXO 2 | Planta da Fábrica de Fiação de Tomar _ 1910

Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



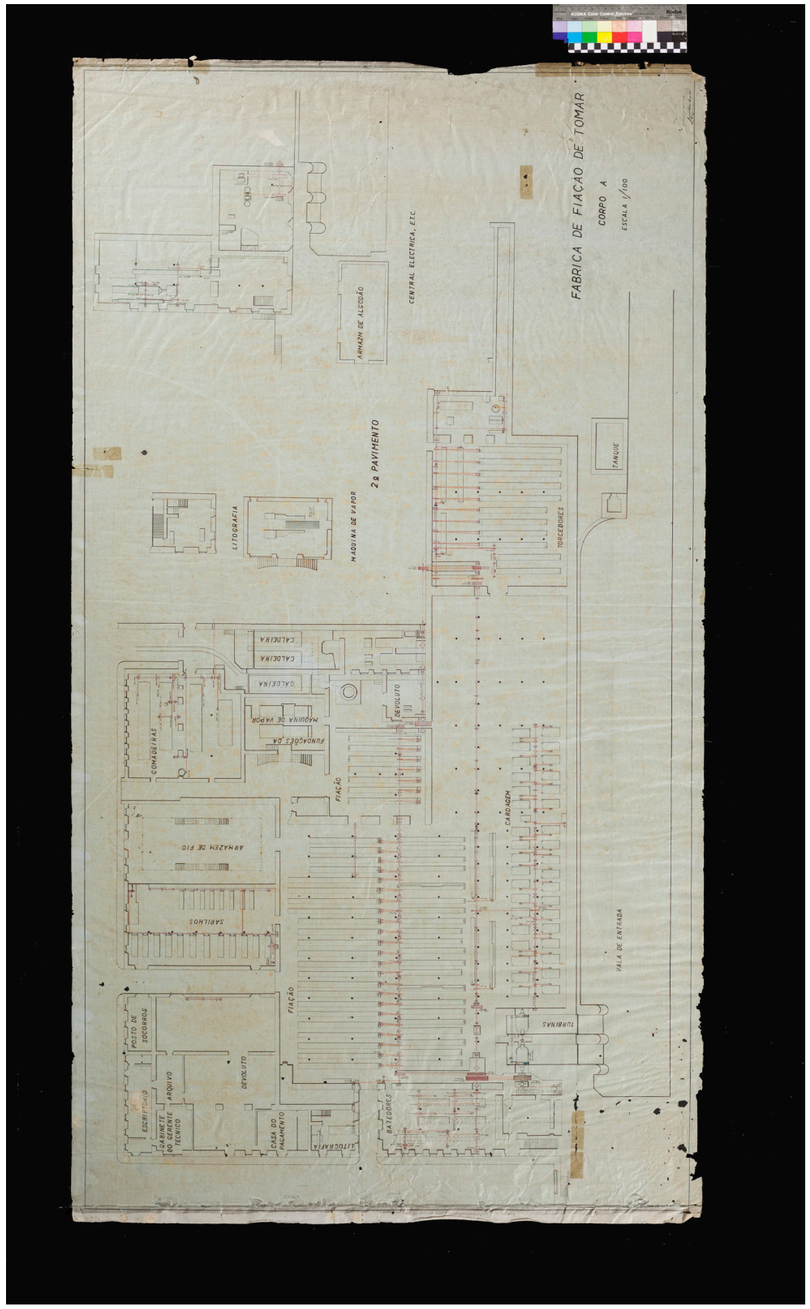
ANEXO 3 | Planta da Fábrica de Fiação de Tomar _ 1910

Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



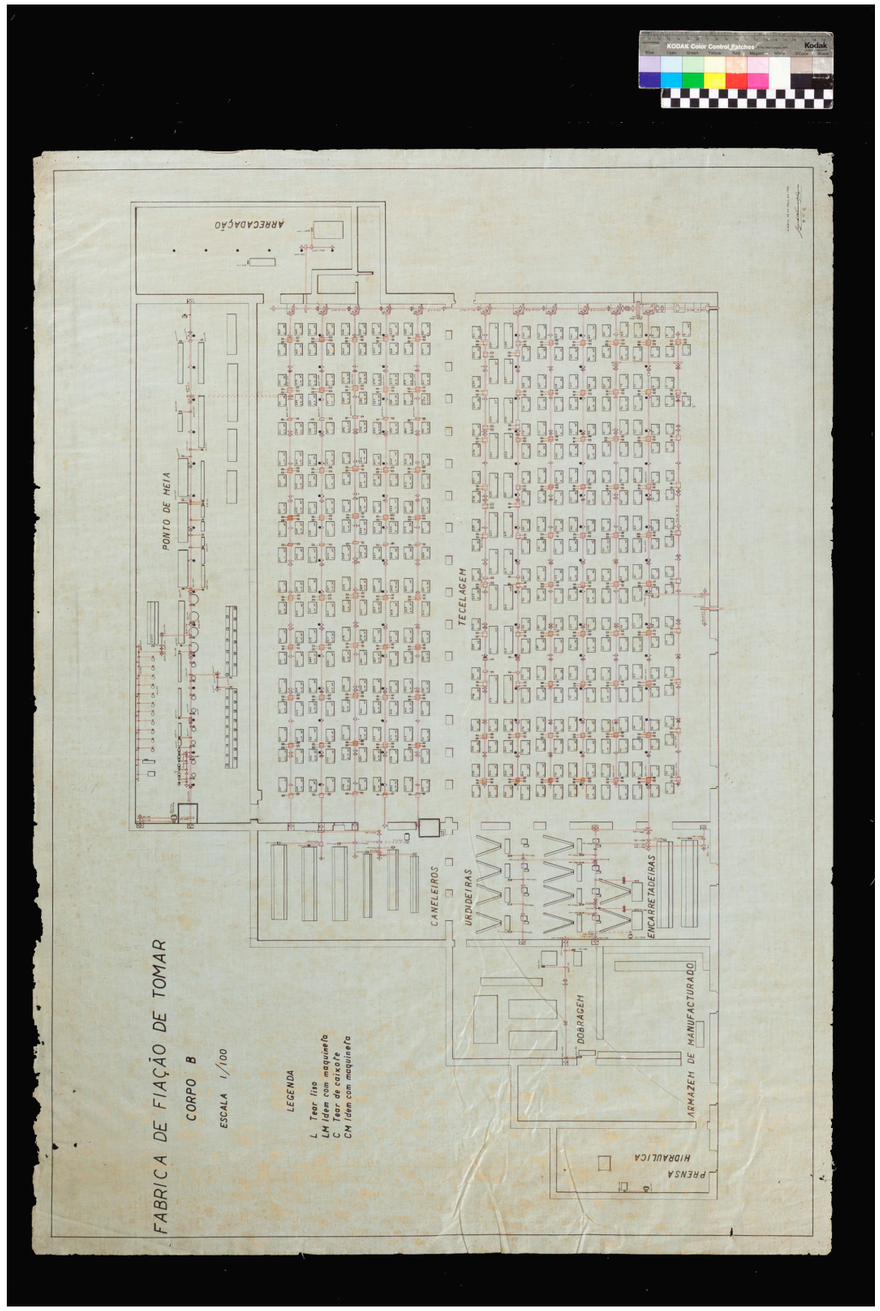
ANEXO 4 | Planta Fábrica de Fiação - corpo A _ 1932

Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



ANEXO 5 | Planta Fábrica de Fiação - corpo B _ 1932

Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



ANEXO 6 | Planta da Fábrica de Fiação de Tomar _ 1970

Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



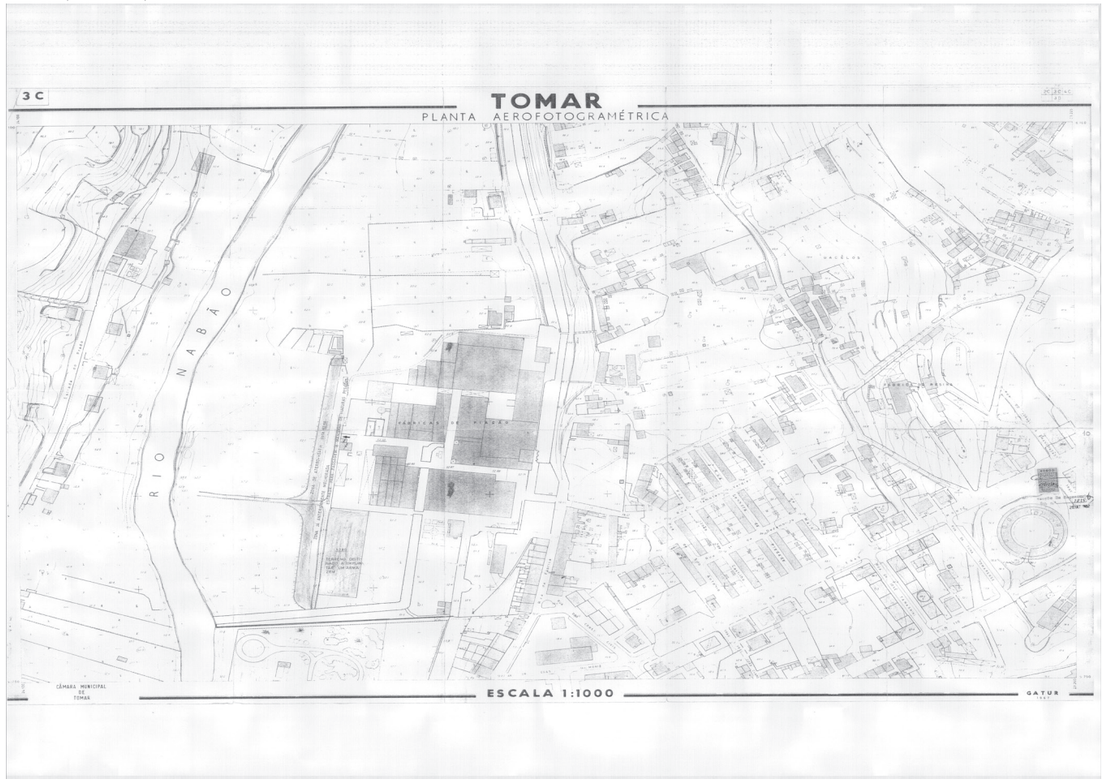
ANEXO 7 | Planta Aerofotogramétrica da Fábrica de Fiação de Tomar _ 1983

Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



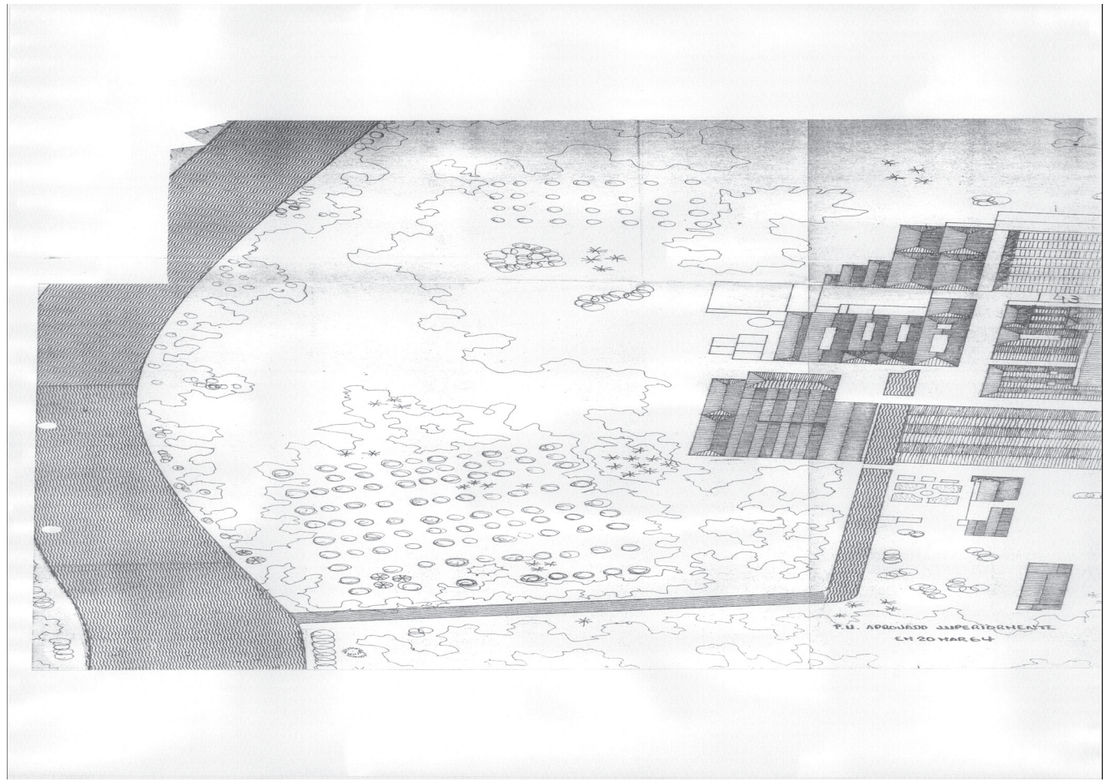
ANEXO 8 | Planta Aerofotogramétrica da Fábrica de Fiação de Tomar _ 1983

Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



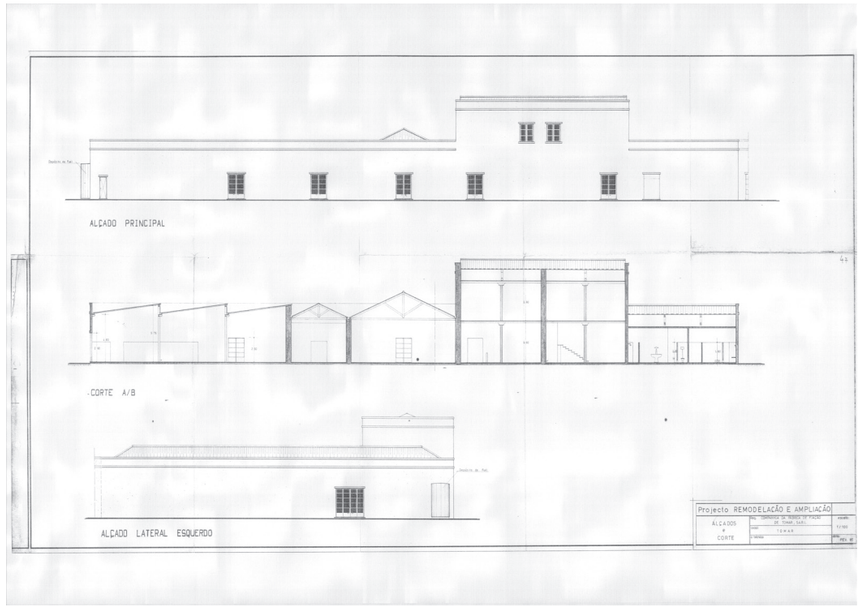
ANEXO 9 | Planta da Fábrica de Fiação de Tomar _ 1964

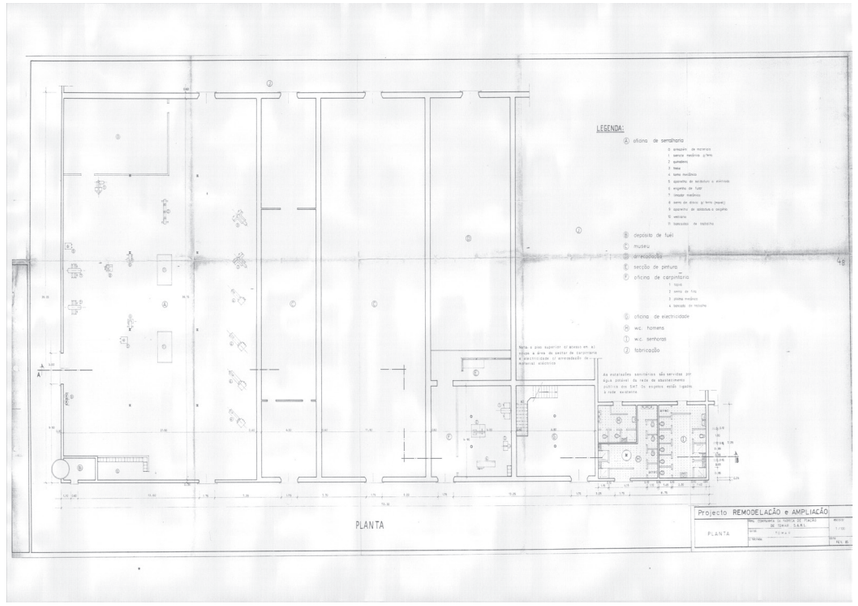
Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



ANEXO 10 | Projecto de remodelação e ampliação da Fábrica _ 1985

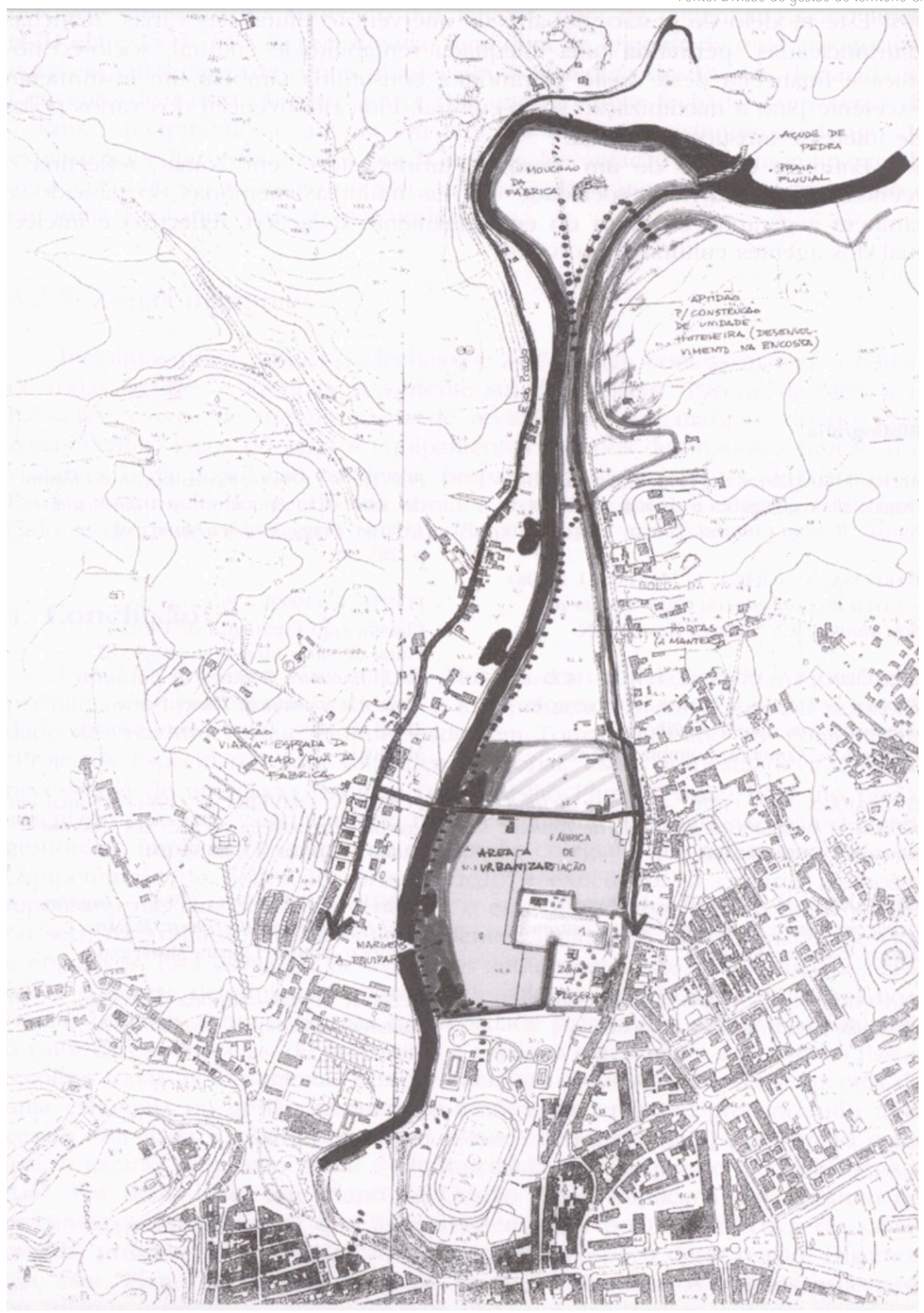
Fonte: Arquivo Municipal de Tomar





ANEXO 11 | Estudo de plano de reabilitação e musealização da Fábrica de Fiação e sua envolvente

Fonte: Divisão de gestão do território CMT



ANEXO 12 | Vista aerofotogramétrica da Fábrica de Fiação e envolvente _ 2003

Fonte: Divisão de gestão do território CMT









ANEXO 13 | Ficha de levantamento do edifício da Fábrica de Fiação

Fonte: Divisão de gestão do território CMT

TomarPolis
Sociedade para o Desenvolvimento do Programa Polis em Tomar, S.A.

DIAMETRO

FICHA DE LEVANTAMENTO
Edifícios

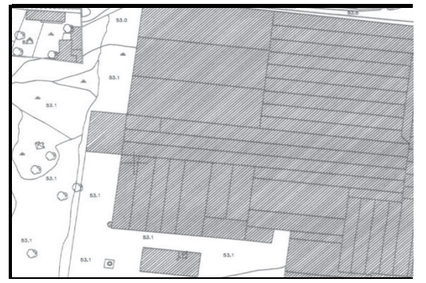
PLANO DE PORMENOR
DO AÇUDE DA PEDRA - TOMAR

TOMARPOLIS

Nº PARCELA DO PLANO	
Nº CADASTRO ACTUAL	
Nº EDIFÍCIO	8
DATA	NOV.

DISTRITO	Santarém	CONCELHO	Tor
MORADA	Fábrica de Fiação	LOCALIDADE	Tor
Nº POLÍCIA		FREGUESIA	St.ª Maria





DADOS GERAIS

Data de construção		3º Quartel do Séc. XX
Área Parcela		119630 m2
Área Implantação		19220 m2
Cércea		6 m
Nº de Fogos		0
Nº Un. Comercio		0
Logradouro	sim	X
	não	

Características Morfo-Tipológicas

agrupado	
isolado	X
gaveto	
banda	

ESTADO CONSERVAÇÃO

Estrutura	MAU
Fachada	MAU
Cobertura	MAU
Interiores	MAU

USOS DO EDIFICADO

	PISO -2
	PISO -1
H-habitação	PISO 0
H* - anexo	PISO 1
C-comércio	PISO 2
S-serviços	PISO 3
I-industria	PISO 4
A-armazém	PISO 5
E-equip.	PISO 6
X - devoluto	PISO 7

VALOR ARQUITECTÓNICO

Monumento		
Imóvel de Interesse Público		
Valor Concelhio		
Imóvel de Qualidade		
Imóvel de acompanhamento		
Imóvel s/ valor de realce		
Imóvel Dissonante	Parcial	
	Total	X

LEVANTAMENTO

	Material
fachada	Reboco
cobertura	Fibrocimento
cantarias	
portas	
janelas	

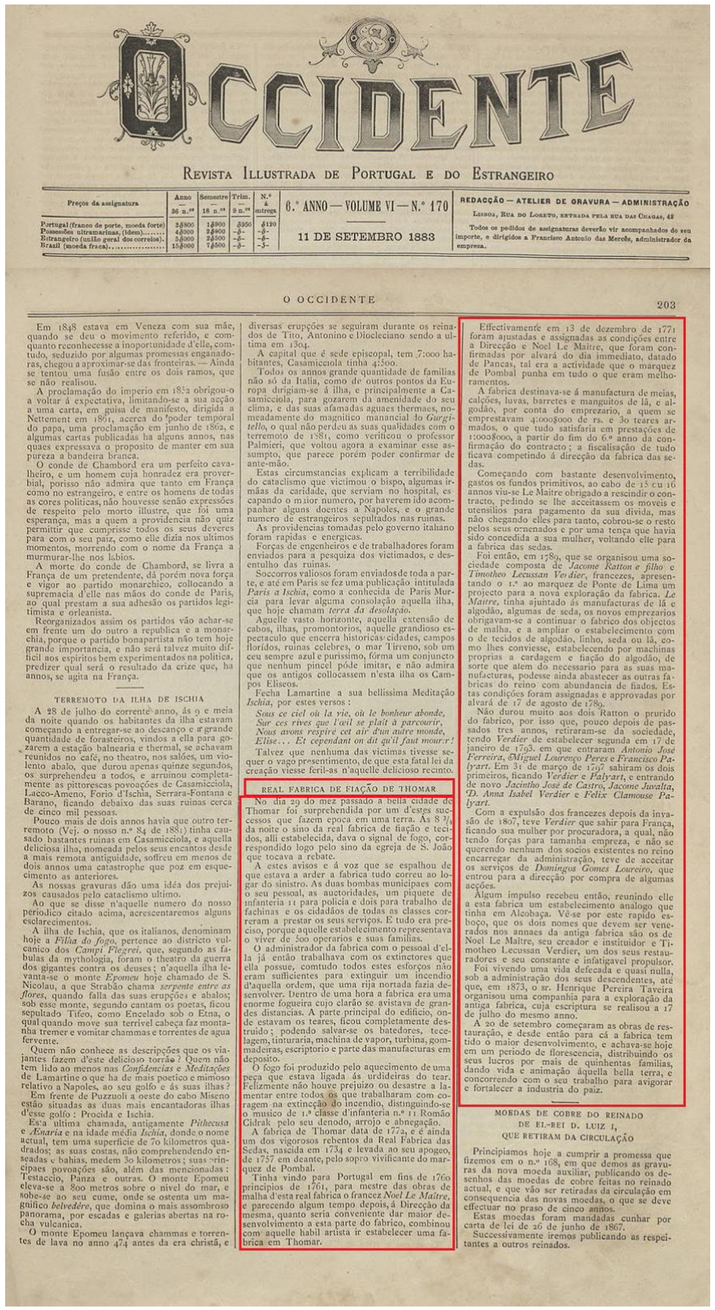
OBSERVAÇÕES
Edifício Devoluto

PUBLICIDADE

adoçada		electrificada
saliente		não tem

ANEXO 14 | Jornal OCCIDENTE - Notícia sobre o grande incêndio de 1883 da Fábrica de Fiação de Tomar _ 1883

Fonte: Arquivo Municipal de Tomar



O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º avulso
	36 n.os	18 n.os	9 n.os	
Portugal (franco de porte, moeda forte)	2$800	1$400	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (saldo geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brasil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 170

11 DE SETEMBRO 1883

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Em 1848 estava em Veneza com sua mãe, quando se deu o movimento referido, e comquanto reconhecesse a inoportunidade d'elle, comtudo, seduzido por algumas promessas enganadoras, chegou a aproximar-se das fronteiras. — Ainda se tentou uma fusão entre os dois ramos, que se não realisou.

A proclamação do imperio em 1852 obrigou-o a voltar á expectativa, limitando-se a sua acção a uma carta, em guisa de manifesto, dirigida a Nettement em 1861, acerca do poder temporal do papa, uma proclamação em junho de 1862, e algumas cartas publicadas ha alguns annos, nas quaes expressava o proposito de manter em sua pureza a bandeira branca.

O conde de Chambord era um perfeito cavalheiro, e um homem cuja honradez era proverbial, porisso não admira que tanto em França como no estrangeiro, e entre os homens de todas as côres politicas, não houvesse senão expressões de respeito pelo morto illustre, que foi uma esperança, mas a quem a providencia não quiz permittir que cumprisse todos os seus deveres para com o seu paiz, como elle dizia nos ultimos momentos, morrendo com o nome da França a murmurar-lhe nos labios.

A morte do conde de Chambord, se livra a França de um pretendente, dá porém nova força e vigor ao partido monarchico, collocando a supremacia d'elle nas mãos do conde de Paris, ao qual prestam a sua adhesão os partidos legitimista e orleanista.

Reorganizados assim os partidos vão achar-se em frente um do outro a republica e a monarchia, porque o partido bonapartista não tem hoje grande importancia, e não será talvez muito difficil aos espiritos bem experimentados na politica, predizer qual será o resultado da crize que, ha annos, se agita na França.

TERREMOTO DA ILHA DE ISCHIA

A 28 de julho do corrente anno, ás 9 e meia da noite quando os habitantes da ilha estavam começando a entregar-se ao descanço e grande quantidade de forasteiros, vindos a ella para gozarem a estação balnearia e thermal, se achavam reunidos no café, no theatro, nos salões, um violento abalo, que durou apenas quinze segundos, os surprehendeu a todos, e arruinou completamente as pittorescas povoações de Casamicciola, Lacco-Ameno, Forio d'Ischia, Serrara-Fontana e Barano, ficando debaixo das suas ruinas cerca de cinco mil pessoas.

Pouco mais de dois annos havia que outro terremoto (Vej. o nosso n.º 84 de 1881) tinha causado bastantes ruinas em Casamicciola, e aquella deliciosa ilha, nomeada pelos seus encantos desde a mais remota antiguidade, soffreu em menos de dois annos uma catastrophe que poz em esquecimento as anteriores.

As nossas gravuras dão uma idéa dos prejuizos causados pelo cataclismo ultimo.

Ao que se disse n'aquelle numero do nosso periodico citado acima, acrescentaremos alguns esclarecimentos.

A ilha de Ischia, que os italianos, denominam hoje a *Filha do fogo*, pertence ao districto vulcanico dos *Campi Flegrei*, que, segundo as fabulas da mythologia, foram o theatro da guerra dos gigantes contra os deuses; n'aquella ilha levanta-se o monte *Epomeu* hoje chamado de S. Nicolau, a que Strabão chama *serpente entre as flores*, quando falla das suas erupções e abalos; sob esse monte, segundo cantam os poetas, ficou sepultado Tifeo, como Encelado sob o Etna, o qual quando move sua terrivel cabeça faz montanha tremer e vomitar chammas e torrentes de agua fervente.

Quem não conhece as descripções que os viajantes fazem d'este delicioso torrão? Quem não tem lido ao menos nas *Confidencias e Meditações* de Lamartine o que ha de mais poetico e mimoso relativo a Napoles, ao seu golfo e ás suas ilhas?

Em frente de Puzzuoli a oeste do cabo Miseno estão situadas as duas mais encantadoras ilhas d'esse golfo: Procida e Ischia.

Esta ultima chamada, antigamente *Pithecusa* e *Aenaria* e na idade média *Ischia*, donde o nome actual, tem uma superficie de 70 kilometros quadrados; as suas costas, não comprehendendo ensenadas e bahias, medem 30 kilometros; suas vinculares povoações são, além das mencionadas: Testaccio, Panza e outras. O monte Epomeu eleva-se a 800 metros sobre o nivel do mar, e sobe-se ao seu cume, onde se ostenta um magnifico *belvedére*, que domina o mais assombroso panorama, por escadas e galerias abertas na rocha vulcanica.

O monte Epomeu lançava chammas e torrentes de lava no anno 474 antes da era christã, e diversas erupções se seguiram durante os reinados de Tito, Antonino e Diocleciano sendo a ultima em 1302.

A capital que é sede episcopal, tem 7:000 habitantes, Casamicciola tinha 4:800.

Todos os annos grande quantidade de familias não só da Italia, como de outros pontos da Europa dirigiam-se á ilha, e principalmente a Casamicciola, para gozarem da amenidade do seu clima, e das suas afamadas aguas thermaes, notadamente do magnifico manancial do *Gurgitello*, o qual não perdeu as suas qualidades com o terremoto de 1881, como verificou o professor Palmieri, que voltou agora a examinar esse assumpto, que parece porém poder confirmar de ante-mão.

Estas circumstancias explicam a terribilidade do cataclismo que victimou o bispo, algumas irmãas da caridade, que serviam no hospital, escapando o maior numero, por haverem ido acompanhar alguns doentes a Napoles, e o grande numero de estrangeiros sepultados nas ruinas.

As providencias tomadas pelo governo italiano foram rapidas e energicas.

Forças de engenheiros e de trabalhadores foram enviados para a pesquiza dos victimados, e desentulho das ruinas.

Soccorros valiosos foram enviados de toda a parte, e até em Paris se fez uma publicação intitulada *Paris a Ischia*, como a conhecida de Paris Murcia para levar alguma consolação aquella ilha, que hoje chamam *terra da desolação*.

Aquelle vasto horizonte, aquella extensão de cabos, ilhas, promontorios, aquelle grandioso espectaculo que encerra historicas cidades, campos floridos, ruinas celebres, o mar Tirreno, sob um ceu sempre azul e puríssimo, fórma um conjuncto que nenhum pincel póde imitar, e não admira que os antigos collocassem n'esta ilha os Campos Elisecos.

Fecha Lamartine a sua bellissima Meditação *Ischia*, por estes versos:

Sous ce ciel où la vie, où le bonheur abonde,
Sur ces rives que l'œil se plait à parcourir,
Nous avons respiré cet air d'un autre monde,
Elise... Et cependant on dit qu'il faut mourir!

Talvez que nenhuma das victimas tivesse sequer o vago pressentimento, de que esta fatal lei da creação viesse feril-as n'aquelle delicioso recinto.

REAL FABRICA DE FIAÇÃO DE THOMAR

No dia 29 do mez passado a bella cidade de Thomar foi surprehendida por um d'estes successos que fazem epoca em uma terra. Ás 8 ¾ da noite o sino da real fabrica de fiação e tecidos, alli estabelecida, dava o signal de fogo, correspondido logo pelo sino da egreja de S. João que tocava a rebate.

A estes avisos e á voz que se espalhou de que estava a arder a fabrica tudo correu ao logar do sinistro. As duas bombas municipaes com o seu pessoal, as auctoridades, um piquete de infanteria 11 para policia e dois para trabalho de fachinas e os cidadãos de todas as classes correram a prestar os seus serviços. E tudo era preciso, porque aquelle estabelecimento representava o viver de 300 operarios e suas familias.

O administrador da fabrica com o pessoal d'ella já então trabalhava com os extinctores que ella possue, comtudo todos estes esforços não eram sufficientes para extinguir um incendio d'aquella ordem, que uma rija nortada fazia desenvolver. Dentro de uma hora a fabrica era uma enorme fogueira cujo clarão se avistava de grandes distancias. A parte principal do edificio, onde estavam os teares, ficou completamente destruido; podendo salvar-se os batedores, fecellagem, tinturaria, machina de vapor, turbina, gommadeiras, escriptorio e parte das manufacturas em deposito.

O fogo foi produzido pelo aquecimento de uma peça que estava ligada ás urdideiras do tear. Felizmente não houve prejuizo ou desastre a lamentar entre todos os que trabalharam com coragem na extincção do incendio, distinguindo-se o musico de 1.ª classe d'infanteria n.º 11 Romão Gildrak pelo seu denodo, arrojo e abnegação.

A fabrica de Thomar data de 1772, e é ainda um dos vigorosos rebentos da Real Fabrica das Sedas, nascida em 1734 e levada ao seu apogeo, de 1757 em deante, pelo sopro vivificante do marquez de Pombal.

Tinha vindo para Portugal em fins de 1760 principios de 1761, para mestre das obras de malha d'esta real fabrica o francez *Noel Le Maitre*, e parecendo algum tempo depois, á Direcção da mesma, quanto seria conveniente dar maior desenvolvimento a esta parte do fabrico, combinou com aquelle habil artista ir estabelecer uma fabrica em Thomar.

Effectivamente em 13 de dezembro de 1771 foram ajustadas e assignadas as condições entre a Direcção e Noel Le Maitre, que foram confirmadas por alvará do dia immediato, datado de Pancas, tal era a actividade que o marquez de Pombal punha em tudo o que eram melhoramentos.

A fabrica destinava-se á manufactura de meias, calções, luvas, barretes e manguitos de lã, e algodão, por conta do emprezario, a quem se emprestavam 4:000$000 de rs. e 30 teares armados, o que tudo satisfaria em prestações de 1:000$000, a partir do fim do 6.º anno da confirmação do contracto; a fiscalisação de tudo ficava competindo á direcção da fabrica das sedas.

Começando com bastante desenvolvimento, gastos os fundos primitivos, ao cabo de 15 ou 16 annos viu-se Le Maitre obrigado a rescindir o contracto, pedindo se lhe acceitassem os moveis e utensilios para pagamento da sua divida, mas não chegando elles para tanto, cobrou-se o resto pelos seus ornenados e por uma tença que havia sido concedida a sua mulher, voltando elle para a fabrica das sedas.

Foi então, em 1789, que se organisou uma sociedade composta de *Jacome Ratton e filho* e *Timothee Lecussan Verdier*, francezes, apresentando o 1.º ao marquez de Ponte de Lima um projecto para a nova exploração da fabrica. *Le Maitre*, tinha ajuntado ás manufacturas de lã e algodão, algumas de seda, os novos emprezarios obrigavam-se a continuar o fabrico dos objectos de malha, e a ampliar o estabelecimento com o de tecidos de algodão, linho, seda ou lã, como lhes conviesse, estabelecendo por machinas proprias a cardagem e fiação do algodão, de sorte que alem do necessario para as suas manufacturas, podesse ainda abastecer as outras fabricas do reino com abundancia de fiados. Estas condições foram assignadas e approvadas por alvará de 17 de agosto de 1789.

Não durou muito aos dois Ratton o prurido do fabrico, por isso que, pouco depois de passados tres annos, retiraram-se da sociedade, tendo *Verdier* de estabelecer segunda em 17 de janeiro de 1793, em que entraram *Antonio José Ferreira*, *Miguel Lourenço Peres* e *Francisco Patyart*. Em 31 de março de 1795 sahiram os dois primeiros, ficando *Verdier* e *Palyart*, e entrando de novo *Jacintho José de Castro*, *Jacome Juvallia*, *D. Anna Isabel Verdier* e *Felix Clamouse Palyart*.

Com a expulsão dos francezes depois da invasão de 1807, teve *Verdier* que sahir para França, ficando sua mulher por procuradora, a qual, não tendo forças para tamanha empreza, e não se querendo nenhum dos socios existentes no reino encarregar da administração, teve de acceitar os serviços de *Domingos Gomes Loureiro*, que entrou para a direcção por compra de algumas acções.

Algum impulso recebeu então, reunindo elle a esta fabrica um estabelecimento antigo que tinha em Alcobaça. Vê-se por este rapido esboço, que os dos nomes que devem ser venerados nos annaes da antiga fabrica são os de Noel Le Maitre, seu creador e instituidor e Timotheo Lecussan Verdier, um dos seus restauradores e seu constante e infatigavel propulsor.

Foi vivendo uma vida defecada e quasi nulla, sob a administração dos seus descendentes, até que, em 1873, o sr. Henrique Pereira Taveira organisou uma companhia para a exploração da antiga fabrica, cuja escriptura se realisou a 17 de julho do mesmo anno.

A 20 de setembro começaram as obras de restauração, e desde então para cá a fabrica tem tido o maior desenvolvimento, e achava-se hoje em um periodo de florescencia, distribuindo os seus lucros por mais de quinhentas familias, dando vida e animação áquella bella terra, e concorrendo com o seu trabalho para avigorar e fortalecer a industria do paiz.

MORDAS DE COBRE DO REINADO DE EL-REI D. LUIZ I, QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

Principiamos hoje a cumprir a promessa que fizemos em o n.º 168, em que demos as gravuras da nova moeda auxiliar, publicando os desenhos das moedas de cobre feitas no reinado actual, e que vão ser retiradas da circulação em consequencia das novas moedas, o que se deve effectuar no praso de cinco annos.

Estas moedas foram mandadas cunhar por carta de lei de 26 de junho de 1867.

Successivamente iremos publicando as respeitantes a outros reinados.

ANEXO 15 | Deliberação de Leilão dos bens Móveis da Fábrica de Fiação de Tomar _ 1999

Fonte: Divisão de gestão do território CMT

CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR
Divisão Administrativa

Deliberação de:
99-07-19

EXPEDIENTE

Foi presente um fax do Dr. João Carvalho das Neves, na qualidade de Liquidador Judicial da Companhia Fábrica de Fiação de Tomar, a dar conhecimento que se vai proceder no próximo dia 20 de Julho, do corrente ano, à liquidação dos bens mobiliários, remetendo para o efeito brochura do Leilão Público dos Activos Móveis da Companhia. – A Câmara tomando conhecimento e face ao teor da informação do Senhor Presidente, deliberou autorizar o Senhor Presidente a apresentar-se ao referido leilão, com vista a poder exercer o direito de opção sobre o lote nº 3 e assim salvaguardar o Património existente no Museu da Fábrica e assegurar que este será parte integrante de um futuro Museu de grande importância, para a História da Industria de Tomar.

A Câmara deliberou ainda adquirir dos restantes lotes os seguintes equipamentos: Um abridor, um batedor; duas cardas; um laminador; um torce e um contínuo.

Esta deliberação foi aprovada por unanimidade e tomada em minuta.

Seguimento:
- Ao Gab Presid, c/cópia p/Serv. Jurídicos.

Tomar, 19 de Julho de 1999.

O Presidente da Câmara, **Os Vereadores,** **O Secretário,**

CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR
Divisão Administrativa

Deliberação de:
99-07-26

LEILÃO DOS BENS MÓVEIS DA FÁBRICA DE FIAÇÃO DE TOMAR

O Sr. Presidente apresentou, sobre o assunto em epígrafe, a seguinte informação:
" No passado dia 20 de Julho decorreu o leilão dos bens móveis da Fábrica de Fiação de Tomar.

A Câmara Municipal exerceu o direito de preferência sobre o lote nº. 3 do catálogo do leilão, que compreendia o material e o equipamento seleccionado pelo Engº. João dos Santos Simões para a criação de um "Museu da Fábrica de Fiação"

O valor da aquisição foi de 1.600.000$00, acrescido de 10% correspondente à comissão da empresa leiloeira e do IVA à taxa de 17%.

O lote três é constituído pelos bens discriminados no catálogo do leilão, acrescidos de toda a documentação dispersa nos arquivos e escritórios, bem como todas as restantes peças que, não estando referidas no catálogo, sejam, pela sua relevância histórica, consideradas existências do Museu."

A Câmara, tomando conhecimento, deliberou homologar a referida aquisição.

Esta deliberação foi aprovada por unanimidade e tomada em minuta.

Seguimento:
- Ao Gab. Pres. c/ cópia Para DF

Tomar, 26 de Julho de 1999.

O Presidente da Câmara, **Os Vereadores,** **O Secretário,**

CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR
Divisão Administrativa

Deliberação de:
99-10-25

ESPÓLIO DA FÁBRICA DE FIAÇÃO

Sobre o assunto mencionado em epígrafe foi presente uma informação do Senhor Presidente do seguinte teor:
"Na reunião do Executivo Municipal realizada em 19 de Julho p.p. foi deliberado adquirir os lotes dos equipamentos da antiga Fábrica de Fiação, que fiziam parte da lista elaborada pelo Dr. Jorge Custódio.
O meu adjunto acompanhou todo o processo de remoção do equipamento, restando neste momento apenas o seguinte:
- Uma esfarrapadeira com caixa abridora
- Um batedor
- Um contínuo
- Três cardas
- Um torce
- Um laminador
- Um batedor com caixa abridora
- Uma guilhotina,uma estufa e uma mesa de ensaio de material eléctrico
- Seis ficheiros de gavetas que não estavam previstos inicialmente, mas que contêm o ficheiro do pessoal devidamente acondicionado, pelo que não parece razoável removê-lo, para não dificultar a consulta, nem oferecer risco de dispersão.

A listagem corresponde ao que a Câmara Municipal deseja, que conforme proposta apresentada no fax em anexo importa em Esc.1.000.000$00."

A Câmara, tomando conhecimento, deliberou adquirir à Firma RSA – Reciclagem de Sucatas Abrantina, S.A. o equipamento referido na informação pela importância de 1.000.000$00 (Um milhão de escudos) acrescida de IVA à taxa legal em vigor.

Esta deliberação foi aprovada por unanimidade e tomada em minuta.

Seguimento:
- Ao Gab. Pres. c/ cópia p/ Firma
- Cópia à D.F.

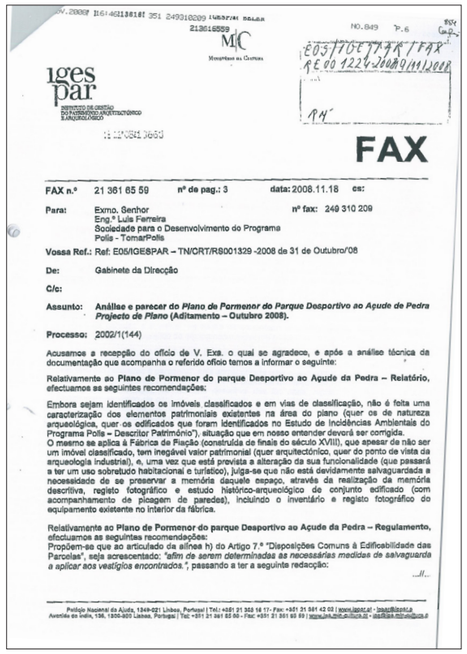
Tomar, 25 de Outubro de 1999

O Presidente da Câmara, **Os Vereadores,** **A Chefe de Repartição,**



ANEXO 16 | Análise e parecer do Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra _ 2008

Fonte: Divisão de gestão do território CMT



FAX

FAX n.º 21 361 65 59 nº de pag.: 3 data: 2008.11.18 cc:

Para: Exmo. Senhor
Eng.º Luís Ferreira
Sociedade para o Desenvolvimento do Programa
Polis - TomarPolis

Vossa Ref.: Ref: EOS/IGESPAR – TN/CRT/R8001329 -2008 de 31 de Outubro/08

De: Gabinete da Direcção

C/c:

Assunto: **Análise e parecer do *Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude de Pedra Projecto de Plano* (Aditamento – Outubro 2008).**

Processo: 2002/1(144)

Acusamos a recepção do ofício de V. Exa. o qual se agradece, e após a análise técnica da documentação que acompanha o referido ofício temos a informar o seguinte:

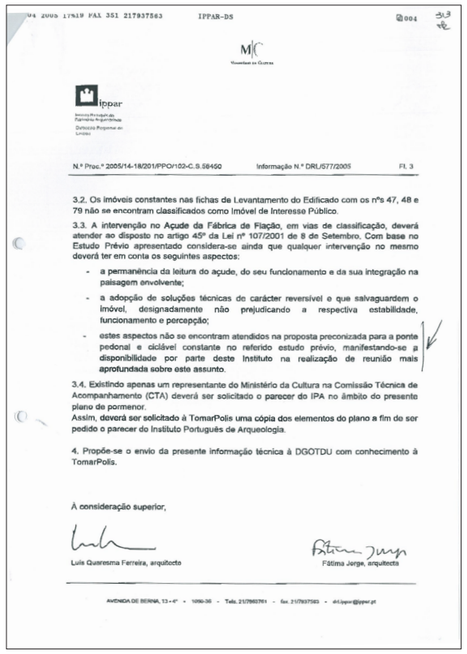
Relativamente ao **Plano de Pormenor do parque Desportivo ao Açude da Pedra – Relatório**, efectuamos as seguintes recomendações:

Embora sejam identificados os imóveis classificados e em vias de classificação, não é feita uma caracterização dos elementos patrimoniais existentes na área do plano (quer os de natureza arqueológica, quer os edificados que foram identificados no Estudo de Incidências Ambientais do Programa Polis – Descritor Património), situação que em nosso entender deverá ser corrigida.
O mesmo se aplica à Fábrica de Fiação (construída de finais do século XVIII), que apesar de não ser um imóvel classificado, tem inegável valor patrimonial (quer arquitectónico, quer do ponto de vista da arqueologia industrial), e, uma vez que está prevista a alteração da sua funcionalidade (que passará a ter um uso sobretudo habitacional e turístico), julga-se que não está devidamente salvaguardada a necessidade de se preservar a memória daquele espaço, através da realização da memória descritiva, registo fotográfico e estudo histórico-arqueológico de conjunto edificado (com acompanhamento de picagem de paredes), incluindo o inventário e registo fotográfico do equipamento existente no interior da fábrica.

Relativamente ao **Plano de Pormenor do parque Desportivo ao Açude da Pedra – Regulamento**, efectuamos as seguintes recomendações:
Propõem-se que ao articulado da alínea h) do Artigo 7.º "Disposições Comuns à Edificabilidade das Parcelas", seja acrescentado: *"afim de serem determinadas as necessárias medidas de salvaguarda a aplicar aos vestígios encontrados."*, passando a ter a seguinte redacção:

...//...

Palácio Nacional da Ajuda, 1349-021 Lisboa, Portugal | Tel.: +351 21 362 16 17- Fax: +351 21 361 42 02 | www.ippar.pt - ippar@ippar.pt
Avenidas de Ínsua, 156, 1900-300 Lisboa, Portugal | Tel: +351 21 361 65 00 - Fax: +351 21 361 65 59 | www.ua.min-cultura.pt - ia@ipa.min-cultura.pt



IPPAR-DS

N.º Proc.º 2005/14-18/201/PPO/102-C.S.58450 Informação N.º DRL/577/2005 Fl. 3

3.2. Os imóveis constantes nas fichas de Levantamento do Edificado com os nºs 47, 48 e 79 não se encontram classificados como Imóvel de Interesse Público.

3.3. A intervenção no Açude da Fábrica de Fiação, em vias de classificação, deverá atender ao disposto no artigo 45º da Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro. Com base no Estudo Prévio apresentado considera-se ainda que qualquer intervenção no mesmo deverá ter em conta os seguintes aspectos:

- a permanência da leitura do açude, do seu funcionamento e da sua integração na paisagem envolvente;
- a adopção de soluções técnicas de carácter reversível e que salvaguardem o imóvel, designadamente não prejudicando a respectiva estabilidade, funcionamento e percepção;
- estes aspectos não se encontram atendidos na proposta preconizada para a ponte pedonal e ciclável constante no referido estudo prévio, manifestando-se a disponibilidade por parte deste Instituto na realização de reunião mais aprofundada sobre este assunto.

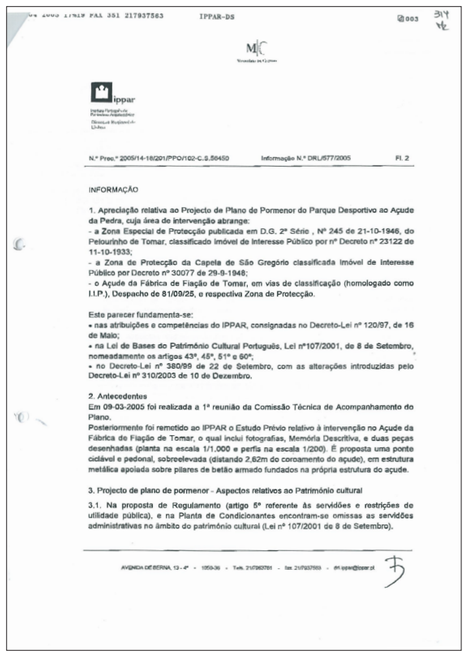
3.4. Existindo apenas um representante do Ministério da Cultura na Comissão Técnica de Acompanhamento (CTA) deverá ser solicitado o parecer do IPA no âmbito do presente plano de pormenor.
Assim, deverá ser solicitado à TomarPolis uma cópia dos elementos do plano a fim de ser pedido o parecer do Instituto Português de Arqueologia.

4. Propõe-se o envio da presente informação técnica à DGOTDU com conhecimento à TomarPolis.

À consideração superior,

Luís Quaresma Ferreira, arquitecto — Fátima Jorge, arquitecta

AVENIDA DE BERNA, 13-4º • 1050-36 • Tels. 217960761 • fax. 217937563 • dr.ippar@ippar.pt



IPPAR-DS

N.º Proc.º 2005/14-18/201/PPO/102-C.S.58450 Informação N.º DRL/577/2005 Fl. 2

INFORMAÇÃO

1. Apreciação relativa ao Projecto de Plano de Pormenor do Parque Desportivo ao Açude da Pedra, cuja área de intervenção abrange:
- a Zona Especial de Protecção publicada em D.G. 2ª Série , Nº 245 de 21-10-1946, do Pelourinho de Tomar, classificado imóvel de Interesse Público por nº Decreto nº 23122 de 11-10-1933;
- a Zona de Protecção da Capela de São Gregório classificada Imóvel de Interesse Público por Decreto nº 30077 de 29-9-1940;
- o Açude da Fábrica de Fiação de Tomar, em vias de classificação (homologado como I.I.P.), Despacho de 81/09/25, e respectiva Zona de Protecção.

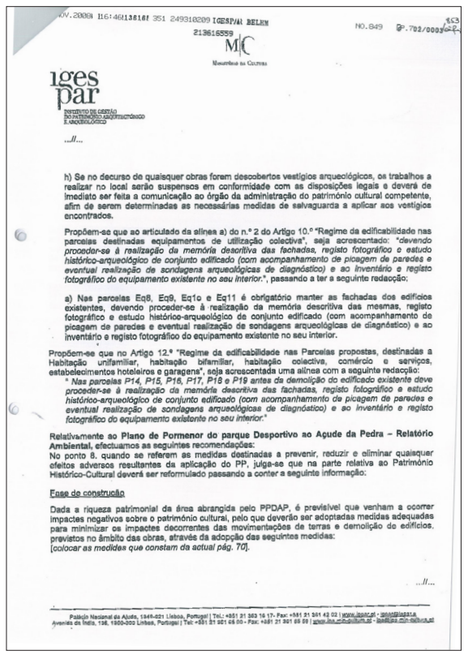
Este parecer fundamenta-se:
• nas atribuições e competências do IPPAR, consignadas no Decreto-Lei nº 120/97, de 16 de Maio;
• na Lei de Bases do Património Cultural Português, Lei nº107/2001, de 8 de Setembro, nomeadamente os artigos 43º, 45º, 51º e 60º;
• no Decreto-Lei nº 380/99 de 22 de Setembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei nº 310/2003 de 10 de Dezembro.

2. Antecedentes
Em 09-03-2005 foi realizada a 1ª reunião da Comissão Técnica de Acompanhamento do Plano.
Posteriormente foi remetido ao IPPAR o Estudo Prévio relativo à intervenção no Açude da Fábrica de Fiação de Tomar, o qual inclui fotografias, Memória Descritiva, e duas peças desenhadas (planta na escala 1/1.000 e perfis na escala 1/200). É proposta uma ponte ciclável e pedonal, sobreelevada (distando 2,62m do coroamento do açude), em estrutura metálica apoiada sobre pilares de betão armado fundados na própria estrutura do açude.

3. Projecto de plano de pormenor - Aspectos relativos ao Património cultural

3.1. Na proposta de Regulamento (artigo 5º referente às servidões e restrições de utilidade pública), e na Planta de Condicionantes encontram-se omissas as servidões administrativas no âmbito do património cultural (Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro).

AVENIDA DE BERNA, 13-4º • 1050-36 • Tels. 217960761 • fax. 217937563 • dr.ippar@ippar.pt



IGESPAR

...//...

h) Se no decurso de quaisquer obras forem descobertos vestígios arqueológicos, os trabalhos a realizar no local serão suspensos em conformidade com as disposições legais e deverá de imediato ser feita a comunicação ao órgão da administração do património cultural competente, afim de serem determinadas as necessárias medidas de salvaguarda a aplicar aos vestígios encontrados.

Propõem-se que ao articulado da alínea a) do n.º 2 do Artigo 10.º "Regime da edificabilidade nas parcelas destinadas equipamentos de utilização colectiva", seja acrescentado: *"devendo proceder-se à realização da memória descritiva das fachadas, registo fotográfico e estudo histórico-arqueológico de conjunto edificado (com acompanhamento de picagem de paredes e eventual realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico) e ao inventário e registo fotográfico do equipamento existente no seu interior."*, passando a ter a seguinte redacção;

a) Nas parcelas Eq8, Eq9, Eq1o e Eq11 é obrigatório manter as fachadas dos edifícios existentes, devendo proceder-se à realização da memória descritiva das mesmas, registo fotográfico e estudo histórico-arqueológico de conjunto edificado (com acompanhamento de picagem de paredes e eventual realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico) e ao inventário e registo fotográfico do equipamento existente no seu interior.

Propõem-se que no Artigo 12.º "Regime da edificabilidade nas Parcelas propostas, destinadas a Habitação unifamiliar, habitação bifamiliar, habitação colectiva, comércio e serviços, estabelecimentos hoteleiros e garagens", seja acrescentada uma alínea com a seguinte redacção:
" Nas parcelas P14, P15, P16, P17, P18 e P19 antes da demolição do edificado existente deve proceder-se à realização da memória descritiva das fachadas, registo fotográfico e estudo histórico-arqueológico de conjunto edificado (com acompanhamento de picagem de paredes e eventual realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico) e ao inventário e registo fotográfico do equipamento existente no seu interior."

Relativamente ao Plano de Pormenor do parque Desportivo ao Açude da Pedra – Relatório Ambiental, efectuamos as seguintes recomendações:
No ponto 8. quando se referem as medidas destinadas a prevenir, reduzir e eliminar quaisquer efeitos adversos resultantes da aplicação do PP, julga-se que na parte relativa ao Património Histórico-Cultural deverá ser reformulado passando a conter a seguinte informação:

Fase de construção

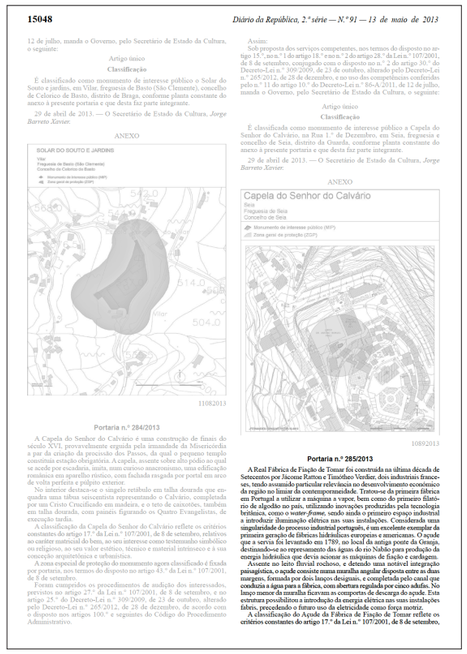
Dada a riqueza patrimonial da área abrangida pelo PPDAP, é previsível que venham a ocorrer impactes negativos sobre o património cultural, pelo que deverão ser adoptadas medidas adequadas para minimizar os impactes decorrentes das movimentações de terras e demolição de edifícios, previstos no âmbito das obras, através da adopção das seguintes medidas:
[colocar as medidas que constam da actual pág. 70].

...//...

Palácio Nacional da Ajuda, 1349-021 Lisboa, Portugal | Tel.: +351 21 363 16 17- Fax: +351 21 361 42 02 | www.ippar.pt - ippar@ippar.pt
Avenidas de Ínsua, 156, 1900-300 Lisboa, Portugal | Tel: +351 21 361 65 00 - Fax: +351 21 361 65 59 | www.ua.min-cultura.pt - ia@ipa.min-cultura.pt

ANEXO 17 | Classificação do Açude como Património de Interesse Público _ 2013

Fonte: Diário da República, 2ª Série - Nº91 - 13 de maio de 2013



12 de julho, manda o Governo, pelo Secretário de Estado da Cultura, o seguinte:

Artigo único

Classificação

É classificado como monumento de interesse público o Solar do Souto e jardins, em Vilar, freguesia de Basto (São Clemente), concelho de Celorico de Basto, distrito de Braga, conforme planta constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

29 de abril de 2013. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier.*

ANEXO

11082013

Portaria n.º 284/2013

A Capela do Senhor do Calvário é uma construção de finais do século XVI, provavelmente erguida pela irmandade da Misericórdia a par da criação da procissão dos Passos, da qual o pequeno templo constitui estação obrigatória. A capela, assente sobre alto pódio ao qual se acede por escadaria, inata, mas curioso anacronismo, uma edificação românica em aparelho rústico, com fachada rasgada por portal em arco de volta perfeita e púlpito exterior.

No interior destaca-se o singelo retábulo em talha dourada que esquadra uma tábua seiscentista representando o Calvário, completada por uma Cristo Crucificado em madeira, e o teto de caixotões, também em talha dourada, com painéis figurando os Quatro Evangelistas, de execução tardia.

A classificação da Capela do Senhor do Calvário reflete os critérios constantes do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, relativos ao caráter material do bem, ao seu interesse como testemunho simbólico ou religioso, ao seu valor estético, técnico e material intrínseco e à sua concepção arquitetónica e urbanística.

A zona especial de proteção do monumento agora classificado é fixada por portaria, nos termos do disposto no artigo 43.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro.

Foram cumpridos os procedimentos de audição dos interessados, previstos no artigo 27.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e no artigo 25.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 265/2012, de 28 de dezembro, de acordo com o disposto nos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo.

Assim:

Sob proposta dos serviços competentes, nos termos do disposto no artigo 15.º, no n.º 1 do artigo 18.º e no n.º 2 do artigo 28.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, conjugado com o disposto no n.º 2 do artigo 30.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 265/2012, de 28 de dezembro, e no uso das competências conferidas pelo n.º 11 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 86-A/2011, de 12 de julho, manda o Governo, pelo Secretário de Estado da Cultura, o seguinte:

Artigo único

Classificação

É classificada como monumento de interesse público a Capela do Senhor do Calvário, na Rua 1.º de Dezembro, em Seia, freguesia e concelho de Seia, distrito da Guarda, conforme planta constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

29 de abril de 2013. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier.*

ANEXO

10892013

Portaria n.º 285/2013

A Real Fábrica de Fiação de Tomar foi construída na última década de Setecentos por Jácome Ratton e Tiburtius Verdier, dois industriais franceses, tendo assumido particular relevância no desenvolvimento económico da região no limiar do contemporaneidade. Trata-se da primeira fábrica em Portugal a utilizar a máquina a vapor, bem como do primeiro fiinério de algodão no país, utilizando inovações produzidas pela tecnologia britânica, como o *water-frame*, sendo ainda o primeiro espaço industrial a introduzir iluminação elétrica nas suas instalações. Considerada uma singularidade do processo industrial português, é um excelente exemplar da primeira geração de fábricas hidráulicas europeias e americanas. O açude que a servia foi levantado em 1789, no local da antiga ponte da Granja, destinando-se ao represamento das águas do rio Nabão para produção da energia hidráulica que devia acionar as máquinas de fiação e cardagem.

Assente no leito fluvial rochoso, e detendo uma notável integração paisagística, o açude consiste numa muralha angular disposta entre as duas margens, formada por dois lanços desiguais, e completada pelo canal que conduzia a água para a fábrica, com abertura regulada por cinco adufas. No lanço menor da muralha ficavam as comportas de descarga do açude. Esta estrutura possibilitou a introdução de energia elétrica nas suas instalações fabris, precedendo o futuro uso da eletricidade como força motriz.

A classificação do Açude da Fábrica de Fiação de Tomar reflete os critérios constantes do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro,

relativos ao valor estético, técnico e material intrínseco do bem, à sua conceção arquitetónica e paisagística, à sua extensão e ao que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva e à sua importância do ponto de vista da investigação histórica ou científica.

A zona especial de proteção (ZEP) tem em consideração a implantação do imóvel na paisagem rural do rio Nabão e as relações que estabelece com a natureza circundante, e a sua fruição visa salvaguardar os elementos arquitetónicos e funcionais ao seu enquadramento natural, conferindo-lhes importância ecológica e patrimonial, e assegurando as perspetivas de contemplação e a conservação da bacia visual na qual se integram.

Foram cumpridos os procedimentos de audição dos interessados, previstos no artigo 27.º, da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e nos artigos 25º e 45º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 265/2012, de 28 de dezembro, de acordo com o disposto nos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo.

Assim:

Sob proposta dos serviços competentes, nos termos do disposto no artigo 15.º, no n.º 1 do artigo 18º, no nº 2 do artigo 28º e no artigo 43º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, conjugado com o disposto no n.º 2 do artigo 30.º e no n.º 1 do artigo 48.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 265/2012, de 28 de dezembro, e no uso das competências conferidas pelo n.º 11 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 86-A/2011, de 12 de julho, manda o Governo, pelo Secretário de Estado da Cultura, o seguinte:

Artigo 1º

Classificação

É classificado como monumento de interesse público o Açude da Fábrica de Fiação de Tomar, em Tomar, freguesia de Santa Maria dos Olivais, concelho de Tomar, distrito de Santarém, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

Artigo 2º

Zona especial de proteção

É fixada a zona especial de proteção do monumento referido no artigo anterior, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

29 de abril de 2013. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier.*

ANEXO



10972013

Agência para a Modernização Administrativa, I. P.

Aviso (extrato) nº 6160/2013

Por despacho do conselho diretivo da Agência para a Modernização Administrativa, I. P., e nos termos do disposto no n.º 6 do artigo 12.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, aplicável por força do n.º 2 do artigo 73.º do Regime do Contrato de Trabalho em Funções Públicas, aprovado pela Lei n.º 59/2008, de 11 de setembro, torna-se público que Cláudia Patrícia Marques dos Santos Vieira Portas, concluiu com sucesso o período experimental, na carreira/categoria de Técnico Superior, tendo-lhe sido atribuída a classificação final de 14,8 valores.

3 de junho de 2013. — O Diretor do Gabinete Jurídico da AMA, I. P., *Paulo Manuel Márias Benzone Mauritti.*

206943072

Aviso (extrato) nº 6161/2013

Por despacho do conselho diretivo da Agência para a Modernização Administrativa, I. P., e nos termos do disposto no n.º 6 do artigo 12.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, aplicável por força do n.º 2 do artigo 73.º do Regime do Contrato de Trabalho em Funções Públicas, aprovado pela Lei n.º 59/2008, de 11 de setembro, torna-se público que Josefina Maria Monteiro Silva Lopes Ramalho, concluiu com sucesso o período experimental, na carreira/categoria de Técnico Superior, tendo-lhe sido atribuída a classificação final de 16,3 valores.

3 de junho de 2013. — O Diretor do Gabinete Jurídico da AMA, I. P., *Paulo Manuel Márias Benzone Mauritti.*

206942908

Direção-Geral do Património Cultural

Declaração de retificação n.º 569/2013

Retificação do anúncio n.º 13584/2012, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 201, de 17 de outubro de 2012 — Projeto de Decisão relativo à classificação como monumento de interesse público (MIP) da Quinta de São Cristóvão do Portela, freguesia de Vila de Punhe, concelho e distrito de Viana do Castelo, e à fixação da respetiva zona especial de proteção (ZEP).

Por ter saído com inexatidão o número n.º 13584/2012, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 201, de 17 de outubro de 2012, procede-se, através da presente declaração, à retificação do ente publicado:

1 — Assim, onde se lê:

«2 — Foi aprovada a seguinte restrição:

Face à abundância de vestígios castrejos, [...] quaisquer intervenções que impliquem alterações ao subsolo deverão ser objeto de diagnóstico arqueológico.»

deve ler-se:

«2 — Foram aprovadas as seguintes restrições:

a) Face à abundância de vestígios castrejos, à existência de ocupações medievais e à proximidade com o Castro de Santiago/Roques, será obrigatório o diagnóstico arqueológico prévio na área do Castro do Crisandre;

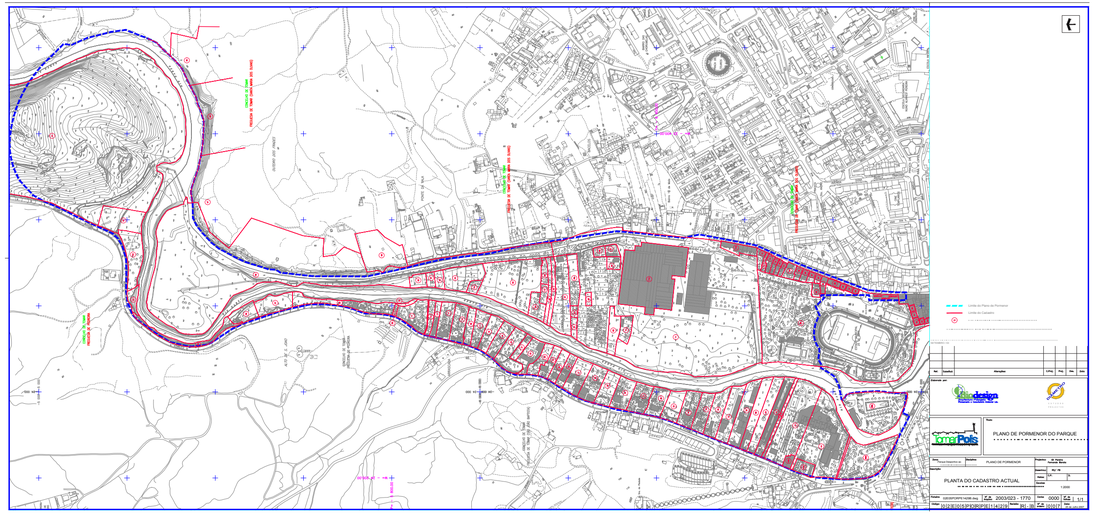
b) Deverá haver acompanhamento arqueológico na restante área a classificar.»

2 — Publica-se nova planta de delimitação que substitui a anteriormente publicada.

20 de abril de 2013. — A Diretora-Geral, *Isabel Cordeiro.*

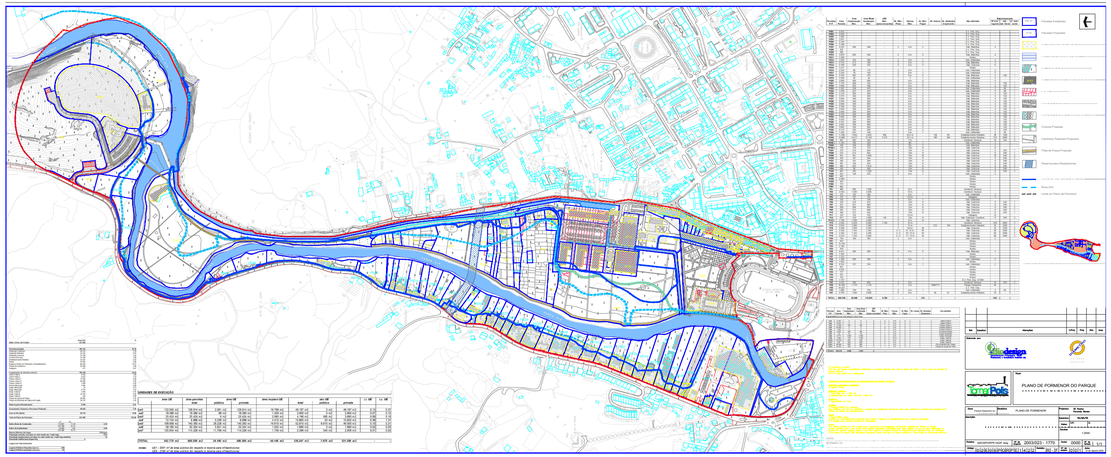
ANEXO 18 | Plano de Pormenor do Parque desportivo ao Açude de Pedra | Planta do Cadastro atual _ 2007

Fonte: Divisão de Gestão do Território CMT



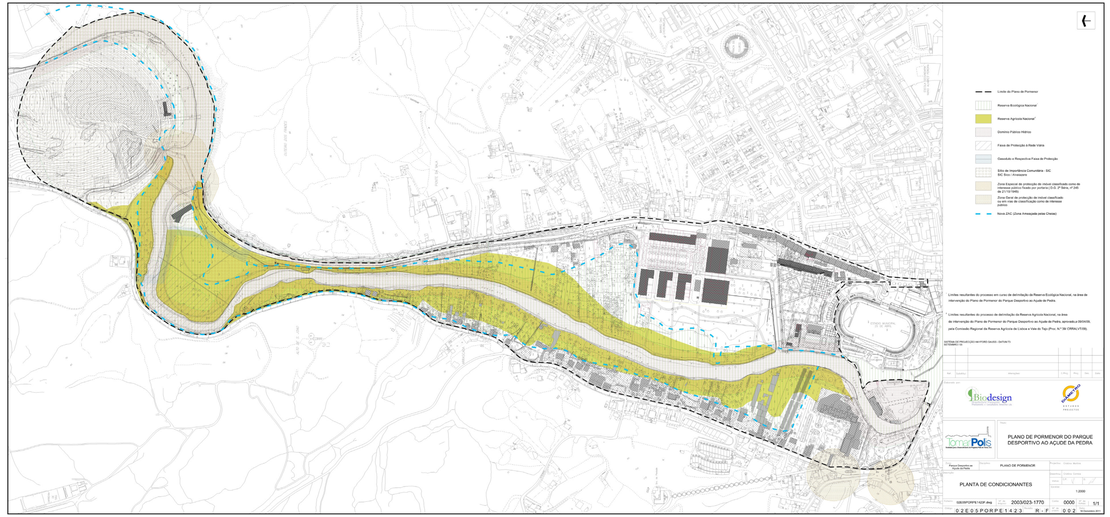
ANEXO 19 | Plano de Pormenor do Parque desportivo ao Açude de Pedra _ 2009

Fonte: Divisão de Gestão do Território CMT



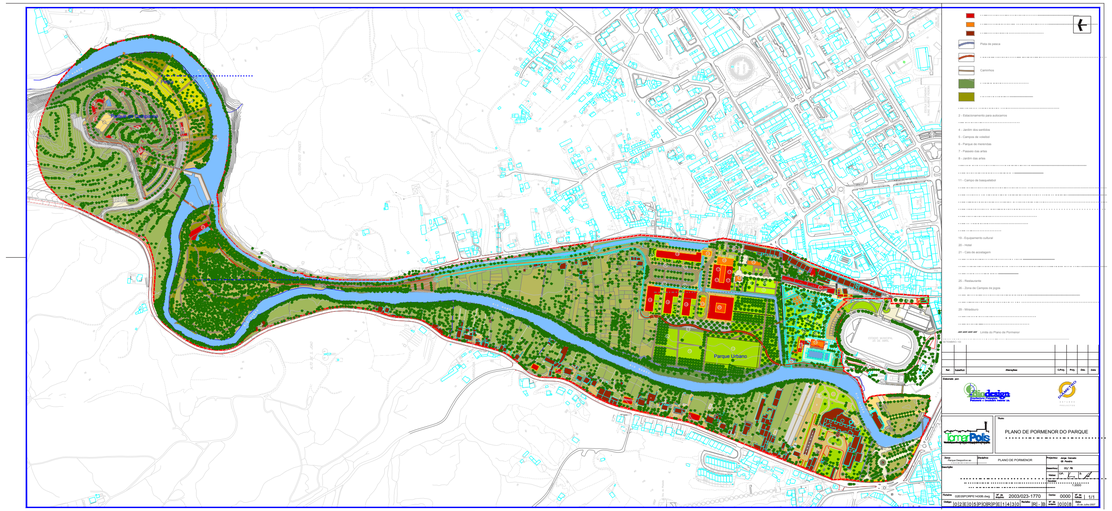
ANEXO 20 | Plano de Pormenor do Parque desportivo ao Açude de Pedra | Planta de condicionantes _ 2011

Fonte: Divisão de Gestão do Território CMT



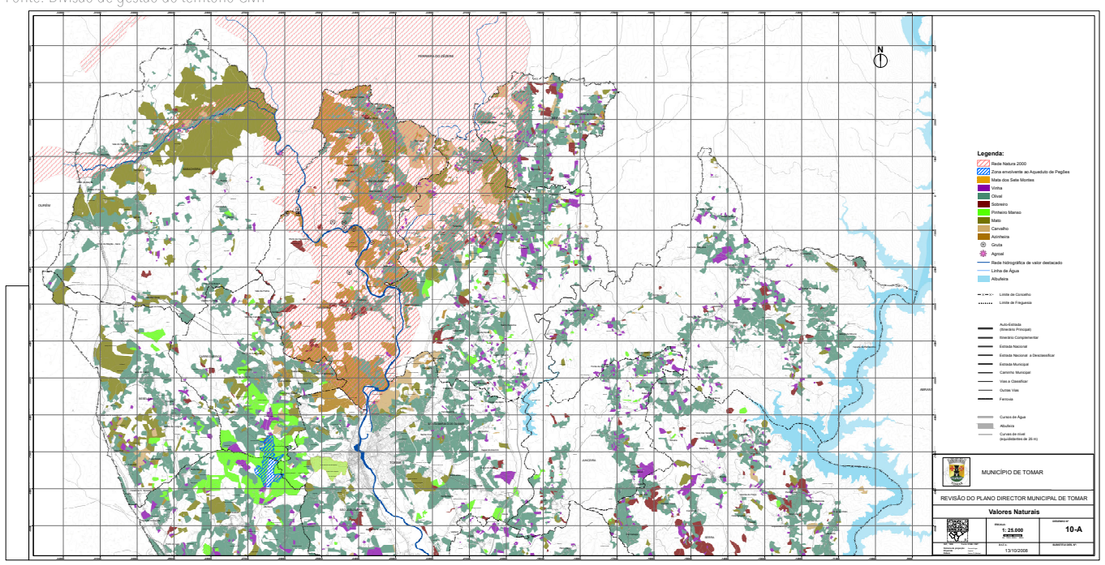
ANEXO 21 | Plano de Pormenor do Parque desportivo ao Açude de Pedra | Planta de apresentação _ 2007

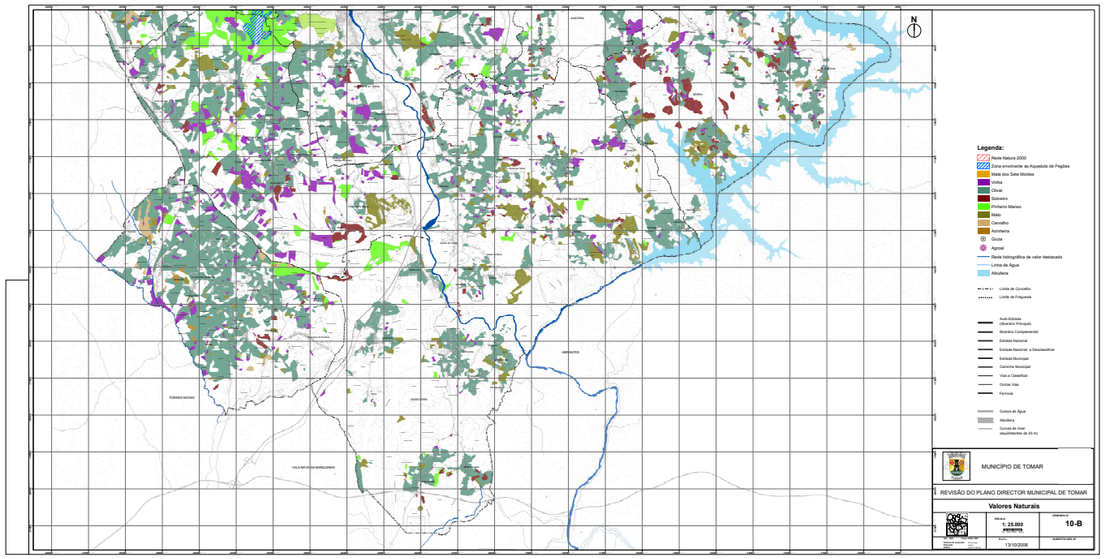
Fonte: Divisão de Gestão do Território CMT



ANEXO 22 | Valores naturais do concelho de Tomar _ Revisão do Planta director municipal _ 2008

Fonte: Divisão de gestão do território CMT

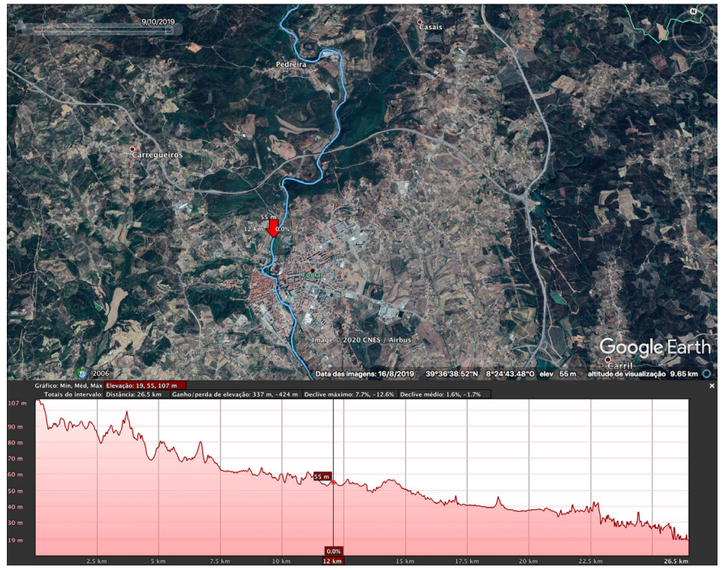




ANEXO 23 | Percurso e elevação do Rio Nabão

Fonte: Google Earth Pro - Autoria própria





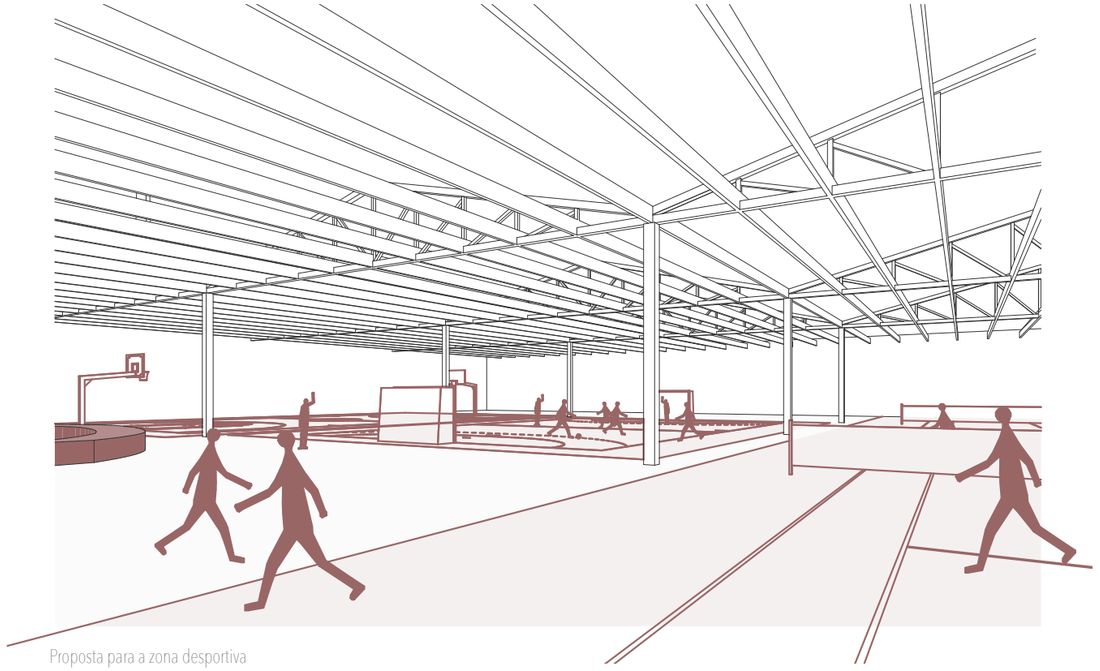
ANEXO 24 | Infografia percurso pedestre (eco-trilha) ao longo do Rio Nabão

Fonte: Autoria própria



ANEXO 25 | Perspetivas da proposta de intervenção

Fonte: Autoria própria



Proposta para a zona desportiva



Proposta para a antiga zona de fiação

O património industrial do rio Nabão:
Contributo para a salvaguarda
da antiga Fábrica de Fiação de Tomar

Miguel José Antunes Francisco

FACULDADE DE ARQUITETURA